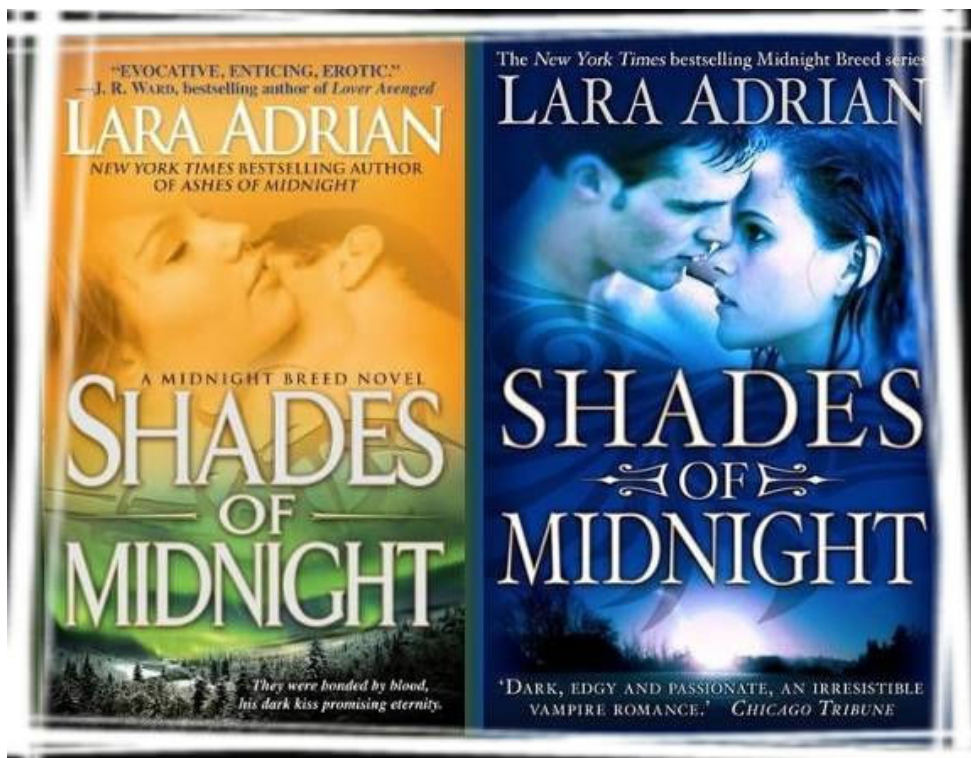




Lara Adrian Sombras da Meia Noite

Shades of Midnight
Midnight Breed 07

Formatado: Inglês (EUA)

Em uma terra selvagem, fria e mergulhada na escuridão, as linhas entre o bem e o mal; e o amor e o ódio nunca voltarão a ser as mesmas.

Algo desumano está espreitando os selvagens e frios territórios do Alaska, deixando uma horrível carnificina para trás. Para a piloto Alexandra Maguire, os assassinatos estão avivando lembranças de um horroroso episódio que testemunhou quando criança, e evocam nela a inexplicável sensação de que pertence a outro lugar, o que há muito tempo sentia dentro de si e que nunca pôde explicar... até que um sombrio e sedutor estranho que também esconde seus próprios segredos entra em seu mundo.

Enviado de Boston numa missão para investigar os selvagens ataques e parar a matança, o vampiro guerreiro Kade tem seus próprios motivos para retornar ao frio e esquecido lugar de seu nascimento. Assombrado por um segredo, Kade logo percebe a autêntica ameaça que enfrenta, uma ameaça que porá em perigo a frágil união que formou com a valente e decidida mulher que acorda nele profundas paixões e primitivas necessidades. E quando introduzir Alex em seu mundo de sangue e trevas, Kade deverá confrontar não só seus próprios demônios, mas também o mal que pode destruir tudo o que ele preza.



**REVISÃO DO ESPANHOL E INGLÊS****Envio e Formatação:** Gisa**Tradução e Revisão Inicial:** Sandra Maia e Anna Martins**Rev. Final:** Gisa, Byba e Sandra**Colaboração:** Purple Rose

Tiamat - World

Prólogo

Sob o céu da Alaska durante um escuro inverno, os lobos uivavam majestosamente na noite. O uivo mostrava a beleza pura e selvagem que se escutava através das densas árvores do bosque e subia pelas inclinadas paredes rochosas cobertas de neve que elevavam-se com o passar do Rio Koyukuk. Quando o lobo enviou seu chamado inquietante de novo, foi alcançado por uma gargalhada, logo uma voz bêbada respondeu através das chamas de uma pequena fogueira.

—Ow-ow-owwoooo! Owwoooo!— era um dos três rapazes de um grupo que veio da festa dessa noite, em uma remota região da montanha. Levou uma de suas mãos à boca para poder uivar em resposta ao lobo, que tinha ouvido a distância. —Ouviu isso?— disse o menino que tinha uivado, —Estamos nos comunicando,— ele agarrou a garrafa de uísque que levou à festinha, e disse —Annabeth, alguma vez te disse que sou muito fluente no idioma dos lobos?

Do outro lado da fogueira, uma garota riu brandamente através do capuz de sua jaqueta.

—Me pareceu que você estava se comunicando no idioma dos porcos.

—Ooh, isto é duro, querida, muito duro. —Tomou um gole da garrafa e passou o Jack Daniel's a pessoa seguinte, —Talvez queira uma pequena demonstração de minhas habilidades orais em algum momento. Prometo que sou muito talentoso.

—É um imbecil, Chad Bishop.

Tinha razão, mas seu tom não quis dizer isso, voltou a rir provocante, o som feminino fez que a entreperna de Teddy Toms ficasse apertada e quente. Moveu-se para uma rocha fria para sentar, tentando não ficar muito evidente quando nesse momento o interesse se desviou para Chad que gritou que tinha que ir mijar, Annabeth e a outra garota começaram a conversar.

De repente Teddy recebeu uma cotovelada no lado direito de sua caixa torácica —Vai sentar e babar a noite toda? Mova esse traseiro cagado e fale com ela, pelo amor de Deus.

Teddy deu uma olhada ao tipo alto e fraco sentado ao seu lado na rocha e sacudiu a cabeça.

—Vamos, não seja tão bicha. Você sabe que ela te deseja. Ela não vai te morder, bom, não a menos que ela queira,— Skeeter Arnold foi o que trouxe Teddy a esta reunião, também foi o que tinha subministrado uísque, algo que Teddy, na sua idade de dezenove anos, só havia provado uma vez em sua vida.



O álcool estava proibido na casa de seu pai, mas esta noite Teddy teve a garrafa na boca mais de dez vezes. Teddy não via mal em consumir álcool. De fato, ao contrário gostava da maneira que o fazia sentir, mais adulto, mais homem.

Um homem que queria mais que tudo ficar de pé e dizer a Annabeth Jablonsky o que sentia por ela.

Skeeter entregou a Teddy uma garrafa quase vazia e o viu beber o último gole. —Acredito que tenho algo mais que vai gostar,— tirou as luvas e colocou a mão no bolso de suas calças.

Teddy não estava seguro do que ia lhe dar, e tampouco importava muito nesse momento. Estava fascinado com Annabeth, que nesse momento tirou o capuz para mostrar a sua amiga algumas das novas perfurações que havia feito. Tinha o cabelo tingido de branco polar à exceção de uma franja cor rosa brilhante, apesar de Teddy a recordar castanha, já que a viu dançar na primavera passada em um clube noturno em Fairbanks, onde Annabeth Jablonsky era mais conhecida como Amber Joy, esse pensamento fez que Teddy se sentisse excitado e que sua entreperna ficasse dura, o que estava tentando evitar, mas nesse momento era realmente difícil de conter.

—Aqui,— disse Skeeter, dando outra coisa em que pensar enquanto Annabeth e sua amiga se levantavam da fogueira e caminhavam até a borda congelada do rio. —Prova isto, cara.

Teddy pegou o pequeno cachimbo de metal e aproximou a tigela fumegante até seu nariz para cheirar. Uma semente de algo pálido e calcário queimava na tigela, emitindo um fétido aroma químico, que avançou rapidamente até seu nariz. Fez uma careta, deslizando um olhar duvidoso ao Skeeter. —Q-q-que é?

Skeeter sorriu deixando ver seus dentes feios e torcidos, —Só uma pequena dose de valentia, adiante, fuma, vai gostar.

Teddy aproximou o cachimbo de sua boca e tragou a fumaça agri-doce. Tossiu um pouco e deu outra provada no cachimbo.

—É bom, verdade?— disse Skeeter e se aproximou para que devolvesse o cachimbo. —Tranquilo, amigo, deixa um pouco para o resto de nós. Já sabe que posso conseguir mais disto e de álcool se quiser. Por uma boa quantidade de dinheiro, posso te conseguir qualquer tipo de merda que goste. Já sabe onde me encontrar verdade?

Teddy assentiu. Inclusive nas partes mais remotas da selva, a gente tende a conhecer o nome e o negócio de Skeeter Arnold. O pai de Teddy odiava este menino. Tinha proibido Teddy de juntar-se com ele, e se seu pai soubesse que escapou esta noite—especialmente quando estavam esperando uma entrega de fornecimentos em casa pela manhã—ele chutaria o traseiro de Teddy daqui a Barrow.

—Toma,— disse Skeeter e deu o cachimbo a Teddy. —Vá e ofereça às senhoritas de minha parte.

Teddy ficou boquiaberto. —Quer dizer, q-que o ofereça à Annabeth?

—Não imbecil, leve-o para sua mãe.

Teddy riu nervosamente ante sua estupidez e Skeeter devolveu um sorriso mais amplo



fazendo-se mais desagradável e com o nariz mais largo.

—Para que não diga que nunca te fiz um favor,— disse Skeeter enquanto Teddy sustentava o cachimbo em sua mão e olhava em direção a Annabeth e sua amiga que se encontravam conversando perto do rio congelado.

Esteve procurando a maneira de começar uma conversa com ela, e esta era uma muito boa oportunidade, para não dizer a melhor oportunidade que jamais poderia conseguir.

Skeeter riu um pouco enquanto Teddy começava a aproximar-se das mulheres. O chão se sentia desigual sob seus pés. Suas pernas pareciam de borracha, não estavam totalmente sob seu controle. Mas por dentro estava voando, podia sentir os batimentos de seu coração e o sangue passando por suas veias.

As duas mulheres ouviram Teddy se aproximando pelo rangido do gelo e das pedras sob seus sapatos. Voltaram-se para ele e Teddy ficou assombrado com o propósito de seu desejo, tinha dificuldade para falar e dizer algo que a pudesse conquistar. Deve ter ficado olhando durante um bom momento por que ambas começaram a rir.

—O que foi?— disse Annabeth, com um olhar zombador em seu rosto. —Teddy, não? Vi você algumas vezes, mas na realidade não tivemos oportunidade de falar antes. Alguma vez foi a bar do Pete's's no Harmony?

Sacudiu sua cabeça trabalhando duro para processar a ideia de que realmente ouviu que Annabeth reparou nele antes desta noite.

—Tem que vir em algum momento, Teddy,— acrescentou com alegria. —Se estou trabalhando no bar, não vou te cobrar.— O som de sua voz, o som de seu nome em seus lábios, quase fez que paralisasse. Sorriu, deixando descobertos levemente seus dois dentes dianteiros que Teddy encontrava totalmente adoráveis.

—Hum, toma.— Deu o cachimbo a Annabeth e recuou um passo. Queria dizer algo interessante, queria dizer algo—qualquer coisa—que o fizesse parecer de algum modo não tão nativo de uma região afastada e menos inexperiente.

Sabia algumas coisas, melhor dizendo ele sabia muitas coisas. Sabia que Annabeth era uma boa garota, que no fundo era decente e amável. Isto sabia em seu coração e estava disposto a apostar sua própria vida nisso. Ela era melhor que sua reputação, e era melhor que qualquer dos perdedores com quem tinha saído. Provavelmente, inclusive melhor que ele.

Era um anjo, um anjo puro e formoso, e ela necessitava de alguém que a recordasse disso.

—Bem, bem, obrigado,— disse Annabeth e deu um golpe rápido no cachimbo. Passou-o para sua amiga, e elas começaram a se afastar de Teddy.

—Espere,— disse Teddy. Conteve o fôlego enquanto ela dava a volta e o olhava. —Eu, é, quero que saiba que eu... que eu acredito que é realmente formosa.

Sua amiga conteve a risada atrás de sua mão enquanto Teddy falava, mas não Annabeth, ela não ria. Ela o olhou fixamente, sem falar, sem piscar. Algo brilhava em seus olhos, confusão talvez. Sua amiga continuava zombando, mas Annabeth continuava escutando-o e não zombava



absolutamente.

—Acredito que é a garota mais incrível que vi em minha vida, você é... é incrível, digo de verdade, incrível em todos os sentidos.

Merda, repetia a si mesmo, mas não importava o som de sua própria voz e se sentia livre da gagueira que normalmente tinha ao falar, algo que o surpreendeu de forma positiva. Tragou saliva e respirou profundamente, disposto a dizer tudo o que tinha pensado a respeito dela desde que a viu dançar nesse bar com pouca luz, em um desmantelado cenário.

—Acredito que é perfeita, Annabeth. Merece ser respeitada e... e querida... sabe? É especial. É um anjo e merece ser honrada. Por um homem que se ocupe de você e te proteja e... e te ame.

O ar se agitava junto a Teddy, levando o fedor de uísque e o cheiro da colônia entristecedora de Chad Bishop.

—Mm me beije, Amber Joy. Popo por favor! Me permita to to tocar suas p p perfeitas tetas!

Formatado: Inglês (EUA)

Teddy sentia que subia o sangue à cabeça quando Chad se aproximou de Annabeth e a envolveu em seus braços possessivamente sobre os ombros. Sua humilhação se agravou cem vezes quando presenciou o beijo descuidado e de abundante língua que Chad deu em Annabeth na boca. Beijo que não foi rechaçado, apesar de que ela parecia menos que acolhedora.

Quando Chad finalmente a soltou, Annabeth olhou Teddy, e logo deu a Chad um débil empurrão no peito.

—É um atrasado, mas isso já sabe verdade?

—E você está tão malditamente boa que me-me-faz excitar.

—Se cale.— As palavras saíram da boca de Teddy antes que pudesse deter. —Ca—c—cale—de de uma puta vez, Não... não fale com ela assim.

Chad o olhou nos olhos fixamente —Sei que não está falando isso, idiota. V-v-você não está parado aí, me pedindo que t-te chute o traseiro, T-T-Teddy T-T-Toms.

Quando começou a impulsionar-se para frente, Annabeth ficou diante dele.

—Deixa o pobre menino sozinho, não é sua culpa falar assim.

Teddy desejava desaparecer, toda a confiança que havia sentido há um minuto, tinha desaparecido com as brincadeiras de Chad Bishop e a piedade ofensiva de Annabeth. Teddy ouviu as risadas de Skeeter e da amiga de Annabeth unir-se às de Chad. Todos estavam rindo dele. Todos zombando de sua gagueira.

Teddy deu a volta e saiu correndo. Saltou sobre sua motoneve¹ e a ligou, imediatamente o velho motor começou a soar, Teddy esmagou o acelerador e se pôs em marcha, afastando-se da reunião, da humilhação e ira que sentia.

Nunca deveria ter ido com Skeeter esta noite. Nunca devia ter tomado o uísque ou fumado essa merda que Skeeter deu. Deveria ter ficado em sua casa, deveria ter escutado seu pai.



Suas lamentações foram aumentando à medida que se aproximava de sua casa, a ira e a humilhação de Teddy cederam para dar passo a um estranho sentimento de medo.

Seu pai ainda estava acordado.

Um abajur aceso na sala, deixava ver um resplendor pela janela que chamava a atenção através de tanta escuridão. Se era seu pai, ele saberia que Teddy não estava em casa. E logo que entrasse se daria conta que esteve em uma festa, então estaria em um sério problema.

—M-MA-maldito seja,— murmurou Teddy, então apagou as luzes da motoneve e conduziu fora da pista principal, desligou o motor e se abaixou. Ficou quieto por um minuto, olhando em direção a sua casa, enquanto se acostumava ao enjoo que sentia pelo álcool e as drogas que tinha ingerido.

Nada do que dissesse ou fizesse o tiraria do problema que ia se colocar com seu pai, entretanto tentou encontrar uma desculpa razoável de onde esteve e o que esteve fazendo nas últimas horas. Ele era um homem adulto, apesar de tudo. Claro, tinha a responsabilidade de ajudar seu pai o mais que pudesse, mas isso não significava que não tivesse uma vida própria fora de sua casa. Se seu pai dissesse algo a respeito disto, ele teria que atuar firme diante de sua posição.

Mas à medida que se aproximava da casa, sua coragem começou a abandoná-lo. Cada passo que dava sobre a neve se escutava muito forte, amplificado pelo silêncio absoluto que fluava no ar. Começou a sentir que o frio passava por seu pescoço e descia pela coluna até fazê-lo tremer. Uma rajada fria percorreu o lugar, um vento gelado golpeou o rosto de Teddy que começava a sentir um profundo sentimento de horror, que fez os pelos na parte posterior de seu pescoço arrepiarem.

Fez uma pausa e olhou ao seu redor, ao não ver nada seguiu caminhando para a casa. Olhou para frente, tentando determinar se poderia ter uma maneira de entrar em casa despercebido. Sua respiração estava entrecortada e era o único som que Teddy podia perceber.

Tudo parecia muito tranquilo. Sem vida, estranhamente tranquilo.

Foi então que Teddy se deteve e olhou seus pés. A neve sob suas botas já não era branca, mas sim de um vermelho escuro quase negro, havia uma enorme e horrível mancha, era sangue. A maior quantidade de sangue derramado que Teddy alguma vez viu em sua vida.

Havia mais há uns quantos metros. Tanto sangue.

Então viu o corpo.

A sua direita, perto do limite das árvores. Conhecia essa forma grande. Conhecia o peso dos ombros volumosos debaixo da camiseta térmica, que estava rasgada e obscurecida com mais sangue.

—Papai!— Teddy correu e se ajoelhou para ajudar. Mas não havia nada a fazer. Seu pai estava morto, sua garganta e seu peito tinham sido destroçados. —OH, não! Papai! OH, Deus, não!

O horror e a dor o afogavam, Teddy se apressou em ir procurar seu tio e seus dois primos

¹ Uma moto de neve, também chamada de motoneve ou snowmobile, é um veículo misto entre uma motocicleta e um carro desenvolvidos para andar em lugares com neve, possui tração traseira por esteira com cravos para melhor



mais velhos. Como não sabiam o que aconteceu aqui? Como era possível que seu pai tenha sido atacado desta maneira e o tenham deixado sangrando na neve?

—Ajuda!— gritou Teddy. Correu ao lado e chamou seu tio para despertá-lo. Só o silêncio respondeu. O silêncio reinava em todo o grupo de cabanas. —A-A-A alguém! Qualquer pessoa! Me ajudem, p-p-por favor!

Cego pelas lágrimas, Teddy levantou o punho para golpear a porta e gritar de novo em busca de ajuda, mas morria de frio, dentro da casa viu o corpo de seu tio destroçado e sangrando igual ao de seu pai. Teddy olhou na escuridão e viu as formas arruinadas de sua tia e primos.

Não estavam se movendo, tinham os assassinado também. Ele os amava. E todos os que amava tinham sido assassinados.

Que demônios aconteceu aqui?

Quem— ou o que—em nome de Deus poderia ter feito isto?

Teddy não podia se mover, não acreditava no que estava vendo. Isto não podia estar acontecendo, isto não podia ser real. Por uma fração de segundo, perguntou-se se a merda que Skeeter tinha lhe dado o havia feito alucinar, talvez nada disto estivesse acontecendo, talvez o que visse não fosse real.

Estava desesperado e isso era uma esperança fugaz, mas o sangue era real. O fedor que chegava ao seu nariz e à parte posterior de sua língua, o fez querer sair correndo daqui.

Teddy caiu sobre seus joelhos na neve. Chorou, incapaz de conter sua surpresa e dor. Gritou e golpeou a terra gelada, o desespero o envolvia.

Não ouviu os passos que se aproximavam. Eram muito leves, tão sigilosos como um gato. Mas imediatamente em seguida, Teddy soube que não estava sozinho.

E soube, inclusive antes que virasse e visse os olhos ardentes e exagerados de um predador, que estava a ponto de unir-se aos seus familiares na morte.

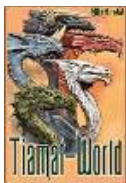
Teddy Toms gritou, mas o som nunca chegou além de sua garganta.

Capítulo 1

Um pequeno avião sobrevoava a vinte e oito mil pés de altura por cima da ampla faixa do rio congelado Koyukuk que brilhava sob a luz da manhã como uma tira de diamantes esmagados. Alexandra Maguire seguia a longa extensão de gelo entupido, a água cristalina ao norte da pequena cidade de Harmony, a parte detrás de seu avião carregada com fornecimentos para serem entregues nesse dia.

Ao seu lado no assento estava Luna, o melhor copiloto que teve, além de seu pai, que ensinou tudo que Alex sabia sobre pilotar. Este cão-lobo com pelagem branca com cinza substitui

estabilidade, e pás na parte dianteira.



Hank Maguire há alguns anos, quando o Alzheimer² realmente começou a atingi-lo.

Difícil de acreditar que esteve ausente por seis meses, embora Alex frequentemente sentisse que o tinha perdido antes disso, já que a enfermidade carcomia sua mente, a memória e também pôs fim a sua dor, uma misericórdia pequena para ser honesta.

Agora só estavam Luna e sua vida na velha casa de Harmony e também realizar certas entregas a Hank e uma pequena lista de clientes no monte. Luna se sentou junto a Alex, suas orelhas pontudas para frente, seus penetrantes olhos azuis constantes sobre o terreno montanhoso da cordilheira de Brooks, a escuridão oculta enchendo o horizonte noroeste. Ao cruzar o Círculo Polar Ártico, o cão se removeu no assento e soltou um pequeno gemido ansioso.

—Não me diga que pode farejar os alces de Pop Toms daqui,— disse Alex, acariciando a cabeça peluda do cão. Continuaram para o norte ao longo de Koyukuk's Middle Fork, além dos pequenos povoados de Bettles e Evansville. —O café da manhã não está na hora, ainda faltam uns vinte a trinta minutos, se essas nuvens de tormenta sobre o céu do Anaktuvuk nos deixarem voar.

Alex olhou a escura nuvem que se movia a poucos quilômetros por cima de sua rota de voo. Mais neve no prognóstico, e certamente nada incomum para novembro no Alaska, mas não eram exatamente as condições principais para sua rota de entrega na atualidade. Ela exalou uma maldição, quando o vento que vinha das montanhas se acelerou e escapou através do vale do rio para fazer um caminho cheio de buracos.

O pior de tudo ocorreu quando o telefone celular de Alex começou a soar no bolso de sua jaqueta. Pegou o telefone e respondeu à chamada sem necessidade de saber quem estava no outro lado da linha.

—Olá Jenna.

No fundo da casa de sua melhor amiga, Alex podia escutar uma rádio do Serviço Florestal falando a respeito das condições meteorológicas e de uma deterioração nos fatores de sensação térmica. —A tormenta estará chegando em sua rota daqui a algumas horas, Alex. Já aterrissou?

—Não de tudo— Passou por outra zona de turbulência enquanto se aproximava da cidade de Wiseman e virou o avião para a rota que a levaria à primeira parada no calendário de entrega no dia de hoje. —Estou a uns dez minutos do Tom agora. Três paradas mais depois disso, que não deve me tomar mais de uma hora cada uma, inclusive com o vento contra. Acredito que a tormenta vai passar justo nesse momento.

Alex era muito boa piloto e estava muito bem treinada por Hank Maguire para fazer algo totalmente irresponsável, mas o simples fato que os fornecimentos que levava na adega de carga tivessem uma semana de atraso devido ao mau tempo, a faria se sentir irresponsável se deixasse passar mais tempo devido a uns quantos flocos de neve ou de ventos impetuosos que impediam a entrega dos fornecimentos às pessoas nos longínquos limites do interior, que contavam com ela para que levasse alimento e combustível.

² O **mal de Alzheimer**, ou **doença de Alzheimer** ou simplesmente **Alzheimer** é a forma mais comum de demência. Esta doença degenerativa, até o momento incurável e terminal, foi descrita pela primeira vez em 1906 pelo psiquiatra alemão Alois Alzheimer, de quem herdou o nome. Esta doença afeta geralmente pessoas acima dos 65 anos,^[1] embora seu diagnóstico seja possível também em pessoas mais novas.



—Tudo está bem aqui Jenna, sabe que eu tomo cuidado.

—Sim,— disse. —Mas os acidentes acontecem, não?

Alex poderia ter dito a Jenna que não se preocupasse, mas isso não ia mudar a preocupação que sua amiga sentia por ela. Sua amiga sabia tão bem como qualquer um ou talvez melhor que a maioria que a crença não oficial de um piloto era mais ou menos a mesma de um oficial de polícia: Tem que sair, mas não sabe se voltará.

Jenna Tucker-Darrow, era uma ex-policia de uma longa linha de policiais e viúva de um.

Alex sabia que sua amiga estava recordando a respeito dos momentos difíceis pelos que passou, assim Alex tentou encher todas essas pausas que se faziam durante a conversa.

—Ei, quando falei com Pop Tom ontem, disse-me que comeu um lote grande de carne de alce. Você quer que eu veja se consigo convencê-lo em dar-me de presente um pouco de carne de alce para você?

Jenna se pôs a rir, mas soava como se seus pensamentos estivessem a um milhão de milhas de distância. —Claro, se Luna não a comer antes, então sim, eu gostaria disso.

—Está bem. A única coisa melhor que um alce de Pop são suas bolachas e seu molho. Estaria com sorte se levasse tudo.

Tomar café da manhã no Pop Toms em troca de levar duas vezes ao mês os fornecimentos era já uma tradição para o pai de Alex. Era uma tradição que gostava de manter, inclusive se o preço da gasolina de aviação superasse em muito o preço das comidas simples de Pop. Mas Alex gostava do velho e sua família. Eram boas pessoas, Viviam sob velhas tradições que passavam de geração em geração.

A ideia de sentar-se em frente a um café da manhã quente feito em casa e ficar ao dia com os eventos da semana com Pop Toms fez cada turbulência valer a pena. À medida que se aproximava e começava sua descida para a pista de aterrissagem improvisada atrás da loja de Pop, Alex imaginava o aroma da carne defumada e bolachas de manteiga, que já deveriam estar assando.

—Ouça, será melhor eu ir,— disse a Jenna. —vou precisar das duas mãos para aterrissar essa coisa e eu...

As palavras ficaram presas em sua garganta. Na terra abaixo, algo estranho chamou a atenção. Na escuridão da manhã do inverno, ela não podia distinguir a forma avultada, coberta pela neve, mas o que seja que estava vendo fez que se arrepiassem os pelos da parte posterior de seu pescoço.

—Alex?

Ela não pôde responder num primeiro momento, toda sua atenção estava arraigada no objeto estranho que via. Algo frio desceu por sua coluna, tão frio como o vento que golpeava o para-brisa.

—Alex, está aí?

—Estou, uh... sim, estou aqui.

—O que está acontecendo?



—Eu não estou segura. Estou vendo o lugar de Pop, mas algo não está bem lá embaixo.

—O que quer dizer?

—Não posso dizer exatamente. — Alex apareceu na janela da cabine quando o avião ficou mais perto da terra. — Há algo na neve. Não está se movendo. OH, Meu deus... acredito que é uma pessoa.

—Está segura?

—Não sei,— murmurou Alex no telefone móvel, mas pela forma que seu pulso se acelerava, não restava dúvida de que estava vendo uma pessoa coberta por neve fresca.

Um ser humano morto, que estava na fria neve não teria passado despercebido.

Mas, como pôde ser? Eram quase nove da manhã e apesar de que não sairia o sol até o meio-dia perto deste extremo norte, Pop estaria acordado há algumas horas. Além disso havia outras pessoas no lugar, sua irmã e sua família teriam que estar cegos para não dar-se conta de que havia um homem morto.

—Está aí? Diga algo, Alex,— disse Jenna com sua voz de polícia, a que exigia ser obedecida. —Me diga o que está acontecendo.

Ao baixar para começar sua aterrissagem, Alex se deu conta de outro corpo que jazia no chão perto da casa de Pop Toms e perto das árvores do bosque. A neve que estava em cima do corpo estava empapada em sangue, as manchas escuras filtravam através da capa branca com uma intensidade terrível.

—OH, meu Deus—, sussurrou em voz baixa. —Isto é mau, Jenna. Algo terrível aconteceu aqui. Há mais de uma pessoa morta. Foram feridos de algum modo...

—Foram feridos gravemente?

—Estão mortos,— murmurou Alex, a boca seca a fez estar completamente segura do que estava vendo. —OH, Deus, Jenna... há sangue. Uma grande quantidade de sangue.

—Merda—, Jenna sussurrou. —Está bem, me escute, Alex, quero que fique no telefone comigo agora. Dê a volta e retorne à cidade. Vou chamar Zach pelo rádio enquanto te tenho no telefone comigo, sim? O que aconteceu, acredito que devemos deixar que Zach o dirija. Não se aproxime de...

—Não posso deixá-los sozinhos,— exclamou Alex. —Pessoas foram feridas ali. Podem precisar de ajuda. Não posso dar a volta e deixá-los agora. OH, Deus. Tenho que ir ali e ver se posso fazer algo.

—Alex, maldita seja, não...

—Tenho que ir,— disse. —Estou a ponto de aterrissar.

Alex continuou fazendo caso omisso às ordens que lhe dava Jenna a respeito de esperar Zach Tucker, o irmão de Jenna e que era oficial de polícia e se encontrava a uns cem quilômetros ao redor. Alex cortou a chamada e aterrissou. Ela realizou uma aterrissagem brusca sobre a neve fresca, não era seu estilo, mas não estava nada mal tendo em conta que todas as terminações nervosas de seu corpo estavam gritando de pânico. Desligou o motor e mal abriu a porta Luna saltou fora do avião e se pôs a correr para o centro do grupo de casas.



—Luna!

Alex gritou mas escutou seu eco no silêncio misterioso do lugar. O cão lobo estava fora da vista dela agora. Alex saiu do avião e chamou Luna uma vez mais, mas só o silêncio respondeu. Ninguém saiu das casas próximas para saudá-la. Não havia sinais de Pop Toms no registro da loja. Não havia sinais de Teddy, que apesar de ser um adolescente, adorava Luna tanto como o cão o amava. Não havia nem rastro da irmã de Pop, Ruthanne, nem de seu marido, nem de seus filhos, que geralmente se encontravam acordados muito antes do amanhecer cuidando das coisas ao redor do estabelecimento. Todo o lugar estava tranquilo e silencioso, totalmente sem vida.

—Merda—, murmurou Alex, sentindo que seu coração pulsava tão rápido que ia sair do peito.

Que demônios aconteceu aqui? Em que tipo de situação perigosa estava se colocando desde que saiu de seu avião?

Ao chegar de novo à adega de carga para pegar seu rifle carregado, a mente de Alex se pegou a mais horrível possibilidade. No meio do inverno em um lugar remoto, alguém se tornou louco e atacou seu vizinho ou fez mal a si mesmo. Não queria pensar que neste grupo de pessoas tão unidas, alguém, nem sequer o áspero Teddy, de quem Pop estava preocupado recentemente por que andava em companhia de más pessoas, poderia fazer isso.

Fuzil na mão, Alex desceu do avião e foi na direção pela qual Luna tinha se movido. A capa de neve fresca de ontem à noite era pó suave sob suas botas, amortecendo o som de seus passos enquanto se aproximava com cautela da loja de Pop. A porta traseira estava aberta e a neve começava a acumular-se. Ninguém esteve aqui pelo menos há algumas horas.

Alex começou a sentir que o medo ia subindo por sua garganta. Não se atreveu a chamar ninguém, apenas se atrevia a respirar enquanto se aproximava das cabanas. O cão lobo estava sentado a vários metros daí. Alex tropeçou com uma das formas sem vida que tinha visto do ar. Luna ladrou uma vez mais.

—OH, meu Deus... Como pode ser isto?— Alex sussurrou, enquanto olhava em silêncio e tentava manter o controle de seu rifle em suas mãos. Seus pés se sentiam como pesos de chumbo, enquanto caminhava para Luna e aquele vulto imóvel, coberto com neve no chão. —Boa garota. Estou aqui agora. Deixe-me dar uma olhada.

Deus tivesse piedade dela, não tinha necessidade de chegar muito perto para dar-se conta que era Teddy no chão, com suas calças jeans negras e sua camisa de flanela vermelha que sobressaía, estava ensanguentado. Seu cabelo castanho escuro estava gelado sobre o lugar onde se apoiava sua bochecha, sua pele de cor oliva estava congelada tomando uma cor azul, mas realmente se podia ver muito pouco já que estava tudo empapado em sangue, tinha a laringe aberta, realmente rasgada.

Alex balançou sobre seus calcanhares, fazendo uma pausa profunda para não desmaiar. Teddy estava morto. Um menino, por Deus, e alguém o matou e deixou ali como um animal.

E não foi o único que sofreu tal destino, mais adiante estava sua família também brutalmente assassinada. Comoção e medo é o que sentia Alex, afastando-se do corpo de Teddy e



girando a cabeça para olhar os arredores e as casas. Uma porta estava quebrada, mais adiante havia outro corpo imóvel fora de uma das cabanas. E outro, bem debaixo da porta aberta de uma caminhonete que estava estacionada junto a um velho abrigo de armazenamento de madeira.

—OH, Deus... não.

E logo estava o corpo que ela tinha visto em sua descida, que se parecia tanto a Pop Toms, morto e ensanguentado perto das árvores do bosque.

Pegou seu rifle o mais forte que pôde, embora duvidasse que o assassino ou assassinos ainda estivessem aí. Alex se encontrava à deriva nesse emplastro escarlate que empapava a neve perto do bosque.

Sentia que seu coração e seu estômago se retorciam com cada passo que dava. Ela não queria ver Pop assim, não queria ver alguém que lhe importara brutalmente assassinado... nunca mais.

Entretanto, ela não podia deixar de mover seus pés, tinha que ver o homem que estava de barriga para baixo, um homem que sempre a saudou com um sorriso e com um quente abraço. Alex deixou sua arma na neve vermelha junto dela.

Ela queria gritar, mas o grito ficou estrangulado em sua garganta, estirou a mão e envolveu cuidadosamente o ombro de Pop. Podia ver a expressão de terror congelada na cara de Pop. Alex não podia nem sequer começar a imaginar o horror do que devia ter vivido nos instantes antes de morrer.

Então outra vez...

As lembranças do passado saltaram para ela da escuridão, encerradas em um canto durante muito tempo. Alex sentiu sua mordida aguda, ouviu os gritos que tinha dado nessa noite e que marcaram sua vida para sempre.

—Não,— disse-se Alex.

Alex não queria reviver essa dor. Não queria pensar nessa noite, e menos agora. Não quando estava rodeada de tanta morte e tão sozinha. Ela não podia suportar desenterrar esse passado, isso que tinha acontecido há dezoito anos e a milhares de quilômetros de distância.

Entretanto, essas lembranças se arrastaram em sua cabeça como se tivesse acontecido ontem. Como se estivesse acontecendo de novo, esses mesmos sentimentos de horror a que ela e seu pai tinham sobrevivido há muito tempo atrás na Flórida, que de algum modo tinha vindo visitar uma família de inocentes nas selvas isoladas do Alaska.

Alex afogou seu pranto, limpou as lágrimas que desciam por suas bochechas.

O grunhido de Luna ao seu lado rompeu os pensamentos de Alex. O cão estava escavando na neve perto do corpo, o focinho enterrado na neve. Avançou, farejando uma pista que conduzia às árvores. Alex levantou para ver o que Luna tinha encontrado. Ela não pôde ver nada a princípio, mas quando conseguiu ver, seus olhos não acreditavam no que via.

Era um rastro de pés ensanguentados, parcialmente obscurecidos pela neve recém caída. Um rastro humano, de uma pessoa realmente grande, realmente de alguém muito grande e alto, mas o mais raro é que não era o rastro de um sapato mas sim de um pé, o que era quase



impossível com este frio. —Que diabos?

Aterrorizada, Alex agarrou Luna pelo pescoço e a abraçou rapidamente antes que o cão seguisse os rastros mais longe. Ela olhou para onde rapidamente acabavam os rastros, o que não tinha sentido. Nada disto tinha sentido na realidade.

Da direção onde se encontrava seu avião, ouviu o timbre de seu telefone celular, acompanhado pela voz de um homem no rádio, —Alex, maldita seja! Ouve-me? Alex!

Alegrou-se pela distração, agarrou seu fuzil e correu para o avião, Luna mantinha o ritmo ao seu lado como seu cão guarda-costas que era em realidade.

—Alex!— gritou Zach Tucker pela rádio de novo. —Se me ouvir, Alex, responde agora!

Ela se inclinou no assento e tomou o rádio.

—Estou aqui,— disse, sem fôlego e tremendo. —Estou aqui, Zach, e todos estão mortos. Pop Toms. Teddy. Todo mundo.

Zach amaldiçoou com dureza em voz baixa. —E você? Está bem?

—Sim,— murmurou. —OH, meu Deus. Zach, como pôde acontecer isto?

—Eu me encarrego de tudo,— disse. —Neste momento, necessito que me diga tudo o que possa a respeito do que viu, de acordo? Deu-se conta de qualquer tipo de armas, qualquer explicação do que poderia ter acontecido aí?

Alex lançou um olhar por cima da miserável carnificina, por cima de todas essas vidas truncadas de maneira violenta. O sangue podia se cheirar no vento gelado.

—Alex? Tem alguma ideia de como estas pessoas poderiam ter sido assassinadas?

Ela fechou os olhos frente à avalanche de lembranças que a assaltaram, os gritos de sua mãe e de seu irmão pequeno, o angustiante pranto de seu pai, enquanto ela estava abraçada ao seu pai, ela tinha nove anos, Alex conseguiu fugir junto com seu pai essa noite antes que os monstros tivessem a oportunidade de matar a todos. Alex sacudiu a cabeça, tentando desesperadamente desalojar aquelas horríveis lembranças... tentando negar a si mesma que os assassinatos daquela noite estavam marcados com o mesmo tipo de brutalidade destes.

—Me fale,— disse Zach angustiado. —Me ajude a entender o que aconteceu, Alex.

As palavras não chegavam em sua língua. Estavam presas em sua garganta, como o gelo frio que se derramava no centro de seu peito.

—Não sei o que aconteceu,— respondeu ela. —Não posso dizer o que poderia ter feito isto. Não posso...

—Está bem, Alex. Sei que deve estar transtornada. Acabo de chegar em casa. Já chamei Roger Bemis, ele vai me levar aí mais ou menos dentro de uma hora e vamos nos encarregar dos Toms, de acordo?

—Muito bem,— murmurou.

—Tudo vai ficar bem agora, prometo isso.

—Muito bem,— repetiu, sentindo outro derrame de lágrimas por suas bochechas.

Seu pai havia dito as mesmas palavras há muitos anos atrás, prometeu que tudo ia ficar bem. Não acreditou. Depois do que tinha visto hoje aqui, sentindo que algo realmente mau se



aproximava dela, Alex se perguntou se alguma vez realmente tudo ia ficar bem de novo.

***** Tiamat-World*****

Skeeter Arnold chutou de novo a poltrona de veludo azul, a melhor peça de mobiliário que tinha em seu apartamento de merda atrás da casa de sua mãe em Harmony. Sustentando a fumaça em seus pulmões, fechou os olhos, enquanto escutava a rádio de onda curta no balcão da cozinha. Ele havia feito um bom negócio comprando esse rádio, já que sabia onde estavam os policiais e também os caipiras locais que eram muito estúpidos para manter o traseiro fora de problemas.

E sim, talvez gostasse de escutar as desgraças de outras pessoas, era como um prazer perverso e também o ajudava a recordar que ele não era o mais perdedor em todo o estado do Alaska. Skeeter exalava lentamente uma fina fumaça enroscando-se em uma maldição que murmurou quando ouviu o chiado e o gemido das velhas tábuas devido às pegadas fortes pelo corredor de seu quarto.

—Stanley, me escuta te chamando? Tem a intenção de dormir todo o santo dia aí dentro?— Ela tocou a porta e tentou entrar no apartamento, mas não pôde por que Skeeter tinha fechado com chave. —Não disse que na primeira hora fosse buscar um pouco de arroz e feijões em lata? Que diabo está esperando, o degelo da primavera? Move seu traseiro frouxo e faça algo útil!

Skeeter não se incomodou em responder. Tampouco se moveu da cadeira, nem sequer se alterou quando sua mãe tocou a porta e começou gritar. Deu outro golpe no cachimbo e saboreou a fumaça, sabendo das moléstias fora de seu quarto, finalmente se cansou de ignorar o que dizia sua mãe e deu meia volta para ver a televisão que pertencia à cadela de sua mãe.

Para ajudar a limpar sua mente, Skeeter pegou o rádio que estava a poucos metros e elevou o volume.

—Harmony... atento só policiais, agente Zachary Tucker,— soava como se tivesse sua roupa íntima metida no traseiro, mas algo muito grande estava acontecendo.

—Stanley Arnold, se acredita que pode me ignorar, já vai ver miserável mau filho!— Sua mãe bateu na porta de novo, e saiu correndo, vociferando todo o caminho até a sala. —É igual ao seu pai. Nunca valeu a pena e nunca valerá!

Skeeter levantou da poltrona e se aproximou mais do rádio, estava escutando como Tucker dava o relatório aos outros policiais do estado em Fairbanks, recitou as coordenadas da cena de um aparente homicídio ou vários homicídios provavelmente.

Tucker estava à espera de transporte aéreo de um dos dois pilotos de Harmony. Assinalou que a outra, Alex Maguire, foi quem descobriu os corpos enquanto entregava fornecimentos e atualmente se encontrava no caminho de volta à cidade. Skeeter sentiu um toque de emoção enquanto escutava. Sabia onde ficava a zona em questão. Meu Deus, na noite anterior esteve com Chad e outras pessoas perto desse lugar. Estavam bebendo no rio... justo antes de começar a



zombar de Teddy Toms. E a direção onde tinham ocorrido os assassinatos e como falavam os policiais devia ser a família do menino.

—Não pode ser,— sussurrou Skeeter, perguntando-se se poderia estar certo disso. Só para estar seguro, anotou as coordenadas na mão, então folheou um monte de faturas sem pagar e outro tipo de lixo até que encontrou um mapa da zona manchado por cerveja, que esteve utilizando durante estes últimos dois anos. Triangulou o ponto no mapa, a incredulidade e uma espécie de assombro doentio deslizando através de seus sentidos.

—Merda,— disse, deixando de lado o cachimbo para mais tarde, nesse momento muito surpreso para continuar fumando, e também o invadiu uma curiosidade mórbida e saiu rapidamente do quarto.

Tinha sido Pop Toms ou o irmão do velho quem tinha sido assassinado? Ou possivelmente tinha sido Teddy que finalmente se tornou louco? Talvez o menino tivesse ido para sua casa e perdesse a prudência depois do que lhe tinha dado, a isso somado as brincadeiras de todos os que estavam lá.

Ele sabia o que isto significava, Skeeter imaginava. Sempre quis ver uma pessoa morta de perto. Talvez se saísse para a loja pelos feijões e arroz que sua mãe queria, mas obviamente faria um pequeno desvio. Sim, e talvez incomodasse o jovem que atende na loja, para que fizesse o que ele queria.

Skeeter pegou seu telefone celular, um novo com capacidade de vídeo e que tinha uma caveira com dois ossos cruzados abaixo. Não se incomodou em dizer a sua mãe para onde se dirigia, só pôs sua roupa de inverno e se dirigiu ao frio tonificante do dia.

Capítulo 2

Boston, Massachusetts

A calefação do Range Rover estava ligada, Brock aumentou a temperatura uns poucos graus.

—Maldição, esta noite está muito fria.— O grande macho de Detroit³ levou as mãos adiante da boca e soprou. —Odeio o inverno, companheiro, tenho a sensação de que estou na Sibéria.

—Nem sequer perto—, respondeu Kade atrás do volante da SUV⁴ estacionada, seu olhar fixo na casa de pedra avermelhada que estavam vigiando há algumas horas. Inclusive na escuridão

³ Detroit: é a maior cidade do estado de Michigan, Estados Unidos.

⁴ Os **utilitários esportivos** (também conhecidos como **SUVs**, do inglês: "*Sport Utility Vehicles*") são veículos fabricados a partir de chassis de caminhonetes. É um tipo de veículo especialmente popular nos Estados Unidos que combina bom espaço interno para passageiros com a versatilidade de carga de uma pickup.



da meia-noite, com uma manta de neve fresca que cobria todo o lugar, continuava parecendo uma merda total do exterior. Não que isso importasse, algo que houvesse lá dentro - tráfico de drogas, sexo, ou uma combinação de ambos - estavam atraindo uma grande quantidade de seres humanos à porta. Kade olhou como um trio de jovens vestidos com as cores de uma irmandade Universitária e algumas mulheres jovens meio vestidas em peças relativamente curtas.

—Se isto fosse a Sibéria—, acrescentou Kade uma vez que a rua se tranquilizou de novo —Nossas bolas estariam tilintando como campainhas de um trenó e estaríamos urinando cubos de gelo. Boston, em novembro é um dia de campo.

—Diz isso um vampiro nascido na puta geleira do Alaska—, Brock disse arrastando as palavras, sacudindo a cabeça enquanto sustentava suas morenas mãos em frente aos dutos de ventilação, tentando afastar o frio.

—Quanto tempo acredita que temos que esperar aqui antes de nosso homem mostrar sua horrível cara? Preciso começar a me mover antes que meu traseiro congele no assento.

Kade grunhiu mais que soltou uma risada, tão impaciente como seu companheiro de patrulha. Não era pelos humanos que Brock e ele estavam neste endereço em uma das zonas mais perigosas de Boston, mas sim por aquele sujeito atrás da atividade ilegal e se por acaso suas suspeitas de inteligência se provassem certas – que o vampiro que administrava o lugar era também negociante de mercadoria proibida – então a noite terminaria sendo muito desagradável, e provavelmente manchada de sangue.

Kade mal podia esperar.

—Ele está aí—, disse enquanto observava um par de faróis dar a volta na esquina e um Mercedes negro com assentos de couro e resplandecentes calotas, estacionar na calçada.

—Tem que estar brincando,— disse Brock sorrindo enquanto o espetáculo continuava. A música brotava de dentro do sedan, o ritmo baixo e grave e as letras vibrando incrivelmente forte enquanto o condutor do carro saía e dava a volta para abrir a porta do passageiro detrás. Um par de correias sustentando pitbulls foram os primeiros a sair do automóvel, seguido por seu amo, um varão da Raça muito alto, parecendo um bastardo, apesar de que já estava envolto em um longo casaco de pele de raposa e tinha perto de 4 quilos além dos limites aceitáveis em correntes de ouro grandes.

—Esqueça a merda do Gideon, olhe o que usa este bastardo—, disse Kade. —Teríamos todo o direito de matá-lo só por sair em público vestido assim.

Brock sorriu, mostrando a ponta de suas presas.

—Se me perguntar, acredito que deveríamos matá-lo, só por nos ter aqui congelando as bolas enquanto o esperávamos.

Na calçada, o vampiro deu a seus cães um forte puxão em suas correias de couro quando se atreveram a dar um passo adiante dele. Chutou um que se encontrava mais perto enquanto avançava para a porta da casa de tijolo à vista, rindo do uivo de dor que deu o cão. Quando ele,



seu chofer e seus dois hellhounds⁵ tinham desaparecido no interior do edifício, Kade desligou completamente o motor da Rover e abriu sua porta.

—Vamos—, disse. —Encontremos uma maneira de entrar pela parte detrás enquanto o dono da casa está ocupado fazendo uma entrada triunfal.

Entraram por trás do edifício e encontraram uma janela baixa presa pela neve e pelo lixo da rua. De cócoras, Kade tirou o gelo e a sujeira, logo abriu a dobradiça de vidro e apareceu no espaço escuro do outro lado. Era um porão de tijolo, que continha alguns colchões podres, preservativos, seringas usadas e um aroma combinado de urina, vômito e vários outros fluídos corporais que assaltaram os agudos sentidos de Kade como um forte golpe em sua cabeça.

—Jesus Cristo—, disse entre dentes, seus lábios curvando-se para cima e deixando ver suas presas. —a governanta do dono da casa esqueceu de limpar por completo este porão.

Deslizou no interior, aterrissando no chão de concreto sigilosamente sem fazer nenhum ruído. Brock o seguiu, eram dois vampiros com mais de 127 Kg completamente armados que deslizavam tão silenciosamente como um gato. Kade assinalou a repugnante confusão no chão e a uns quantos passos, em um canto escuro da sala onde havia uma corrente curta e algumas algemas. Um prendedor prateado de cabelo tinha sido jogado perto, com vários cabelos longos de cor loiro claro enredados.

Brock encontrou o forte olhar de Kade na escuridão, sua voz era mais parecida com um grunhido que palavras.

—Comerciante de pele.

Kade assentiu com gravidade, enojado por toda a evidência contida nesta prisão úmida e escura. Estava a ponto de dirigir-se às escadas e acabar com a festa, quando Brock sussurrou uma maldição em voz baixa que o fez parar.

—Não estamos sozinhos aqui embaixo, cara.— Brock assinalou a porta de grades, estava escuro exceto pelas sombras e a porta oxidada que se sustentava ligeiramente contra o marco. — Humanos—, disse. —são mulheres, e estão bem do outro lado dessa porta.

Tudo estava em silêncio, respirava entrecortado, e sentindo a corrente de dor e sofrimento sobre o ar fétido, Kade se moveu com Brock para o canto sem luz do porão, continuando, Kade levantou a grossa grade de metal que fechava a porta exterior.

—Inferno Santo,— Brock sussurrou na escuridão. Avançou na pequena sala onde três jovens estavam sentadas juntas em um canto, tremendo e mortas de medo. Quando uma delas começou a gritar, Brock se moveu mais rápido que qualquer um dos drogados que pudessem atacá-los. Passou a mão sobre a testa da fêmea, a pôs em transe, com só um toque. —Está bem, estão a salvo agora. Não vamos lhes fazer mal.

⁵ Hellhound é um cão do inferno na mitologia geralmente têm características tais como um grande tamanho natural, pele negra, olhos vermelhos brilhantes, super-força ou velocidade, e às vezes até a capacidade de falar. São frequentemente associados com o fogo. Tem atribuída a guarda da entrada para o mundo dos mortos ou realizar outras tarefas relacionadas com a vida após a morte ou o sobrenatural, tais como caçar almas perdidas ou guardando um tesouro sobrenatural. Como lenda, se viu o hellhound três vezes, a pessoa vai morrer de uma morte abrupta e inesperada.



—Alguém as mordeu?— perguntou Kade, olhando como Brock colocava as outras duas em estados similares de tranquilidade.

—Foram golpeadas recentemente, têm hematomas, mas não vejo nenhuma ferida por mordida. Tampouco vejo nenhuma marca de que são companheiras de raça—, acrescentou, fazendo uma revisão rápida na pele exposta das mulheres e nas extremidades, procurando a lágrima e meia lua, uma marca de nascimento que diferenciava as mulheres mortais de suas irmãs geneticamente mais extraordinárias. Brock soltou brandamente o braço pálido que tinha, ficou em pé. —Pelo menos nenhuma destas três é uma companheira de Raça.

Um pouco de misericórdia que mal exonerava à escória do vampiro que estava fazendo negócios de tráfico de mulheres ao melhor pagador.

—Me dê um minuto para apagar as lembranças do que viveram e as levar a um lugar seguro fora daqui— disse Brock. —Estarei atrás de você.

Kade deu um sinal de captação e vislumbre de suas presas. —Enquanto isso, vou lá em cima para ter uma conversa privada com o anfitrião.

Com a raiva subindo e queimando por suas veias como ácido, Kade subiu pelas escadas até o piso principal do edifício, por cima da orgia que tinha lugar abaixo e da nuvem de fumaça de entorpecentes, música tecno e luzes estrambóticas.

Em um escritório no corredor, escutou o desagradável murmúrio de malícia de quem estava procurando.

— Me traga a mulher que acabou de chegar com os perdedores Ivy League⁶ - não, a loira, a outra. Se ela é uma ruiva verdadeira, ela vale o dobro.

Kade ficou atrás, aguardando enquanto o chofer e um musculoso segurança do anfitrião saíram do escritório e o viram na metade do corredor. O macho era também um Raça, e a raiva piscou no brilho âmbar de sua íris quando viu a ameaça na frente dele.

—Shh—, disse Kade amavelmente, com uma adaga já em sua mão e pronta para ser enterrada. Lançou a adaga no instante em que o chofer alcançava sua própria arma, cravando-a na garganta do grande vampiro. O corpo volumoso caiu no chão fazendo um grande estrondo que se ouviu por cima da música e fluiu pelo vestíbulo. Kade saltou ao redor do cadáver para dirigir-se ao escritório do dono do lugar.

Os dois cães pitbulls brancos reagiram mais rápido do que seu amo, em um ridículo casaco de pele pode reagir. Grunhindo e latindo os cães avançaram em Kade. Ele não recuou, chamou a atenção de seus selvagens olhos com um olhar intenso de superioridade que levou ambos os cães a deitarem em silêncio no tapete que estava diante de suas botas.

Todos da Raça nasciam com talentos únicos - ou maldições, em alguns casos - além da imortalidade, força e sede de sangue que eram característicos de sua espécie. Em Kade, seu

⁶ A Ivy League é um grupo de oito universidades privadas do Nordeste dos Estados Unidos da América. Originalmente, a denominação designava uma liga desportiva formada por essas universidades, das mais antigas dos Estados Unidos. O grupo, também referido como *as oito antigas*, é constituído pelas instituições de maior prestígio científico nos Estados Unidos e no mundo e, assim, atualmente a denominação tem conotação sobretudo de excelência acadêmica, também associada a um certo elitismo e ao *establishment* WASP.



talento era a capacidade de conectar-se psiquicamente com os animais selvagens e dirigir suas ações com um simples pensamento. Era um poder que tinha aperfeiçoado desde que era só um menino que tinha vivido a maior parte de sua vida no congelado e selvagem Alaska, e com animais mais perigosos que estes.

—Quietos—, disse com calma aos cães, e logo olhou o macho da Raça que o olhava boquiaberto através da pequena sala. —Você também.

—Que que quem demônios é?— O pânico e a indignação se refletiam na cara do vampiro enquanto observava a aparência de Kade, do uniforme negro e botas de combate que se assemelhavam ao escuro de seu cabelo quase raspado, até sua impressionante coleção de armas semiautomáticas que trazia nos quadris e presas em suas coxas. —É um Guerreiro— soltou sua respiração, evidentemente não era tão arrogante (ou estúpido) não queria dizer que não reconhecesse esta situação e o que poderia significar esta visita. —O que poderia querer a Ordem de mim?

—Informação—, respondeu Kade, enquanto dava um passo dentro da sala e fechava a porta atrás dele, fazendo uma pequena pausa para acariciar um dos dóceis pitbulls atrás da orelha. —Escutamos algumas coisas inquietantes a respeito deste negócio. Queremos saber mais.

O vampiro deu de ombros e tentou parecer desconcertado. —O que quer dizer com isso? A verdade é que estou metido em vários negócios.

—Sim, me dei conta, sobretudo sobre o peculiar negócio que tem lá embaixo no porão deste antro. Quanto tempo esteve traficando mulheres?

—Não sei do que está falando.

—Agora, escute, fazer que eu repita as coisas não é algo inteligente a fazer,— Kade se agachou e fez gestos aos dois pitbulls que estavam ao seu lado. Estavam sentados a seus pés como duas gárgulas, olhando seu antigo amo e esperando as ordens de Kade para fazer simplesmente o que ele quisesse. —Estou certo que se ordenar a estes dois cães que arranquem sua garganta, não teria que ordenar duas vezes. O que acha? Deveríamos averiguar?

O vampiro trágico saliva e disse:

—Não estou fazendo há muito tempo, aproximadamente alguns meses, acredito. No princípio vendia drogas e conseguia prostitutas, logo comecei a receber pedidos mais específicos....— Ele brincava com um dos muitos anéis de ouro que brilhavam em seus dedos. — Sabe, serviços mais importantes.

—E quem são seus clientes?— Disse Kade enquanto tomava uma postura mais ameaçadora. —Quem são?

—Humanos, para falar a verdade não mantenho um registro de meus clientes.

—Mas dispensa este tipo de serviço—disse Kade entre dentes enquanto as palavras saíam além de suas presas —aos membros da Raça, também.

Não era uma pergunta, e o vampiro sabia. Deu outro encolhimento de ombros, enquanto seu casaco de raposa levantava expondo sua orelha coberta com diamantes. —Faço negócios com dinheiro em efetivo, é simples oferta e demanda, sejam Raça ou humanos, o dinheiro é o mesmo.



—E pelo visto é um bom negócio—, Kade acrescentou.

—Bom, agora posso saber por que a Ordem está tão interessada em meus negócios, finalmente? Ou acaso está procurando outro tipo de ação?— disse evasivamente, seu sorriso era pouco mais que uma simples curvatura de lábios... —Poderia fazer um bom preço a Lucan, se for isso. Sou um homem de negócios, apesar de tudo.

—O que é, é escória—, disse Kade indignado mas não surpreso de que essa merda que tinha à frente pudesse pensar que ele ou algum de seus irmãos estivesse interessado em participar deste tipo de negócio. —E se dissesse a Lucan o que acaba de me dizer, ele te faria migalhas abrindo do queixo até as bolas. E sabe o que? A merda com isso. Vou economizar o problema.

—Espere!— Disse o vampiro enquanto levantava as mãos. — Espere. Direi o que quer saber.

—Está bem. Vamos começar com isto. Quantas das mulheres que trancou nesse porão e vendeu eram companheiras de Raça?

Houve um silêncio prolongado, enquanto o vampiro considerava a melhor maneira de responder. Inclusive este pedaço de merda que não valia nada, tinha que saber que se veneravam aquelas fêmeas que levavam uma estranha marca de nascimento, como as preciosas companheiras de Raça de todos da Espécie. Machucar uma companheira de Raça era machucar todos os machos da raça, já que não havia muitas mulheres no planeta que pudessem levar às novas gerações da Espécie em seu ventre. O fato de lucrar com a dor ou morte de uma companheira de Raça, era segundo Kade a coisa mais atroz que poderia fazer.

Kade observava ao vampiro que estava na frente dele como faria com um inseto, de fato, valorava mais a vida do inseto do que a deste vampiro.

—Quantas, maldito filho da puta? Mais de uma? Uma dúzia? Vinte?— Tinha que se esforçar para conter o grunhido que subia por sua garganta —Vende-as sem saber que são companheiras, ou pagam mais pelo sofrimento delas? Responde à maldita pergunta!

Com o repentino arranque de ira de Kade, os pitbulls levantaram, seus músculos se esticaram tanto que grunhiram de maneira ameaçadora. Os cães estavam em sintonia com a ira de Kade.

Utilizou seu talento para controlar mentalmente os cães, sabendo que se o vampiro que tinha pela frente tivesse alguma informação de valor, ele tinha a obrigação de tirá-la como fosse possível.

Depois poderia matá-lo com a consciência tranquila.

—A quem esteve vendendo Companheiras de Raça? Responde a maldita pergunta. Não vou esperar a noite toda para que responda com a verdade.

—Eu-não, não sei—, gaguejou. —Essa é a verdade. Não sei.

—Mas admite que isso é o que esteve fazendo,— Deus, queria despedaçar esse pedaço de merda. —Diga com quem esteve traficando, antes que corte essa maldita cabeça.

—Juro isso, não sei quem são!



Kade não estava disposto a sair desse lugar sem nenhuma resposta. —Foi mais de uma pessoa que veio a você para comprar às companheiras de raça? E como o nome de Dragos te soa?

Kade entreteceu os olhos para olhar o vampiro, esperando que mordesse a isca. Mas o nome que Kade lançou parecia desconhecido. Qualquer um que contatasse com um dos mais antigos da Raça conhecido como Dragos - que havia sido descoberto recentemente pelos esforços realizados pela Ordem - certamente se o conhecesse reagiria à menção daquele nome. O vampiro dono do lugar, entretanto não teve nenhuma reação. Exalou brandamente e deu uma lenta sacudida em sua cabeça.

—Só negociava com um tipo que não era Raça, tampouco era realmente humano. Não pelo menos quando o conheci.

—Um subordinado, então?

As notícias não eram exatamente do agrado de Kade. Embora a criação dos subordinados fosse contra a lei da Raça, para não mencionar que também era contra toda moralidade, só os mais poderosos da Raça podiam criar os escravos de mente.

Esgotado quase até o ponto de morte, os subordinados eram exclusivamente leais a seu mestre. Dragos era da segunda geração de Raça e sempre se manteve acima de qualquer lei, seja Raça ou qualquer outra. Não era uma novidade que Dragos mantivesse Subordinados, exceto quantos e tão profundamente envolvidos estavam na sociedade humana.

—Reconheceria esse subordinado se o visse de novo?

O cadáver do animal envolto ao redor do pescoço do vampiro se levantou uma vez mais com outro encolhimento de ombros. —Não sei. Possivelmente. Não veio muito aqui. Deixei de fazer negócios com ele a cerca de três ou quatro meses. Durante um tempo, foi um de meus melhores clientes e depois não soube mais dele.

—Deve ter ficado muito decepcionado, verdade?— Kade teve que arrastar as palavras. —Descreva como era o Subordinado.

—Para falar a verdade, nunca tive a oportunidade de vê-lo com clareza. Poderia dizer que era um Subordinado, e o fulano pagava alto. Não me importava saber mais nada a respeito dele.

As veias de Kade se sobressaíam de pura hostilidade e raiva mal contida ao escutar a merda de suas palavras. Tinha matado muitos outros por ofensas menores que esta- muito menores, - e o impulso de lhe rasgar a cabeça por esta estúpida desculpa era feroz.

—Assim, o que está dizendo é que em várias ocasiões vendeu mulheres inocentes que estavam muito drogadas para se defender e que tem zero de arrependimento do que estava fazendo e que não se importa onde terminariam. Não fez nenhuma pergunta a respeito?

—Suponho que poderia dizer que meu negócio se apoia em não perguntar.

—Sim, poderia se dizer isso,— Kade esteve de acordo. —Ou poderia dizer que conduziu seu negócio como um covarde - e que merece morrer lenta e dolorosamente.

A preocupação invadiu o vampiro enquanto olhava Kade. —Agora, espere um minuto. Me deixe pensar um segundo, sim? Talvez possa recordar de algo. Talvez recorde algo que te



interesse.

—Duvido—. Disse Kade, vendo o olhar de pânico em seu rosto pelo qual sabia não ia tirar nada mais útil nesta conversa.

Além disso, estava cansado de ver esse filho da puta.

Agachou-se para levantar o queixo dos cães em suas mãos, olhou os dois nos olhos de maneira intensa. Lhes deu uma ordem silenciosa que se reconheceria com um pequeno sinal. Os pitbulls saltaram sobre a mesa e sentaram na frente de seu antigo amo, seus olhos fixos no objetivo, sem pestanejar, mostrando seus dentes afiados gotejando saliva.

—Bons meninos— disse Kade, e deu a volta para sair.

—Espere, assim... isso é tudo?— O vampiro perguntou vacilante, diante das duas gárgulas babonas que agora se elevavam diante dele. —Quero estar certo que estamos bem, agora. Quero dizer, já disse tudo o que sei. Isso é tudo o que queria de mim, verdade?

—Não exatamente,— disse Kade sem olhar para trás, enquanto colocava sua mão no trinco. —Há uma coisa mais que quero.

Quando saiu do escritório e fechou a porta, ouviu os dois pitbulls se lançarem ao ataque. Kade se deteve ali, fechando os olhos e desfrutando da violência do momento através da conexão mental com os animais. Sentia cada osso se rompendo, cada pedaço de carne que os cães arrancaram do comerciante de mulheres. Dentro da sala, o vampiro gritava e chorava, sua dor era uma agradável música e ainda continuava gemendo quando alcançou a outra parte da instalação.

Brock caminhava pelo corredor enquanto Kade passava ao lado do cadáver do guarda-costas.

—Se encarregou das mulheres?— perguntou quando ele e seu companheiro de patrulha se encontraram no meio do caminho.

—Apaguei as lembranças de seu cativeiro e as enviei para suas casas,— disse Brock. O grande macho deu uma breve olhada ao corpo antes de arquear uma sobrancelha para Kade. —Que tal você? Conseguiu tirar algo do dono do lugar?

—Na realidade não era mais que um maldito aficionado de cães,— disse Kade enquanto continuavam escutando os gritos no escritório.

A boca de Brock se curvou nos cantos. —Sei, algo mais?

—Sim, desgraçadamente. O maldito estava traficando Companheiras de Raça, como suspeitávamos. Seu cliente era um Subordinado, acho que não sabia nada mais que isso. Nunca viu o escravo de mente de perto e não pôde descrever nada.

—Merda,— disse Brock, enquanto passava sua grande mão sobre a parte superior de sua cabeça. —Assim suponho que o vampiro teve um final muito sangrento, né?

Kade sacudiu sua cabeça enquanto o último grito se apagava atrás dele. —Agora sim.

Brock exalou uma risada em voz baixa. —Vamos limpar este desastre e sair daqui. Recebi uma mensagem de Gideon dizendo para entrar em contato assim que pudermos. Alguma complicação no norte.

—No norte, para o norte da cidade?— Perguntou Kade.



—Não, cara, mais ao norte que isso.— Brock encontrou seu olhar e o manteve por um longo tempo. —Algo evidentemente não anda bem no Alaska. Ele não disse o que exatamente. Lucan quer que se reporte o quanto antes no recinto da Ordem.

Capítulo 3

Kade entendeu, inclusive antes que ele e Brock chegassem ao recinto da Ordem, que a notícia que estavam a ponto de dar não podia ser nada boa. O fato de que Lucan, o fundador e líder dos guerreiros, para não falar que era um Gen Um da Raça e tinha aproximadamente uns novecentos anos, tenha pedido para falar especificamente com Kade, era só um sinal de que o que ocorria no Alaska era algo muito grave.

Kade quebrava a cabeça imaginando o que podia ter acontecido, e a única coisa que chegava em sua mente eram acontecimentos horríveis que o deixavam cada vez mais preocupado, o que fez que sentisse como a bília amarga subia pela parte posterior de sua garganta. Tinha esse mau pressentimento desde que ele e Brock estacionaram o SUV na garagem do recinto da Ordem, logo tomaram o elevador e desceram uns trezentos metros sob o chão até chegar ao centro de operações subterrâneas da Ordem.

—Está tranquilo, Kade?— Brock perguntou, enquanto Kade saía do elevador e se dirigiam pelo corredor de mármore branco que conectava as muitas salas no recinto.

—Sabe que se fosse algo com sua família, Lucan teria dito isso. Estou seguro que isto não tem nada a ver com eles. Não se preocupe, está tranquilo?

—Sim, estou tranquilo—, respondeu Kade, as palavras saíam de sua boca, mas sua mente estava no piloto automático. Tinha deixado sua família no Alaska há quase um ano para unir-se à Ordem em Boston. Tinha sido uma abrupta despedida, impulsionada pela urgente convocatória que tinha recebido por parte de Nikolai, um guerreiro da Ordem, a quem tinha conhecido algumas décadas atrás, quando uma de suas viagens o levaram em direção ao congelado Alaska.

Havia algumas coisas que Kade tinha deixado sem terminar no Alaska. Esses assuntos pendentes o seguiam perseguindo sem importar os meses e a distância que o separavam do Alaska. Se algo mau aconteceu e não estava ali para impedir, não se perdoaria... Kade empurrou esses pensamentos fora de sua cabeça, enquanto ele e Brock caminhavam pelo corredor que os levaria ao laboratório de alta tecnologia.

Lucan, o Gen Um de cabelo escuro, estava esperando na frente do computador com Gideon, o macho da Raça loiro com aparência desalinhada, que era um gênio no campo da tecnologia. Os dois estavam parados na frente de um dos monitores de tela plana que tinha no laboratório. Lucan passou seus dedos pela mandíbula com severidade, Kade os pôde observar a ambos por que o laboratório tinha portas de vidro que permitiam ver tudo o que se estava dentro.

Enquanto Kade e Brock entravam, Lucan perguntou como foi a ronda, o que haviam feito



nessa noite e se tinham encontrado algo importante. Kade deu um breve resumo do que viram e do que se inteirou no antro do vampiro que traficava Companheiras de Raça, mas enquanto falava, Kade não podia tirar o olhar da tela que se encontrava atrás de Lucan.

Quando Kade teve oportunidade de ver bem a imagem que estava na tela, sua respiração começou a acelerar, algo que sempre acontecia quando se zangava, o que estava vendo não era precisamente algo agradável. Era uma foto imprecisa ou talvez uma imagem congelada, mas o que mais ressaltava na tela era a grande quantidade de manchas de cor vermelha intensa que se encontravam em cima da neve. Essa imagem mostrava um brutal assassinato na congelada terra do Alaska, e para Kade não tinham que confirmar que esse espantoso evento tinha ocorrido em seu país natal, sabia instintivamente.

—O que aconteceu?— Perguntou Kade, sua voz tinha um tom áspero.

—Este vídeo apareceu na Internet hoje,— disse Lucan. —Pelo que sabemos esta imagem foi capturada por um telefone celular com câmara há alguns dias e alguém a postou em um retorcido site da Web onde os malditos bastardos se divertem trocando fotos e vídeos de crimes reais.

Gideon fez clique no mouse do computador e a imagem congelada começou a ter movimento. Se escutavam os passos e a respiração acelerada da pessoa que sustentava a câmara, mesmo assim o vídeo mostrava cruamente a cena do que devia ter sido um brutal assassinato. Um corpo ensanguentado jazia morto na fria neve. O enfoque da lente era instável, mas o computador conseguiu fazer um zoom nas feridas da vítima. Sua roupa e pele estavam completamente destroçadas. Esse tipo de feridas só podiam ter sido feitas por dentes muito afiados, ou melhor dizendo, presas.

—Meu Deus—, murmurou Kade, golpeado pela brutalidade da matança—a totalidade dela, enquanto o vídeo de quatro minutos ia avançando para mostrar não menos que três mortos mais sobre a neve na tentativa de apagá-lo.

—Isto parece feito por Renegados—, adicionou Brock.

Era um fato lamentável mas inevitável para alguns membros da Raça não poder controlar sua sede por sangue. Enquanto a maioria da Raça acatava as leis e utilizava seu sentido comum, havia quem cedia a sua sede sem pensar nas consequências. Os da Raça que se alimentavam muito ou com muita frequência, logo se voltavam viciados, perdidos por sua sede de sangue. Uma vez que um vampiro levava seu vício ao extremo, era pouco provável que se recuperasse. O viciado terminava perdido na loucura ou morto, se não pelas mãos da Ordem, pela sua própria enfermidade. A única coisa que podia pensar um vampiro perdido em sua sede de sangue era em matar indiscriminadamente, tomar qualquer risco na tentativa de apagá-la, inclusive se isto significasse massacrar todo um povoado.

—Isso parece feito por malditos Renegados—, adicionou Brock. —Esse ou esses filhos da puta terão que ser mortos e quanto antes melhor.

Lucan assentiu com a cabeça, —Sim, quanto mais rápido acabe é melhor, é por isso que quis falar com você, Kade. A situação ali pode sair do controle muito rápido, não só a Ordem está



inteirada desta situação, a lei humana também se inteirou dos assassinatos. Gideon detectou uma chamada à polícia do estado do Alaska, a chamada veio de Harmony, um pequeno povoado no interior do Alaska, felizmente há menos de uma centena de pessoas vivendo ali, mas só precisa que uma pessoa grite a palavra —vampiro— e desatará a histeria.

—Merda—, murmurou Kade. —Sabemos quem filmou o vídeo?

—É difícil dizer agora—, disse Lucan. —Gideon está investigando. O que sabemos com certeza é que há vários policiais destinados ao caso. Temos que saber quem é o responsável pelos assassinatos, e temos que nos assegurar que ninguém ali descubra a verdade do que realmente aconteceu a estas pessoas.

Enquanto Kade escutava o que diziam, podia ouvir seu coração pulsar rapidamente devido à brutalidade dos assassinatos que acabava de ver. Sua visão periférica captou uma imagem na tela, estava imprecisa mas podia ver a cara de uma humana jovem toda coberta de sangue, seus olhos marrons estavam abertos, suas pestanas escuras cheias de pequenos pedaços de gelo. Era só uma menina, por Deus. Provavelmente acabava de sair de sua adolescência. Não era a primeira vez que Kade tinha visto as sequelas de um massacre sangrento no Alaska. Quando saiu de sua casa por volta de alguns meses atrás, estava seguro como o inferno que não voltaria a ver esse tipo de matança de novo.

—Atualmente estamos imersos em uma missão muito importante, mas não podemos nos dar ao luxo de permitir que a situação no norte saia de controle—, disse Lucan. —Tenho que enviar alguém que conheça o terreno e o povo, que tenha conexões com os membros da Raça lá em cima—. Kade olhava fixamente Lucan, ele sabia que não podia rechaçar a missão, inclusive se o Alaska fosse o último lugar onde queria estar. Quando tinha saído de seu país natal, no ano passado para unir-se à Ordem, foi com a esperança de não retornar nunca mais. Queria esquecer o lugar onde tinha nascido. O lugar selvagem que o tinha chamado como uma amante possessiva e destrutiva.

—O que diz, homem?— Lucan perguntou, o silêncio aumentou por uns segundos. Kade não via outra opção. Devia a Lucan e à Ordem, tinha que encarregar-se deste assunto inesperado e desagradável. Não importava onde o levaria ou quanto tempo tomaria em busca de um vampiro possuído pela sede de sangue, ia procurá-lo por todo o Alaska, casa por casa, centímetro por centímetro, mas o encontraria, disso estava seguro.

—Quando vou?— Perguntou Kade.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, Kade se encontrava em seu quarto empacotando o necessário para sua viagem. Sentado no extremo de sua cama tentava pela terceira vez em dez minutos comunicar-se com o número ao qual não tinha chamado desde a noite que saiu do Alaska.

Desta vez deixou que tocasse mais vezes antes de pressionar o botão de desligar. Foi um choque para ele escutar a voz forte de seu pai que provinha do outro lado do telefone.

—Há quanto tempo—, disse Kade a modo de saudação, ao que seu pai só respondeu com um grunhido.



Foi um esforço pobre de contato considerando que não falava com seu pai há quase um ano.

Por outro lado, não era como se seu pai o culpasse ou o fizesse responsável por algo específico. A conversa foi torpe, limitaram-se a perguntar coisas superficiais, como está, que tal vai tudo, nada que subisse de tom a conversa. Seu pai falou sobre o duro inverno, que o único benefício dessa temporada era o fato de que o sol se mantinha oculto durante quase todo o dia, só saindo três horas ao meio-dia. Kade recordou a escuridão estendida do país do norte. Seu pulso pulou com entusiasmo ante a ideia de tantas horas de liberdade na escuridão. Era evidente que seu pai ainda não tinha ouvido falar a respeito dos recentes assassinatos. Kade não os mencionou, nem falou a respeito da missão que o levava de volta ao estado do Alaska. Kade esclareceu a garganta e fez a seu pai a pergunta que morria por fazer desde que se inteirou que havia problemas no Alaska.

—Como está Seth, tudo foi bem com ele?—. O sangue de Kade gelou quando não recebeu uma resposta imediata por parte de seu pai.

—Está bem. Por que a pergunta?— respondeu o pai de Kade com uma voz suspicaz, a voz que sempre utilizava quando Kade fazia perguntas a respeito de seu irmão.

—Só me perguntava se estava por perto, isso é tudo.

—Seu irmão saiu para a cidade faz algumas semanas por uns negócios relacionados com o Darkhaven.

—Algumas semanas,— Kade repetiu em voz alta, —Isso é muito tempo para ele, ouviu falar dele recentemente?

—Não há um tempo. Por quê?— No outro extremo da linha, seu pai parecia estar se impacientando com as perguntas. —De que se trata tudo isto, Kade? Um ano sem nenhum tipo de contato com você e agora quer me interrogar a respeito das saídas e entradas de seu irmão. O que quer?

—Esquece—, disse Kade, lamentando por haver feito a chamada. —Só esquece que te chamei. Tenho que ir—. Não esperou uma resposta de seu pai, francamente não precisava escutá-la. Kade terminou a chamada sem dizer uma palavra, seus pensamentos giravam em torno das espantosas imagens que tinha visto no laboratório da Ordem e o novo conhecimento que seu irmão estava longe de casa há algumas semanas. Seu irmão, que compartilhava o mesmo talento sombrio que ele. O mesmo poder sedutor e perigoso que facilmente poderia sair de controle. além de ter mais de uma lembrança sombria a respeito de seu irmão.

—Maldito seja, Seth!

Atirou o telefone na cama. Logo com um grunhido furioso, girou sobre seus calcanhares e deu um murro na parede mais próxima.

Capítulo 4



A tempestade Ártica golpeou o interior do Alaska durante dois dias, a neve vertida alcançava 90 cm de altura na pequena cidade de Harmony e localidades vizinhas passando o rio. As temperaturas diurnas em toda a região chegavam a quinze graus abaixo de zero. Geralmente, nesta época em que o clima estava mais frio, as pessoas tendiam a fazer duas coisas: evitar sair de suas casas ou dirigir-se ao restaurante e bar do Pete's's.

Apesar do vento no inverno, o frio cortante na pele e que o sol saia umas poucas horas durante o dia, quase todos os habitantes de Harmony se encontravam na pequena sala improvisada de reuniões na Igreja Congregacional da cidade. Alex se sentou junto à Jenna na segunda fila de bancos, tentando tão duro como todos os outros dar sentido a recente brutal matança de seis pessoas na selva, o horrível acontecimento colocou em pânico os habitantes de Harmony.

Alex sabia que Zach Tucker tentou manter a notícia do ataque aos Toms o mais discreta possível, mas apesar dos esforços, a notícia viajou rápido - e mais rápido ainda, nesta parte de terra que limitava com a beira do rio Koyukuk, as notícias, em especial as más, como uma que envolve múltiplas mortes inexplicáveis de natureza violenta, tendia a chegar muito rápido aos ouvidos das pessoas.

Quarenta e oito horas depois do impactante descobrimento que fez Alex na pista de aterrissagem dos Toms, e da decisão de Zach para transportar os corpos da cena do crime até Harmony, para que assim a polícia pudesse se encarregar da investigação, a situação na cidade passou de um sentimento de surpresa a um de suspeita e histeria. Passadas quarenta e oito horas dos brutais assassinatos, as pessoas exigiam respostas a respeito de quem - ou o quê - tinha atacado tão brutalmente Pop Toms e sua família.

—Simplesmente não entendo—, disse Millie Dunbar de seu assento no banco detrás de Alex. A voz da idosa de oitenta e sete anos de idade estremeceu, não tanto de preocupação, mas sim de tristeza. —Quem queria fazer mal a Wilbur Toms e sua família? Eram boas pessoas, quando meu pai chegou aqui e se instalou perto do negócio do avô de Wilbur Toms, muitíssimos anos atrás, jamais teve uma palavra ruim sobre qualquer um dos Toms. Não posso imaginar que alguém possa ser tão mau para fazer algo assim.

Um dos homens do povoado, perto da parte detrás da igreja interpôs. —Se perguntarem a mim, eu suspeitaria do filho, Teddy. Esse menino era muito calado. Quando vinha para o povoado nunca saudava ninguém, atuava como se acreditasse ser melhor que o resto. Me faz pensar que o menino escondia algo.

—OH, por favor!— disse Alex, sentindo-se obrigada a defender Teddy, já que ele não estava ali para fazê-lo por si mesmo, enquanto girava sobre seu assento para lançar um olhar de desaprovação às dezenas de rostos que se endureceram com suspeitas infundadas pelas acusações de Big Dave Grant.

—Teddy era um menino tímido com as pessoas que não conhecia, isso é tudo. Ele não falava muito por causa das brincadeiras que sofria por sua gagueira. E sugerir que de algum modo



poderia ter algo a ver com o assassinato de sua família, quando também está morto e metido em uma laje fria, é a coisa mais cruel e covarde que poderiam fazer, nenhum de vocês viu como ficou esse menino depois que foi atacado—, disse Alex alterada pelas acusações que acabava de escutar.

A mão de Jenna desceu brandamente sobre o pulso de Alex, para tentar que não se exaltasse tanto, mas Alex não tinha a intenção de se acalmar, já era bastante mau ter que reviver o macabro achado uma e outra vez em sua mente desde que tropeçou com os corpos destroçados de Pop Toms, Teddy, e o resto de seus familiares. Ela não ia sentar ali e contar os detalhes da cena dos brutais assassinatos que tinha visto. Ela não ia relatar como eram as selvagens feridas que sofreram os Toms, como suas peles foram destroçadas, os ossos quebrados e as gargantas abertas, como se algum tipo de besta infernal tivesse saído da fria noite para se alimentar das pessoas vivas.

Não, não era uma besta.

Um ser saído de um pesadelo.

Um monstro.

Alex fechou seus olhos frente à imagem que ia se formando em sua mente, todo o sangue e morte que tinha visto começava a se levantar dos cantos mais ocultos de sua memória. Ela não queria ir ali, nunca mais. Levou anos e milhares de quilômetros, para se separar dessa lembrança, mas mesmo assim os monstros de seu passado continuavam perseguindo-a. Ela sobreviveu a esse macabro evento, embora levou muito tempo para afastar essas lembranças.

—É certo que não se encontrou nenhuma arma na cena do crime?— Gritou alguém do centro da reunião. —Se não recebeu um disparo ou uma punhalada, então, como exatamente foram assassinados? Ouvi que havia um inferno de sangue derramado por lá no monte.

De sua posição atrás do púlpito⁷, Zach levantou uma mão para sossegar as perguntas que vinham da multidão.

—Até que os agentes policiais cheguem de Fairbanks⁸, tudo o que posso dizer é que estamos investigando este múltiplo homicídio. Sendo um dos oficiais encarregados da investigação, não estou em liberdade de discutir os detalhes do caso com ninguém neste momento, nem acredito que seja conveniente especular.

—Mas o que foram as feridas, Zach?— Desta vez foi Lanny Ham quem falou, sua voz sempre tranquila, desta vez tinha um tom nervoso. —Escutei que as vítimas podem ter sido atacadas por animais selvagens. É certo isso?

—O que pensa Alex, já que foi ela quem encontrou os corpos?— Alguém perguntou. —Alguns de vocês acreditam que os assassinatos poderiam ter sido feitos por animais?

—Roger Bemis disse que viu alguns lobos rondando perto de sua propriedade no lado oeste da cidade no outro dia—, gritou Fran Littlejohn, geralmente uma mulher razoável, mas agora havia uma forte nota de preocupação em sua voz. —Tem sido um inverno duro e só está

⁷ Púlpito: é a plataforma elevada nas igrejas de onde se prega.



começando. Então é de suma urgência saber quem ou o que atacou o lugar dos Toms.

—Esse é um bom ponto. E se os lobos, ou quem quer que seja, vêm buscar uma presa humana para se alimentar?— perguntou um dos presentes.

—Espere um momento todo mundo—, disse Zach em sua tentativa de injetar calma entre as vozes que começavam a se perder na histeria.

—Sabe, vi um lobo ao anoitecer da semana passada. Um grande macho preto, farejando no depósito de lixo da parte detrás do Pete's's. A verdade é que nada disso me chamou a atenção então, mas agora...

—E não esqueça de que faz uns meses os lobos mataram aqueles cães do trenó em Ruby. Os papéis diziam que só deixaram as vísceras e algumas coleiras.

—Talvez o mais prudente seja tomar algumas decisões aqui—. Disse Big Dave de seu lugar na parte posterior da sala. —Não podemos ficar sentados esperando em casa, até que você e sua equipe nos estendam a mão, talvez o que temos a fazer é organizar uma grande caçada, nos reunir em grupos e caçar os lobos.

—Não eram lobos—, murmurou Alex, sua mente retrocedendo a contra gosto às lembranças que começavam a surgir, o caminho e a neve ensanguentada. Não foi um lobo, ou nenhum outro tipo de animal, disso estava segura. Mas uma pequena voz sussurrava que não era precisamente humano o que atacou os Toms.

Então... O que foi?

Sacudiu a cabeça, negando-se a deixar que seus pensamentos se envolvessem em torno da resposta que esperava—rogou —não fosse verdade.

—Não eram lobos—, disse de novo, levantando a voz por cima do estrondo da paranoia que se formou ao seu redor. Levantou-se e virou para a multidão, —Não eram lobos, nenhum lobo mata dessa maneira, não por si mesmo. Nem sequer uma matilha faria isto.

—A Srta. Maguire está correta—, disse Sidney Charles, um dos idosos nativos de Harmony e prefeito do povoado, embora ocupasse seu cargo recentemente, era uma pessoa de grande respeito no estado. Ele assentiu com a cabeça para Alex de seu assento na primeira fila da igreja, o cabelo cinzento preso em um rabo-de-cavalo, sua cara bronzada que sempre mostrava sua jovial natureza, hoje estava sombria. —Os lobos respeitam à humanidade, como nós devemos respeitá-los. Vivi muito tempo, tempo suficiente para dizer que os lobos não fizeram esta coisa horrível e se vivesse cem anos mais, nunca acreditaria nisso tampouco.

—Bom, com todo o devido respeito, Sid, mas eu, por minha parte, preferiria não ter essa segurança— disse Big Dave, enquanto outros homens sentados perto moviam sua cabeça mostrando apoio. —O último que soube, é que não havia nenhuma estação tendo problemas com lobos. Não é assim, Oficial Tucker?

—Não, não há—, Zach cedeu. —Mas...

Big Dave o interrompeu. —Se os lobos forem o problema, então é nosso direito nos

⁸ Fairbanks é uma cidade localizada no Alaska, Estados Unidos. Segundo o censo de 2007, a população da cidade era de 34.540 habitantes.



defender. Inferno, é nosso maldito dever. Claro que a polícia quer esperar que esses malditos lobos voltem a atacar para fazer algo a respeito.

—Estou com Big Dave nisto—, disse Lanny Ham, enquanto levantava do assento como um foguete. Enquanto lançava um olhar nervoso ao redor da sala. —Eu digo que teremos que tomar medidas antes que o mesmo tipo de problema chegue a Harmony!

—Alguém de vocês escuta?— Gritou Alex cheia de ira. —Eu disse que os lobos não são responsáveis pelo que aconteceu com Pop Toms e sua família. Foram atacados por algo terrível, algo horrível... mas não era um lobo. O que vi ali não poderia ter sido feito por nenhum tipo de animal. Era outra coisa.

A voz de Alex enganchou na garganta enquanto seu olhar se desviava à parte detrás da igreja e enfrentava um par de olhos prata tão penetrantes que lhe roubou o fôlego. Ela não sabia quem era esse homem de cabelo negro que estava ali na escuridão perto da porta. Ele não era de Harmony ou de qualquer um de seus remotos povoados vizinhos. Alex estava segura que nunca o tinha visto, esse rosto com feições tão marcadas, esse queixo quadrado ou a surpreendente intensidade de seu olhar, ela não o tinha visto em nenhum outro lugar do Alaska. Seu rosto não era algo que uma mulher esquecesse com facilidade.

O desconhecido não disse nada, nem sequer piscou, e por um instante ela se sentiu perdida na profundidade desses olhos, enquanto ele se limitou a olhar sobre as cabeças das pessoas, como se só ela existisse em seu olhar e como se os dois fossem as únicas pessoas em toda a sala.

—O que acredita que era, querida?

A voz de Millie Dunbar tirou Alex do inquietante olhar do forasteiro. Ela engoliu a saliva, sentia a garganta ressecada e se voltou para a doce idosa e para as outras pessoas que estavam esperando em silêncio para escutar o que ela acreditou ver no assentamento dos Toms.

—Eu... não estou muito segura—, disse Alex, desejando nunca ter aberto a boca. Sentia o calor dos olhos do estranho sobre ela, esperando como o resto que dissesse o que estava pensando a respeito dos assassinatos.

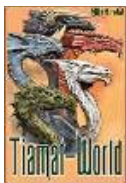
—O que viu, Alexandra?— Millie a estava pressionando, seu coração estava se apertando em uma mescla de esperança e temor. —Como pode estar tão segura de que os assassinos não eram animais?

Alex deu uma sacudida débil com a cabeça. Maldita fosse, ela era a culpada que todas estas pessoas esperassem uma resposta, se ficasse calada não teria quase uma centena de olhos fixos nela, a espera de sua explicação. Mas como ia explicar algo que assim, sem parecer uma idiota, e condenar um grupo de inocentes lobos da área. A atenção exagerada de Big Dave e o pelotão de homens e mulheres que o apoiavam, pareciam estar esperando que ela dissesse algo que os permitisse sair correndo para caçar lobos.

Merda.

Havia alguma opção mais que a verdade aqui?

—Vi... um rastro—, admitiu em voz baixa.



—Um rastro?— Desta vez foi Zach que falou, as sobrancelhas de cor marrom estavam franzidas sobre seus olhos como em escrutínio de sua posição no púlpito sobre a congregação. — Não me disse nada sobre um rastro. Onde o viu, Alex? Que tipo de rastro era?

—Era um rastro...na neve.— Disse Alex, enquanto Zach franzia o cenho.

—Quer dizer, uma pegada de sapato?— Perguntou Zach.

Alex ficou em silêncio durante um longo momento, sem saber como expressar o que ia dizer a seguir. Ninguém disse nada durante o silêncio que se formou. Sentia que era o centro da atenção, que todas as pessoas da cidade estavam vendo sua cabeleira ondulada loira, embora ela tivesse passado a maior parte de sua vida em Harmony, ainda era considerada forasteira, já que ela e seu pai tinham vindo da umidade dos pântanos da Flórida.

Foi aquela lembrança do sol, do calor, da umidade que nesse momento encheu seus sentidos. Podia sentir o sabor da água salgada na língua, podia cheirar as árvores cobertas de musgo cipreste e lírios fragrantes enchendo o ar. Podia escutar o canto das cigarras e o chiado das rãs sob a escuridão. Ela podia escutar como sua mãe lia um conto para seu irmão pequeno antes de dormir, com sua suave e doce voz de que tanto Alex sentia saudades. Ela podia ver o arco dourado da lua que aumentava lentamente e se unia com as estrelas brilhantes no firmamento.

Ela inclusive podia sentir como o medo atravessava seu coração, naquela noite cheia de violência, quando esses monstros entraram para se alimentar deles. Todas essas lembranças continuavam ali a atormentando e embora tudo parecesse um pesadelo, tudo era terrivelmente real.

—Alex.

A voz de Zach a surpreendeu, fazendo-a retornar ao aqui e agora, de volta a Harmony, Alaska, e um medo terrível se apoderou dela quando considerou que o terror do qual fugiram na Flórida de algum jeito poderia voltar a encontrá-la. —Que diabos está acontecendo, Alex?— Havia impaciência no tom de voz de Zach. —Preciso saber o que viu lá. Tudo.

—Vi um rastro—, afirmou tão claramente como pôde. —Não de uma bota. Foi o rastro de um pé descalço. Um pé muito grande, e muito parecido com o dos humanos, só... que não totalmente.

—OH, por Deus,— disse Big Dave ao redor de uma gargalhada. —Não foram os lobos que mataram eles, foi o “Pé Grande”! Agora sim ouvi tudo...

—O que está fazendo, Alex? É uma espécie de brincadeira?

—Não,— insistiu ela, girando longe do olhar incrédulo de Zach para o resto das pessoas do povoado. Todos a estavam olhando como se esperassem que ela se pusesse a rir.

Todos, exceto o estranho de cabelo negro.

Seus olhos de cor prata se cravaram nela como lanças de gelo, a sensação que teve quando sustentou seu olhar não era de frio, mas sim de uma fusão de calor que chegava até os ossos. E não havia zombaria em sua expressão, escutava com uma intensidade que sacudiu o chão. Acreditou nela, quando as pessoas nesse lugar a olhavam como se estivesse louca.

—Não é uma brincadeira absolutamente—, disse Alex aos moradores de Harmony. —



Nunca disse algo tão sério como isto, juro.

—Escutei o suficiente—. Disse Big Dave. Começando a caminhar pesadamente para a porta, vários homens riam entre si, enquanto o seguiam para fora da igreja.

—Sei que soa louco, mas têm que me escutar— disse Alex, desesperada por que ninguém acreditava, justo agora que se encheu de coragem para dizer a verdade. Bom... Parte da verdade, pelo menos. Ela não queria ou não podia aceitar a aterradora ideia de que —isso—, o que ela pensava no fundo de sua mente que podia ser o culpado dos assassinatos dos Toms e sua família fosse verdade, simplesmente não podia.

Inclusive Jenna a olhava e falava como se ela estivesse louca.

—Ninguém pode sobreviver nesse frio, sem roupa adequada, não pode ter visto uma pegada nua por aí. Sabe disso, verdade?— Disse Jenna.

—Eu sei o que vi.— Respondeu Alex.

Ao seu redor, a reunião começou a se dissolver. Alex virou para tentar encontrar o estranho, mas não podia vê-lo, foi-se. Ela não sabia por que se sentia decepcionada. Tampouco compreendia por que se sentia obrigada a buscá-lo. Estava impaciente com a necessidade e desesperada para sair dali.

—Ouça, está bem.— Jenna ficou de pé, dando a Alex um simpático sorriso quando lhe deu um forte abraço. —Passou por muito nos dois últimos dias, foi muito difícil para todos, mas estou segura que tudo vai ficar bem.

Alex se afastou e deu uma sacudida vaga com a cabeça. —Estou bem.

A porta da igreja se abriu e outro grupo de pessoas saíram para a noite com passos ligeiros. Esteve ali esse homem misterioso ou só o tinha imaginado? Ela tinha que saber.

—Viu esse cara na parte de trás da igreja esta noite?— perguntou a Jenna. —De cabelo negro, olhos cinza pálidos. Estava de pé perto da porta.

Jenna sacudiu a cabeça.

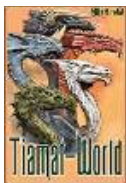
—De quem está falando? Eu não vi ninguém.

—Não importa. Escuta, acredito que vou dar uma passada no Pete's's.— disse Alex.

—Boa ideia—, Jenna acordou, enquanto via como Zach descia da plataforma elevada do púlpito e se dirigia para unir-se a elas. —Vá para casa e durma um pouco, sim? Você sempre se preocupou por mim, é hora de que me preocupe por você, e deixe a investigação nas mãos da polícia... Além disso, passou muito tempo desde que não como um rico hambúrguer e uma cerveja em companhia de meu irmão, só ele e eu. Ele esteve me evitando ultimamente, o que me faz perguntar se tem uma namorada secreta ou algo assim.

—Não tenho namorada—, disse Zach. —Não tenho tempo para isso quando estou casado com meu trabalho. Está bem, Alex? Tudo isso que disse foi muito estranho, digo a sério. Se quiser falar do ocorrido, seja comigo ou com um profissional, por favor me avise.

—Estou bem—, insistiu, agora se sentia irritada, e ao mesmo tempo agradecida por que já estava mais tranquila, e as lembranças que se levantaram em sua cabeça estavam retornando a esse canto escuro onde pertenciam. —Olhe, esquece o que disse esta noite. Não quis dizer nada



disto, só estava brincando com Big Dave.

—Bom, ele é um idiota e merecia—, disse Jenna, olhando-a um pouco mais aliviada por não ter que chamar o manicômio, apesar de tudo.

Alex sorriu com uma ligeireza que não sentia.

—Estou indo. Divirtam-se no Pete's's, meninos.

Mal esperou que se despedissem dela, saiu o mais rápido que pôde para a porta, a qual estava impedida por um trio de senhoras que falavam e caminhavam em câmara lenta, seu pulso estava se acelerando ao mesmo tempo em que conseguia sair pela porta e respirar o vento gélido da noite. Ficou sob a neve, e olhou para todas as direções em busca daquele homem que a tinha impactado desde o primeiro momento em que o viu.

Ele não estava ali.

Quem quer que fosse, ou o que o tinha levado a Harmony sem importar o mau tempo, simplesmente caminhou na escuridão e desvaneceu no ar frio.

Capítulo 5

Kade viajou para o profundo deserto gélido de neve, deixando o pequeno povoado de Harmony a uns 70 Kms atrás dele. Não havia muitas opções de viagem para os seres humanos que queriam chegar até este ponto do país: avião, trenós puxados por cães ou motos especiais para a neve. Kade viajou a pé, com sua roupa especial e as armas penduradas nas costas. Havia colocado as raquetes de neve⁹ sobre a superfície que poderia engolir um homem. O frágil vento o golpeava enquanto subia e logo baixava através de outra ravina, sua velocidade e resistência desumana era toda graças à parte dele que era da Raça.

Era seu coração e alma que pertenciam ao Alaska que desfrutavam do frio e áspero terreno, chamando à natureza selvagem em seu interior - a selvageria que se apressou a mostrar-se de novo agora que estava de volta ao território Ártico de sua pátria.

Seguir o gelado Rio Koyukuk do norte para a residência dos Toms no povoado era bastante fácil. Uma vez que se aproximou da zona onde ocorreram os assassinatos, seu agudo sentido de olfato o conduziu pelo resto do caminho. Apesar da espessa capa de neve recém-caída

⁹ Raquetes usadas para caminhar em cima da neve.





pelas tormentas nos dois últimos dias, para alguém de seu tipo, o aroma de sangue derramado continuava no ar e o arrastava como um farol iluminando o caminho em volta do cenário da recente matança.

O que tinha visto na Web através das imagens no vídeo obtido por Gideon em Boston, o tinha preparado um pouco para sua missão. Ele foi à pista de aterrissagem em Harmony, depois à reunião na Prefeitura para ter uma visão privada do morto que jazia sobre o gelo na parte baixa do hangar. As feridas tinham sido horripilantes no vídeo, e de perto comprovou que não eram melhor.

Mas Kade estudou cada uma das feridas com a cabeça fria e com um olhar objetivo.

Ele não encontrou nenhuma surpresa durante sua visita ao necrotério improvisado. Não foi um animal nem nenhum humano o que matou à família dos Toms.

Algo mais acabou brutalmente com eles... como a moça, a bela e loira, de olhos cor marrom chamada Alexandra Maguire, insistiu na reunião na igreja do povo.

Agora, ela, de outra maneira, tinha resultado uma surpresa.

Era alta e magra, com uma beleza simples que não precisava de melhorias, a mulher surpreendeu Kade quando se pôs de pé e declarou que viu algo estranho na neve. Por um lado, Kade não tinha sido consciente das possíveis testemunhas, exceto do idiota que gravou o vídeo e ainda por cima teve o mau gosto de colocá-lo na internet. Tinha que localizar e silenciar esse problema em particular, era uma das prioridades da missão que lhe encomendou a Ordem, justo abaixo da prioridade de identificar o vampiro ou vampiros renegados responsáveis pelo sangrento ataque e ver que justiça era adequada para executar com uma fria e rápida mão.

Mas agora havia uma complicação acrescida e tinha a forma de uma mulher, Alex.

Só um problema mais em uma situação que por si estava cheia deles. Independentemente do que viu, algo que soubesse dos assassinatos aqui no monte, era um problema que Kade teria que lutar antes que as coisas se complicassem ainda mais. Estava seguro como o inferno que poderia fazer as coisas mais difíceis na linha do dever que bombardear de perguntas a atraente loira por informação.

Uma dessas coisas mais difíceis se elevava diante dele na escuridão - o grupo de casas e edifícios que compunham o assentamento da família Toms. Kade enrugou o nariz com o aroma do sangue que se encontrava por baixo da capa branca de neve que cobria o lugar. De uns cem metros de distância, a cena parecia pitoresca e tranquila. Um posto fronteiriço tranquilo situado entre o arvoredo e bétulas¹⁰ do bosque boreal¹¹ que o rodeava.

Mas o fedor da morte se aferrou ao lugar, voltando-se até mais forte enquanto Kade caminhava para as construções mais próximas do atalho feitas em carvalho. Tirou suas raquetes

¹⁰ Bétula (*Betula*) é o nome de um gênero de árvores da família Betulaceae, (próxima da dos carvalhos, Fagaceae), à qual pertence também a aveleira. As bétulas são arbustos ou árvores pequenas ou de tamanho médio, características de climas temperados do hemisfério norte.

¹¹ Bosque boreal no Alasca: O **bosque boreal** é uma faixa de coníferas que se estende através da América do Norte, Europa e Ásia e que, antes de sua exploração e dos assentamentos, cobria quase todas as latitudes nortes do globo.



de neve e subiu os degraus do alpendre. A tosca porta estava fechada, mas não com chave. Kade apertou a fechadura e deu um empurrão com seu ombro, abrindo-a.

Um grande atoleiro de sangue congelado brilhava sob a escassa luz da lua derramada ao seu redor enquanto se encontrava de pé na soleira da casa. A reação de seu corpo ao ver e farejar as células vermelhas cristalizadas o golpeou como um martelo no crânio. Apesar de que o sangue derramado há alguns dias era inútil para Kade, que só poderia se alimentar das veias dos seres humanos vivos, suas presas saíram de suas gengivas em resposta ao aroma.

Sussurrou uma maldição em voz baixa que atravessou suas presas enquanto levantava a cabeça e via mais sangue - mais sinais de luta e sofrimento - em um escuro caminho manchado que conduzia da sala principal da casa até o curto corredor que se encontrava no centro da casa.

Uma das vítimas tentou escapar dos predadores que vieram para matá-los. Kade deixou a mochila e as armas que tinha em suas costas, logo seguiu pelo corredor. O humano selou seu destino fugindo ao quarto do fundo. Foi encurralado ali, o salpicar de sangue nas paredes e a cama desfeita disseram bastante a Kade da brutalidade de tal matança.

Havia dois corpos mais sem vida neste lugar, e Kade não teve a coragem de imaginar as horríveis cenas de seus assassinatos enquanto caminhava por ali e analisava o ataque. Ele viu o suficiente aqui. Soube com certeza que as mortes envolviam Sede de Sangue. Quem quer que houvesse matado os humanos aqui havia feito com um ardor que superava tudo que Kade viu antes, inclusive aos mais selvagens viciados Renegados.

—Filho da puta—, murmurou, suas vísceras retorcendo de desgosto enquanto dava a volta e se afastava da fantasmal construção cambaleando para o bosque para tomar um pouco de ar fresco. Respirou profundamente, arrastando o sabor do enérgico inverno que entrava profundamente em seus pulmões.

Não era suficiente. A fome e a raiva cresciam em torno dele como algemas apertadas, sufocando-o no calor. Despiu-se e ficou de pé nu sob a noite de novembro. A fria escuridão o tranquilizava, mas não por muito tempo.

Queria correr – precisava correr - podia sentir como o frio da natureza do Alaska o abraçava. Ao longe escutou o uivo de um lobo. Sentia ressonar o grito no mais profundo de sua medula óssea, sentia o canto através de suas veias.

Kade jogou para trás a cabeça e respondeu ao uivo.

Outro lobo respondeu, desta vez o uivo se escutava mais perto que o primeiro. Em minutos, a matilha havia se reunido, avançando lentamente para ele através do bosque. Kade olhou um par de olhos lupinos que o penetravam. O macho alfa deu um passo adiante das árvores, um grande lobo negro com a orelha direita machucada. O lobo avançou sozinho, movendo-se como uma sombra sob a branca neve.

Kade se manteve firme em frente ao macho alfa, então os outros, caminharam lentamente em círculo ao seu redor. Reuniu-se com esses olhos curiosos e enviou uma promessa mental de que não iria machucá-los. Eles entenderam, como sabia que o fariam.

E quando silenciosamente ordenou que se fossem, a matilha se pôs a correr na espessa



cortina de bosques iluminados pelas estrelas.

Kade se uniu a eles e correu com os lobos como um da matilha.

Em outra parte da fria e escura noite, outro predador andava pelo gelado e inóspito terreno.

Havia caminhado durante horas, só e a pé neste deserto vazio, mais noites do que podia recordar. Sentia sede, mas não era tão urgente como foi da primeira vez que havia se estabelecido no frio. Seu corpo já havia sido alimentado, seus músculos, ossos e suas células se encheram com o poder do sangue que tomou recentemente, realmente havia tomado muito sangue, mas seu sistema já havia nivelado a overdose.

E agora que era mais forte, seu corpo havia ressuscitado, era difícil controlar a emoção de caçar.

Isso é o que era afinal: a forma mais pura dos caçadores.

Foram esses instintos predadores que o fizeram cair em conta da quietude do bosque. Enquanto se movia sigilosamente, escutou a obstrução pelo rítmico andar de passos de um intruso. O aroma de fumaça de madeira e pele humana suja assaltou seu nariz enquanto a escura silhueta de um homem envolto em um casaco pesado se materializou não muito longe de onde o caçador observava e esperava na escuridão. Um tinido metálico soava a cada passo que o humano dava, eram correntes de aço e braçadeiras com pontas que tinha em sua mão enluvada. Na outra mão estava um animal morto preso por suas patas traseiras, era uma espécie de roedor de grande tamanho que foi sido destruído no caminho.

O humano foi em direção a uma pequena choça que se encontrava perto da trilha.

Ele viu o homem caminhando, desavisado do olhar que o seguia com ávido interesse.

Por um momento, o caçador debateu os méritos de encurralar sua presa dentro dos limites da pequena moradia ou se brincava um pouco com ele entre as árvores e as bifurcações do exterior.

Decidindo no último minuto, saiu de seu esconderijo de onde observava e emitiu um som da parte posterior da garganta em sinal de alerta, esse era o convite para iniciar o jogo e que o humano se pusesse a correr.

A presa não o desiludiu.

—OH, Jesus. O que em nome de Deus... — O rosto barbudo do humano empalideceu e sua mandíbula tremeu. Deixou cair seu miserável prêmio na neve aos seus pés, logo tropeçou em um aterrador arremesso para sair do bosque.

Os lábios do caçador se curvaram para deixar sair suas presas com a antecipação da perseguição.

Deixou que sua apavorada presa corresse certa distância, então desatou a perseguição atrás dele.



Capítulo 6

Alex recolheu sua motoneve e pegou o caminho com Luna a bordo diante dela aproximadamente uma hora antes do amanhecer. Ela estava agitada pelo encontro na cidade na noite anterior, e mais que um pouco curiosa sobre o forasteiro que se esfumou atrás do arbusto de uma maneira tão estranha como tinha aparecido atrás da porta de madeira da pequena igreja de Harmony.

Quem era ele? O que queria na pequena e remota Harmony? De onde tinha vindo, uma vez que a tormenta de neve recente deixou a maior parte do interior isolado de todos os portos principais mais próximos?

E por que foi ele a única pessoa na assembleia inteira ontem à noite que escutou a descrição do rastro deixado na neve onde mataram os Toms e não a havia feito parecer como se tivesse perdido seu juízo?

Não, nada disso importava hoje. O Sr. Alto, Sombrio e Misterioso se foi há muito tempo de Harmony, e Alex tinha um trenó lotado por tantas provisões quanto poderia levar - coisas básicas necessárias para algumas pessoas que negligenciou quando seu avião caiu em cima dos arbustos cortados em pedaços no outro dia.

Agora tinha umas escassas três horas de luz do dia e somente gasolina suficiente guardada a bordo e no depósito de combustível da super Polaris¹² para fazer a viagem de ida e volta de 185 Km.

Não havia nenhuma boa desculpa para se desviar ao estabelecimento de Tom aproximadamente uma hora depois de sua viagem pela neve. Nada, exceto a necessidade constante de respostas. A esperança - como ela temia que fosse - de encontrar uma espécie de explicação para os assassinatos que não envolvessem rastros sangrentos na neve e voltar a desempoeirar memórias de seu próprio inferno privado.

Então Alex dirigiu a motoneve movendo-se à deriva - sobre o rastro que a conduzia para o lar de Pop Tom, e Luna saltou para brincar neve fresca.

— Fique comigo, — Alex advertiu o cão lobo impaciente quando reduziu a marcha de seu trenó enquanto se aproximava do pequeno monte de estruturas de madeira escura.

Olhar Luna correr impaciente causou uma inoportuna cena retrospectiva sobre aquele momento horrível há três manhãs e o descobrimento horripilante do corpo jovem de Teddy.

E, justo como aquele dia, Luna se foi precipitadamente, ignorando as chamadas de Alex para que a esperasse.

— Luna! — Alex gritou no silêncio da primeira hora da tarde. Ela desligou a motoneve e desceu de um salto, logo soprou e caminhou o melhor que pôde através dos profundos montes de neve que mal tinham diminuído a velocidade de Luna em absoluto. — Luna!

Vários passos adiante, o cão lobo correu até os degraus da varanda de Pop e desapareceu

¹² Polaris http://www.disenho-art.com/images_2/Polaris_Revolver.jpg



no interior. Que diabos? A porta estava aberta, mesmo que Zach tivesse assegurado que tudo estava fechado fortemente antes que os corpos de Pop e sua família tivessem sido levados. O vento tinha aberto a porta de Pop?

Ou foi algo mais perigoso que um Vendaval Ártico que varreu por aqui depois dos assassinatos?

—Luna, — Alex disse quando se arrastou mais perto do edifício de madeira, odiando a pequena sacudida de sua voz. Seu coração começou a martelar no peito. Ela trouxe um pouco de sua ansiedade e tentou outra vez. —Luna. Venha, saia daí, garota.

Ela ouviu o movimento no interior, logo um rangido e um som como se uma tábua do chão protestasse pelo frio e o peso de quem quer - ou o que seja – que estava lá dentro com seu cão.

Mais movimento, passos que se aproximavam do espaço aberto da porta. O medo avançou lentamente na parte posterior do pescoço do Alex. Ela procurou ao redor sua pistola embainhada sob o agasalho impermeável nas costas. Tirou a arma e a agarrou com as duas mãos adiante, bem quando Luna veio trotando despreocupadamente para o exterior para dar boas-vindas a Alex no final das escadas.

E atrás dela, no interior da casa de Pop, estava um homem - o forasteiro de cabelos escuros da parte detrás da igreja na noite passada.

Apesar do frio, estava vestido com nada mais que um par de folgados jeans azuis, que ele casualmente segurava como se acabasse de sair da cama. Ele sustentou o fixo olhar incrédulo de Alex com uma calma que custava compreender, parecendo que afastar a vista do cano 45 era algo que fazia todos os dias.

— Você, — Alex murmurou, a respiração formando fumaça em sua frente¹³. — Quem é você? Que diabo está fazendo aqui?

Ele suportou a inquietude como se fosse nada, dentro da sala principal da casa. Em vez de responder suas perguntas, ele inclinou seu forte queixo para indicar sua pistola.

— Se incomodaria de apontar isso para outro lugar?

— Sim, talvez o faça, — disse ela, seu pulso ainda disparado e não completamente de medo agora.

O cara era intimidante, perto de — 1,98 m— de altura, com amplos e musculosos ombros e bíceps poderosos que pareciam capazes de levantar um morto – como um alce americano¹⁴. Sob um modelo insólito de tatuagens que dançavam engenhosamente sobre seu peito, torso e braços em uma espécie de complicado desenho tribal, sua pele tinha a cor suave de um ouro natural. O cabelo parecia indicar a mesma linhagem, negro azeviche e forte, as pontas cortadas pareciam tão sedosas como a asa de um corvo.

Somente os olhos diferiam de algo puro do Alaska. A prata pálida, perfurando contra as pestanas grossas, manchados de tinta na borda, seguraram Alex em um apertão que se sentia

¹³ Quando você exala, sua respiração contém uma grande quantidade de vapor de água invisível. Em em certos dias no inverno, ao exalar o ar, você forma uma fumaça de condensação.



quase físico.

—Tenho que pedir que saia para onde possa o ver, — disse ela, nada cômoda com esta situação - ou este homem perturbador - que no mínimo a acovardava. Inclusive embora estivesse segura que não era páreo para ele, com ou sem balas para sustentá-la, ela fez sua melhor tentativa de fazer sua voz parecer com o tom de policial de Jenna embora tentasse não parecer idiota. —Agora mesmo. Fora da casa.

Ele inclinou sua cabeça de lado e deu uma olhada além dela por volta da suave neblina que nublava a luz do dia da tarde.

— Eu prefiro que não.

Ele preferia que não? Estava falando sério?

Alex dobrou os dedos para conseguir um melhor aperto sobre a pistola, e ele devagar levantou suas mãos mostrando estar desarmado.

— Está aproximadamente dez graus abaixo de zero aí. Um homem poderia congelar alguma coisa vital, — disse ele, tendo um tic nervoso em seus lábios como uma risada meio divertida. — Minha roupa está lá dentro. Como você pode ver, não estou vestido para ter companhia. Ou para uma sessão de fotos na tundra¹⁵.

Seu fácil humor sardônico desinflou a maior parte de sua agitação. Sem esperar ela responder - sem o menor respeito pela arma de fogo carregada que até então estava apontada para ele - deu a volta e caminhou para o interior da casa de Pop.

Por Deus! Aquelas excepcionais tatuagens de maneira fascinante se abrigavam em todas as partes ao redor de suas costas, também. Elas pareciam se mover com ele, acentuando o magro e firme músculo que se agrupava e dobrava a cada passo dele.

— Não há nenhuma necessidade de que fique parada no frio, tampouco, — disse ele, com sua voz profunda que fazia algo em seu amalucado pulso quando desapareceu de sua vista. — Guarde a arma e venha para dentro se quer falar.

—Merda, — Alex respirou em um acesso de cólera.

Ela deixou seus braços relaxar, não exatamente segura do que acabava de acontecer. O tipo era incrível. Era tão arrogante ou simplesmente um louco?

Metade dela queria disparar uma advertência, somente para avisar que estava falando sério, mas naquele mesmo momento, Luna deu uma pequena choramingação e andou rapidamente para a casa atrás dele. Desleal cão mestiço.

Com uma maldição murmurada silenciosamente, Alex baixou a pistola e cautelosamente se aproximou do pórtico e da porta aberta que foi como uma segunda casa para ela durante o passar de vários anos. Quando entrou na casa de Pop, isto não a fez se sentir como uma

¹⁴ <http://www.bicodocorvo.com.br/wp-content/uploads/2009/10/foto-alce-americano-1.jpg>

¹⁵ A tundra é uma vegetação proveniente do material orgânico que aparece no curto período de degelo durante a estação "quente" das regiões de clima polar, apresentando assim apenas espécies de que se reproduzem rapidamente e que suportam baixas temperaturas. Essa vegetação é um enorme bioma que ocupa aproximadamente um quinto da superfície terrestre. Aparece em regiões como o Norte do Alasca e do Canadá, Groenlândia, Noruega, Suécia, Finlândia e Sibéria.



estrangeira. Equivocada em todos os sentidos.

Sem a florescente voz de Pop Tom para dar as boas-vindas quando entrou, a casa ficou mais fria, mais sombria, mais vazia que nunca. Agradecidamente, não havia nenhum sangue derramado dentro dela, quando ele e Teddy tinham sido movidos ou perseguidos no exterior antes que seu assassino conseguisse apanhá-los.

Tudo estava tal como seria se eles estivessem ali, mas isto esfriou Alex como uma espécie de realidade alternativa que tinha se chocado com a que ela conhecia.

Fora de lugar na apertada sala de estar estava uma bolsa de couro de lona preta que permanecia aberta sobre a manta escocesa alaranjada-e-marrom no sofá. Alex deu um rápido olhar para o conteúdo, notando algumas mudas de roupas no interior e uma faca de caça bastante repugnante que tinha sido tirada de sua bainha e posta em cima de algumas mochilas de estilo militar pretas¹⁶.

Mas a reluzente e serrada lâmina que parecia como se pudesse atravessar com pouco trabalho a pele de um urso pardo como se isto fosse simplesmente um aperitivo, estava separada do resto do armamento que se mostrava na sala de estar de Pop.

Um rifle de alta potência com cano curto que estava apoiado no canto mais próximo da porta. Ao lado dele, sobre a mesa de leitura que Tom esculpiu com suas próprias mãos como presente de casamento para sua esposa há aproximadamente três décadas, estava uma coisa do tamanho de um livro feito sob encomenda. As pontas das enormes balas brilhantes estavam assinaladas e encapsuladas com pólvora, o tipo de munição que destroça a carne mais resistente e o osso em um instante, não mostrando nenhuma piedade e não tomando prisioneiros. Outra arma, uma semiautomática 9mm que facilmente aniquilaria sua pistola calibre 45, estava descansando em um coldre de peito preto ao lado da caixa de pontos ocos.

Tendo vivido na zona rural a maior parte de sua vida, Alex não se encolheu ao ver as armas de caça, mas este arsenal pessoal - e o conhecimento de que o homem que as possuía tinha retornado à sala com ela repentinamente, em silêncio, a desconcertou.

Ela olhou para cima até que o encontrou encolhendo os ombros dentro da camisa de camurça cinza grossa e enrolando as mangas em seu antebraço. A série fascinante de tatuagens desapareceu quando fechou alguns botões em seu peito. Nos limites apertados da sala, Alex sentiu o aroma de ar ártico e fresco pinheiro, assim como algo selvagem que parecia aderir a ele e fez que seus sentidos alcançassem toda sua atenção.

Deus, passou tanto tempo desde que estava sem a companhia de um macho que seu instinto de sobrevivência estava quebrado? Ela não acreditava, e então percebeu não era a única fêmea na sala que estava afetada por este forasteiro que apareceu do nada ontem à noite. Luna tinha colocado seu traidor traseiro em seus pés e olhava fixamente para ele, com adoração enquanto ele baixava sua mão e a acariciava atrás das orelhas. Normalmente o cão lobo era cauteloso ao redor de forasteiros, desconfiando dos recém-chegados, mas não com ele.

Se ela precisasse de alguém com fé no caráter de uma pessoa, poderia equivocar-se

¹⁶ <http://www.galaxyarmynavy.com/prodimages/large/2287.jpg>



multíssimo escutando os instintos de Luna. Na realidade, Alex tinha seu próprio medidor interno para julgar se poderia confiar em alguém, uma espécie de detector de mentiras instintivo de que era consciente desde menina. Infelizmente, para trabalhar com isso, tinha que estar bastante perto para tocar à pessoa, mesmo um simples roce de seus dedos contra alguém era geralmente suficiente conexão para saber se estavam mentindo.

Tentando-a, como se pudesse pôr suas mãos sobre um pouco da pele nua deste cara, isto também significaria pôr sua arma no chão. Sinceramente, não pensou que seria simpático fazer isto, mesmo amigavelmente.

— Quem é você? — Alex demandou, perguntando-se se ele responderia desta vez. — O que fazia na reunião da cidade em Harmony, e que negócios tem você aqui? Isto é uma cena de crime que você está comprometendo, caso não tenha se dado conta.

— Notei. E as três pegadas na neve fresca enterrada no lugar já tinham comprometido o lugar muito antes que eu viesse aqui, — disse ele sem uma desculpa, ainda esfregando sua grande mão sobre a cabeça de Luna e debaixo de seu queixo enquanto o cão virtualmente babava com alegria.

Alex poderia ter jurado que algo inexplicável passava entre o homem e o cão um momento antes que Luna se levantasse e caminhasse para Alex para lamber sua mão.

— Meu nome é Kade, — disse ele, olhando-a com esse sutil, constante e prateado olhar. Estendeu o braço e ofereceu sua mão, mas Alex realmente não estava segura se podia confiar nele ainda. Com a mão estendia e duvidando por um momento, deixou cair seu braço de lado. — Pelo que escutei ontem à noite deduzi que foi próxima das vítimas. Sinto muito sua perda, Alex.

Deixou-a nervosa, a maneira tão fácil que pronunciou seu nome com tal familiaridade. Não gostava da maneira como soava sua voz, e sua inesperada compaixão parecia chegar ao interior de seu peito e envolver seus sentidos. Não o conhecia, e definitivamente não necessitava sua compaixão.

— Não é daqui, — disse abruptamente, precisando manter algum tipo de distância enquanto as paredes pareciam fechar-se ao seu redor enquanto estava em sua presença. — Mas não é de fora, tampouco. De onde é?

Ele sacudiu lentamente sua cabeça.

— Nasci no Alaska, cresci ao norte de Fairbanks.

— OH? Quem são seus familiares? — perguntou, tentando que soasse como uma conversa em lugar de um interrogatório.

Ele pestanejou, só uma vez, entrecerrando lentamente seus notáveis olhos.

— Não conheceria minha família.

— Poderia se surpreender. Conheço muitas pessoas, — disse, pressionando tudo o que podia por sua atitude evasiva. — Vamos, me teste.

Seus amplos lábios se curvaram nas commissuras dos lábios. — É um convite, Alex?

Ela esclareceu a garganta, surpreendida ao se desequilibrar pela insinuação, mas mais ainda pelo acelerar de sua pulsação enquanto deixava o assunto pendente entre eles. Caminhou



para ela, com passos longos e fáceis que o levou ao alcance de suas mãos se estendesse os braços.

Deus, era muito bonito. Muito mais bonito assim de perto. Seu magro rosto era de ângulos perfilados e ossos fortes, as sobrancelhas e pestanas negras em contraste com a cor da neve, e a aguda inteligência de seus olhos que se entrecerravam ligeiramente nos cantos. Olhos lupinos. Olhos de caçador.

Alex se sentia presa por eles enquanto ele se aproximava mais. Sentiu o calor de sua mão na sua, logo um aperto firme, mas suave enquanto extraía cuidadosamente a pistola de suas mãos.

A ofereceu de novo pondo-a na palma de sua mão. —Não precisa usar isto, prometo.

Quando ela aceitou a arma em silêncio e a devolveu a sua capa na parte detrás de suas costas, se dirigiu ao sofá e embainhou a faca que estava na parte superior de sua coberta.

—Deve ter se surpreendido bastante, ao ser uma das primeiras a ver o que aconteceu aqui.

—Não foi um bom dia,— disse, a frase do ano. —os Toms eram pessoas decentes. Não mereciam morrer assim. Nem ninguém.

—Não,— respondeu secamente. —Ninguém merece este tipo de morte. Exceto as bestas responsáveis pelo que aconteceu aos seus amigos.

Alex o olhava enquanto dobrava as cobertas e voltava a guardar em sua mala. —Isso é o que trouxe você aqui — você e todas essas armas? Alguém de Harmony te contratou para que viesse e massacrasse uma matilha inocente de lobos? Ou está aqui para se vingar por sua conta?

Ele inclinou a cabeça em sua direção.

—Ninguém me contratou. Sou um solucionador de problemas. Isso é tudo o que precisa saber.

—Um caçador de recompensas,— murmurou venenosa, desconfiada que provavelmente era verdade. —O que aconteceu não teve nada a ver com os lobos.

—Isso é o que disse ontem na reunião.— Sua voz soava mais nivelada do que tinha ouvido até agora. E quando ele a olhou, o fez com uma forte intensidade que a fez dar um passo para trás sobre os saltos de suas botas Sorels. —Ninguém acreditou.

—E você?

Se fosse possível, esse olhar prateado foi mais fundo. Como se pudesse ver através dela, muito longe até as lembranças que ela não podia suportar voltar a viver. —Me diga o que sabe, Alex.

—Quer dizer, te contar mais detalhes dos rastros que encontrei lá fora?

Deu uma sacudida mais forte na sua cabeça.

—Refiro-me ao resto da história. Como pode estar tão segura que essas mortes não foram feitas pelos animais? Viu o ataque?

—Não, graças a Deus.— Respondeu rapidamente.

Muito rápido, possivelmente, porque ele deu um passo para ela, franzindo o cenho agora. Questionando-a.



—E o vídeo? Há mais algum, em algum lugar? Algo mais que imaginou rodar depois que os assassinatos ocorreram?

—Que?— Alex não tinha necessidade de fingir sua confusão agora. —Que vídeo? Não tenho ideia do que está falando.

—Faz três dias, um vídeo de um telefone celular foi filmado aqui e enviado a um lugar ilegal na internet.

—OH, meu Deus.— Consternada, Alex levou a mão à boca. —E você o viu?

O músculo que se sacudiu em sua bochecha bastava como confirmação. —Se souber algo mais dos assassinatos que aconteceram aqui, preciso que me diga isso agora, Alex. É muito importante toda a informação que possa conseguir.

Se Alex havia sentido a tentação de soltar tudo ontem à noite na reunião do povo, agora - só com este homem desconhecido que a sacudia inexplicavelmente em todos os níveis de seu ser - suas palavras se entupiram na garganta. Não o conhecia, não estava de todo segura de poder confiar nele, embora de algum modo tirou coragem para soltar suas mais sombrias suspeitas à luz.

—Por que está aqui realmente? Perguntou brandamente. —O que está procurando?

—Estou procurando respostas, Alex. Estou procurando o mesmo que acredito você também - a verdade. Possivelmente haja uma forma de nos ajudar mutuamente.

O som muito alto do celular de Alex rompeu o longo silêncio. O timbre soou de novo, dando a desculpa que precisava para pôr uns passos entre ela e o homem cuja presença parecia estar absorvendo todo o ar da sala. Alex lhe deu as costas e respondeu a chamada.

Era Jenna, chamando-a para recordar que deviam se reunir para jantar esta noite no Pete's.

Alex murmurou apressadamente que estaria ali, mas continuou no telefone depois que Jenna disse adeus e desligou.

—Sim, não há problema,— disse Alex no ar morto do receptor. —Estou a caminho neste momento. Estarei em vinte minutos, se muito. Muito bem. Sim, adeus.

Colocou o telefone no bolso de seu casaco e girou de novo para encontrar à nova pessoa favorita de Luna, que agora estava sentado no sofá com o cão de Alex estendido a seus pés. —Tenho que ir. Entrega para fazer antes do pôr do sol, e depois tenho que me encontrar com uma amiga para jantar no povoado.

Estava ansiosa por sair agora, mas por que se sentia obrigada a oferecer desculpas a este homem? Que importava a ele por que ela ia embora como se não pudesse correr dali para afastar-se com suficiente rapidez?

Alex estalou seus dedos sutilmente e chamou Luna. Para crédito do cão lobo, esta caminhou lentamente sem parecer muito angustiada por afastar-se dele.

—Direi ao Oficial Tucker que esteve por aqui hoje,— acrescentou, pensando que não seria mau o recordar que ela era amiga da polícia.

—Como diz, Alex,— ele nem sequer levantou seu negligente traseiro do sofá dos Toms. —Tome cuidado lá fora, te verei por aí.



Alex se soltou de seu lento e estendido sorriso enquanto rodeava Luna e saía pela porta da cabana.

Embora não se atrevesse a olhar para trás, podia sentir aqueles olhos mercúrio na parte detrás de seu pescoço, olhando-a enquanto saltava na motoneve com Luna e dava ao motor uma pequena sacudida.

Tinha conduzido umas quantas milhas antes que outro pensamento a abordasse.

Ela não havia visto outra moto estacionada no lugar.

Assim como diabos havia feito a viagem de mais de quarenta milhas desde Harmony pelo norte através do desolado deserto?

Capítulo 7

Kade passou as poucas horas de luz que restavam do dia dentro de um quarto na cabana dos Toms. Logo que foi seguro para ele e sua pele de Raça sensível ao sol sair ao exterior, ficou em pé e desta vez se dirigiu aos dez mil acres de terra que sua família possuía ao norte de Fairbanks.

Perguntava-se como seria recebido no Darkhaven de seu pai, o filho pródigo, a ovelha negra que se afastou há um ano, sem desculpa ou explicação, e que nunca olhou para trás. Sentia-se um pouco culpado por isso, mas imaginava que ninguém acreditaria se o dissesse.

Perguntava-se se Seth estaria no complexo quando chegasse, e nesse caso, o que diria seu irmão a respeito dos assassinatos que o trouxeram de Boston para investigar em nome da Ordem.

Mas mais que tudo, Kade se perguntava o que Alexandra Maguire escondia.

Kade tinha experiência suficiente mantendo segredos para saber que esta atraente piloto não estava sendo completamente honesta sobre o que sabia das recentes mortes—nem com o povo ou com a polícia local, nem com ele hoje mais cedo. Possivelmente nem com ela mesma.

Ele poderia tê-la obrigado a dizer a verdade quando se encontraram na casa dos Toms, mas Alex não parecia ser o tipo de pessoa que podia ser forçada a fazer algo que não queria. Kade precisava ganhar sua confiança para obter a informação que precisava.

Inclusive poderia seduzi-la, uma ideia que considerava com interesse, melhor dizendo com muito interesse. Em todas as missões sempre há trabalho duro a fazer, neste caso teria que conseguir a informação que ocultava Alexandra Maguire a todo custo.

Enquanto pensava como poderia ganhar a confiança da formosa piloto, o tempo passou muito rápido e os quilômetros de distância ficaram atrás dele. Em pouco tempo, chegou à enorme área arborizada e distante, que estava em posse de sua família há séculos. O aroma familiar dos bosques e a terra, que agora estavam cobertos pela neve, seguiam pulsando com força em seu peito. Durante muito tempo, esta extensão de terra foi seu lar, seu reino e seu domínio.

Quantas vezes ele e Seth tiveram a liberdade para fazer o que quisessem, gritando e correndo,



selvagens através deste mesmo bosque, como irmãos de armas, os jovens senhores da caça? Muitas para recordar.

Mas o que Kade recordava com clareza, era da noite em que toda essa amizade de irmãos acabou. Ainda podia sentir o peso desse momento, sua mão fria se fechou pelo temor na parte de trás de seu pescoço, enquanto se aproximava do extenso complexo de edifícios esculpidos à mão que compreendiam o Darkhaven de seu pai.

Diferente da maioria das comunidades civis da Raça, este Darkhaven não tinha cerca perimetral ou muros rodeando as câmaras de segurança. Tampouco havia guardas no caminho. Como o recinto se encontrava tão afastado não era necessária tanta segurança. A terra atuava como sentinela para as pessoas que viviam dentro do Darkhaven. E se os animais selvagens não dissuadiam os intrusos de continuar, o pai de Kade e os aproximadamente vinte homens da Raça que viviam no Darkhaven estariam encantados de encarregar-se deles.

Kade continuou caminhando pelo caminho coberto de neve que levava à casa principal do Darkhaven. Bateu a porta, desconfortável para entrar no lugar sem ser anunciado.

O irmão mais novo de seu pai abriu a porta.

—O que faz aí parado na neve, Seth...?

—Tio Maksim,— disse Kade, enquanto inclinava sua cabeça em sinal de saudação quando o reconhecimento iluminou o rosto de seu tio. —Como está, Max?

O macho de raça era quase trezentos anos mais velho que ele, mas como todos os de seu tipo, parecia estar na plenitude da vida com o rosto sem rugas, com o cabelo castanho e espesso. —Estou bem—, respondeu. —Esta é sem dúvida uma agradável surpresa, Kade. Seu pai ficará muito contente que esteja em casa.

Kade teve vontade de rir pelo comentário de seu tio, mas não o fez porque sabia que seu tio disse o que sentia. —Está aqui?

Maksim assentiu. —Em seu escritório. Meu Deus, é um alívio voltar a te ver e saber que está vivo e em bom estado. Sabe que por estar fora tanto tempo e sem contato, tememos o pior, muitos pensávamos que tinha acontecido algo muito mau.

—Sim,— disse Kade em um tom irônico. —Tenho certeza disso. Pode dizer a meu pai que estou aqui?

Seu tio lhe deu uma ligeira palmada no ombro. —Farei algo melhor que isso. Veem comigo. Levarei-te onde ele está.

Kade seguiu o grande macho através da residência para o escritório de seu pai que ficava no lado oeste da ampla propriedade. Maksim deu algumas batidas na porta, logo girou o trinco e abriu.

—Kir. Olhe quem voltou para casa.

O pai de Kade estava de costas em frente ao computador, girou em sua poltrona recoberta de pele, para lhe fazer frente. Kade pôde ver na expressão dele uma mescla de surpresa, alívio, confusão, e notou uma leve decepção quando se deu conta que era o filho pródigo quem esperava na soleira e não o filho preferido. Seu pai tinha o cenho franzido. —Kade.



—Pai,— respondeu, sabendo que não haveria um abraço emocionado ou uma calorosa boa-vinda. Seu pai levantou do assento e se dirigiu para a frente de sua longa mesa. Deu um profundo olhar a seu irmão que estava atrás de Kade, perto da porta.

—Maksim, nos deixe a sós, por favor.

Kade olhou seu pai, podia ver atrás desse sombrio olhar uma leve desaprovação. Kade largou sua mochila e armas, estava esperando que seu pai começasse um sermão pouco agradável.

—Não mencionou que tinha a intenção de voltar para casa quando falamos há alguns dias atrás.— Disse seu pai. Quando Kade não ofereceu nenhuma resposta, seu pai exalou rapidamente. —Uma vez mais, não responde nada. Tampouco se incomodou em dizer muito antes que se afastasse há um ano. Só se afastou sem pensar em suas responsabilidades ou em sua família.

—Já era hora de ir,— respondeu Kade depois de um longo momento, —Tinha coisas a fazer.

Seu pai zombou e falou com hostilidade: —Espero que tenha valido a pena. Quebrou o coração de sua mãe, deu-se conta disso, verdade? Até o dia que se dignou a ligar, ela estava certa que você saiu e conseguiu ser morto alistando-se com aqueles guerreiros em Boston. E embora acredite que Seth não se interessa, posso dizer que sua saída também lhe rompeu o coração. Seu irmão mudou desde que partiu.

E é obvio que toda a culpa disso caía sobre os ombros de Kade. Ele sacudiu sua cabeça, sabendo que era inútil tentar defender-se ou defender à Ordem. Lucan e os outros guerreiros não necessitavam do apoio de seu pai ou de nenhuma aprovação, é obvio ele tampouco necessitava. Sobreviveu por muito tempo sem esse apoio.

—Assim, Seth segue em sua viagem de negócios?

Seu pai respondeu a pergunta com um olhar profundo, estreitando os olhos. — Certamente está para retornar. Suponho que também está se alimentando, o que provavelmente é a razão de sua demora.

—E Patrice?— perguntou Kade.

—Ainda não estão emparelhados,— foi a resposta baixa de seu pai.

Oxalá pudesse lhe surpreender essa notícia. Há muitos anos atrás se decidiu que Seth e Patrice, uma das Companheiras de Raça que vivia na família do Darkhaven desde que era uma menina, com o tempo se converteria na Companheira de Raça de seu irmão. Patrice elegeu Seth acima de todos os varões da região, e para deleite de seus pais, Seth concordou em tomá-la como sua companheira. O problema era que sempre encontrava uma desculpa atrás da outra para fugir do assunto. Sem uma Companheira de Raça para satisfazer a necessidade de sangue de um vampiro, via-se obrigado a alimentar-se da população mortal para o sustento de seu corpo. A maioria dos homens da Raça celebram esta união como um laço sagrado e inquebrável, um laço que os liberava da escravidão pela sede de sangue, já que suas companheiras proporcionam o sangue que necessitam, como símbolo de amor, força e paixão pelo laço que os une eternamente.

Mas alguns machos da Raça preferem permanecer solteiros, desfrutando da caça



constante e da conquista de novas presas humanas.

Ele tampouco tinha pressa alguma em unir-se em um laço de sangue eterno com uma Companheira de Raça, o que significava outro ponto de disputa com seu pai e sua mãe, que eram felizes companheiros de sangue há mais de um século.

Seus pais sempre colocaram sua esperança em Seth, o estudioso, o intelectual, que supunha algum dia tomaria as rédeas como líder da família Darkhaven ou formaria a sua.

Kade sempre foi o contrário de seu irmão. Essa foi provavelmente a razão pela qual seu pai preferia seu irmão Seth e sempre lhe dava mais liberdade.

—Bom,— disse seu pai depois de um silêncio prolongado. —Espero que tenha achado seu juízo e confio que esteja disposto a ser parte da família outra vez. Como parece que voltou só com a roupa do corpo e algo mais em sua mochila, vou fazer os acertos para uma transferência a sua conta bancária.

—Não vim aqui por esmola,— disse Kade em um tom onde aparecia a ira. —E quanto a ficar, não está em meus planos.

—Onde está meu filho?— As palavras de Kade foram interrompidas por um pequeno ciclone que entrou na sala, —Realmente é você! OH, Kade!

Ela o envolveu em um forte abraço, seu corpo vibrava com emoção. Sua mãe estava tão formosa como sempre, com esse mesmo brilho que agora era mais intenso e realçado por seu ventre volumoso por esperar um bebe sob essa roupa não ajustada, suéter de inverno branco e calças que usava. Sua mãe, Vitória, tinha o cabelo cor de ébano que combinava perfeito com seus olhos cor prata, os que ele e seu irmão Seth herdaram. Era uma mulher impressionante, igual ao seu companheiro, não aparentava mais de trinta anos, sua idade se deteve devido ao vínculo de sangue que compartilhava com Kir.

— OH meu querido filho. Estive tão preocupada com você! Graças a Deus que voltou e bem a tempo.— Ela sorriu, positivamente. —Vai ter dois novos irmãos em menos de um mês. São gêmeos idênticos, como você e Seth.

Apesar de parecer encantado com a notícia, o que Kade realmente sentia era um mal-estar no estômago. O talento que ele e Seth compartilhavam consistia na capacidade de comunicar-se e exercer controle sobre os animais, habilidade transmitida geneticamente por sua mãe - uma Companheira de Raça. Eles também herdaram da mãe a pele dourada, cabelo escuro e esses olhos exóticos. Mas diferente dela, Kade e Seth, herdaram de seu pai o sangue da Raça que corria através de suas veias, e todo esse talento herdado tinha um lado escuro. Kade odiava pensar que o padrão poderia se repetir em outro grupo de irmãos.

—Parece bem, mamãe. Alegra-me te ver tão feliz.— Disse Kade.

—Sou mais feliz agora que está aqui. Seu quarto está igual desde o dia que saiu do complexo. Não passou um dia desde que partiu em que não tenha rezado e pedido para que meus dois filhos amados estejam sãos e salvos, vivendo sob nosso teto de novo como uma família.— Ela o rodeou com seus braços uma vez mais, e isso fez que Kade se sentisse pior pelo que tinha a dizer.



—Eu... eu não sei quanto tempo vou ficar. Não vim para ficar, mamãe. Estou aqui por negócios da Ordem.

Sua mãe recuou e sua expressão mudou. —Não veio para ficar ?—Perguntou sua mãe com um tom de confusão em sua voz.

—Vou ficar até que complete minha missão. Então tenho que voltar para Boston. Mama sinto tanto que pensou que...

—Não pode ir,— murmurou com lágrimas nos olhos. —Você pertence a esse lugar, conosco, com sua família. Esta é sua casa. Tem sua vida aqui.

Kade fez um suave movimento de negação com a cabeça. —Minha vida agora é junto à Ordem. Eles me necessitam e tenho coisas importantes a fazer. Mãe, sinto tanto te decepcionar.

Ela soluçou atrás de sua mão, e deu uns passos para trás. Seu pai ficou a lado dela e a rodeou com seus braços, enquanto sussurrava com ternura palavras que pareciam acalmá-la um pouco. Mas suas lágrimas e soluços não se detiveram de todo.

O pai de Kade a acompanhou com muito cuidado para a porta, detendo-se só para levantar a cabeça e dar um duro olhar ao seu filho. Seus olhares se encontraram e se enfrentaram, nenhum dos dois disposto a retroceder.

—Isto não terminou aqui, Kade. Espero que aguarde até que termine de me encarregar de sua mãe.

Ele esperou como ordenou, mas só por um minuto. O tempo que esteve fora o havia feito esquecer o que sentia neste lugar. Ele não podia viver sob o mesmo teto com seu pai e irmão. Embora o estivesse matando o fato de causar dor a sua mãe. O que ficou muito claro é que já não pertencia a este lugar, e isso o recordou do olhar que seu pai deu quando se dirigia para a porta.

—Merda,— sussurrou Kade, e com grande rapidez pegou sua mochila e saiu do escritório.

Caminhou para fora, pensando que o ar gelado poderia ajudá-lo a limpar sua cabeça. Entretanto isto não ajudou, ao contrário seu olhar se fixou na cabana que pertencia ao seu irmão. Sabia que não devia entrar aí—não tinha direito, realmente—mas a necessidade de obter respostas era mais forte que qualquer outro sentimento de culpa por invadir a privacidade de Seth. Kade abriu a porta e entrou.

Não estava seguro a respeito do que podia encontrar. Poderia encontrar uma sala desordenada, mas não seria assim já que Seth sempre foi muito limpo, não deixava nada fora de seu lugar. Todos os seus pertences e móveis estavam perfeitamente ordenados, tudo estava tão organizado. Havia um livro de filosofia na mesa junto ao sofá, uma coleção de música clássica perto do estêreo. Sobre a mesa de trabalho com o computador de Seth uma pasta continha umas folhas de cálculo, era óbvio que estava trabalhando para seu pai, tudo perfeitamente ordenado sob um peso de cristal.

Seth, o filho perfeito.

Salvo que Kade olhou mais ao seu redor, tudo parecia estar montado, as coisas estavam muito ordenadas. Muito cuidadosamente dispostas, como se tivessem sido postas em seu lugar diante da possibilidade de que alguém espionasse, procurando algo fora do lugar. Ou algum sinal



de erro, tal como Kade estava fazendo agora.

Mas Kade conhecia seu irmão melhor que ninguém, ele era uma parte de Seth, provavelmente era pelo vínculo indissolúvel que se criou ao nascer como gêmeos idênticos. Desde meninos eram duas partes de um todo, inseparáveis, com um mútuo acordo tácito um do outro.

Kade tinha acreditava que ele e Seth eram semelhantes em todos os sentidos... até a primeira vez que viu seu irmão comandar uma matilha de lobos, ordenando-os a perseguir e massacrar um urso pardo.

Eram só meninos então, de quatorze anos e desejosos de provar os limites de sua força e habilidade sobrenatural. Seth estava presumindo que como se fez amigo de uma matilha de lobos na zona os podia dominar mentalmente, mais de um animal de cada vez. Kade nunca tinha feito, não tinha se dado conta de que podia fazer o mesmo.

Seth convocou a matilha de lobos só com um uivo, e antes que Kade se desse conta do que estava acontecendo, Seth já estava correndo com eles em busca de presas. Encontraram-se com um urso pardo que estava capturando um salmão no rio. Seth ordenou aos lobos caçar o urso. Para assombro de Kade eles obedeceram, mas ainda mais impressionante e absurdo foi o que Seth lhes ordenou fazer.

Foi um sangrento massacre, uma prolongada batalha... Seth tinha desfrutado, estava todo manchado com o sangue do animal, disse a Kade que se unisse, mas ele estava horrorizado, tinha vomitado no mato, sentia-se tão doente pelo que acabava de presenciar.

Seth zombou dele em privado durante semanas, depois do ocorrido. Tinha incitado Kade para que desafiasse os limites de seu talento para determinar qual deles era o gêmeo mais poderoso. Kade estupidamente caiu em suas incitações, decidido a aperfeiçoar sua habilidade, que era tão natural como respirar. Ele tinha aprendido a amar a sensação da natureza selvagem em sua pele, empapando todos os seus sentidos.

Chegou a ser tão hábil, tão viciado na força de seu talento, que em muito pouco tempo superou Seth. E isto deixou seu irmão furioso, ele já estava ciumento e inseguro, uma combinação realmente perigosa.

Quando se sentiu superado, Seth decidiu demonstrar a Kade que podia fazer algo que ele não se atreveria a fazer. Suas inclinações violentas se tornaram sombrias e perigosas.

Seth decidiu caçar presas humanas.

Alguns meses antes que Kade partisse para Boston, para unir-se à Ordem, Seth e sua matilha de lobos tinham assassinado um ser humano.

Kade ficou furioso, tentou delatá-lo a seus pais e a todos que viviam no Darkhaven, mas Seth pediu que não dissesse nada, disse que tudo foi um tremendo engano e que as coisas escaparam de seu controle, que sua intenção nunca foi assassinar essa pessoa, só estava brincando, mas tudo tinha saído mau.

Ele deveria o ter delatado, mas Seth era seu amado irmão, sua outra metade. E Kade sabia o que essa notícia faria a seus pais, especialmente sua mãe.

Assim preferiu guardar segredo, apesar do peso na consciência que o atormentava a todo



o momento. Por isso Kade aceitou a oferta de Nikolai para unir-se à Ordem em Boston, era a oportunidade para sair de sua casa e deixar todo esse passado atrás.

Mas o assassinato da família Toms reviveu todas essas lembranças, todo esse inferno que seu irmão criou. Mas de algum modo mantinha a esperança que seu irmão não fosse capaz de matar uma família a sangue frio, temia que a promessa que feita há um ano a Seth estava ficando muito difícil de manter.

Começou a caminhar para a porta tentando limpar sua cabeça desses sentimentos de medo que o invadiam. Não se deu conta até que estava saindo do quarto, que caminhava sobre a pele grossa de um urso pardo. A pele cobria grande parte do chão do quarto, e embora já tivessem passado alguns anos desde que Seth e seus lobos mataram esse urso, os grunhidos do animal seguiam atormentando a consciência de Kade. Retornou e se ajoelhou perto da boca aberta do animal.

—Meu Deus, me deixe estar errado,— sussurrou enquanto cuidadosamente colocava a mão nos dentes afiados do urso.

Enquanto sua mão se introduzia na boca do animal, pôde sentir uma bolsinha de tecido que se escondia na parte posterior da garganta do animal.

Kade tirou a bolsa e afrouxou o cordão que a mantinha fechada, em sua mão deslizaram vários anéis de ouro, junto com um bracelete de couro do qual pendurava um dente de urso e uma grande variedade de pequenos fios de cabelo humano, os quais estavam cobertos por sangue seco. Não restava nenhuma dúvida do que estava vendo, Seth era um assassino que colecionava pequenas lembranças de suas vítimas.

—Filho da puta,— Kade murmurou com aspereza. —Está doente, maldito filho da puta.

A ira e a dor se chocaram na boca de seu estômago. Ele não queria acreditar no que estava vendo. Queria encontrar alguma explicação lógica que demonstrasse que Seth não era um assassino.

E embora tivesse as provas em sua mão, resistia a acreditar que seu irmão foi capaz de massacrar à família Toms.

Apesar do temor que estava sentindo, precisava obter mais respostas antes de condenar Seth, precisava de provas que confirmassem a culpa de seu irmão.

Tinha que procurar seu irmão e o encarar de uma vez por todas. E se Seth fosse culpado, então Kade estava disposto a fazer o que devia ter feito na primeira vez que tinha visto a indiferença de Seth pela vida humana.

E se realmente fosse culpado, seria caçado e morto.

Capítulo 8

A maioria das pessoas do povoado se reuniram no bar do Pete's, mas o estrondoso som



da partida de hóquei que transmitiam pela televisão e uma velha canção dos Eagles¹⁷ soando na vitrola perto do único banheiro e da entrada do salão de jogos impediam uma conversa amena. Alex e Jenna se sentaram frente a frente em uma mesa localizada no centro do lugar. Tinham terminado de jantar há algum tempo e agora estavam comendo um pedaço de bolo de maçã caseiro acompanhado de uma fumegante xícara de café saída do micro-ondas.

Jenna bocejou e olhou seu relógio mais de uma vez durante a última hora, mas Alex sabia que sua amiga era muito educada para deixá-la só no bar e ela egoistamente, queria prorrogar sua saída. Por essa razão insistiu na torta e em uma última cerveja, inclusive colocou uma moeda na vitrola para ter a desculpa de esperar que sua canção preferida soasse antes que saíssem.

Faria qualquer coisa para evitar ir para sua desolada casa.

Sentia saudades de seu pai mais que nunca. Já que durante muito tempo, foi seu melhor amigo e confidente. Ele havia sido sua força, seu apoio e seu protetor quando o mundo ao seu redor se voltou de pernas para o ar pela violência que a espreitava. Ele era a única pessoa em quem podia confiar, a única pessoa que diria que tudo sairia bem até o ponto de convencê-la de que assim era.

Mas agora, exceto por seu cão, estava sozinha e apavorada.

A necessidade de escapar e fugir do que havia visto naquele terrível dia da morte dos Toms era quase opressiva. Mas para onde? Se fugir da Flórida ao Alaska não havia sido longe o suficiente para escapar dos monstros que espreitavam suas lembranças, então onde poderia ir para se afastar deles?

—Vais continuar brincando com o garfo ou vai comer o bolo?—, disse Jenna enquanto tomava o último gole de sua cerveja e a deixava sobre a mesa de madeira com um golpe suave. —Foi você quem quis a sobremesa, mas quem comeu quase tudo fui eu.

—Sinto muito—, murmurou Alex enquanto soltava o garfo. —Acredito que não tinha tanta fome como pensava.

—Tudo bem, Alex? Se precisar falar com alguém a respeito do que aconteceu na outra noite na reunião, ou na casa dos Toms...

—Não. Não quero falar disso. O que terei a dizer afinal? As malditas coisas acontecem, verdade?... coisas ruins acontecem com gente boa a todo o momento.

—Sim, é assim.—, disse Jenna em voz baixa, seus olhos obscurecendo sob o resplendor da luminária localizada no canto. —Escute, estive esta tarde na casa do Zach. Contou-me que a polícia montada estatal do Alaska em Fairbanks tem todas as suas unidades ocupadas neste momento, mas estarão nos mandando uma unidade em poucos dias. Enquanto isso, descobriram um vídeo da cena do crime na Internet. Parece que algum sem vergonha esteve lá com uma câmara de um telefone celular não muito depois de você, e postou o vídeo em uma Web ilegal que supostamente paga cem dólares por material que contenha sangue real e tripas.

Alex se inclinou adiante em sua cadeira, seu interesse saltou abruptamente quando

¹⁷ **Eagles** é uma das mais famosas bandas de country rock, tendo seus LP's em primeiro lugar nos Estados Unidos durante quatro anos seguidos, de 1972 a 1976



recordou o que Kade havia dito na casa dos Toms. —Sabem quem foi?

Jenna procurou com os olhos e fez um gesto para a sala de jogos, onde um pequeno grupo de locais estavam jogando dardos.

—Skeeter Arnold—, disse Alex, sem se surpreender que o degenerado, e claramente desempregado que nunca andava sem uma bebida na mão e um cigarro na outra, tivesse sido tão desrespeitoso pelos mortos em troca de uns quantos de dólares. —Que filho da puta. E pensar que ele e Teddy Toms foram amigos pouco antes que...

Não pôde terminar a frase, a realidade era ainda muito crua.

Jenna assentiu. —Skeeter tem grande facilidade para agarrar os meninos que pode manipular. É um drogado e um perdedor. Estive dizendo a Zach que durante o último ano ou mais... tive a suspeita que esse sujeito que esteve colocando drogas e levando álcool nas populações Indígenas onde não é permitido. Infelizmente, a polícia precisar ter isso a que chamam provas antes de prender e seguir com o procedimento e essas coisas, e Zach não para de me recordar que tudo o que tenho contra Skeeter Arnold são só suspeitas.

Alex olhou sua amiga, e viu essa faísca de tenacidade nos olhos de Jenna. —Sente falta de tudo isso?.. ser uma policial, quero dizer.

—Não—. Disse Jenna franzindo o cenho e dando uma sacudida firme de sua cabeça. — Não poderia fazer esse trabalho nunca mais. Não quero ser responsável por limpar as tragédias e crimes de outras pessoas. Além disso, cada vez que visse um acidente de trânsito, estaria me perguntando que coração se partiria em pedaços uma vez que desse meu relatório. Já não tenho estômago para o trabalho policial.

Alex deu um suave apertão nas mãos de sua amiga —Por isso acho que é uma grande policial, e por isso é que me importa. Para você nunca foi um simples trabalho, nem para chamar a atenção. Precisamos de mais pessoas como você que vele pelo resto de nós. E sigo pensando que possivelmente algum dia retorne a isso.

—Não—, respondeu Jenna, e através do vínculo de suas mãos, o sexto sentido de Alex disse que Jenna falava a sério. —Perdi tudo quando morreram Mitch e Libby. Sabe que esta semana faz quatro anos do acidente?

—OH, Jen.

Alex recordava muito bem essa noite de novembro quando os membros da unidade policial montada encontraram o marido de Jenna e sua menininha. Toda a família se dirigia a Galena para um jantar especial, quando uma avalanche de neve fez que Mitch perdesse o controle da Blazer, o carro golpeou um reboque que transportava cinco toneladas de madeira que se dirigia à rua Lower 48.

Mitch dirigia a Blazer e morreu com o impacto. Libby lutou por sua vida durante dois dias no hospital, com fraturas e lesões, mas afinal seu pequeno corpo se rendeu. Quanto a Jenna, esteve em coma durante um mês e meio, só para despertar com a terrível notícia de que Mitch e Libby se foram.

—Todo mundo diz que o tempo cura as feridas. Dê um tempo, então verá que depois será



capaz de se consolar com as lembranças felizes que tinha— Jenna deu uma pausa e retirou sua mão do apertão de Alex, para recolher a garrafa vazia de cerveja. —Passaram quatro anos, Alex. Não deveria estar um pouco curada disso?

—Curada,— disse Alex sarcasticamente. —Sou a pessoa menos indicada para dizer isso... Papai só tem seis meses morto, mas não acredito que possa deixar de esperar vê-lo atravessar a porta de novo. Isso é parte da razão pela que estou pensando que poderia...

Jenna a olhou fixamente enquanto arrastava as palavras. —Poderia o que?

Alex deu de ombros. —Ultimamente pensei, que possivelmente... as coisas poderiam melhorar se vendesse a casa e seguisse adiante...

—Adiante, como? Partir de Harmony?

—Partir do Alaska, Jen— disse Alex enquanto pensava que assim poderia deixar atrás a morte que parecia segui-la a qualquer lugar que ia. Antes que a interrompesse de novo disse. —Só estou pensando que talvez precise começar de novo em algum lugar, isso é tudo.

Não podia ler a expressão de Jenna, que parecia estar presa em algum lugar entre a miséria e a inveja. E antes que sua amiga tivesse algum argumento convincente do por que deveria ficar, um rugido de entusiasmo masculino se escutou do bar.

—O que é tudo isso?—, Perguntou Alex, incapaz de saber o que estava acontecendo já que se encontrava de costas para a gritaria. —A equipe de Big Dave acaba de ganhar ou algo assim?

—Não sei, mas ele e sua tripulação correram a toda pressa para o bar.— Jenna voltou a olhá-la e exalou uma maldição suave. —Você é minha melhor amiga Alex, e sabe que sou condenadamente sincera quando se trata de meus amigos. Não pode só sentar comendo um pedaço de bolo no meio de uma partida de hóquei no bar do Pete's e me dar este tipo de notícia de que está pensando em partir. Desde quando? E por que não falou comigo ou alguém mais sobre isto? Pensei que fôssemos amigas daquelas que contam tudo.

Não tudo, admitiu Alex em silêncio. Havia certas coisas que não se atrevia a compartilhar com ninguém. Coisas sobre si mesma e outras a respeito do que havia visto que a etiquetariam de mentalmente instável ou possivelmente transtornada. Jenna nem sequer sabia como a mãe de Alex e seu irmão menor foram assassinados.

Massacrados era a palavra indicada.

Atacados por criaturas tiradas do pior pesadelo.

Alex e seu pai inventaram uma mentira mais aceitável quando se mudaram até o Alaska para começar uma nova vida, ao ter perdido metade de sua família. Se alguém perguntava, a mãe de Alex e seu irmão menor foram assassinados por um condutor bêbado na Flórida. Morreram imediatamente, sem dor.

Nada poderia estar mais longe da verdade.

Alex havia se sentido culpada por mentir, em especial a Jenna, mas tinha consolado a si mesma, pensando que essa mentira só protegeria sua amiga da acidentada verdade. Ninguém deveria saber do horror do qual Alex e seu pai foram testemunhas e pelo qual fugiram. Ninguém



deveria saber que tal maldade, tão terrível - tão sanguinária e violenta – pudesse realmente existir no mundo.

Repetiu a si mesma que tudo era pelo amparo de Jenna, protegendo sua amiga da mesma maneira que o pai de Alex a havia protegido.

—Só estou pensando no momento, isso é tudo—, murmurou Alex, logo tomou o último gole de sua cerveja quente. Mal pôs a garrafa sobre a mesa, uma garçonete de cabelo platinado se aproximou levando dois refrescos. Os raiozinhos rosa brilhante no cabelo tingido de loiro combinavam com a cor berrante de seu lápis de lábios, Alex notou, enquanto a jovem se inclinava para baixo para colocar as duas garrafas na mesa.

Alex sacudiu a cabeça e disse à garçonete, —OH, espere um segundo, Annabeth. Já pagamos nossa conta e não pedimos isto.

—Eu sei,— disse, e assinalou com seu polegar por cima do ombro para a zona do bar. — Alguém acaba de comprar uma rodada para a casa toda.

Jenna gemeu. —Se for cortesia de Big Dave, passo...

—Não é dele—, disse Annabeth sorrindo amplamente, todo seu rosto se iluminando. — Nunca vi este cara antes, é alto, de cabelo negro, incríveis olhos, e soltando uma fumaça de 'Atraente', absolutamente.

Agora foi a vez de Alex gemer. Sabia que era Kade, inclusive antes que girasse em seu assento e lançasse um olhar buscando no pequeno grupo de homens reunidos no bar. Sobressaía-se sobre os outros, seu sedoso cabelo escuro se encontrava no centro da multidão.

—Incrível—, murmurou a garçonete enquanto se afastava da mesa.

—Conhece-o?—, Jenna perguntou a Alex.

—É o cara que vi ontem à noite na parte detrás da igreja. Seu nome é Kade. E o vi de novo hoje no assentamento dos Toms quando estava fazendo minha visita.

Jenna franziu o cenho. —Que diabo estava fazendo ali?

—Não estou de todo segura. Encontrei-o no abrigo de Pop Toms, parecia como se tivesse rodado na cama metade da noite. Estava muito bem armado, também. E estou falando de um rifle de alto poder, uma faca, arma de mão, e rondando pelos arredores. Deduzo que estava procurando nosso suposto lobo.

—Então não é de estranhar que Big Dave pareça tão apaixonado por ele,— comentou Jenna secamente. —Bom, possivelmente não posso tomar outra cerveja, grátis ou o que seja... estou muito cansada. Ainda tenho que deixar para Zach uns arquivos que me pediu, assim já é hora de ir para casa.

Alex assentiu, tentando não pensar no fato que Kade se encontrava na mesma sala que ela, ou a maneira desconcertante em que seu pulso parecia agitar-se com a ideia.

Jenna ficou de pé e pegou seu casaco comprido do gancho da parede. —E você Alex? Quer que te deixe em sua casa?

—Não,— tão tarde como era, e tão lotado como parecia estar o bar do Pete's agora que Kade estava aqui, seguia atormentando-a o que a esperava em casa. —Vá, não se preocupe por



mim. Vou terminar este bolo e talvez tome uma taça de café para baixar a comida. Além disso, prefiro caminhar, são só duas quadras até minha casa. O ar fresco me fará bem.

—Bom, se estiver certa— a sua afirmação com um assentimento, Jenna lhe deu um rápido abraço. —E não falamos mais que vai se mudar. De acordo? Pelo menos não sem discutir primeiro comigo. Entendido?

Alex sorriu fazendo um débil esforço, —Entendido.

Viu como sua amiga se afastava caminhando através do bar. A policial em Jenna era incapaz de resistir a olhar de esguelha o forasteiro da cidade. Por cima do ruído do lugar, Alex ouviu o tinido oco do sino da porta quando Jenna a bateu atrás dela.

Alex cortou o bolo com a borda de seu garfo, mas se absteve de levar o pedaço à boca. Que demônio estava fazendo? Ela não tinha fome, e a última coisa que precisava era uma taça de café de pouca qualidade no bar do Pete's que a mantivesse acordada toda a noite. Finalmente se convenceu em ir para casa.

Deus, estava sendo ridícula. O que realmente precisava era voltar para casa, alimentar Luna antes que o cão em represália acabasse com a casa por deixá-la abandonada por toda a noite, e logo tentar dormir embora fosse um pouco. Podia pensar em todo o resto pela manhã, quando sua cabeça estivesse limpa. As coisas teriam mais sentido então, pelo menos, esperava.

Logo que ficou em pé e pegou seu casaco, Alex sentiu que as cervejas que havia consumido fizeram efeito em sua bexiga. Genial. Para ir ao banheiro no bar do Pete's, tinha que caminhar direto e passar perto do bar – e de Kade. Considerou aguentar a vontade de ir ao banheiro, mas as duas quadras até sua casa, no impropério frio, seriam uma tortura. Possivelmente inclusive desastroso.

E se Kade a visse e se desse conta que estava ali? Ao demônio, assegurou a si mesma que não era necessário falar, nem sequer olhá-lo.

Sim, era um plano brilhante. Pena que veio abaixo no momento que deu dois passos fora de sua mesa.

Pôde sentir o olhar penetrante de Kade por cima da multidão às zero em ponto sobre ela como dois raios laser. Seu olhar a atravessou, passando por cada terminação nervosa e acabando da mesma maneira – instintiva, eletrizante. Alex tentou ignorar o efeito que provocava nela, que foi muito mais fácil de fazer quando reconheceu a voz áspera de Big Dave se separando da dos outros e escutando-o presumir a respeito de suas últimas façanhas de caça, enquanto Kade sorria como se fosse há muito seu melhor amigo.

Vinte e quatro horas na cidade e já era um dos velhos amigos dos meninos. Mas que demônios acontecia?

Desgostosa, continuou caminhando para o banheiro passando pela vitrola, soltando um pequeno suspiro de alívio ao encontrá-lo desocupado, entrou e se ocupou de suas necessidades. Fazendo rodar seus olhos enquanto os bons momentos e a risada continuava do outro lado da porta.

Só quando foi lavar as mãos e se encontrou em frente ao espelho, notou o abatido e



cansado reflexo de si mesma.

—OH, meu Deus—, sussurrou, desejando que ao menos tivesse tido tempo para retocar o rímel quando saiu de casa. E possivelmente escovar seu desordenado cabelo.

Tentou pentear como pôde um pouco de sua cabeleira loira que estava solta, mas não havia muito que pudesse fazer. Não estranhava que Kade a tivesse olhado dessa maneira, parecia uma medusa¹⁸ ambulante que não teve uma noite decente para dormir em mais de uma semana — e que ironicamente quase se aproximava, admitiu pensando bem.

—Pelo amor de Deus. Por que deveria me importar um caralho o que pense, hein?— disse na frente do espelho. —Esse homem é a última pessoa que preciso impressionar.

Alex assentiu com a cabeça a seu próprio conselho, ao mesmo tempo que se perguntava se todo o ocorrido ultimamente a tinha empurrado à loucura, ao ponto de ter conversas com seu próprio reflexo. Já era bastante mau conversar com seu cão, como se Luna pudesse entender cada palavra, o que a levou a pensar que estava levando as coisas muito longe. Tomando uma respiração profunda, Alex acomodou seu cabelo rebelde atrás das orelhas, logo abriu a porta do banheiro e saiu.

—Tudo bem aí dentro?

Kade. OH, Deus.

Apoiou-se na borda da vitrola, e se deu conta que por fim reproduzia a canção que ela escolheu há quase uma hora. Ele estava sorrindo abertamente, a diversão se estampava nas comissuras de seus lábios e na pálida luz de seus olhos. Teria escutado a disputa interior da ironia de Sheryl Crow¹⁹ cantando seu dilema favorito?

—Vejo que está fazendo amigos em Harmony.

Ele grunhiu, e lançou um olhar casual para o grupo de homens que continuava no bar antes de voltar toda sua atenção de novo para ela. —Big Dave e alguns dos outros vão caçar a matilha de lobos que se viu por aqui ultimamente. Pediram para me unir a eles.

Alex zombou e disse: —Felicidades. Estou segura que todos vocês terão um grande momento.

Enquanto passava junto a Kade, ele disse: —Esta noite também ouvi a respeito de uma morte ocorrida no inverno passado que parece suspeita, a vítima era um homem nativo, vivia sozinho em uma choça a dez quilômetros ao noroeste de Harmony. Big Dave suspeita que os lobos foram os responsáveis por isso também.

Alex deu a volta, sacudindo a cabeça em negativa. —Está falando de Henry Tulak? Era um bêbado e estava um pouco louco. O mais provável é que fez algo estúpido e por essa mesma razão tenha morrido.

Kade encolheu os ombros: —Big Dave e os outros disseram que não pôde se provar nada por que o corpo de Tulak não foi descoberto até o degelo da primavera. Mas então, não restou

¹⁸ Medusa é uma personagem da mitologia grega com o aspecto de uma mulher, mas que possuía serpentes no lugar de seus cabelos e petrificava quem olhasse diretamente em seus olhos.

¹⁹ **Sheryl Suzanne Crow** é uma famosa cantora, compositora e instrumentista norte-americana. É formada em música e composição.



quase nada dele, só alguns ossos.

—Se vivesse no interior do Alaska por um bom tempo – como afirmou - saberia que nada dura muito tempo no monte. Se o frio não te matar, a falta de vontade o fará. Isso não quer dizer que os lobos matassem esse homem.

—Talvez não—, disse Kade. —Entretanto dizem que na última vez que alguém viu Tulak vivo, estava falando de ter visto uma matilha de lobos rondando os arredores de sua casa. Disse que sentia como se estivessem classificando-o segundo seu tamanho, esperando sua oportunidade para atacar.

A frustração de Alex explodiu ao ouvir este tipo de merda incoerente, e especialmente vindo de Kade, a quem ela considerava mais inteligente que Big Dave e sua turma de amigos.

—Big Dave diria algo que chamasse atenção. Essa é sua natureza, e se eu fosse você, não daria muita importância a tudo o que diz.

—Alex, estou aqui para recolher informação. Big Dave parece ser o único disposto a me dar informação. O resto das pessoas da cidade fogem das perguntas, dizem meias verdades, e nenhuma que me interesse.

Bem, agora se sentia ofendida. Seu indicador de bem-estar ardia de frustração e de fúria.

—Por que está realmente aqui? Fala a respeito de evasões e meias verdades! Se olhe. Aparece aqui, ninguém te conhece, ninguém sabe sequer de onde vem.

—Já disse, do norte de Fairbanks. Mas se vamos ser honestos um com o outro, na realidade venho de Boston.

Assim realmente não vinha do Alaska, vinha de fora. Não poderia estar menos que surpresa. De forma casual como possível, pôs sua mão na parte superior de seu antebraço e se inclinou para Kade, como se fosse um policial que vai interrogar uma testemunha que não coopera. —Como chegou a Harmony, quando o mau tempo nos últimos dias não deixou que ninguém mais pudesse chegar? Além disso quero saber, como saiu da casa dos Toms depois de deixar Harmony ontem à noite?

—Caminhei, é óbvio, com sapatos especiais para a neve.

—Caminhou mais de 74 Kms no meio da noite.— Alex riu, mas sem humor. Ela escutou a coceira de seus instintos enquanto mantinha a mão sobre seu braço, esperando que seus sentidos dissessem se ele era digno de confiança. Não registrou nada, ele era tão claro como cristal. Entretanto, isso não mudava o fato de que tentava persuadi-la. —Muita estupidez. Fica aí parado me acusando de que minto, quando não me disse nada mais além de que seu nome é Kade e é um caçador de recompensas que busca tirar proveito da matança de uns lobos inocentes.

Ele só se incomodou em sacudir sua cabeça. —Nunca disse que vim aqui para caçar lobos, ou por uma recompensa ou o que seja. Você que supôs isso. E se enganou.

—De acordo, rendo-me então. Então me diga o que está fazendo aqui, e por que veio carregando todo esse arsenal de armas? O que exatamente quer, Kade, o não-caçador de lobos do norte de Fairbanks que chegou de Boston?

—Já disse hoje quando nos encontramos antes. Quero respostas. Preciso saber a verdade—



toda a verdade- a respeito do ocorrido aos seus amigos. E acredito que você pode me ajudar com isso, Alex. Acredito que é a única pessoa que pode.

Ele pousou seu olhar onde ela ainda tinha a mão sobre seu braço. Alex a retirou bruscamente, a voz dele até vibrava em seu interior, suas palavras diziam que podia confiar nele, independentemente de se seus instintos o confirmarem ou não.

Ela não queria se sentir tão atraída por ele, maldita fosse. Ela não queria depositar sua confiança no que ele dizia, não quando seu coração estava pulsando a uma velocidade incrível... e tudo gritava que fugisse. Fugir, isso, antes que ela cometesse o engano de deixar que este homem entrasse em seu inferno privado quando nem sequer sabia nada sobre ele.

—O que está tentando fazer? —, Perguntou Alex em voz baixa, desejando ter força para se afastar e deixá-lo ali, em vez de ceder à curiosidade de querer saber mais. —Que tipo de jogo está jogando?

—Eu não sei o que quer dizer—, disse Kade, apesar da firmeza de seu intenso olhar que dizia que não havia muito lhe escapasse. —Que jogo acredita que estou jogando?

Alex o olhou fixamente, obrigando-se a tentar ler em seus olhos todas as coisas que provavelmente não diria. —Diz que não é um caçador de lobos, mas deixa que Big Dave e os outros acreditem que seja. Diz que quer informação, entretanto não me dá nada em troca. Assim me diga é dos meninos bons, ou dos maus? Hein? De que lado está, Kade?

Algo flutuou através de sua expressão. —Alex me diga uma coisa, classifica tudo entre bom ou mau? Branco ou preto? Todos somos bons ou maus segundo seu julgamento?

—Sim, assim é— Ela não pensou dessa maneira, mas teve que admitir que realmente gostava das coisas claras. O que estava bem, estava bem, e o que estava mau, estava mau, ponto. E em sua experiência pessoal, tinha uma linha muito clara entre o bem e o mau.

E Kade ainda não havia respondido a sua pergunta.

Para sua surpresa, ele esticou a mão e passou os dedos por sua bochecha, onde alguns de seus cabelos haviam caído em seu rosto. Ela sabia que deveria recuar ante aquele gesto, mas essa fugaz carícia - por mínima que fosse - era muito boa para se negar. —Alex, pode ser honesta comigo. Pode confiar em me contar, não vou te fazer mal.

Deus tenha piedade dela, mas estava tentada a soltar tudo ali e agora. Não sabia quem era este Adão na realidade, mas quando o olhava nos olhos, ainda podia sentir o calor de seu toque na pele, nesse momento queria acreditar que podia confiar plenamente nele de verdade. Em algum canto de seu coração, aquela pequena jovem assustada, tinha a esperança de que ele fosse capaz de ajudar a desterrar alguns desses demônios que a açoitaram quase toda a sua vida.

Ela sentia inexplicavelmente, que se contasse sobre as bestas que mataram sua mãe e seu irmão pequeno - essas mesmas bestas que estava certa que mataram à família Toms, também - Kade a entenderia. Que ele, de todas as pessoas, seria seu aliado mais forte.

—Pode me dizer isso - disse com uma voz profunda, persuasiva e doce. —Me fale a respeito do rastro que viu na neve. Sabe do quê ou de quem poderia ser esse rastro, verdade? Diga-me isso Alex. Quero te ajudar, mas necessito que me ajude primeiro.



—Eu... — Alex tragou saliva, tentando encontrar coragem, —O que vi... é difícil de explicar com palavras ...

—Sei, mas não se preocupe, está bem, prometo. Está a salvo comigo.

Ela respirou fundo, sentia-se tão nervosa, mas isso não impediu que uma rajada de fumaça e o aroma de roupa suja de algum lugar próximo chegassem ao seu nariz. Inclusive não tinha registrado de onde provinha esse aroma rançoso, até que viu Skeeter Arnold e alguns seus companheiros que se dirigiam à sala de jogos. Skeeter tinha um telefone móvel decorado com uma caveira em uma de suas mãos e na outra uma cerveja, com a ponta da garrafa assinalou em direção a Kade e disse —Ei!! Obrigado pela rodada de cerveja, amigo. Isso fala bem de você.

Kade deu uma olhada a Skeeter, e Alex não pôde ocultar seu rechaço. De certo modo agradeceu o fato que Skeeter cruzasse em seu caminho, já que podia distraí-la um pouco dessa loucura temporária que a fazia pensar que podia confiar nesse desconhecido que estava jogando com ela como se fosse um instrumento de seu próprio desenho.

—Suponho que não te cai bem esse cara,— disse Kade enquanto Alex reprimia em seu interior um arrepio de repugnância.

Ela grunhiu. —Sabe o vídeo que mencionou, em que saem as imagens do assassinato da família Toms, que está na Internet? Bom, esse foi o canalha que o fez.

Os olhos de Kade se entrecerraram procurando Skeeter por toda a sala, seu olhar era tão intenso que parecia letal. E quando Alex o olhou, deu-se conta que as tatuagens no antebraço apenas visíveis sob as mangas de sua camisa, não eram de cor avermelhada como recordava mas sim de um profundo azul escuro.

Bom, isso era certamente estranho.

Talvez devido a quantidade de cerveja estava vendo suas tatuagens mudando de cor. Ou possivelmente não recordava bem a cor. Ficou surpresa na primeira vez que as viu na casa dos Toms, sem mencionar o fato que seu incrível corpo estava semidesnudo, além disso, era completamente possível que tivesse confundido a cor da tinta. Exceto que ela nunca viu um corpo tão musculoso e perfeito, a imagem dele fechando as calças como se acabasse de levantar da cama, era uma imagem impossível de remover de sua memória.

Depois de um longo minuto em que Kade olhou fixamente Skeeter, finalmente voltou todo seu interesse para Alex. —Com ele vou falar mais tarde. O que você tem a me dizer é mais importante.

Alex deu um passo para trás ao perceber o perigo no homem embora falasse no mesmo tom delicado de antes. Mas algo era diferente, havia um ar ameaçador nele que a pôs em alerta.

Então recordou que não havia respondido sua pergunta se ele era bom ou mau.

—Acredito que é melhor eu ir—, murmurou Alex, ao mesmo tempo que recuava um passo antes de virtualmente correr para a porta.

—Alex—, ouviu que a chamava as suas costas.

Mas ela continuou avançando, através do monte de pessoas que estavam no bar, e desesperada por um pouco de ar fresco do exterior, poder sentir a liberdade, e deixar atrás o



dilema que havia formado com Kade.

Capítulo 9

Kade soltou um grunhido baixo quando observou Alex atravessar o bar e correr em direção à saída.

Ele tinha pegado um pouco pesado com ela, uma tática que deveria saber que falharia simplesmente pelo breve tempo que passou ao seu redor, estudando a forma como se comportava. Alexandra Maguire só afundava mais forte em seus calcanhares se alguém tentasse ajudá-la.

E então, a inda por cima, piorou tudo tendo a má ideia de tocá-la.

Ele não foi capaz de resistir, e uma parte dele, reconheceu no momento que ocorriam as coisas que ela parecia dar boas vindas ao contato. Justo até o momento em que o folgado gordurento com olhar fixo de cansaço e um magro nariz em forma de bico se aproximou caminhando e os interrompeu. Kade teve um forte impulso de golpear o homem só por isso, sem importar o fato de que o drogado também foi a pessoa que difundiu uma prova visual do ataque de vampiro por todo o Extenso Mundo da Web.

Quando falou com Alex, Kade viu o medo em seus olhos quando a pressionou por respostas. Estava apavorada para cuspir as palavras, mas ele estava certo que esteve muito perto de conseguir que se abrisse completamente sobre o que sabia exatamente. E a sensação de frio como o gelo em suas vísceras dizia que o que ela sabia era algo muito mais profundo que simplesmente o recente ataque e assassinato da família nos bosques.

Ela poderia possivelmente ser consciente da existência da Raça?

Teria visto alguém de sua Estirpe antes?

Jesus Cristo, e se ela encontrou algo mais que simplesmente um rastro inexplicável no estabelecimento dos Toms?

Se ela tivesse informação que pudesse implicar Seth com os assassinatos – ou exonerá-lo, fina como parecia essa esperança Kade tinha que saber. Ele tinha que saber agora mesmo.

E se ela realmente, de fato, sabia qualquer vislumbre a respeito da Raça, Kade calculou que seria um inferno muito mais simples apagar sua memória fora nas sombras do estacionamento fracamente iluminado do que no meio de um restaurante-bar completamente lotado.

Ele partiu atrás dela no estacionamento coberto de neve. Ela já estava do outro lado do curto espaço de neve amassada, caminhando rapidamente a frente de duas caminhonetes e da meia dúzia de motoneves estacionadas fora do Pete's. Ela sequer diminuiu o passo quando o tilintar da campainha da porta soou atrás de Kade quando ele saiu para a varanda coberta, e caiu, energicamente sobre seus calcanhares.



—Sempre foge quando se assusta?

Isto a deteve em seco. Ela girou, com um estranho olhar em seu rosto, como se seu comentário tivesse golpeado muito perto do alvo. Mas então piscou e o olhar se partiu, substituído com um olhar estreito e uma inclinação obstinada de sua encapuzada cabeça. — Alguma vez se dá por vencido, mesmo quando sabe que não vai ganhar?

—Nunca,— disse ele, sem vacilar.

Ela resmungou uma maldição particularmente vivida e continuou caminhando em direção à rua. Kade a alcançou com poucos passos.

—la me dizer algo lá no bar, Alex. Algo importante que eu, em realidade, preciso saber. O que era?

—Meu Deus!— Ela girou para ele, com a cólera brilhando intermitentemente em seus vulneráveis olhos castanhos²⁰. —É impossível, sabe disso?

—E você é formosa.

Ele não entendeu por que disse isso, só que achou muito difícil manter esse pensamento dentro de sua cabeça quando ela estava ali de pé, açoitada pelo vento e a terra selvagem, com as bochechas rosadas pelo beijo do frio Ártico, o cabelo loiro emoldurando seu rosto com ondas desgrehadas sob a pele do capuz de sua parka.

Se Brock ou qualquer um dos outros guerreiros em Boston o escutasse agora mesmo, suporiam que estava jogando com esta fêmea, seduzindo-a com adulações para obter o que desejava dela. Kade mesmo desejava acreditar que essa era a causa de seu torpe balbuciar. Mas quando observou Alexandra Maguire, sua beleza natural iluminada pela fina luz da lua no alto e o resplendor multicolorido dos anúncios de neon do bar nas janelas atrás dele, Kade sabia que não jogava nenhum tipo de jogo aqui. Ele se sentia atraído por ela – ferozmente atraído – e queria que ela entendesse que não era o inimigo.

Não precisamente no momento.

Sua indignação foi apaziguada com algo parecido a confusão assim que ela começou a deslizar um passo para trás para se afastar dele. —Realmente tenho que ir agora...

Kade levantou sua mão, mas parou repentinamente antes de segurá-la.

—Alex, não importa o segredo que guarda, pode me contar. Deixe-me compartilhar parte da carga com você. Permita-me proteger você do que seja que está te assustando tanto.

Ela negou com a cabeça, suas sobrancelhas café-claro se uniram juntas em um cenho. — Não preciso de você. Sequer te conheço. E se precisasse compartilhar, tenho amigos a quem posso me dirigir em seu lugar.

—Mas não contou a nenhum deles, verdade?— Não era uma pergunta, e ela sabia assim como ele. —Não há outra só pessoa em sua vida que saiba o que mantém engarrafado dentro de si mesma. Diga-me se estou errado.

—Cale-se—, ela murmurou, seu fôlego convertendo-se em vapor pelo ar frio, sua voz

²⁰ No original estava “brown doe eyes” Doe é corça, cerva ou veado-fêmea. Características da pessoa seriam: grandes olhos castanhos, mas muito vulneráveis e inocentes e que podem ter problemas para serem levadas a sério.



rompendo-se brandamente. —Simplesmente cale-se. Deixe-me quieta. Não sabe nada a respeito de mim.

—Alguém realmente conhece você, Alex?

Ela ficou tão quieta e em silêncio, que Kade pensou que com certeza tinha cruzado outra linha que a levaria mais longe dele. Mas ela não girou para se afastar, deixando-o comendo poeira. Ela não o amaldiçoou, ou golpeou, ou gritou para que alguém saísse do Pete's e o fizesse por ela. Ela ficou ali, olhando-o nos olhos em um silêncio tão perdido, tão quebrado.

Seu dever de guerreiro de compilar informação vital e apagar um potencial risco de segurança para a Ordem se chocou com o impulso repentino que teve de oferecer bem-estar, proteger esta fêmea que dizia tão fervorosamente não precisar disso.

Kade deu um passo mais se aproximando dela, e então a tocou novamente. Simplesmente o mais ligeiro roce das pontas de seus dedos sobre uma mecha de seus cabelos cor ouro quando este se moveu com a brisa invernal. Ela não se moveu. Seu fôlego passou por entre seus lábios entreabertos, e tão perto, Kade podia ouvir o acúmulo de sangue pulsando através de suas veias assim como sua frequência cardíaca pulsando num ritmo acelerado.

—Me perguntou no bar se eu era um cara bom ou mau—, recordou a ela, com voz grave e áspera ao ser consciente do calor de seu corpo mesclando-se com o dele enquanto avançava lentamente mais perto de seu espaço. Ele negou com a cabeça lentamente. —Esse não é meu tipo de natureza, Alex. Talvez ache que tenho certa quantidade de ambas. A forma que vejo o mundo, tudo é somente diversas sombras de cinza.

—Não... não posso viver assim,— disse ela, com um tom de sua voz nua pela sinceridade. —Isso faria tudo muito complicado, muito complicado para reconhecer o que é certo ou não. Muito difícil para saber o que é real.

—Eu sou real,— disse Kade, sustentando seu olhar enquanto a acariciava com os dedos ao longo da curva de sua mandíbula. —E você parece muito real para mim, também.

Ela suspirou brandamente com seu toque, e quando seus lábios se entreabriram, Kade baixou sua boca contra a dela em um impulsivo – e instantaneamente elétrico – beijo.

Ele segurava seu rosto meigamente com sua palma enquanto deslizava seus lábios sobre os dela e saboreava o calor suave, molhado de sua boca. O beijo de Alex era claramente doce e aberto... tão condenadamente bom. A sensação de seu corpo pressionado contra o seu enviou uma sacudida de fogo líquido nadando através dele, queimando cada célula de seus órgãos pela imagem de suas curvas magras e a cálida essência de vento e bosques nela.

Ele não estava pensando em reunir informação ou encontrar um lugar tranquilo para limpar sua mente uma vez que tivesse a informação que precisava. O que sentia nesse momento não tinha nada a ver com oferecer bem-estar ou proteção, tampouco.

Tudo o que sentia era a necessidade por esta mulher, seu desejo por ela alarmantemente intenso.

E uma fome que estava crescendo cada vez mais, devorando-o, enquanto Alex permanecia por mais tempo entre seus braços.



Com um beijo simples, não planejado, ela o estava afogando em uma esmagadora onda de luxúria e sede de sangue. Ele não se alimentou desde que chegou ao Alaska, um irrefletido descuido que agora afundava suas afiadas garras nele, exigindo ser satisfeito completamente com a mesma urgência como o palpar que golpeava forte e quente entre suas pernas.

De algum lugar da névoa banhada em fome de sua consciência, Kade escutou o estrondo de um veículo se aproximando do estacionamento. Ele queria ignorar o grunhido do motor da caminhonete, mas então uma voz masculina gritou das sombras.

—Alex? Tudo bem aqui fora?

—Merda,— murmurou ela, recuando agora. —Isto foi um erro.

Kade não disse nada quando ela se afastou vários passos, pois falar seria um pouco difícil, considerando que suas presas agora enchiam sua boca. Ela não o olhava, coisa que convinha a Kade, já que um só olhar aos seus olhos neste momento - convertidos do cinza pálido que normalmente eram à cor âmbar brilhante que o delatava como um Raça – teria convertido o mau impulso de beijá-la em uma catástrofe de enormes proporções.

—Eu nunca devia ter permitido isso,— ela sussurrou, logo escapuliu.

Kade dirigiu um olhar cuidadoso acima de seu ombro para a Blazer que levava o emblema e Agência de Polícia do Estado do Alaska, o Alaska State Trooper, observando como Alex se aproximava da caminhonete.

—Ouça, Zach. O que aconteceu? Pensei que Jenna estava em sua casa.

—Justamente acaba de partir. Disse que estavam no Pete's, assim pensei em passar por aqui e tomar uma cerveja com você.— A voz de Tucker foi levada pelo vento frio. —Que diabo está fazendo aqui fora? Estava com alguém?

—Não, não, com ninguém,— ela disse. Kade sentiu, ou melhor observou, o rápido olhar para trás que lhe disparou Alex entre as sombras onde estava parado. —Acabo de sair. Me dá uma carona para casa?

—Claro, entra,— disse Zach Tucker, e Alex abriu a porta e subiu.

Kade pressionou a mandíbula para mantê-la fechada, reprimindo a luxúria que ainda corria através dele enquanto a observava fechar a porta e partir com o macho humano. Ele detectou idiotice no tom casual do patrulheiro, e supôs que Zach Tucker não era o único homem que estava encantado por usar qualquer desculpa para ficar na companhia e boa vontade da sexualmente atraente Alexandra Maguire. Kade teve um impulso muito forte de ir atrás dela, sem importar que estivesse feliz por livrar-se dele ou não.

Mas se precisava de algo que o distraísse dessa ideia, ele conseguiu imediatamente quando a porta do bar se abriu de repente e saiu Skeeter Arnold e três de seus camaradas.

Kade observou o grupo de meninos de vinte anos sorrir com satisfação enquanto se desvaneciam e Skeeter ficava sozinho enquanto seus amigos saíam dali em um velho e buliçoso F150 velho e retumbante. Quando Skeeter começou a caminhar para o estacionamento traseiro, Kade se encaminhou para as sombras para segui-lo e assim poder ter uma ou duas palavras a respeito dos perigos de desgostar um grupo de vampiros.



Mas antes que Kade desse dois passos em direção ao “bundão”, faróis iluminaram o estacionamento, e um Hummer negro começou a seguir atrás de Skeeter Arnold. O veículo brilhou debaixo das luzes débeis da quadra, e em comparação com as outras velharias que estavam estacionadas no Pete’s, Kade apostaria seu testículo esquerdo que quem conduzia esse automóvel não era da localidade. Quando o veículo baixou a velocidade de forma deliberada para ficar no mesmo passo que Skeeter, que fez uma pausa para introduzir sua cabeça dentro da janela do passageiro que se encontrava aberta, os cabelos da nuca de Kade se arrepiaram com suspeita.

Que diabos queria alguém com gosto por uma Hummer com um perdedor como Skeeter Arnold? Alguém disse algo ao drogado em um tom apenas audível antes que ele risse abafado e assentisse com veemência.

—Sim, claro. Pelo preço justo, eu estaria interessado em escutar mais a respeito disto,— ele disse, então abriu a porta e saltou dentro.

—Que caralho está fazendo?— murmurou Kade, quando o veículo se afastou velozmente, levantando pedaços de neve em seu caminho.

Teve a sensação que, quaisquer que fossem as transações entre Skeeter Arnold e seu recém-descoberto sócio de negócios, ia ser algo muito maior que a tarifa habitual do negociante de pouca importância.

Uma baixa, sussurrante e velha canção sentimental emitida pela estação local estava tocando no painel do carro de Zach enquanto Alex dava uma olhada através do espelho lateral, observando como o estacionamento do Pete’s se desvanecia na escuridão atrás dela.

—Obrigado por me trazer, Zach.

—Não há problema. Eu tinha que sair para comprar ovos e molho picante, de qualquer maneira. O café da manhã de campeões, já sabe. Dos policiais de trinta e cinco anos de idade sem nenhum sentido de nutrição.

Alex lhe dedicou um sorriso cortês enquanto viajavam as últimas duas pequenas quadras até sua casa. Sentia-se tão pouco aliviada por ter feito papel de boba para escapar de Kade como fez, mas o fato era que deu boas vindas ao resgate. Deus sabia que precisou, antes que ficasse tentada a fazer algo mais com ele ali fora na intempérie, entre as caminhonetes e as motoneves.

Em que estava pensando ao deixar um completo estranho fazer essas coisas? Ela não era do tipo que permitia que um sujeito se aproveitasse dela com adulações vazias ou mãos ligeiras – e sendo uma moça solteira no centro do Alasca, ela sabia que muitos homens tentaram.

Exceto que com Kade esta noite, não havia sentido nenhum tipo de jogo ou manobra, tão devastadora como a arte de sedução que parecia emanar dele. E embora nunca houvesse visto seu rosto antes que aparecesse ontem, ela teve que admitir – para si mesma ao menos - que ele parecia tudo, exceto um desconhecido.

Kade parecia conhecê-la – assim como compreendê-la – a um nível que a assombrava.

Parecia ser capaz de olhar profundamente dentro dela, nos lugares escuros que nem mesmo ela era o suficientemente valente para confrontar, e isso era o que a aterrorizava mais a



respeito dele.

Era esse sentimento desconcertante de sua consciência que a havia feito com tanto desespero escapar dele esta noite.

—Lar doce lar, — disse Zach, interrompendo seus pensamentos enquanto se detinha na parada fora de sua casa de madeira curtida. —Jenna provavelmente já comentou isso, mas obtive a garantia que a unidade do AST²¹ de Fairbanks chegará aqui o mais tardar esta semana.— Ao assentimento de cabeça de Alex, ele levantou seu braço direito por cima do respaldo do assento e se inclinou um pouco mais perto. —Sei que isto não é nada fácil para você. Diabos, não é fácil para mim, tampouco. Conheci Wilbur Toms e sua família por vários anos. Não sei como esse tipo de coisas horrendas pôde ter ocorrido. Mas a verdade sairá à luz, Alex. Sairá.

O rosto de Zach, meio iluminado pelas luzes pálidas do painel, parecia preocupado e cauteloso. E depois da abrupta reunião na cidade, ela mal poderia se surpreender se seus instintos de policial comunicavam que ela ocultava algo.

—Se houver algo mais que recorde da cena do crime, Alex, preciso que me diga, de acordo? Qualquer coisa. Eu gostaria de saber que estamos no mesmo espaço de tempo quando chegar a unidade de Fairbanks e começar a laçar sua carga ao redor do povoado.

—Certo,— ela murmurou. —OK, Zach. Se lembrar de algo mais, me assegurarei de dizer.

Inclusive enquanto falava, sabia que nãoalaria mais sobre a pista que observou na neve ou o medo profundo em suas vísceras que sentiu de que algo terrível estava solto nos páramos²² gelados não muito longe de onde se encontravam agora. A coisa que temia fosse pior que qualquer tipo de perigo que pudesse representar um homem ou um animal. Era um monstro. Não podia ser detido por Zach Tucker ou um monte de estatais, e Alex ia tentar endemoniadamente se esquecer de tudo isto.

Ela também ia tentar esquecer tudo o que ocorreu nos pântanos da Flórida há tanto tempo, também. O melhor era que deixasse que tudo se fosse, enterrando fundo, e seguindo adiante.

Ou se afastando.

Fugindo.

—Durma bem, — disse Zach enquanto ela saía do veículo e fechava a porta do passageiro. —Pode me chamar a qualquer momento, sabe?

Ela assentiu com a cabeça. —Obrigado, Zach. E obrigado novamente por me trazer.

Ele esboçou um breve sorriso para ela antes que pusesse o veículo em marcha e se afastasse no carro. Enquanto Alex se dirigia para a porta principal da velha casa que compartilhou com seu pai desde que era aquela garotinha assustada, desarraigada do mundo inteiro — assim como de toda a realidade - a ideia de fugir assustada de tudo isto só se aprofundou. Seria muito

²¹ AST – Alaska State Trooper, ou Agência de Polícia do Estado do Alaska

²² **Páramo** é um neotropical ecossistema. Ele está localizado na altitudes elevadas, entre a linha superior da floresta (cerca de 3000 m de altitude) e da linha de neve permanente (cerca de 5000 m). O ecossistema consiste de acidentados, na maior parte da geleira formou vales e planícies, com uma grande variedade de lagos, pântanos e campos úmidos intercalados com arbustos e manchas de floresta.



mais fácil deixar para trás suas lembranças. Começar novamente em um lugar diferente seria o melhor caminho para que purgasse seus medos que tanto a perseguiram, que haviam voltado agora mais sombrios, mais terríveis do que nunca.

Ela não poderia confrontar um horror como esse outra vez.

Tampouco podia se permitir ser cortejada com uma condição de falsa confiança por qualquer sujeito – inclusive por um homem como Kade – podia manter-se firme contra uma maldade como a que ela sabia que existia. Envolver-se com ele a qualquer nível era a última coisa que precisava. Entretanto, isso não a impediu de perguntar o que pensava dela agora, se desejava que ela se desculpasse antes de abandoná-lo no frio.

Ela tentou não pensar na forma que sua boca se ajustava tão perfeitamente, tão eletricamente quente na sua. Tentou não pensar na forma que seu coração ainda pulsava rapidamente, seu estômago ainda enrolado em um nó de excitação com só o pensamento de estar em seus braços. Tentou não imaginar o que poderia ter ocorrido se Zach não tivesse chegado quando o fez, mas imaginou a si mesma com Kade – talvez juntos e nus em sua cama, talvez apressadamente lhe baixando o zíper, fora de controle no meio do estacionamento do Pete's, se não podiam chegar mais longe era perturbadoramente simples de fazer.

—OH, isto não está bem,— ela resmungou em voz baixa enquanto abria a porta e entrava para ser recebida por beijos ansiosos de seu cão lobo que agitava feliz sua cauda. —Sei, Luna, sei... me atrasei. Sinto muito, querida. foi um longo dia para mim, também. Vamos, vamos nos ocupar de você agora.

Alex soltou a cadela na parte traseira para que fizesse as necessidades enquanto ela preparava uma tigela de comida e água fresca. Depois que Luna entrou e começou a comer seu alimento, Alex tirou a jaqueta e as roupas enquanto se dirigia pelo corredor para o banheiro para uma atrasada, mas longa e quente ducha.

O roçar quente contra sua pele nua não fez nada para apagar o calor persistente do beijo de Kade. Ela se ensaboou, tentando recordar há quanto tempo não tinha permitido que um homem percorresse apreciativamente com as mãos seu corpo nu. Quanto tempo havia passado desde que ela esteve intimamente – verdadeiramente intimamente – com alguém? O momento de debilidade que passou com Zach algumas semanas depois que seu pai morreu realmente não contava. Aquela foi apenas uma noite, algumas horas, em realidade. Ela estava em uma ruína emocional e supunha que só necessitava de alguém que a ajudasse para que tudo desaparecesse, embora fosse por um momento.

Era isso o que estava fazendo com Kade? Estava ela prendendo-se a ele, confeccionando algo entre eles que não estava realmente ali – certamente não podia estar ali – devido ao novo trauma que estava passando agora?

Talvez isso fosse tudo, uma sensação temporária de estar à deriva, em busca de um porto seguro. Esta noite Kade havia dito a ela que estaria a salvo com ele. Embora uma parte acreditava – uma instintiva, parte primitiva dela – também sabia que o fogo que se avivou em seu interior com simplesmente um beijo havia sido tudo, exceto seguro. Ela não podia deixar de sentir que se



aproximava de um risco maior do que alguma vez poderia tomar. Ele viu muito sobre dela, sabia muito. E esta noite a fez sentir muito.

Alex gemeu quando se inclinou para frente no apertado box combinado de banheira e ducha, encostando seu antebraço contra os azulejos lisos e apoiando sua cabeça sobre ele enquanto a água quente molhava seu corpo. Ela fechou seus olhos e ali estava Kade. Seu rosto cinzelado, assombroso. Seus brilhantes, penetrantes e intensos olhos. O calor dentro dela estava ainda ali, calor que a fez sussurrar seu nome enquanto dirigiu para baixo sua mão livre para se tocar como se fosse ele.

Ela relaxou em um abandonado estado de felicidade, deixando que a água quente e o vapor e os pensamentos sobre ele fizessem todo o resto desaparecer.

Capítulo 10

Kade ficou observando atrás na escuridão, escondido em um bosque de abetos²³ e pinheiros a uns quinhentos metros de onde o luxuoso carro levou Skeeter Arnold. O lugar ficava a uns 37 quilômetros de Harmony, situado perto da base de uma pequena montanha e um afluente estreito que vinha do Koyukuk, os dez acres de terreno e os edifícios de cor branca estavam rodeados por umas cercas de aço de uns quatro metros e meio de altura com espirais de lanças. Havia luzes de segurança e câmaras montadas por todo o lugar, e dois guardas uniformizados estavam tentando manter-se quentes na cabana em frente levando rifles de grau militar.

Kade poderia ter imaginado que o lugar pouco amigável era uma prisão de máxima segurança. Mas havia um letreiro de metal atarraxado na porta que dizia em letras negras: EMPRESA MINEIRADORA COLDSTREAM.

No pátio estavam um grupo de trabalhadores descarregando caixas fechadas de diversos tamanhos de um contêiner, o lugar parecia ser uma espécie de armazém. Algumas das caixas eram levadas direto ao armazém, enquanto outras eram levadas a entrada assegurada da mina.

Curioso, curioso, pensou Kade, calculando que as mais de duas horas que Skeeter estava dentro do escritório principal não seriam uma entrevista para alguma vaga. Kade estava mais que disposto a questionar os humanos sobre seu negócio aqui—junto com o resto de seu projeto empresarial—mas se os novos amigos de Skeeter não o soltassem nos próximos minutos, seu interrogatório teria que esperar por outra ocasião. Era mais importante contatar com a Ordem e os fazer saber o que descobriu até o momento. Ele também tinha que resolver o assunto pendente com Alexandra Maguire.

Para completar a irritação sua libido se animou só com a sugestão ansiosa de voltar para Harmony e procurá-la de novo. Não ficou surpreso que esses pensamentos estivessem a fogo

²³ **Abeto** é o nome popular das diversas espécies do gênero *Abies*. São árvores coníferas da família Pinaceae, nativas de florestas temperadas da Europa, Ásia e América do Norte.



lento sob sua consciência. Até podia sentir esse fogo descendo por suas extremidades cada vez que lembrava desse beijo, desejava essa mulher com todo seu corpo.

O que era uma má notícia.

Má notícia desejar essa mulher tanto, já que grande parte de sua missão dependia de manter seu silêncio. Desviar suas suspeitas, custasse o que custasse. Apagar o risco que supunha para a missão, as metas da Ordem e a segurança da Raça em conjunto.

Qualquer coisa que Alexandra Maguire soubesse a respeito dos assassinatos —algo que soubesse da espécie de Kade—tinha que ser apagado, apagado rapidamente.

Só mais cedo nesse dia que ele considerou seduzi-la para tirar a verdade, se fosse necessário? Agora esse plano se desdobrou em si mesmo, porque se esse beijo mostrou algo, era que afastar-se de Alex—inclusive em nome do dever—não seria fácil. Ela já tinha um efeito imprevisto sobre ele, da raia de independência de quilômetros de largura que ela usava como uma máscara cuidadosamente colocada, até o indício gasto de vulnerabilidade que havia nela esta noite.

Não, retornar para procurar Alex em casa agora não era uma opção. Além disso duvidava que ela visse com bons olhos sua espreita depois da forma em que o abandonou no Pete's. Inferno, pelo que sabia, Zach Tucker ainda poderia estar com ela. Obviamente eram amigos, e sem dúvida o policial de aparência agradável apelava para sua necessidade declarada de categorizar tudo em compartimentos ordenados. Do seu chapéu arredondando e uniforme meticulosamente engomado, até a parte superior de suas botas presas com laços precisos, o Oficial Tucker projetava uma imagem de homem correto e honesto, branco e preto, um bom cara atraente.

Mas havia algo que Kade não gostava sobre esse homem. Em parte a aparente facilidade em sua relação com Alex, apesar de que os ciúmes não eram algo a que Kade cedesse frequentemente. Isso não o impediu de apertar os dentes enquanto pensava no cara, ou de se perguntar se talvez deveria retornar a Harmony só para revisar se tudo estava bem com Alex. Procurá-la onde os deixou no estacionamento do Pete's não era uma opção. Por não falar da urgente tentativa.

Antes que a ideia se arraigasse mais do que já estava, Kade a desprezou com uma baixa maldição entre dentes.

Más notícias de merda - era nisto que esta missão estava se convertendo.

Com esse pensamento rodou sobre seus calcanhares, Kade abandonou sua vigilância sobre Skeeter Arnold e de seus novos amigos de alta segurança e se encaminhou na direção do Darkhaven de seu pai que estava a algumas horas a pé. Poderia esperar que a luz do dia saísse ali, apresentando à sede em Boston seus achados até o momento, e ver se Gideon poderia averiguar mais a respeito da Empresa Mineiradora Coldstream.

***** Tiamat-World*****

Skeeter Arnold perdeu toda a noção do tempo. No assento traseiro de uma Hummer



negra, se surpreendeu com a hora ao ver no relógio do carro que eram 6:00 AM.

Esteve fora toda a noite?

Sentia-se como se acabasse de sair do bar do Pete's há alguns poucos minutos. Só que agora tudo era diferente.

Ele era diferente.

Sentia seu corpo tão reto no assento de couro, sua coluna vertebral erguida. Ele se sentia poderoso, e sabia que a fonte desse poder estava sentado junto a ele: imóvel, em silêncio, irradiando uma ameaça sombria e letal.

Skeeter não sabia seu nome, nem sequer podia recordar o que havia dito, e não importava.

—Não diga a ninguém o ocorrido esta noite,— disse a voz sufocante do interior do capuz de um casaco negro de pele. —Irá para casa imediatamente e destruirá todas as cópias desse vídeo que fez dos assassinatos.

Skeeter assentiu obedientemente, desejoso de agradá-lo. —Sim, Mestre.

Recordou que quando o condutor do Hummer propôs compartilhar informação a respeito de uma festa privada, estava certo que teria que pagar pela informação, mas se enganou, o levaram a antiga localização da empresa mineiradora, onde supostamente era a festa, mas também se enganou nisso e em ter pensado que o homem alto de traje caro e camisa branca engomada era um homem.

Skeeter teve um pouco de medo, já que foi escoltado por guardas armados do veículo até uma área protegida do edifício principal, o lugar parecia uma espécie de centro de investigação, havia mesas de aço inoxidável que se usam quando se fazem exames e facilmente uns quantos milhões de dólares em equipamentos de informática. Era tudo muito estranho, embora sua maior dúvida foi um cilindro vertical enorme que parecia ser uma espécie de jaula com grossas correntes de metal atarraxadas ao chão da mesma.

Tentou procurar alguma explicação lógica para o que estava vendo. Skeeter se reuniu com o indivíduo que agora estava ao lado dele. Esse homem fez perguntas sobre o vídeo que havia feito no assentamento dos Toms, perguntou a respeito do que sabia dos assassinatos, e se foi testemunha da criatura que atacou os humanos.

Skeeter recordou que as perguntas foram formuladas de uma maneira muito estranha, e que de alguma forma se sentia preocupado pela situação em que se encontrava, mas já não havia volta atrás, estava metido em algo perigoso.

Foi interrogado a respeito de Alexandra Maguire e sobre os rumores que se criaram a partir dos assassinatos. Skeeter voluntariamente falou sobre o estranho musculoso e alto, com cabelo negro azeviche e olhos prateados, que apareceu do nada há algumas noites em Harmony, fazendo perguntas similares às pessoas do povoado.

O ar da sala se tornou tão espesso como a névoa. Skeeter recordou o temor que havia sentido quando o homem alto, vestido num traje com aparência letal tirou um telefone celular e saiu da sala por uns minutos.



Recordou que estava tão nervoso, que precisou se distrair do desastre que poderia estar esperando-o no outro extremo dessa chamada. Perguntou aos trabalhadores do laboratório para que utilizavam a jaula, observando como três deles em batas brancas provavam alguns dos acessórios e teclavam em controles computadorizados diferentes operados na jaula.

Skeeter adivinhou em voz alta que não foi planejada para alojar um ser humano. O tamanho da cela, assim como o tamanho da mesa no interior e as restrições de grande potencia colocadas nela, pareciam desenhadas para algo muito maior que qualquer homem. Um urso pardo, talvez, Skeeter havia dito, sem obter resposta de nenhum dos trabalhadores ou dos guardas armados.

Mas alguém tinha uma resposta para ele, impossível como era de acreditar.

—Foi construído para um do meu tipo,— disse o homem alto com o traje negro, de aparência letal, que havia entrado de novo na sala.

Mas agora possuía um aspecto diferente, ainda se via rico e importante e com a mesma aparência letal, mas seu rosto estava com as feições mais definidas, parecia aborrecido.

Skeeter recordou ter visto uma faísca de luz âmbar intermitente no estreito olhar desse homem, não podia gritar, embora por dentro queria chiar e sair correndo desse lugar. Recordou ter visto uns afiados dentes brancos, pensou que estava só a uns segundos de morrer... e logo sentiu um golpe que o deixou completamente inconsciente.

Skeeter não podia recordar muito depois desse momento de terror.

Tudo ficou em câmera lenta e ficou escuro.

Mas não morreu.

Ele despertou há um momento e toda sua confusão—todos seus medos—se foram.

Agora pertencia ao indivíduo poderoso que estava sentado ao seu lado, ao vampiro que o converteu em algo mais que um humano. Agora lhe devia lealdade, já que sua vida estava muito ligada a de seu Mestre por seu sangue.

—Passe-me qualquer informação que possa conseguir,— disse a voz que agora o ordenava em todas as coisas.

—Sim, Mestre,— Skeeter respondeu, e quando ele grunhiu para que se fosse, desceu da Hummer e esperou enquanto se afastava do lado da estrada e partia.

Quando se foi, Skeeter cruzou o estacionamento do Pete's para a solitária motoneve que continuava estacionada fora. Subiu e girou a chave na ignição. Mas não aconteceu nada. Voltou a tentar com o mesmo resultado, logo amaldiçoou rotundamente quando se deu conta que esqueceu de comprar gasolina para a maldita coisa na noite anterior.

—Bom dia,— uma voz familiar o saudou quando as correntes de neve ao redor dos pneus rangeram no caminho congelado. —Precisa de uma mão?

Skeeter negou com a cabeça sem olhar Zach Tucker. Com a maldita sorte que tinha, justo hoje foi topar com o único policial de Harmony.

Tucker não aceitou sua negativa, estacionou a Blazer ao lado do trenó de Skeeter e ele vadiou enquanto o policial se baixava e ia para trás para pegar um vasilhame vermelho de gasolina



do porta-malas.

—Uma noite longa, né?— Perguntou enquanto se aproximava e desenroscava a tampa do tanque de combustível da Yamaha. —Parece muito cansado esta manhã, Skeeter. Deve ter ficado de festa com seus novos amigos fora da cidade ou algo assim. Linda Hummer, por certo.

Skeeter não ofereceu nenhuma explicação, olhava fixamente o recipiente vermelho que vertia a gasolina em sua motoneve.

—Desta vez é grátis,— disse Tucker quando terminou. Mas quando Skeeter pensou que o policial poderia simplesmente seguir adiante, em lugar disso ficou de frente a ele sussurrando rigorosamente. —Pensei que havia dito que se mantivesse afastado por um tempo das festas e saídas até tão tarde, pelo menos até que as coisas se acalmem por aqui. E para que conste, postar esse fodido vídeo tomado por celular nesse lugar Web fetichista de mortes é a coisa mais estúpida que pôde fazer. Agora tenho esses bodes do Fairbanks me rompendo as bolas todo o dia por perder o controle da cena do crime.

Tucker estava furioso e isso geralmente teria preocupado Skeeter.

Mas não hoje.

—É necessário recordar que nosso pequeno acordo está a uma maldita oportunidade de voar em nossas caras? Esta semana vêm os policiais estatais investigar o crime. Não quero dar razões para que fiquem mais tempo e descubram as outras coisas que estão acontecendo aqui. Entendeu?

Skeeter o ignorou, movendo-se ao redor para subir na sua motoneve.

—É um fodido estúpido,— Tucker zombou, —Ou simplesmente está drogado?

—Nunca estive mais lúcido em minha vida,— respondeu Skeeter.

—Quero saber com quem estava ontem à noite nessa festa. Aonde foi? Jesus Cristo, foi tão idiota para dizer algo sobre mim ou nosso acordo?

—Nada disso é seu assunto. O que quer já não importa. Tenho outras prioridades.

Quando Skeeter ligou o motor, a mão de Tucker baixou com força sobre seu ombro.

—Se me foder nisto, não pense que vou me atirar debaixo do ônibus. Irei mais rápido que você, te prendendo pelo delito de posse e distribuição de drogas, me traia e juro por Deus que te enterro.

Skeeter sustentou o olhar duro de seu recente e silencioso sócio de negócios.

—Isso não seria prudente, Oficial Tucker.— Viu fraquejar a momentânea comoção nos olhos do policial e sentiu uma pequena sensação de triunfo por pô-la ali. —Embora obrigado pela gasolina.

Skeeter arrancou e saiu do estacionamento. Quando chegou à casa de sua mãe que era no final da quadra, ele se sentia cheio de poder e impaciente para cumprir as ordens de seu Mestre. Estacionou sua motoneve e correu à porta traseira de sua casa, atento, mas não preocupado que suas pesadas botas chiassem ruidosamente sobre o velho piso de madeira do corredor.

Mas antes que estivesse dentro de seu quarto por um minuto, sua mãe começou a se



mover no andar de acima, o eco de suas queixas escutando-se por todos os lados. Ele sabia que ela estaria histérica com ele e dificilmente poderia dizer que estava decepcionado quando ela o fez.

—Stanley Elmer Arnold!— Gritou, golpeando sua porta. —Tem alguma ideia de que horas são? Pedaço de merda! Como se atreve a passar a maldita noite fora, fazendo me preocupar com você. Arrastando seu arrependido traseiro de volta para casa ao amanhecer e despertando de um sono morto! Não é mais que um perdedor e um...

Skeeter estava na porta e no corredor com ela, sua mão segurando sua garganta e interrompendo-a antes que as palavras tivessem oportunidade de sair de sua boca.

—Cale a boca, cadela!— disse com dureza. —Estou trabalhando aqui.

Se ela tivesse pronunciado uma só sílaba quando sua mão a soltou, Skeeter a teria matado nesse mesmo momento. E ela sabia, por Deus. Ela entendeu que as coisas seriam diferentes agora.

Sem dizer uma só palavra, deu um passo atrás, cambaleando um pouco em suas pantufas velhas e em sua bata de algodão fosca. Pouco a pouco deu a volta e caminhou com cuidado retrocedendo pelo corredor por onde veio.

Skeeter Arnold inclinou a cabeça vendo sua retirada, logo sorriu enquanto retornava às tarefas mais importantes que o esperavam no quarto de merda que ele chamava de casa.

Capítulo 11

Era estranho estar de volta ao Darkhaven de seu pai, como se de algum jeito tivesse entrado em um longínquo sonho do qual já não podia se ajustar do mesmo modo. Cumprindo sua palavra, entretanto, a mãe de Kade havia assegurado que tudo em seu quarto estava tal e como havia deixado um ano atrás. Depois de uma longa noite em Harmony, pôde apreciar a grossa poltrona de couro reclinável, que estava perfeitamente situada na frente de uma chaminé de pedra ardendo pelos recentes lenhos postos.

Kade se reclinou para trás e riu em seu telefone celular, enquanto Brock o punha a par de tudo que havia feito em Boston nas últimas duas noites.

—Te digo, cara, se não tomarmos cuidado, estas mulheres vão tomar conta. Nas ultimas missões elas fizeram a maior parte do trabalho e vão fazer que o resto de nós fique em ridículo.

Desde o momento que Kade chamou à sede da ordem em Boston, Brock estava contando a respeito de como as companheiras de Raça de alguns dos guerreiros estavam ajudando nas missões, que até pouco tempo, só eram feitas pelos homens. Agora as missões da Ordem tinham ido parar em Operações encobertas – dedicadas exclusivamente em liberar e deter um maníaco da Raça faminto de poder chamado Dragos, que havia desatado o inferno com sua assinatura pessoal.

Os recursos de Dragos eram tão profundos como os de seu bolso e igualmente tão negros



como seus planos. Seu ato mais atroz havia sido a captura e encarceramento de um número desconhecido de Companheiras de Raça, que esteve raptando durante décadas, e as utilizando para que dessem a luz a um exército de assassinos selvagens. Com a sede de Dragos saqueada pela Ordem há umas poucas semanas atrás, sua operação tinha sido interrompida, desmontada e desviada, conforme suspeitava a Ordem.

O objetivo principal da Ordem era encontrar as Companheiras de Raça cativas antes que as pudesse prejudicar mais, cada minuto que ganhavam podia significar a diferença entre a vida ou a morte, Lucan tinha concordado em utilizar todas as armas do arsenal que a Ordem tinha disponível, peculiarmente dotado, das mulheres de alguns dos guerreiros que agora eram suas companheiras.

A Companheira de Raça de Rio, Dylan, tinha a capacidade de ver os espíritos de Companheiras de Raça que tinham morrido e quando tinha sorte lhe davam informação importante. Elise, a Companheira de Raça de Tegan, tinha o talento para ouvir o que pensavam as mentes corruptas com escuras intenções. Ela acompanhava Dylan aos albergues da área, casas particulares, hospedagens para avaliar os motivos daquelas pessoas com quem se encontravam pelo caminho.

A companheira de Gideon, Savannah, utilizava sua habilidade para ler a história de um objeto, com a esperança de encontrar enlaces com alguns dos desaparecimentos. A companheira de Nikolai, Renata, cujo poder destruía a mente do mais forte dos vampiros, a fazia um excelente aliado para qualquer missão, sua função consistia em ser a guarda-costas das outras Companheiras de Raça nas missões durante o dia.

Inclusive a companheira de Andreas Reichen, Claire, que recentemente se recuperou de uma terrível experiência nas mãos de Dragos e seus associados, parecia já estar envolta nos assuntos da Ordem, usando seu talento de caminhar nos Sonhos, tentando contatar-se com algumas das Companheiras de Raça que tinham sido dadas como desaparecidas nos últimos anos.

—Já sabe, — adicionou Brock com ironia, —Quando Niko me recrutou para ser parte da Ordem, esperava que isto fosse só uma grande desculpa para dar uma patada no traseiro desses renegados.

Kade sorriu, recordando suas primeiras patrulhas ao redor de Boston, quando estavam acostumados a se dedicar a exterminar os renegados sedentos de sangue e coisas mais explosivas.

—Do tipo de maior simplicidade que podia se chegar nos primeiros meses de trabalho, não é?

Brock grunhiu estando de acordo com o que disse Kade. —Bom, falando de renegados, como vai tudo por aí nessa geladeira? Já passaram dois dias e contando. Já tem a situação sob controle?

—Estou nisso, agora estou seguindo algumas pistas, mas nada sólido. Provavelmente ficarei aqui uns dias mais, talvez uma semana.

Brock exalou uma maldição que disse a Kade o que ele pensava dessa predição.

—Me diga, companheiro, está melhor que eu.— Houve uma pausa antes que Brock



perguntasse: —Já teve oportunidade de ver sua família?

—Sim,— disse Kade, enquanto jogava sua cabeça para trás para olhar as grossas vigas da cabana. —Minha chegada em casa foi quase como havia imaginado.

—Isso é bom, não?

—Coloquemos desta maneira, teria uma acolhida melhor estando fora a 20 graus abaixo de zero na escuridão.

—Foi duro— disse Brock. —Sinto muito, homem. Sério.

Kade sacudiu a cabeça. —Esquece. Eu não preciso falar de minha volta a casa e de como me receberam. Só quero chegar até o fundo de tudo e passar a Gideon certa informação que poderia interessar.

—Está bem, dispara.

—Encontrei o imbecil que publicou o vídeo dos humanos que morreram. Seu nome é Skeeter Arnold, é local até os ossos, provavelmente traficante de pouco-peso. Vi-o saindo de um bar em um flamejante Hummer conduzido por um chofer. Foi levado a uma espécie de escritório em uma empresa mineira muito prestigiosa, o nome é Empresa Mineiradora Coldstream. Informe Gideon e me chame quando tiver alguma informação. Tenho curiosidade em saber em que tipo de negócio está envolto este perdedor.

—Certo, nos encarregamos disso— disse Brock. —Só tome cuidado por aí, e não deixe que congele nada que possa precisar mais adiante.

Kade se pôs a rir apesar do muito inquieto que se sentia com apenas pensar em toda a missão. —Estarei em contato. — disse e terminou a chamada.

Quando pôs o telefone sobre a mesa junto ao abajur, um golpe firme soou na porta principal da cabana.

—Sim, está aberto— disse ele, esperando ver seu pai, seguido de um sermão.

—Entre.

Mas a pessoa que entrou foi Maksim, provocando um grande alívio que Kade não pode ocultar. Ficou de pé, sorridente e indicou a seu tio que se unisse a ele em frente ao fogo.

—Não acreditei que retornaria, — disse Max. —Pelo menos não tão cedo. Escutei outro dia que as coisas não vão tão bem entre você e meu irmão. Desejaria que não fosse tão duro consigo.

Kade deu de ombros, — Nunca nos levamos bem e asseguro que não espero que comecemos agora.

—Claro e menos agora que é um dos guerreiros da Ordem— disse Max com os olhos iluminados por um brilho de conspiração, sua profunda voz mostrava um ligeiro acento de admiração que não ocultava —Estou orgulhoso de você, sobrinho. Orgulhoso do trabalho que está fazendo. Se valendo da honra, assim como a honra sempre estive em você.

Kade queria deter os elogios com um simples não é necessário, mas escutando, particularmente de Max, que, embora fosse alguns séculos mais velho que Kade, sempre o havia sentido tão próximo como um irmão, sentia-se malditamente bem para fingir que não importava.



— Obrigado, Max. Significa muito, vindo de você.

— Não há necessidade que me agradeça. Só digo a verdade. — Olhou Kade durante um longo momento, logo se inclinou para frente, com os cotovelos plantados sobre seus joelhos separados. — Esteve fora por um ano. Suponho que deve estar fazendo coisas importantes para Lucan e sua Ordem.

Kade sorriu, vendo a expressão de Max até uma milha de distância. Como ele, Max ansiava aventura. Diferente dele, Max tinha se comprometido a servir como segundo no comando do Darkhaven de seu pai, localizado em Fairbanks. A lealdade de Max o tinha encadeado a esta prisão de dez mil metros quadrados, e embora nunca evitasse seu dever ou sua promessa com seu irmão rígido e inflexível, Max entendia muito bem o conceito de risco e recompensa, de valentia e honra, quase tanto como Kade o fazia.

Devido a isso, e porque Kade sabia que a lealdade de Max também se estendia a ele, sabia que podia confiar nele, e que contar alguns detalhes de suas experiências com a Ordem e sua missão atual não sairia dali.

— Inteirei-me de uma retaliação da Agência de Execução há alguns meses, ao leste do país, — disse Max, observando ansiosamente Kade, esperando que desse mais detalhes.

— Houve—, admitiu, recordando uma das primeiras missões em que esteve envolto, foi o começo dos problemas que a Ordem tinha agora com um louco chamado Dragos. — Nossa inteligência descobriu um diretor de alta patente da Agência, que não era o que parecia. Este homem estava operando sob um nome falso, armando uma rebelião secreta a algumas décadas. Ainda estamos tentando averiguar até que ponto chega todos os seus atos corruptos, mas não foi fácil. Cada vez que nos aproximamos desse bastardo, ele foge mais longe.

— Assim, você o rastreia até o inferno, — disse Max, falando como um dos guerreiros em Boston. — Continua buscando-o, segue-o atacando de todos os ângulos, até que se encontre muito cansado de fugir que não tenha outra opção que aguardar e lutar. E então o destrói de uma vez por todas.

Kade assentiu com gravidade, para ouvir a sabedoria no conselho de Max, e desejando que a busca de Dragos fora tão simples, tão fácil assim.

O que Max não sabia, nem ninguém mais podia saber, é que Dragos era a ponta de um iceberg bastante traiçoeiro. Dragos tinha uma arma secreta, que vinha desenvolvendo durante séculos. Na época que Kade se uniu à Ordem, descobriram a existência de uma criatura que davam por morta. Um Antigo. Um dos extraterrestres mais sanguinários que fecundou a Raça na Terra há milhares de anos.

Dragos era o neto dessa criatura, ele esteve criando seu exército de desumanos vampiros assassinos, totalmente incansáveis exceto dele, por mais que qualquer um se negasse a acreditar.

Se essas notícias chegassem, seja nas comunidades da raça nos Estados Unidos ou no estrangeiro, se desataria o pânico generalizado.

E se isto fosse conhecido pelos humanos, entrariam em pânico total não só por saber que os vampiros caminhavam entre eles, mas também porque um louco da Raça pensava em dominar



e escravizar a todos.

Seria o Armagedón.

Kade teve que dar uma sacudida mental ao imaginar todo esse pesadelo.

—Enquanto a Ordem se encarrega desses assuntos em Boston, a mim coube vir ao Alaska.

Estive investigando um ataque perpetuado no monte – liquidaram uma família inteira, eliminados em uma noite.

Max franziu o cenho. —Renegados?

—Essa é nossa hipótese. — E a esperança de Kade, embora a cada minuto que passava nesta missão, via essa possibilidade mais longínqua. —Não ouviu falar de algum problema no Darkhaven? Qualquer rumor que tenha algo a ver com sede de Sangue?

Max deu uma sacudida lenta de sua cabeça. —Nada disso. Houve um incidente no Darkhaven de Anchorage há uns nove meses. Um menino idiota quase sangra um humano em uma festa, mas foi o único problema na região.

A notícia não fez que Kade se sentisse melhor, porque a não ser que houvessem renegados na zona, então isso só deixava um lugar bastante questionável.

—Me pergunto se Seth terá ouvido algo—, murmurou, tentando manter o temor e a fúria escondida em sua voz. —Odiaria e sentiria falta de não poder vê-lo enquanto estou aqui.

—Ele também odiaria não te ver de novo. — disse Max, e Kade podia ver que dizia com toda a sinceridade.

Seu tio não sabia nada de Seth. Igual a todos os outros, não tinham nem ideia.

Só Kade sabia.

E a incômoda carga desse conhecimento era cada vez mais pesada em suas vísceras.

Max se reclinou de novo em uma cadeira e esclareceu sua garganta. —Há algo que quero dizer, Kade. Algo que tem que saber... de sua família e a respeito de seu pai.

—Me diga—, disse Kade, mas não estava do todo seguro de querer ouvir o muito que seu pai adorava Seth e do muito que desejava que Kade se parecesse com ele.

—Meu irmão... A seu pai é muito difícil demonstrar seu afeto, especialmente com você.

—Que estranho, não tinha me dado conta— Kade sorriu abertamente com uma alegria que realmente não sentia.

—Nossa família tem um escuro segredo, — disse Max, e Kade sentia que seu corpo se intumescia. —Kir e eu, tínhamos um irmão menor. Estou seguro que não sabe disso. Não muitos sabem. Seu nome era Grigori. Kir o queria muito. Todos o queríamos muito. Grigori era preparado, encantador. Mas também era um pouco selvagem. Inclusive quando era jovem, rebelou-se contra a autoridade e se moveu no fio da navalha a cada situação sem nenhum temor.

Kade se encontrou sorrindo, ao pensar que ele também teria gostado de Grigori.

— Apesar de seus defeitos, Kir adorava o rapaz. Mas alguns anos mais tarde, quando se soube que Grigori havia se convertido em um renegado, que por sua ânsia de sangue havia matado, Kir o tirou completamente de seu coração. Simplesmente assim, — disse Max, fazendo um estalo com seus dedos. — Nunca mais vimos Grigori. Kir nunca fala dele depois que ouvimos a



notícia de que Grigori se havia convertido em um Renegado.

Kade escutou resistente em admitir a simpatia que sentia por seu pai, pela perda que sofreu.

—Talvez seu pai tenha medo que não possa voltar a superar esse tipo de dor de novo,— sugeriu Max. —Possivelmente, simplesmente veja, às vezes, uma parte de Grigori em você.

E aparentemente havia decidido tirar Kade de seu coração muito antes disso, e depositar todas as suas esperanças em Seth.

—Não importa, — murmurou Kade, e o dizia quase a sério, também. A verdade é que estava muito ocupado com a vida real e a morte de merda para se preocupar com as expectativas de seu pai com ele. —Agradeço pela informação, Max. E por seu ponto de vista, também agradeço que tenha vindo conversar comigo.

Max tão perceptivo como sempre, captou a suave indireta e ficou de pé. —Tem coisas importantes a fazer. Assim não te atrapalho mais.

Quando seu tio estendeu a mão, Kade o agarrou em um breve abraço.

—É um bom homem, Max. Um bom amigo. Obrigado por tudo.

—Algo que precise, Kade, não duvide em pedir.

Os dois se aproximaram da porta, e Kade a abriu, justo quando duas mulheres envoltas em casacos de inverno e levando cada uma, uma manta dobrada sob o braço, entraram caminhando na cabana. Uma delas lhe deu um breve olhar e piscou.

—OH... Kade?— perguntou, e logo seu formoso rosto se iluminou com um brilhante sorriso.

—Kade! Ouvi que tinha retornado ao Alaska, mas não imaginei que estaria aqui.

—Olá, Patrice— disse Kade, dando um sorriso amável à Companheira de Raça que seu irmão gêmeo tinha escolhido para ficar ao seu lado.

Ao seu lado, Max tinha ficado muito quieto. Kade podia sentir o calor que irradiava do outro macho enquanto Patrice continuava conversando furiosamente, via-se doce e formosa com sua cabeleira vermelha e escuros olhos verdes iluminados pela luz do fogo procedente do interior da cabana.

—Ruby e eu estávamos a caminho de ver a aurora boreal de um dos salientes da montanha. Algum de vocês quer se unir a nós?

Kade e Max disseram em uníssono que não, mas foi a negativa de Max que obscureceu quase por completo o sorriso de Patrice, embora ela tentasse esconder sua expressão se tampando com a borda da manta que sustentava. Quando as Companheiras de Raça se afastaram, Kade se deu conta que Max não podia afastar os olhos delas.

Ou melhor, de uma delas.

—Patrice?— Kade perguntou, surpreso pelo desejo cuidadosamente contido que viu nos dois.

Maksim desviou seu olhar e centrou sua atenção em Kade. —Ela se comprometeu com outro. Nunca interferiria nisso, embora Seth leve muito tempo para aceitar a dimensão do



precioso presente que lhe deram. Irônico, mas que sortudo é o pequeno bastardo arrogante.

Kade viu seu tio se afastar do alpendre e caminhar através das nevadas terras para seu próprio apartamento.

Ele não sabia se ria pela declaração que Max acabava de fazer, ou se lançava uma maldição ao arrogante Seth por arruinar a vida de mais dois.

Capítulo 12

Alex se serviu de uma xícara de água fervendo na velha e maltratada cafeteira gotejando sobre a estufa. Enquanto a cozinha se enchia com o aroma de café recém-feito pela segunda vez na manhã, deu a volta para a pequena mesa onde ela e Jenna estavam tomando café da manhã. Ou melhor dizendo, onde Alex estava tomando café da manhã. Jenna só tinha mordiscado suas batatas e tinha deixado o ovo mexido quase sem tocar.

—Deus, odeio o inverno, — murmurou ela, recostando-se na cadeira de madeira rangente e dando um olhar pensativo à escuridão que pressionava profundamente contra as janelas às 8:00 AM. — Alguns dias parecem como se nunca fossem terminar.

— Terminará, — disse Alex, enquanto sentava na frente de sua amiga e via o olhar fascinado crescer mais profundamente nos olhos de Jenna.

É obvio, não era a escuridão do frio o que a tinha verdadeiramente afligido. Alex não tinha que olhar o calendário na parede perto do telefone para entender a crescente melancolia de Jenna.

— Ouça, — disse Alex, forçando um brilho em sua voz. —Se o clima se mantiver claro no fim de semana, estava pensando em voar a Anchorage. Talvez ir às compras ou ao cinema. Você gosta da ideia de um fim de semana de garotas na cidade?

Jenna a olhou de novo e meneou a cabeça levemente. —Não acredito.

—OH, vamos. Será divertido. Além disso, me deve isso. Acabo de fazer meu último café Rede Goat para você. Preciso ir ao Kiladi Brothers e me abastecer de novo.

Jenna sorriu, um pouco triste. —O último de seu querido Rede Goat? Uau, deve estar preocupada comigo. Acredita que estou em má forma, né?

—Está?— perguntou Alex cuidadosamente, uma pergunta direta que requeria uma resposta direta. Estirou-se através da mesa e pôs sua mão sobre a de Jenna. Observou sua amiga de perto, escutando o instinto dentro dela que sempre parecia saber se estava dizendo a verdade ou não.

—Vai ficar bem?

Jenna sustentou seu olhar, como se estivesse assegurada ali.

Suspirou em voz baixa. —Na verdade não sei, Alex. Sinto falta deles. Eles me davam uma razão para me levantar a cada manhã, sabe? Sinto-me necessitada, minha vida tinha um propósito



maior quando Mitch e Libby estavam nela. Não estou segura se alguma vez terei isso de novo.

A verdade, então, dolorosa como era. Alex reconheceu a admissão de sua amiga com um apertão de sua mão. Ela piscou, liberando Jenna da abóbada invisível que era seu olhar em busca da verdade. —Sua vida tem um propósito, Jenna. Tem um significado. E não está sozinha. Tem a mim e Zac para começar.

Jenna deu de ombros. —Meu irmão e eu estivemos nos afastando de um tempo para cá, e minha melhor amiga está falando muitas coisas sem sentido a respeito de recolher tudo e ir embora.

—Só falando, — disse Alex, sentindo uma pontada de culpa pela covardia que a fazia pensar em fugir de novo e pela verdade pela metade que havia dado a Jenna agora, com a esperança de fazê-la se sentir melhor.

Levantou-se e levou suas xícaras de café à estufa.

—Então, a que horas deixou o Pete's ontem à noite?— Jenna perguntou enquanto Alex vertia café fresco e o levava de volta à mesa.

—Saí um pouco depois de você. Zach veio e me trouxe para casa.

Jenna tomou um gole de sua xícara e a deixou. —Ele sabia?

—Só foi um passeio,— disse Alex. —Me ofereceu uma cerveja no Pete's, mas eu já estava a caminho de casa.

—Bom, conhecendo meu irmão, provavelmente só queria uma desculpa para te por em seu carro. Tem algo por você desde adolescentes, sabe. Talvez por todo seu complexo de moço-duro-casado-com-seu-trabalho, até tem interesse em você em segredo.

Alex não acreditava. Sua noite juntos havia provado o suficiente a ambos do que seja que tivessem juntos, nunca iria além de uma amizade de novo. Ela tinha conhecido Zach durante quase uma década, mas parecia mais um estranho para ela do que Kade depois de um dia.

Incrivelmente, apesar da forma que Kade a desestabilizava emocionalmente, no fundo, sentia-se mais protegida com ele a nível físico do que com Zach, um oficial condecorado da lei.

Deus Santo. O que isso dizia de seu critério, Alex estava segura de não querer saber.

Enquanto ponderava esse pensamento em um longo gole de seu café, o telefone da cozinha começou a soar. Alex levantou e respondeu à linha de negócios no piloto automático. —Maguire Cartas e Entregas.

—Ei.

Essa única palavra — esse profundo, e agora intimamente familiarizado grunhido — foi de seus ouvidos até seu núcleo como uma corrente de eletricidade em seu ponto mas alto.

— Hum, olá... Kade,— disse, desejando não soar tão estupefata. E tinha que soar como se faltasse o fôlego, então? —Como conseguiu meu número?

Através da pequena cozinha, as sobrancelhas de Jenna se elevaram em surpresa. Alex girou e se inclinou sobre o balcão, com a esperança de ocultar parte do calor que se arrastava por suas bochechas.

—Não há muitos Maguires em Harmony, — disse ele do outro lado. —Nem um monte de



pilotos, tampouco. Assim que procurei e chamei o único numero que pude encontrar que atendesse ambos os critérios — um Hank Maguire de Maguire Cartas e Entregas.

— OH.— A boca de Alex se estirou em um sorriso. —E como sabe que esse não é meu marido?

Sua risada baixa raspou como veludo. —Seguro como o inferno que não beija como uma mulher casada.

O interior de Alex suavizou e aqueceu como aviso, e ficou difícil não se retorcer quando pensou em seus lábios sobre os dela e no vapor que tinha desfrutado na noite anterior na ducha. —Então, hum, por que chamou? Acaso... ahn, chama por trabalho?

Que Deus a ajudasse, quase tropeçou no — por trabalho — mas teve o bom senso de morder de novo as palavras antes de envergonhar a si mesma pela impulsividade. A última coisa que precisava era pensar em Kade e no prazer na mesma frase. Já havia tido uma boa prova disso. O suficiente para saber que gritava perigo e complicações, coisas das que já tinha o suficiente.

—Supõe-se que devo me reunir com Big Dave e outros meninos em Harmony hoje,— disse Kade, casualmente sacudindo a melhor razão que precisava para não ter nada a ver com ele.

—OH, isso está bem, — respondeu Alex. —A caça do Lobo Feroz.

E ali estava ela, deixando que seus hormônios a cegassem diante do fato de que ela inclusive não estava segura do que era em realidade seu jogo. A ira apareceu com amargura na ponta de sua garganta.

—Bom, divirtam-se. Tenho que...

—Espera, — disse ele, justo quando estava a ponto de colocar o telefone em seu lugar. — Supõe-se que devo me reunir com Big Dave hoje, mas de fato tinha a esperança de contratar um guia que me levasse à casa de Henry Tulak em seu lugar.

—Henry Tulak, — disse Alex lentamente. —Que poderia querer em sua casa?

—Eu só... de verdade preciso saber como morreu esse homem, Alex. Levaria-me lá?

Parecia sincero, e curiosamente resignado. Porque parecia tão importante para ele, Alex se encontrou a si mesma cobrindo-o quando deveria estar desistindo. — E Big Dave?

— Pedirei desculpas na próxima vez que o veja, — respondeu ele, soando tudo menos preocupado em deixar as fanfarronices na cidade com seus amigos. — Que diz, Alex?

—Sim, está bem. — E maldita fosse, não tinha que sentir-se tão emocionada com a ideia de passar um tempo com ele. —Será muito tarde ao meio-dia, assim que por que não vem a Harmony às onze? Teremos suficiente luz para viajar, e algumas horas para verificar o lugar uma vez que chegemos ali.

Kade grunhiu, bastante forte considerando que estava do outro lado da linha. —Prefiro não esperar que saia a luz do dia, se isso estiver bem para você.

—Prefere viajar na escuridão?

Ela podia, de fato, sentir o lento sorriso que se estendia por seus lábios enquanto respondia, — Não tenho medo de um pouco de escuridão se você não tiver. Estou na estrada, direto para aí. Posso estar em sua casa em mais ou menos uma hora.



Bom, era valente, tinha que lhe dar isso. O homem colocava algo na cabeça e não temia ir atrás.

—Uma hora servirá, Alex?

Olhou o relógio e se perguntou como de rápido poderia sair de suas descoloridas calças, tomar banho, e fazer algo com um pouco mais de sentido com sua cara e cabelo. —Hum, claro. Então, uma hora. Verei-te então.

Quando desligou, Alex pôde sentir o olhar curioso de Jenna em suas costas. —Esse era Kade, hum?

Deu a volta, sorrindo timidamente. —Ah, sim.

Jenna se recostou na cadeira e cruzou os braços sobre seu peito, parecendo uma completa policial, inclusive com sua camisa suada e suas calças desbotadas, com seu cabelo escuro solto sobre seus ombros. —Este é o mesmo Kade do Pete's ontem à noite, o mesmo Kade que viu sair do assentamento dos Toms ontem e disse que não queria ter nada a ver com ele, é esse Kade?

—Esse, — respondeu Alex. —E antes que diga algo mais, só vou levá-lo a casa de Tulak para que cheque os arredores.

—Uh-huh.

—São só negócios, — disse Alex, limpando apressadamente os pratos do café da manhã e os pondo na pia. Ficou ao lado de uma torrada de ovo encharcada e a jogou na boca de Luna que esperava. —Da forma em que o vejo, se isso evita que outra arma seja enviada à zona dos Lobos, então estou mais que feliz em desviar Kade por um dia de viagem pelo país.

Quando retornou à mesa para limpá-la, Jenna a ficou olhando fixamente.

Não necessitava do misterioso e profundo detector de mentiras de Alex, ou inclusive dos anos de experiência como policial de Jenna, para ler o claro e evidente fato de que Alex estava ferida. Mexida por um homem que havia conhecido há alguns dias atrás. Tentada a deixar entrar este homem de centenas de tons de cinza em seu pequeno mundo de branco e preto.

—Tome cuidado, Alex, — disse Jenna. —Sou sua amiga e te quero. Não quero que te façam mal.

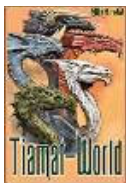
—Ah sim, — disse ela. —E não me farão mal.

Jenna riu em voz baixa e agitou sua mão depreciativa diante dela. —Bom, porque então está de pé por aqui quando tem que se arrumar para o passeio? Vá. Luna e eu dirigiremos os detalhes da limpeza.

Alex sorriu. —Obrigado, Jen.

—Mas quando retornar deste passeio, — Jenna a chamou enquanto corria pelo corredor, —vou querer o sobrenome deste menino e o número de seu seguro social. E um completo histórico médico, também. Sabe que não estou brincando!

Alex sabia disso, mas estava rindo de toda forma, flutuando em uma bem-vinda, se não acostumada, sensação de emoção e esperança.



Capítulo 13

Kade não se deu conta do muito que queria voltar a ver Alex até que a viu através da janela de vidro esmerilhado da porta enquanto ela se aproximava para deixá-lo entrar. Alta e magra, vestida com jeans escuros e um suéter verde limão, com uma camiseta branca com gola de tartaruga, seu cabelo loiro estava recolhido em algumas tranças, que tinham afrouxado um pouco, isso a fazia parecer mais fresca que a primavera no morto inverno frio. Sorriu através dos vidros, seu rosto tão naturalmente bonito só estava melhorado com um pouco de rímel e blush nas bochechas.

—Olá, — disse enquanto abria a porta. —Me encontrou.

Kade inclinou a cabeça em um gesto de assentimento. —Encontrei.

—Me deixe adivinhar, — disse ela com um sorriso persistente. —Caminhou tudo até aqui como fez no outro dia para a casa dos Toms?

Ele sorriu e assinalou a motoneve que tinha estacionado no pátio. —Hoje decidi montar.

—Ah, claro que sim. — Ela manteve a porta aberta para ele. —Entre, vou calçar minhas botas, o equipamento e podemos ir.

À medida que desaparecia em um canto da sala de estar, Kade entrou na casa pequena e acolhedora, deixando vagar seu olhar sobre a mobília simples e acolhedora, era sem dúvida um ambiente informal. Podia cheirar o aroma de Alex nesse lugar, no sofá, nas cadeiras, na rústica mesa de madeira, no tapete de cor verde tecido sob seus pés. Ela voltou para a sala vestida e equipada para sair em exploração.

—Já estou pronta. Deixe sua motoneve onde está e vamos à pista de aterrissagem.

Kade se deteve alguns passos atrás dela. —A pista de aterrissagem?

—Sim, — disse Alex com total naturalidade. —Não há prognóstico de neve nos próximos dias, então por que perder tempo no trenó quando podemos voar até lá?

—Não me dava conta que íamos voar. — Kade sentiu uma breve pontada de incerteza, algo totalmente alheio a ele. —Está muito escuro lá fora.

—Para meu avião não há diferença entre dia e noite, — disse ela, com uma doce luz em seus olhos marrons. —Bom, vamos, a menos que se sinta incômodo com um pouco de escuridão.

Estava zombando dele, mas Kade realmente estava desfrutando estar com ela.

Sentia-se tão feliz com Alex a cargo da situação, estava sentado no assento traseiro da motoneve, embora só fosse uma desculpa para envolver seus braços ao redor dela. Atravessaram um longo campo coberto por neve, até chegar à pista de aterrissagem onde se encontrava o avião de Alex, era o mesmo aeroporto onde encontraram os corpos da família Toms, que ainda descansavam ali, mas em um depósito temporário. O aeroporto era pequeno, consistia numa pista curta e luzes de aterrissagem que apenas se viam.

Uma rajada de vento passou pela pista, onde se encontravam, levantando do chão um pouco de neve.



—Lugar barulhento, né?

—Melhor que nada. — Disse ela, enquanto estacionava a motoneve e descia.

—Entra no avião, antes tenho que verificar que os sistemas estejam prontos para decolar.

Kade teria se negado a receber ordens de uma mulher, se não fosse por que estava completamente seguro que Alex sabia o que estava fazendo. Subiu na cabine do avião e fechou a porta.

Apesar do avião não ser tão incomodo em seu interior, sentia um pouco de claustrofobia. A verdade é que ele com sua estatura e seu porte, sem armas e sem roupa, se sentiria um grande macho, mas sentado na cabine do avião de um só motor, no assento do passageiro, junto a estreitas janelas, sentia-se como em uma jaula estreita.

Alex entrou na cabine e sentou no assento do piloto, atrás do volante.

—Tudo pronto, — anunciou com alegria. —Ponha o cinto, que em minutos decolaremos.

Nessa distancia no interior do Alaska, não era surpresa que não houvesse controle de tráfico aéreo. Alex só tinha que decolar e se dirigir à direção correta.

Kade ficou impressionado com o trabalho que realizou Alex, ela estava no comando da aeronave e poucos minutos depois já estavam voando na escuridão de um céu coberto por um manto de estrelas que brilhavam no firmamento.

—Bom trabalho, — disse Kade enquanto a olhava dirigir o avião através de alguns buracos que se formaram pelo vento.

—Suponho que já fez isto mais de uma vez antes. — Kade disse deixando escapar um sorriso.

—Estive voando desde que tinha doze anos. Mas tive que esperar para obter minha licença oficial até os dezoito anos.

—Você gosta de ficar aqui com as estrelas e as nuvens?

—Eu adoro, — disse ela enquanto movia a cabeça para comprovar que os indicadores no painel do avião se encontravam bem, e logo olhou o imenso céu diante deles. —Meu pai me ensinou a voar, quando eu era menina, estava acostumado a me dizer que o céu era um lugar mágico. Às vezes, quando me dava medo ou despertava devido a um pesadelo, ele me levava sem importar a hora que fosse. Nós gostávamos de voar com bastante altura, onde nada mau poderia acontecer.

Kade podia ouvir o afeto em sua voz quando falava de seu pai e também escutava a dor de sua perda.

—Quanto tempo passou da morte de seu pai?

—Passaram seis meses, a causa foi a enfermidade de Alzheimer. Faz quatro anos, começou a esquecer das coisas, mas piorou bem rápido, e depois de um ano começou a afetar seus reflexos quando pilotava o avião, até que finalmente me deixou levá-lo a um hospital em Galena. A enfermidade age de maneira diferente em cada um, mas em meu pai atuou rapidamente.— Alex deixou escapar um profundo suspiro de reflexão. —Acredito que ele se deu por vencido logo que se inteirou do diagnóstico... embora às vezes acredite que renunciou à vida



muito antes disso.

—Como foi isso?— Kade perguntou por curiosidade, mas depois mordeu o lábio em uma reação reflexiva, já que possivelmente tinha perguntado mais do que devia saber.

De repente o inquieto olhar de Alex o estava analisando, era como sua maneira de pensar se podia ou não confiar nele. Quando finalmente falou, sua voz era tranquila, seu olhar se voltou para o para-brisa, como se não pudesse dizer e olhá-lo ao mesmo tempo.

—Meu, hum... meu pai e eu mudamos ao Alaska quando eu tinha nove anos de idade. Antes disso vivíamos na Flórida, onde meu pai tinha um negócio de tours em avião de pequeno porte.

—Esse é um mundo completamente diferente daqui.

—Sim, sim, com certeza é.

Um ruído metálico soou de repente em algum lugar do avião e a cabine do piloto estremeceu. Kade se aferrou ao seu assento, agradecido ao ver que Alex não entrava em pânico. A atenção dela se centrou no painel dos instrumentos, depois de uns segundos tudo voltou para a calma.

—Não se preocupe, — disse, com seu tom irônico. —Como meu pai estava acostumado a dizer, é um feito científico que alguns dos ruídos dos aviões são mais alarmantes na noite. Acredito que estamos bem agora.

Kade riu com inquietação. —Eu vou ter que aceitar sua palavra nisso.

Voaram sobre um pico inclinado, e logo ela fez uma mudança de direção gradual que os levou de volta sobre o Rio Koyukuk.

—Assim, o que aconteceu na Flórida, Alex?— Disse Kade, voltando para o tema que não tinha intenção de abandonar. O instinto dizia que essa história escondia um lado escuro, mas queria saber não precisamente por sua missão. Ele estava genuinamente interessado nela, e se fosse honesto consigo mesmo, tinha que admitir que estava começando a se preocupar realmente por ela, e queria entender o que tinha acontecido. Para ouvir a dor sob suas palavras, ele queria ajudá-la a sanar as feridas que pudessem existir. —O que ocorreu na Flórida?

Sacudiu a cabeça e o olhou de relance. —Não nos ocorreu nada... mas minha mamãe e meu irmão pequeno se...

Sua voz se quebrou. Kade podia sentir a tristeza em suas palavras.

—Como morreram, Alex?— Por um momento pôde ver o temor em seu rosto, o pequeno espaço que compartilhavam a uns oito mil pés de altura se fez ainda menor, quando Alex ficou em silêncio junto dele.

—Eles morreram, — disse por fim e ele podia sentir como o pulso de Alex se acelerava. — Foi em um acidente de trânsito. Um condutor bêbado atravessou o semáforo vermelha em uma intercessão e bateu no carro de minha mãe. Ela e meu irmão morreram pelo impacto.

Kade aprofundou seu cenho ao dar-se conta que ela recitou os fatos com apuro, como se fosse uma lição muito bem aprendida.

—Sinto muito, Alex, — disse, mas não podia afastar o olhar dela, já que suspeitava que



não estava dizendo a verdade. —Acredito que é uma bênção que pelo menos não tenham sofrido ao morrer.

—Sim, — respondeu ela inexpressivamente. —Pelo menos não sofreram.

Ficaram por um tempo sem falar, olhando a paisagem escura debaixo deles. No céu longínquo, Kade viu um brilho de luzes verdes. E embora tivesse visto em inúmeras ocasiões a aurora boreal, desde seu nascimento, nunca a tinha visto do céu, era mais formosa que nas outras ocasiões.

—Incrível, não?— Comentou Alex.

Ele estava vendo a paisagem de cores, mas seus pensamentos ainda estavam em Alex, tentando reconstruir os fatos que tinha contado.

—O Alaska é tão diferente da Flórida, não?

—Sim, é, — disse. —Meu pai e eu queríamos começar uma nova vida, depois da morte de minha mãe e de meu irmão, — Ela respirou profundo, como se quisesse deter algo que queria dizer. —Depois que morreram, meu papai me levou ao aeroporto e me fez escolher um destino entre milhares de opções, eu escolhi o Alaska. Quando chegamos aqui, demo-nos conta de que Harmony parecia ser uma cidade agradável para refazer uma nova vida.

—E foi assim?

—Sim, — disse ela com sua voz um pouco nostálgica. —Bom agora parece diferente, desde que ele já não está. Ultimamente estive pensando em viajar para outras partes do mundo, procurar outros horizontes.

Antes que Kade pudesse continuar perguntando sobre o tema, Alex acelerou para cima, mas o ruído e o tremor persistiam.

—O que está acontecendo? — Perguntou Kade.

—Vou ter que aterrissar agora, há uma pequena pista perto da casa de Tulak. Vou tentar aterrissar o mais perto que possa.

—Muito bem, — disse Kade olhando através da janela onde podia observar a terra que estava debaixo deles. —Não vejo nada que se pareça com uma pista aí abaixo.

Alex conseguiu aterrissar o avião sem muitos percalços.

—Jesus isto esteve perto, — disse Kade quando o avião tocou a terra.

—Você acredita? — Disse Alex com uma expressão divertida, enquanto desligava o motor.

Ela saiu do avião e se dirigiu até o motor para revisá-lo.

—Maldito seja. Bom, isso explica o problema. Um par de parafusos se soltaram e caíram na coberta do motor.

Kade sabia tanto sobre a coberta do motor como de tecer. E na verdade tampouco o incomodava a ideia de estar há algumas horas ou melhor alguns noites no meio de um nada com Alex.

—Então, está me dizendo que vamos ficar aqui, até que alguém nos ajude?

—Está vendo alguma pessoa que possa nos ajudar?— disse Alex com um sorriso irônico,



enquanto pegava da cabine do avião sua caixa de ferramentas.

Uma das razões pelas quais Kade tinha decidido pedir que o levasse a este lugar, tão afastado da civilização, era para conseguir informação a respeito dos assassinatos dos Toms, mas agora, depois do que tinha contado a respeito de sua mãe e irmão, tinha outro motivo mais para duvidar dela. E tinha a ligeira suspeita que Alex sabia muito mais do que dizia, e se a morte de seus familiares estava relacionada com alguém da Raça, então ao apagar sua memória lhe faria um favor.

Mas isto não era só a respeito de sua missão, tinha tentado convencer a si mesmo de que era assim, mas realmente a missão tinha passado a segundo plano. A forma que acelerava seu pulso quando estava perto dessa mulher, não era parte de seu plano. Seu pulso se acelerou até mais quando desceram do avião e Alex começou a trabalhar no motor, a via tão adorável, tão inteligente, tão capaz.

—Se importaria de segurar a lanterna enquanto trabalho?— Ela a ligou e entregou, então tirou a luva para rebuscar em sua caixa de ferramentas e puxou um punhado de parafusos de diferentes tamanhos. —Um par destes vão ajudar a voltar para casa.

Kade olhou cuidadosamente a mão de Alex que estava cheia de parafusos, perguntando-se se os outros guerreiros em Boston sentiam o mesmo orgulho e diversão, quando viam suas companheiras fazer o que melhor sabiam fazer.

Essa ideia o transtornou logo que entrou em sua mente...

Ele não era o tipo de homem que queria uma companheira, muito menos Alexandra Maguire, já que seria um obstáculo na missão que encomendou a Ordem. E pior até, era um risco para toda a Raça, assim o melhor que podia fazer era manter o segredo bem protegido.

Mas nada disso importava a seu coração que pulsava de uma maneira acelerada, tampouco podia controlar o fogo que corria por suas veias e por todo seu corpo.

Atrás dela, podia ver como à luz verde da aurora boreal se somava uma faixa vermelha. Alex girou sua cabeça para ele. A cor ressaltava a beleza de Alex, e ele se perguntava se alguma vez tinha visto algo tão formoso como o rosto aureolado dela pela magia do deserto gelado do Alaska.

Ela não falava, só sustentava o olhar sem dizer uma só palavra. Kade desligou a lanterna e a colocou em cima da já fechada cobertura do motor. Tirou as luvas e pegou a mão nua de Alex, suas mãos se esquentaram com o contato.

Ele sustentou sua mão só por um momento e ela não resistiu. Alex entrelaçou seus dedos através dos dele, o olhou nos olhos fixamente. —O que quer de mim, Kade? Por favor, preciso saber. Preciso que me diga isso.

—Pensei que soubesse, — disse Kade, e logo deu uma sacudida lenta com sua cabeça. — Pensei que tinha tudo calculado. Deus, Alex... Desde que te conheci tudo mudou.

Kade deslizou seus dedos pela bochecha de Alex.

—Não te entendo, — disse ela, franzindo o cenho enquanto o olhava. —Incomoda-me não poder te entender.



Ele tocou a ponta de seu nariz, e deu um sorriso irônico. —Sou muito cinza para seu mundo preto e branco?

A expressão de Alex ficou séria, — Me assusta, Kade. Toda minha vida, corri das coisas que me assustam, mas com você...— Ela suspirou lentamente.

—Com você parece que não posso me afastar. — Acariciou sua bochecha enquanto o olhava fixamente.

—Não há razão nenhuma para sentir medo quando está comigo, — disse Kade muito seguro de suas palavras e logo inclinou sua cabeça, lentamente apertou seus lábios nos dela, devolveu o beijo da mesma maneira, esse beijo acendeu em Kade algo selvagem, suas línguas se juntaram. Tudo o que tinha sentido no estacionamento do Pete's voltou a tomar vida, só que agora mais rápido, mais intenso que Kade alguma vez havia sentido. Ele estava excitado com esta mulher. Beijá-la despertou todos os seus instintos, incluindo os perigosos, podia sentir como suas presas se estendiam de suas gengivas, sua visão se alagava da cor âmbar, e logo encheria toda sua íris.

Seduzi-la não era seu objetivo, não importava o que tinha ordenado a Ordem, ou o muito que queria satisfazer sua curiosidade pessoal. Deu um passo atrás, com a cabeça baixa, apertou o rosto contra ela, a fim de ocultar as mudanças que não podia deixar que ela visse. As mudanças que certamente a assustariam e ele não poderia explicar.

— Acontece algo? — perguntou Alex com voz suave e rouca pelo beijo.

— Não. — Ele sacudiu a cabeça, sendo cuidadoso em não levantar o rosto, até que o desejo se esfriasse. —Não acontece nada. Só que faz muito frio para ficar aqui fora. Deve estar congelada.

—Não posso dizer que sinta frio neste momento, — respondeu ela, sorrindo apesar da guerra que ele sentia em seu interior.

—Temos que entrar. — Ele não esperou uma resposta para se dirigir ao avião.

—Só preciso guardar minhas coisas e vou. Já te alcanço.

—Muito bem.

Ela duvidou por um momento, mas logo começou a caminhar para a cabine do avião, fazendo ranger suas botas na neve.

—Traga um pouco de lenha. O pessoal utiliza esta pista como refúgio, assim deve ter um abrigo na parte detrás.

Kade esperou que ela entrasse na casa, para poder registrar as armas que estavam dentro e se dirigiu para recolher lenha. O ar ártico o golpeou enquanto caminhava pela neve. Acolheu com agrado o roce amargo do frio. Necessitava clareza, ainda ardia por Alex. Isso estava mau, e necessitava que o frio da geleira apagasse todo esse calor que sentia nesse momento.

Capítulo 14



Alex entrou na cabana e fechou a porta atrás dela para isolar o frio e, para ter um minuto a sós para poder enfrentar à revolução de fatos dentro dela. Inclinou-se para trás contra a porta e exalou um suspiro longo, tremendo. —Deve conseguir controle sobre si Maguire.

Ela queria fingir que o beijo não significava nada, que o simples fato que Kade terminasse o beijo se afastando, devia dizer que ele pensava que deixar as coisas esquentar entre eles era uma má ideia. Salvo que as coisas já se acenderam. Mais que a calefação, e negá-lo não ia fazer que desaparecessem. Não existia lugar suficientemente longe para que Alex corresse e deixasse atrás o desejo que sentia por Kade. E o pior é que não queria fugir dessa sensação. Pela primeira vez em sua vida, havia algo que a assustava como o inferno, mas não a incitava a fugir.

Não, ainda pior, seus sentimentos por Kade lhe dava vontade de se aproximar dele.

Ainda mais medo lhe dava, sentir que Kade poderia ser o suficientemente forte para apoiá-la, o suficientemente forte para que ela se abrisse à realidade, se abrisse a tudo o que esteve levando dentro dela durante tanto tempo. Uma parte dela queria acreditar que ele poderia ser o homem com força suficiente para estar junto dela através de qualquer tormenta, inclusive um monte de monstros, onde a noite tinha dentes e o vento rugia, sedentos de sangue e famintos.

Kade estaria junto dela.

Alex sabia da mesma forma que sempre soube quando alguém mentia. Embora não tenha dito o que podia fazer a outras pessoas, o mesmo sentido inato lhe disse que era porque não se pareciam com Kade. Ele era diferente de qualquer homem que tinha conhecido e jamais conheceria.

Esse mesmo instinto estranho, mas inquebrável esteve rondando no voo de Harmony, quando esteve tão perto de dizer a verdade -toda ela- a respeito de por que ela e seu pai tinham fugido da Flórida. A verdade a respeito do que tinha matado sua mãe e seu irmão menor.

Tinha sido uma grande luta contra o impulso de dizer a verdade a Kade, e como tinha arrojado a mentira que tinha utilizado em muitos outros casos, sem o menor escrúpulo, não ser honesta com Kade lhe havia feito se sentir muito mal. Tinha oculto uma das verdades mais fundamentais sobre si mesma de todos os que a tinham conhecido desde menina, mas depois de só uns dias de paquera com um desconhecido, ela estava disposta a por tudo na linha de fogo por ele.

Mas Kade não era um estranho para ela agora. Não o havia sentido como um estranho, nem sequer nessa noite pela primeira vez na parte posterior da igreja, quando seus olhos brilhantes de prata se reuniram com os dela em um olhar na sala.

E se tudo o que esteve fazendo nesse tempo desde que o conheceu não era mais que paquerar, por que seu coração martelava seu esterno cada vez que estava perto dele? Por que sentia, contra toda lógica e razão, que pertencia a este homem?

Com o frio das lembranças do passado e a incerteza do futuro nela, decidiu que necessitava algo forte e quente a que se apegar.

Não só algo, nem alguém... mas ele.



Necessitava Kade, de seu calor, de sua força agora, embora só fosse por um pouco.

O abrigo da parte traseira da cabana tinha um bom fornecimento de velhos troncos partidos, em um lugar seco e colocados no interior da dependência que tinha Henry Tulak escrito sobre a porta. Era costume no monte que viajantes se preocupassem uns com os outros, deixando combustível e mantimentos para a pessoa seguinte com o fim de preservá-lo para outros e para si mesmo.

Kade procurava o que ele considerava que poderia deixar em troca de combustível que se queimava para Alex na cabana. Ajoelhou-se e abriu o zíper de sua bolsa de lona. O único que levava e que considerou útil a alguém nesse lugar seriam suas armas, mas suas armas que matavam Renegados eram muito valiosas para deixar atrás. Uma faca, então. Havia mais de uma em sua mochila. Ao chegar à lona em busca de uma lâmina que podia suportar desprender-se, acreditou em ver algo duro e branco, no chão.

—Que demônios?

Ele se moveu de lado para ter uma melhor visão do que poderia ter esmagado sob o pé. Um dente. Parecia largo, o agudo marfim estava preso na fenda de sua sola, como se fosse terra nas botas. Mas não foi o dente que fez o sangue Kade se esfriar nas veias. Foi a longitude fina de couro trançado preso ao dente.

Precisamente o mesmo tipo de faixa de couro que tinha estava atado a outro dente de urso que tinha visto recentemente.

O que ele tinha encontrado entre o sangue humano e escondido por Seth e guardado como um pequeno tesouro. A coleção de lembranças retorcidas, regida por um assassino.

Seu irmão esteve aqui.

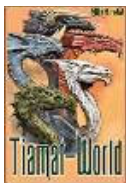
Ah, Cristo ... Seth tinha matado o homem neste espaço no ano passado?

Kade queria negar a prova na mão como pura coincidência, mas o frio que se assentou no peito disse que seu gêmeo esteve neste mesmo lugar há um inverno, quando Henry Tulak exalou seu último suspiro.

—Filho da puta, — sussurrou Kade, sentindo-se doente ao compreender, apesar de que estava procurando evidência disso desde sua chegada ao Alaska.

Agora que estava olhando o rosto, -com a clara certeza que só um gêmeo idêntico poderia ter a respeito de sua outra metade- dificilmente poderia negar mais, o que sabia há muito tempo em seu coração. Seu irmão era um assassino. O que Kade sempre tinha odiado e açoitado agora como membro da Ordem. A fúria o percorreu, a indignação não só por Seth, mas também por si mesmo, porque continuava querendo acreditar que estava errado a respeito de seu irmão. Em seu coração, Kade sabia que não havia erro. Sem dúvida não havia mais desculpa para Seth, pela repugnância de suas ações.

Kade conseguiu liberar o dente com a ponta da faca e o sustentou na frente dele, olhando com repulsa a evidência que acabava de condenar seu irmão. Essa mesma evidência agora obrigava Kade a fazer o justo e a fazer o que era seu dever, não só para a Ordem, mas também como um homem cujo código de honra pessoal exigia justiça.



Precisava encontrar Seth e pôr fim a seus assassinatos.

Tinha que ir, agora mesmo. Era muita fúria e com determinação queria voar de volta a Harmony com Alex, e dirigir a pé sua busca, enquanto o amanhecer ainda estava a algumas horas. Ele cobriria tudo a pé caso necessário, os lobos o ajudariam a encontrar Seth se não pudesse seguir sua pista o suficientemente rápido por sua conta.

Kade colocou o dente no bolso dianteiro de sua calça e pôs a faca na parte superior dos troncos, uma oferenda ao comércio apesar do fato de que não tinha nenhum uso agora. Só precisava sair rápido dali e fazer o trabalho que o havia trazido para casa no Alaska em primeiro lugar.

No momento em que caminhou ao redor até a cabana, era um barril de pólvora de ira e com propósito mortal. Mas quando abriu a porta da cabana, disposto a oferecer alguma desculpa pouco convincente a Alex sobre por que teve que abandoná-la ali, foi recebido pelo ar quente e o brilho dourado de um fogo na estufa com um pequeno tubo no centro da cabana.

E Alex, sentada em um ninho de sacos de dormir e mantas de lã suave. Seu cabelo loiro estava solto das tranças, caindo em ondas revoltas pelos ombros descobertos. Os ombros nus, igual suas longas pernas magras, que apareciam debaixo da manta andrajosa.

Inferno Santo... formosa, sexy Alex, nua e esperando por ele.

Kade esclareceu a garganta, de repente com a perda de palavras, para não falar das desculpas que tinha à mão sobre por que tinha que partir imediatamente.

—Eu, ah ... encontrei um pouco de madeira partida no balde de lá—, disse Alex. —Pensei que havia coisas para nos esquentar aqui.

Para nos esquentar? Mais quente, o corpo de Kade teria queimado em chamas onde se encontrava. Seu coração seguia golpeando pelo descobrimento desagradável que fez há um momento, mas agora seu ritmo adquiriu um profundo pulsar mais urgente. Sentiu um puxão muscular violentamente na mandíbula enquanto observava a dança suave da luz do fogo sobre sua pele suave e cremosa.

—Alex ...

Deu uma sacudida débil de sua cabeça, incapaz de reunir as palavras para negar. A dúzia ou mais razões de que isto era uma má ideia, sobre tudo agora, ao se ver obrigado a deixar de lado seus desejos egoístas e se centrar exclusivamente na missão para a qual tinha sido enviado, tudo fugiu de seu cérebro, onde só havia luxúria.

A fome o alagou, alagando o desejo mais que a raiva que o tinha consumido nem sequer um minuto atrás no exterior.

Isto era mau, esta necessidade que tinha por ela. Tendo em conta o momento e não estando seguro que se as coisas entre Alex e ele passassem a um nível íntimo poderia ser a pior ideia neste momento.

Quer dizer, até que ela ficou de pé e começou a caminhar para ele. A manta puída que cobria sua forma, solta por trás dela, agora curta no frente lhe deu uma visão sem obstáculos de suas pernas magras, sem fim, com cada passo lento que tomou. E enquanto ela se aproximava, a



malha fina deslocando à carne nua branca e suave de seu quadril esquerdo, Kade conseguiu ver a marca vermelha diminuta de uma gota de água e lua crescente que levou toda esta situação fora do âmbito de suas ideias básicas do mau e em linha reta na zona do desastre.

Era uma Companheira de Raça.

E tudo isso mudou.

Devido à Alexandra Maguire não só ser uma mulher mortal, uma humana que poderia lidar com a bomba da informação, talvez por um tempo, pudesse ignorar à mente e não se chatear. Ela era tão boa como uma de sua espécie, uma fêmea a ser honrada e venerada, tão preciosa como o ouro.

Era algo raro e milagroso, algo que condenadamente não merecia, e ela não tinha ideia de seu sangue.

— Ai, Cristo. — Pôs a bolsa de lona no chão. Seu negócio com Seth e a Ordem, ambas teriam que esperar. — Alex, há algo... que temos que falar.

Ela sorriu, uma curva sensual, brincalhona em seus lábios. —A menos que precise me dizer que tem algum tipo de doença ou que na realidade é gay...

Ele a olhou fixamente, se perguntando se houve indícios que tinha perdido no caminho. Mas não esteve procurando em Alex algo mais que uma fonte de informação no princípio, uma testemunha relutante que teria que abrir com força por todos os meios necessários. Uma vez que falou com ela, começou a gostar dela. E uma vez que tinha começado a conhecê-la, era difícil não desejá-la.

E agora?

Agora estava obrigado por sua honra a proteger esta mulher a qualquer preço, e essa maldita boa atuação caia nas mãos de um homem como ele. Ele a colocava em perigo só por estar com ela, arrastando-a mais fundo em sua missão para a Ordem e mais perto, sobretudo a partir de hoje, ao horror dos doentes jogos de seu irmão. Se fosse a metade do guerreiro que se comprometeu a ser, faria Alex sair deste lugar e levar sua vagina de volta a casa, para não ver nem ouvir dele.

—Kade?— Ela inclinou ligeiramente a cabeça quando se aproximou dele, a espera de sua resposta, com seu tom brincalhão ainda. —Isso, isso não é o que precisa me dizer, não?

—Não. Não é isso.

—Bom, isso é bom —, disse ela, quase ronronando as palavras. —Porque eu realmente não quero falar agora.

Kade respirou fundo quando deslizou perto dele, não mais de uma polegada e uma parte insignificante de lâ entre eles. E o aroma de sua pele quente... o calor feminino e o indício de um aroma picante e doce de algo ainda mais difícil que agora sabia que era único no sangue de uma Companheira de Raça.

Inclusive sem a maldita marca de nascimento, inferno, apesar disso, Alexandra Maguire era uma forte toxina que envolvia todo seu corpo como a droga mais potente.

Ela o olhou, com seus olhos de cor caramelo mais escuro que nunca, como dois lagos



profundos para se afogar neles.

—Quero ficar com você, aqui e agora, Kade.— Pouco a pouco abriu a manta, deixando-se descoberta por completo diante dele, ela o rodeou com seus braços. O calor de seu corpo nu o estava queimando, imprimiu-se em sua memória como uma marca.

—Estou cansada de sentir frio todo o tempo. Estou cansada de me sentir tão sozinha. Só por agora, quero que me toque, Kade. Só quero sentir suas mãos em mim.

Ela não tinha que pedir duas vezes. Ele sabia a coragem que teve que juntar para admitir sua vulnerabilidade frente a ele. Ele não podia fingir que queria isto menos que ela. Tinha-a desejado desde o primeiro momento em que a viu. Agora, todas suas boas intenções, todos seus pensamentos para o dever e honra estavam incinerados em um minuto.

Ele colocou uma palma ao longo da linha delicada de sua coluna vertebral, e a outra se levantou para acariciar a graciosa curva de suas bochechas e a pele sedosa da nuca. Seu pulso batia asas contra a gema de seu dedo polegar enquanto acariciava a tenra pele por cima de sua carótida. Como brincando, com sua debilidade, ela fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, dando mais acesso ao seu pescoço, ação que não era nada sábia.

Seu pulso martelava para Kade, cada tic-tac do batimento de seu coração, cada pequeno tremor de seu corpo contra ele enquanto ele a acariciava, estimulava sua fome mais primitiva. Inclinou a cabeça e acariciou seu rosto na base de seu pescoço e ombro, só permitiu com audácia lhe dar um breve beijo quando suas presas rapidamente encheram sua boca e sua língua ficou ávida por uma amostra dela.

Exalou o impulso de emitir um grunhido, atrás da boca para o frente de sua garganta, e logo abaixo, inclinando-se contra seu peito perfeito que tomou com sua palma e levantou o mamilo rosado aos seus lábios.

Ele a sugou, com cuidado em não roçá-la com as pontas de suas presas enquanto puxava o casulo apertado um pouco mais em sua boca, rodeava-a com a língua e se deleitava com seus ofegos de prazer. Ele estendeu sua mão livre para baixo, para tocar o fluxo doce que brotava entre seu corpo. Ela se sentia tão bem em seus braços, sentia-se tão correta que se esmagou contra ele, deixando que seus dedos se afundassem mais nas dobras de seu sexo. Ela estava úmida e quente, sua carne um refúgio acolhedor quando seu toque afundou em seu interior.

—OH, Deus— ofegou ela, arqueando em seus braços. —Kade ...

Em um gemido, soltou seu peito de sua mordida e voltou para seus lábios, capturou um suspiro e o converteu em um beijo profundo e faminto. Apesar de já ter seu ritmo febril, ele ficou mais urgente, ele a necessitava, mas estava muito agitado para levar as coisas com calma. Também era muito consciente das mudanças que viriam sobre ele, mudanças que seriam necessárias explicar, e também seria necessário falar, algo no que não estava interessado em fazer e não era capaz neste momento.

Entretanto seguiu beijando-a, incapaz de tirar sua boca da dela, guiou-a para o ninho de mantas perto do fogo. Juntos, despiu-se, com um movimento precipitado. Tirou a jaqueta e a camisa, botas e calças jeans.



Kade se liberou do resto de sua roupa igual Alex, rompeu o beijo e arrastou a ponta da língua para baixo passando pelo lado de seu pescoço. Negou-se à sacudida repentina do desejo que alagou suas veias, sentiu a corrida do sangue através de seus membros e para baixo à longitude de seu membro. Sua pele ardia com a transformação de seus dermaglifos, o padrão de marcas da Raça que se estendia sobre o peito e os braços e para baixo sobre suas coxas. Os dermaglifos, normalmente de um tom mais escuro que a cor de sua própria pele, certamente estariam saturados de cor agora, para refletir o desejo que sentia por Alex.

—Ah, merda!— grunhiu, em um assobio agudo quando ela mordeu brincalhona a delicada pele debaixo de sua mandíbula. Não sabia quanto mais podia aguentar. Quando ela se abaixou e acariciou a longitude de seu eixo, não pôde tragar seu grunhido animal. Ela aplaudiu a cabeça de seu sexo, seu toque curioso e exigente, roçando sua umidade sobre sua pele sensível.

—Se deite comigo—, disse Alex, com voz entrecortada, sua respiração agitada.

A tomou pelos braços e afundou com ela na manta no chão da cabana e a beijou brandamente, a apertando debaixo dele. Ela era tão suave e quente contra seu corpo, seus braços ao redor de seus ombros, suas coxas abertas, onde seu quadril encaixava entre eles. Seu membro situado na fenda de seu sexo úmido, desenfreado com a necessidade de unir-se profundamente nela, mas Kade só brincava, deslizando entre as pétalas aveludadas de seu corpo, e roçava sua boca ao longo de seu pescoço sentindo os batimentos do seu coração. Abaixou-se esfregando sua carne dura contra sua suavidade, com a ponta de seu pênis acariciando o casulo apertado e pequeno de seus clitóris. Ela gemeu, arqueando-se ao encontro de seus corpos, abrindo as pernas para convidá-lo a chegar mais fundo, ele resistiu à tentação, mas com muita dificuldade.

Ela tinha pedido para aquecê-la e agora os dois estavam se queimando, mas ele queria fazê-la sentir-se mais quente do que nunca. A necessidade súbita e indecifrável de marcar seu corpo, que permitiria satisfazer seu prazer com a fêmea que tinha diante dele, isso era o que sussurrava seu sangue que pulsava como um tambor. Aturdido pelo sentimento, retrocedeu ligeiramente. Mas Alex se via muito bem, sentia-se muito bem, e antes que pudesse recordar que ela merecia algo melhor, estava beijando seu peito. Saboreou cada centímetro de seus peitos e de seus doces montículos e os músculos firmes de seu ventre e a marca de nascimento pequena e condenatória no quadril que o fez sentir todo este prazer e necessidade egoísta de estar tão equivocado.

Mas equivocado ou não, tão egoísta como era para ele ceder a seu desejo por Alex, foi muito além de resistir. A sensação dela debaixo dele fez ferver o sangue em chamas. Seu aroma entre suas pernas era como um ímã. Entre seus suaves cachos a beijou, com os lábios, a língua e os dentes até que se retorcia contra sua boca. E ainda não se deteve. Ele a lambeu e acariciou, desfrutava dela até que se arqueou debaixo dele e gritou com seu terminante clímax estremeecedor. E ainda não se deteve.

Continuou beijando, acariciando e lambendo, dando outro lançamento selvagem, e então, só então, se levantou para cobri-la com seu corpo, empurrando fundo e avassalador contra as paredes quentes e úmidas de sua vagina contraída ao redor de seu eixo. Estava nela, dando-se



conta de que também tinha precisado deste calor, um sentimento embora temporário, tinha precisado de Alex como Alex dele. Neste momento, tanto como ela pensava necessitá-lo a necessitava.

Kade sentia sua liberação a ponto de estalar na dura base de seu membro, intensificada com cada impulso febril. Mais quente e mais quente, mais e mais forte, até que não pôde conter um segundo mais. Ele se esticou com toda a sua força em um grande impulso sobre ela, enterrando o rosto em seu ombro e dando um grito rouco liberou sua semente explorando em um clímax líquido.

Não podia ter freado se tivesse tentado, embora não existia uma ameaça de gravidez sempre e quando não existisse intercâmbio de sangue. Mas resultou mais tentadora do que deveria ser. As presas de Kade estavam estendidas ao longo de suas gengivas. Tinha perdido o controle dentro do calor fundido de Alex. Ouviu seu pulso acelerado, sentia o eco de seu próprio batimento frenético. E onde descansava sua boca em uma careta apertada contra sua pele, sentiu a ponta de seu sangue golpeando justo abaixo da superfície de sua pele delicada.

—Ah, Cristo ... Alex!— vaiou, atormentado pela avalanche de sensações que despertou nele.

Todo rastro de Raça Ihe exigia fazer dela sua mulher, tomar seu sangue como estava reclamando seu corpo.

Kade a sujeitou enquanto tentava controlar a dura necessidade de mais, mas maldita fosse, não era fácil. Ele a girou em seu contrário, para ajudar a ocultar as mudanças que se fizeram nele em sua paixão.

—Está bem?— Perguntou enquanto se esforçava por conseguir o controle de seus impulsos e alguns pensamentos racionais.

—Sim— conseguiu dizer depois de um momento. —Melhor do que tenho direito a me sentir.

—Eu também— disse ela, seu sorriso era evidente na satisfação e sonolenta voz, já que a sentia cálida e brilhante sobre a parte superior de seu antebraço.

—Só em caso que esteja se perguntando, meus serviços como piloto não incluem me despir com meus clientes.

—Bem— disse Kade com um grunhido quando se apertou mais ao seu corpo quente. Ele não queria que ela se despisse com ninguém mais, deu-se conta com uma sacudida. Não gostava da ideia antes do que ocorreu entre eles hoje, e agora não o suportaria.

—E você?— Perguntou ela, enquanto ele se cobria com as mantas para proteger seus dermaglifos de sua vista.

—E eu o que?

—... Faz isto frequentemente?

—Ficar nu com sexys pilotos de montanha do Alaska em meio ao deserto congelado?— Fez uma pausa para considerar a pergunta por um minuto. —Não. Isto foi uma novidade para mim.



E o alagou um feroz sentido de posse que ainda tamborilava no sangue, ao pensar em Alex com qualquer outro homem. Perguntou-se ociosamente se era o fato de que ela fosse uma Companheira de Raça o que o tinha atraído a ela desde o começo. Mas inclusive enquanto pensava, sabia que a marca de nascimento que a conectava com o mundo das sombras, era a menor das qualidades que o atraíu em Alexandra Maguire. O último que necessitava agora era um enredo emocional, e muito menos com ela tendo a marca feminina de lágrima e a meia lua.

Mas já estava enredado. De fato, havia atado só alguns nós mais nesta situação por si só impossível.

Amaldiçoando a si mesmo, Kade beijou a parte superior da cabeça de Alex e a puxou perto, enquanto esperava que seus olhos e suas presas retomassem uma aparência normal para ter a oportunidade de retirar-se.

Levou algum tempo, e inclusive depois que seu corpo se instalou em uma cômoda paz, sua fome pela mulher que tinha nos braços se controlou.

Capítulo 15

A luz do dia cintilou com o primeiro raio da manhã e pousou frente à cova no bosque. O predador tinha procurado refúgio ali, quando os primeiros e quase imperceptíveis raios de sol tinham começado a aparecer na escuridão do inverno. Poucas coisas que existiam eram mais forte do que ele, particularmente neste mundo primitivo, tão diferente e distante do que tinha nascido há muitos séculos atrás, mas tão avançado em sua forma de vida que os de seu tipo, não tinham cabelos no corpo, estavam cobertos por dermaglifos, sua pele não aguentava a luz ultravioleta e poucos minutos à exposição desta, poderia matá-lo.

Dentro da escura cova estava seguro, havia descansado na noite anterior depois de caçar e perambular, já estava impaciente por se ocultar da luz do sol, e embora já houvesse caçado, precisava voltar a se alimentar de novo, suas células, seus órgãos e seus músculos requeriam regenerar-se para se manter com vitalidade, em especial depois de um longo período de privação e abusos, que tinha sofrido enquanto esteve em cativeiro. O instinto de sobrevivência era o único conhecimento que tinha. Ele era o único que restava, completamente só neste inóspito pedaço de escombros em órbita.

Não havia nenhum como ele aqui fora, era o último dos oito exploradores que tinham chegado neste planeta. Completamente perdidos sem oportunidade de escapar.

Todos tinham nascido para conquistar, para ser reis. Em troca, um a um, seus irmãos foram assassinados, fosse pela rudeza de seus novos habitantes ou pela guerra desencadeada com seus próprios filhos meio humanos séculos depois. Com o apoio de uma traição e um acordo combinado em segredo com seu filho, só ele havia sobrevivido. Mas tinha sido essa mesma traição e acordo combinado que o haviam atado como um escravo ao filho de seu filho, Dragos.



Agora que estava livre, seu único objetivo neste desolado planeta era matar seu descendente, Dragos. Ele uivou com fúria ao recordar as décadas de dor que havia passado. Sua voz sacudiu as paredes da cova, um rugido sobrenatural saiu de seus pulmões como um grito de batalha.

Um disparo foi sua resposta, o som veio de algum lugar não muito distante do bosque.

Houve um repentino choque nas congeladas samambaias fora da cova. Então se escutaram uns passos de animais se aproximando da cova.

Eram lobos.

A matilha correu direto à cova, quase precipitando-se pela esquerda. E atrás deles segundos mais tarde, escutaram-se vozes humanas, homens armados em busca dos lobos.

—Por aqui,— gritou um deles. —A maldita matilha entrou correndo por aqui, Dave!

—Vocês peguem o caminho ao oeste,— uma voz de comando disse como resposta. —Lanny e eu iremos a pé por este caminho, aí há uma cova, provavelmente os bastardos se ocultaram dentro.

O zumbido dos motores e o fedor da gasolina encheu o ar, enquanto alguns homens se apressavam para outras direções. Momentos mais tarde, fora da cova, a luz do dia já quase se ocultava. As silhuetas das duas pessoas sustentando os rifles tomaram forma dentro da cova. O homem que ia adiante, era grande, tinha um peito forte e amplos ombros, uma barriga que certamente em sua juventude havia sido prodigiosa, mas agora toda essa musculatura havia sido substituída por gordura.

O homem que ia atrás era mais baixo, muito magro, aproximadamente 50 Kg, uma criatura tímida, sua voz o delatava, — Não penso que haja algo aqui, Dave. E não estou seguro que nos separar dos outros tenha sido uma boa ideia...

Limitado às sombras, o único ocupante da cova, se escondeu atrás de uma parede de rocha, mas não o suficiente para poder ver.

—Ali! Eu vi alguns olhos que brilhavam. O que eu disse, Lanny!?... Que aqui estavam os bastardos escondidos!— Essa foi a voz do homem grande que estava impaciente por matar enquanto levantava sua arma. —Suspenda a lanterna para poder ver a que disparo, certo?

—Está bem, Dave. —, respondeu seu companheiro que se encontrava nervoso, acionando o interruptor da lanterna e enviando um ligeiro raio de luz que percorreu o chão e as paredes da cova. — Os vê por alguma parte? Não posso ver nada aqui.

Certamente que ele não via nada, porque o resplandecente olhar que o homem mais velho tinha visto há um momento estava projetado do chão, mas agora um brilho de olhos humanos vertia de onde o caçador se aferrava ao teto rochoso da cova e sobre suas cabeças, posicionado como uma aranha na escuridão.

O homem mais velho disse sob sua arma. —Que diabos? Onde raios podem ter se escondido?

—Não deveríamos estar aqui, Dave. Acredito que deveríamos ir procurar os outros...

O homem alto avançou uns passos mais dentro da cova. —Não seja covarde. Dê-me a



lanterna.

Quando o homem menor estendeu o braço para entregar a lanterna, sua bota tropeçou com uma pedra e caiu sobre seus joelhos, dando um uivo de dor e surpresa. —Ah, merda! Me cortei!

O aroma de sangue fresco alagou o lugar, alagando os orifícios nasais do predador. Ele respirou enchendo seus pulmões com esse aroma acionando a saída de suas presas.

Debaixo dele, sobre o chão da cova, a cabeça do pequeno homem girou rapidamente para cima. Seu rosto mostrava o horror que sentia, o leve brilho dos olhos cor ambarina que diziam é-hora-de-comer.

Ele gritou, sua voz soava tão alta, que parecia o grito de uma moça humana.

Ao mesmo tempo, o homem grande começou a disparar com seu rifle.

A cova se encheu com o som dos disparos, e tão rápido como um flash de luz o predador saltou das rochas e se equilibrou no par de humanos.

Alex não podia recordar a última vez que dormiu tão profundamente ou tão ininterruptamente. Tampouco podia recordar se alguma vez havia se sentido tão agradada depois de ter feito amor com Kade. Estirou-se sob as cobertas e o saco de dormir jogados no chão, logo se apoiou sobre seu cotovelo para olhá-lo enquanto estava acrescentando mais madeira ao fogo da pequena estufa que tinha na casa.

Ele se agachou para colocar a madeira, seus músculos nas costas eram tão grossos, e os braços se marcavam quando girava para colocar outro pedaço de madeira na estufa, sua pele lisa se banhou com o brilho quente, e cor âmbar da luz que desprendia o fogo. Seu cabelo curto e negro estava embaraçado lhe dando um ar mais selvagem que o habitual, e até mais quando girou sua cabeça para encontrar seu olhar e ela contemplou os cinzelados ângulos do rosto e mandíbula marcada, e o penetrante prateado de seus escuros olhos emoldurados por uma pequena franja que caía sobre sua testa.

Ele era magnífico, tirava-lhe o fôlego mesmo sentado ali nu diante dela, seu olhar era fixo, intenso e íntimo. O corpo de Alex ainda tremia quando recordava toda a paixão que a havia feito sentir, a agradável dor entre suas pernas se incrementava até mais enquanto ele a olhava agora, como se quisesse devorá-la uma vez mais.

—Dormimos todo o dia?— perguntou ela, necessitando de repente encher o silêncio do lugar.

Ele deu uma breve sacudida de cabeça. —O sol se escondeu faz umas duas horas.

—Pelo que vejo já saiu — disse ela, notando um fornecimento fresco de troncos ao lado dele.

—Sim,— disse ele. —Acabo de retornar.

Ela sorriu, arqueando suas sobrancelhas, —Espero que não tenha ido dessa maneira, fora deve estar alguns graus abaixo de zero.

Ele grunhiu, e sua sensual boca formou um sorriso irônico —Não tenho nenhum problema



em sair assim.

Não, Kade definitivamente não era um homem que teria inseguranças sobre sua masculinidade. Cada polegada dele era perfeita, era forte, musculoso, tinha um corpo perfeito. Media quase dois metros, tinha a forma de um guerreiro mítico, grande, com ombros e bíceps definidos, um abdômen perfeitamente formado. O resto de seu corpo também era extraordinariamente perfeito, e poderia assegurar que ele sabia o que fazer exatamente com isso.

Por Deus! Ele era uma obra de arte viva, realçado pelo complicado e inconscientemente sutil desenho de tatuagens com essa tinta... que tipo de tinta era essa, afinal? Esse trajeto dourado de pele sobre seu torso e pernas era certamente para ser apreciado pela língua de uma amante. Alex seguiu deleitando-se com seus olhos o caminho que faziam as tatuagens e o estranho desenho, perguntando-se por um momento se o reflexo do fogo fazia a cor castanha avermelhada de suas tatuagens parecer cintilar com uma cor mais intensa quando ela ficou olhando-o apreciativamente.

Sorrindo abertamente como se estivesse acostumado que as mulheres o admirassem, levantou-se e devagar caminhou para onde ela estava envolta sobre o chão, sem envergonhar-se de sua total nudez.

Alex riu brandamente e sacudiu sua cabeça. —Alguma vez chega a se aborrecer?

Ele levantou uma sobrancelha enquanto se deitava ao lado dela. —Me aborrecer?

—As mulheres devem morrer para ficar com você— disse ela, compreendendo com um pouco de surpresa que não gostava nada da ideia. De fato a odiava, e se perguntou se o que estava sentindo eram ciúmes, considerando que não tinha nenhum direito de estar, simplesmente porque tinham compartilhado umas quantas de ficar suando - bom está bem, tinha que aceitar, umas espetaculares horas desfrutando um do outro.

A acariciou afastando o cabelo do rosto e a olhou fixamente nos olhos —Eu só vejo uma mulher aqui comigo neste momento. E posso assegurar que não estou nada aborrecido.

Ele emoldurou seu rosto entre as palmas de suas mãos e a beijou, levando-a de volta às cobertas. Seu olhar ardia de desejo enquanto a contemplava, e ela podia sentir a pressão rígida de seu pênis ereto de um lado de seu quadril onde se recostou.

—Você é uma mulher especial, Alexandra. Mais especial do que acredita.

—Não me conhece, — protestou ela, precisando se recordar desse fato mais para si mesma que para ele. Eles não podiam conhecer um ao outro em tão só o que? Um par de dias? Não era como se ela fosse permitir que alguém entrasse tão rápido em sua vida, e tão profundo, não com tão curto tempo de conhecimento. E, por que ele? E, por que agora, quando tudo em seu mundo estava desmoronando enquanto estava pendurada na borda de um precipício? Um pequeno empurrão naquela equivocada direção, e ela teria caído. —Você não sabe nada sobre mim... não realmente.

—Então me diga.

Ela elevou o olhar e o olhou nos olhos, sobressaltando-se pela sinceridade, e a evidente súplica em sua voz. —Te dizer...



—Me diga o que aconteceu na Flórida, Alex.

Todo o ar pareceu escapar de seus pulmões nesse momento. —Você disse...

—Sim, mas você e eu sabemos que um motorista bêbado não foi o que matou sua mãe e seu irmão. Algo mais aconteceu, não foi assim? Algo que manteve em segredo durante todos estes anos. — Falou com paciência e se mostrando confiável. E Deus a ajudasse, mas ela se sentia pronta para contar tudo. Tinha que compartilhar com alguém, e em seu coração, sabia que esse alguém era Kade. —Está bem, Alex. Pode me dizer a verdade.

Ela fechou seus olhos, sentindo como aquelas cruéis palavras e essas horrorosas lembranças retornavam a sua mente. — Não posso, — murmurou ela. —Se falar disto, então tudo o que tentei deixar no passado... tudo o que tentei esquecer... retornará outra vez.

—Não pode fugir toda a vida da verdade, — disse Kade e algo atormentador se arrastou em sua voz. Uma tristeza, uma resignação que disse que ele entendia o que era viver com uma carga como a que ela havia levado por tanto tempo. —Negar a verdade não vai fazer desaparecer.

—Não, não vai, — respondeu ela silenciosamente. Em seu coração, sabia disso. Estava farta de correr e farta de lutar para guardar o horror de seu passado enterrado e esquecido. Queria ser livre daquela carga, e isso significava dizer a verdade, não importava o quão horrível esta fosse. Mas o medo era seu mais poderoso inimigo, talvez muito poderoso. —Me assusta, Kade. Não sei se sou o bastante forte para confrontar sozinha.

—É, — Ele a beijou sobre seu ombro, logo a olhou fixamente. —Mas, não está sozinha. Estou com você. Conte-me o que aconteceu. Estarei ao seu lado, se me permitir isso.

Ela sustentou seu olhar suplicante e encontrou a coragem que precisava para contar a verdade. —Tínhamos tido um dia tão agradável juntos, todos nós. Fizemos um piquenique perto do cais, eu acabava de ensinar ao Richie como pular do trampolim do cais. Ele tinha só seis anos, mas era tão intrépido, estava sempre disposto a tentar o que eu fazia. Tinha sido um dia perfeito, cheio de tanto amor e risada.

Até que a escuridão caiu sobre o pântano, trazendo o terror com isso.

—Não sei por que eles escolheram minha família. Procurei uma razão, mas nunca fui capaz de encontrar uma pela qual eles saíram da noite para nos atacar.

Kade a acariciou cuidadosamente enquanto ela lutava para que as palavras saíssem de sua boca. —Às vezes não há motivos. Às vezes as coisas acontecem e não há nada que podemos fazer para encontrar sentido. A vida e a morte nem sempre é clara e lógica. Às vezes a morte salta das sombras como uma aparição, como um monstro muito horroroso para ser real.

—Havia dois deles, — murmurou Alex. —Nós ainda não sabíamos que eles estavam ali até que foi muito tarde. Estava escuro, estávamos todos sentados na sala, descansando, depois do jantar. Mãe estava na entrada com Richie, lendo um conto do Ursinho Puff antes de ir para a cama, quando o primeiro deles saiu do nada e sem nenhuma advertência se precipitou para ela.

Kade apertou sua mão. —Não está falando de homens.

Ela tragou e disse — Não, não era um homem. Inclusive não era humano. Eram algo mais. Algo mau. Mordeu-a, Kade. E logo o outro agarrou Richie com seus dentes, também.



— Dente,— disse ele uniformemente, nenhum choque ou incredulidade em sua voz, só uma compreensão firme e severa. —Se refere a presas não é, Alex? Os atacantes tinham presas.

Ela fechou seus olhos enquanto tratava com a incredibilidade dessa palavra — Sim, eles tinham presas. E seus olhos... brilhavam na escuridão como carvões brilhantes, e no centro deles, suas pupilas eram finas e compridas, como um gato. Não podiam ser humanos. Eles eram monstros.

Kade acariciou seu rosto e o cabelo, como um gesto de querer acalmar todo o terror dessa noite que perturbava sua mente. —Está bem. Agora está a salvo. Só lamento que não tenha estado ali para ajudar você e sua família.

O sentimento era doce, entretanto improvável, dado que ele não podia ser mais que uns anos mais velho que ela. Mas pela sinceridade em sua voz, ela sabia que ele realmente falava a sério. Não importavam suas desigualdades, ou a horrorosa situação, Kade estaria ali com ela para enfrentar o ataque. Os teria mantido a salvo quando ninguém mais podia ter feito.

—Meu pai tentou nos defender, — murmurou Alex, —Mas tudo passou tão rápido. E eles eram muito mais fortes que ele. Golpearam-no como se não fosse nada. Então, Richie já estava morto. Ele era tão pequeno, não teve nenhuma oportunidade de sobreviver a esse ataque. Minha mãe começou a gritar para meu papai que me salvasse. 'Não deixe minha filha morrer!' Essas foram suas últimas palavras. Um deles a sustentava e afundou suas enormes presas ao redor de sua garganta. Não soltou, só manteve sua boca presa a ela. Ele era... OH, Deus, Kade. Isto vai soar louco, mas ele estava... bebendo seu sangue.

Uma lágrima rodou por sua bochecha, e Kade pressionou seus lábios na testa dela, a abraçou mais forte, a aproximando dele e oferecendo aquele consolo que tanto necessitava. — Não é uma loucura, Alex. E ninguém deveria suportar esse tipo de dor e perda.

Embora ela não quisesse voltar a reviver, as lembranças voltavam agora para sua memória depois de ficarem guardadas ali por tanto tempo, que não podia contê-las. Não quando Kade estava ali para sustentá-la, fazendo-a se sentir a salvo como nunca antes.

—Pareciam animais, a maneira em que eles rasgaram mamãe e Richie. Nem sequer os animais fariam algo assim. E, OH, Deus... Havia tanto sangue. Meu pai me carregou e começamos a correr. Mas eu não podia ver a distancia o que acontecia na escuridão. Não quis ver mais, mas era tão irreal. Minha mente não podia processar. Foi há anos, e ainda não estou segura de poder explicar o que nos atacou essa noite. Somente... quero encontrar sentido e não tem. Nunca terá.— Fez uma pausa profunda, ao reviver aquela recente dor, e recente confusão. Procurou aquele olhar tranquilo de Kade e disse. —Vi o mesmo tipo de feridas na família Toms. Eles foram atacados, como nós fomos, pelo mesmo tipo de monstros. Estão aqui no Alaska, Kade... e estou assustada.

Durante um longo momento, Kade não disse nada. Ela podia ver em sua mente como revivia tudo o que havia dito, cada incrível detalhe que teria feito que qualquer pessoa zombasse ou dissesse que fosse procurar ajuda profissional. Mas ele não, ele aceitou sua verdade como era, sem nenhum rastro de dúvidas em seus olhos ou em seu tom de voz. —Já não tem que fugir mais.



Pode confiar em mim. Nada mau vai acontecer enquanto esteja com você. Acredita em mim, Alex?

Ela assentiu, compreendendo agora o quanto tinha fé nele. Confiava nele a um nível que era mais que instinto, e estava no profundo de seu sangue. O que ela sentia por ele desafiava o fato de que havia entrado em sua vida naquela manhã, não tinha nada a ver com a maneira que se sentia fisicamente atraída por ele, literalmente tinha uma urgência por ele na qual não estava preparada para entrar em detalhes.

—Preciso que confie em mim,— disse com muito cuidado. —Há coisas que tem que entender, Alex. Agora mais que nunca. Coisas sobre você, e sobre as coisas que viu na Flórida e aqui. E também há coisas que tem que saber de mim.

Ela sentou, seu coração pulsava de uma maneira estranha em seu peito, com um sentido cauteloso de expectativa. —O que quer me dizer?

Ele deu uma olhada acima dela, seu olhar percorreu sua nudez como uma suave carícia, logo se deteve em seu quadril, seu olhar fixo, passou seu dedo polegar pelo osso do quadril de Alex, roçando a marca de nascimento diminuta que tinha ali. —É diferente, Alexandra. Extraordinariamente diferente. Devia ter reconhecido isso logo. Havia sinais, mas de algum modo os omiti. Enfoquei-me em outras coisas e eu... maldição!

Alex franziu o cenho, estava muito confusa. — O que está tentando dizer?

—Você não é como as outras mulheres, Alex.

Quando ele a olhou de novo agora, a confiança que normalmente faiscava tão intensamente em seus olhos desapareceu. Ele tragou, a secura em sua garganta fez que o sangue dela corresse mais depressa em suas veias. Independente do que ele tivesse a dizer, era ele que sentia medo agora, e a ansiedade pelo que fosse dizer a estava matando de incerteza.

—Você, Alex, é muito diferente das outras mulheres —, disse Kade hesitante. —E eu... Precisa saber que não sou como os outros homens, tampouco.

Ela piscou, sentindo um peso sobre ela que se estendia entre eles. Aquele mesmo instinto que dizia que precisava saber mais, também suplicava que recuasse e preferisse não saber nada — que não precisava saber o que fosse que Kade tinha para contar. Mas tudo o que ela podia fazer era olhá-lo e esperar, preocupando-se que ele estivesse a ponto de enviar seu mundo inteiro em ruínas.

O timbre de seu telefone celular a sacudiu. Soou outra vez e ela o buscou, tomando a desculpa para escapar da estranha e escura conduta de Kade.

— Fala Alex,— disse ela, reconhecendo o número de Zach enquanto abria o telefone e respondia a chamada.

— Onde está?— exigiu ele, sem nem sequer a saudar. —Acabo de passar por sua casa e não estava. Saiu com Jenna?

—Não, — disse ela. —Jenna esteve esta manhã em minha casa, antes que eu partisse. Deve ter ido para casa.

—Bom, então, onde está, demônios?

—Tive que sair, — disse ela, um pouco surpresa pelo tom de voz que utilizou Zach. —



Tinha um, um, um cliente que precisava de um voo esta manhã no registro.

—Bom, temos uma situação um tanto caótica, — Disse Zach severamente. —Estou no meio de uma emergência médica e te necessito para transferir um ferido com lesões graves do bosque.

Alex saiu da névoa emocional em que estava antes que atendesse a chamada. —Quem está ferido, Zach? O que está acontecendo?

—É Dave Grant. Não tenho a história inteira ainda, mas ele e Lanny com um grupo de outros homens da cidade foram à caça ao oeste da cidade hoje. Encontraram-se com grandes problemas. Lanny Ham está morto, e Dave está muito mal. Os outros homens têm medo de pô-lo sobre uma motoneve para transportá-lo, porque o mais provável é que não cheguem a tempo de salvá-lo.

—OH, meu Deus, — Alex sentou sobre suas pernas dobradas, lentamente lhe intumescceu a pele. —Como são as feridas, Zach... o que foi que aconteceu?

—Algo os atacou aí, segundo disseram os outros homens. Dave está delirando, perdeu muito sangue. Recupera e perde a consciência frequentemente, fala muitas tolices, fala sobre uma criatura que os atacou na cova a oeste de Harmony. O que tenha sido os deixou realmente em mal estado. Isto está mal, Alex. Esta realmente mal. A notícia está por toda a cidade e todo mundo está em pânico.

Ela fechou seus olhos. —OH, Deus meu... OH, meu deus...

Kade pousou sua mão no ombro nu de Alex. — Que aconteceu, Alex?

Ela sacudiu sua cabeça, sentia-se incapaz de formar as palavras.

—Quem está com você?— exigiu Zach. —Merda, Alex, está com esse tipo, o da outra noite no bar do Pete's?

Alex não pensou que tivesse que responder a Zach Tucker a respeito de com quem estava passando o tempo, não quando um homem morto e a vida de outro homem estava em jogo. Não quando o horror de seu passado, o horror que tinha temido tivesse visitado a família Toms há somente uns dias, estavam atormentando as feridas de seu coração de novo.

—Estou na casa de Tulak, Zach. Saio para lá em seguida, estou a uns quarenta e cinco minutos.

—Esqueça. Não podemos esperar tanto, contatarei com Roger Bemis.

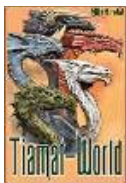
Ele desligou, deixando Alex sentada em estado de choque.

—O que aconteceu?— perguntou Kade. —Quem está ferido?

Durante um momento, tudo o que ela podia fazer era concentrar-se em inalar e exalar. Seu coração golpeava miseravelmente, sentindo-se culpado. —Eu devia tê-los advertido. Eu deveria ter dito o que sabia em vez de pensar em como negar.

—Alex?— A voz de Kade era cautelosa, seus dedos eram firmes, mas carinhosos quando levantou seu rosto para o seu. —Me diga o que esta acontecendo.

— Big Dave e Lanny Ham, — murmurou ela. —Foram atacados hoje no bosque. Lanny está morto. Big Dave está muito ferido.



E se Kade tivesse ido com eles, em vez de sair com ela? A ideia de que poderia estar perto daquele perigo ou pior, ser uma vítima disso, fez sacudir seu coração. Sentiu-se doente pelo medo e pânico, mas foi à sua irritação ao que se aferrou.

—Tem razão, Kade. Não posso escapar do que sei. Não mais. Tenho que confrontar este mal. Tenho que adotar uma postura agora, antes que alguém mais saia ferido. — A fúria manteve a flutuação onde o medo ameaçava dominar. —Tenho que dizer a verdade a cada uma das pessoas em Harmony. A todo o condenado mundo, se isso for o que precisa ser feito. As pessoas tem que saber o que há aí fora. Não podem destruir um mal que nem sequer sabem que existe.

—Alex. — apertou os lábios, e começou a sacudir sua cabeça como se quisesse dissuadi-la. —Alex, não acredito que seria o melhor...

Ela sustentou seu olhar fixamente, incrédula. —É devido a você que me sinto o bastante forte para fazer isto, Kade. Precisamos permanecer juntos – todos – para acabar com isto.

—Ah, Cristo... Alex...

Sua dúvida era como um fio cortando sua zona abdominal. Confusa por sua mudança de atitude, mas decidida a fazer o que era correto - decidida a fazer o que tinha que fazer - ela se afastou dele e começou a vestir-se. —Tenho que retornar a Harmony. Vou em cinco minutos. Você decide se vêm comigo ou não.

Capítulo 16

Não falaram durante todo o voo de volta.

Kade sentou ao lado de Alex em um terminal e miserável silêncio, debatendo-se entre querer explicar sobre a Raça, e seu lugar dentro desse mundo, e igualmente temendo que se soubesse o que ele era em realidade, o classificaria dentro da mesma categoria de monstro que temia e que agora estava decidida a delatar frente a toda Harmony e ao resto da humanidade.

O medo de que ela o odiaria manteve sua língua presa ao palato de sua boca durante os quarenta e cinco minutos que levaram de retorno à pista de aterrissagem coberta completamente de neve, perto do povoado. Era um bastardo só pelo fato de ocultar toda a verdade; sabia disso perfeitamente.

Tinha comprovado ser algo até pior na cabana de Tulak, quando deixou que seu desejo por ela se interpusse em seu dever – em seu próprio código pessoal de honra, debilitando-o tanto como pode – o que teria obrigado o melhor dos machos a pôr todas as cartas sobre a mesa antes de reclamá-la como dele.

Mas tudo não tinha sido só para ter sexo com Alex. Não era só desejo, embora sentisse exatamente isso por ela com acréscimo. As coisas seriam condenadamente mais fáceis agora se dependesse meramente de seu estado físico.

O fato era que ele se preocupava com ela. Importava-lhe. Não queria vê-la sofrer mais,



muito menos por suas próprias palavras ou ações. Queria protegê-la das coisas que a tinham machucado no passado, e faria todo o possível para que nada mal pudesse machucá-la de novo.

OH, sim, estava fazendo um maldito bom trabalho ali.

Fazendo um trabalho de primeira classe com tudo o que concernia a ele desde sua volta ao Alaska.

Com base nas provas que tinha encontrado na cabana, o que poderia ter sido uma simples missão complementar para acabar com o problema de Renegados na zona ártica do norte do país, agora era uma questão de localizar um assassino de sua própria família. E agora tinha mais um humano morto para adicionar aquela mescla, provavelmente dois, se o relatório das lesões de Big Dave era exato.

Outro ataque selvagem, pelo que Kade orava, estivesse fora de toda suspeita e não tivesse o nome de Seth impresso.

Ainda estava digerindo aquele medo enquanto Alex levava o avião a uma perfeita aterrissagem. Maldição, embora transtornada como devesse estar, Alex estava em um completo e frio controle atrás do volante. Uma verdadeira profissional. Uma coisa que o fazia apreciá-la até mais.

—Merda, — exalou ele em voz baixa enquanto olhava para fora da janela na cabine do piloto. Realmente era uma pena em comparação a esta mulher.

—Parece que a metade do povoado está reunida fora da clínica, — disse Alex. —Porque aí está o avião de Roger Bemis, então suponho que já devem ter trazido Big Dave e Lanny do bosque.

Kade grunhiu, olhando como o edifício do centro da cidade havia se convertido em um lugar onde umas quantas dúzias de pessoas se congregavam sob o refletor que iluminava a entrada, alguns de pé e outros sentados escarranchado sobre as motoneves.

Alex desligou o motor do avião e abriu a porta do piloto. Kade saiu atrás dela, rodeando a frente do avião enquanto ela o vistoriava e fechava absolutamente tudo. Seus movimentos eram eficazes, suas mãos enluvadas trabalhavam mais pelo hábito que pelo pensamento consciente das tarefas. Quando finalmente deu uma olhada em sua direção, Kade viu que seu rosto estava tão pálido como as cinzas, suas feições esgotadas pelo cansaço e ligeiramente cautelosa. Mas seu olhar estava perspicaz de pura determinação.

—Alex... melhor falarmos disto antes que entre ali e diga o que pensa ou o que precisa dizer a toda esta gente.

Ela franziu o cenho. —Todos precisam saber. E eu preciso dizer.

—Alex. — Ele estendeu a mão e a agarrou pelo braço, um aperto mais firme do que havia pensado. Ela olhou seus dedos ao redor de seu braço, então levantou a vista para vê-lo. —Não posso te deixar fazer isto.

Ela se soltou de seu aperto, e por um segundo ele considerou em mantê-la afastada da multidão reunida na rua. Com um pequeno esforço mental e a palma de sua mão sobre sua testa, poderia pô-la em um estado de transe e semi-consciente.

Poderia economizar um tempo precioso a impedindo de arriscar sua missão inteira



atribuída pela Ordem, alertando seus amigos e às pessoas do povoado da existência de vampiros que viviam entre eles, e que estavam os atacando das sombras.

E ela o odiaria até mais — com toda a razão — por aquela cruel manipulação por parte dele.

Ela deu um passo se afastando dele, suas sobrancelhas ainda carrancudas pela confusão. —O que é que de repente está acontecendo com você, hein? Tenho que ir.

Ele não a deteve quando deu a volta e se dirigiu a empurrões para a pequena clínica de Harmony. Soltando uma forte maldição, Kade a seguiu. Alcançou-a em um instante, e logo abriu passo com ela através da ansiosa multidão.

—... é terrível que algo assim aconteça de novo, — murmurava uma mulher de cabelo grisalho à pessoa ao seu lado.

—... perdeu muito sangue, — comentou alguém mais. —Degolou-os a ambos, foi o que escutei. Não ficou muito do outro homem.

—Uma coisa horrível, — disse outra voz perdida na multidão, chiando de pânico. — Primeiro os Toms, agora Big Dave e Lanny. Quero saber o que o Oficial Tucker planeja fazer sobre isto!

Kade andou ao lado de Alex quando ela se dirigiu para Zach, que estava parado perto da entrada da clínica, sustentando seu telefone celular na orelha. Ele a reconheceu imediatamente com apenas uma olhada, enquanto continuava dando ordens a alguém no outro extremo da linha.

—Zach, — disse ela, —Preciso falar com você...

—Estou um pouco ocupado, — disse rapidamente.

—Mas, Zach...

—Agora não, maldição! Tenho um homem morto e outro sangrando como um porco e o maldito povo resolveu me acossar!

Kade mal podia conter o grunhido de raiva que ameaçava sair de sua garganta e o instinto protetor que clamava destroçar o humano. Sua própria irritação borbulhava perigosamente, seus músculos se esticaram e se prepararam para uma luta que compreendeu estava mais que ansioso para começar. Em lugar disso, tomou Alex sutilmente pelo braço e se interpôs entre ela e o outro homem.

—Vamos, — disse ele, guiando-a a recuar e obrigando-a a voltar para a multidão. —Vamos até algum outro lugar até que as coisas se acalmem.

—Não, — disse ela. —Não posso ir. Preciso ver Big Dave. Preciso estar segura...

Ela se afastou bruscamente dele e balançou depressa pelo pavimento para a clínica, com Kade lhe pisando os calcanhares. O interior do lugar estava em completo silêncio, só o zumbido das luzes fluorescentes do teto projetavam na área de recepção vazia e mais à frente no vestíbulo que conduzia aos quartos de observação. Tal e como se via a clínica com sua falta de pessoal, não parecia que estivesse apta para se encarregar com muito mais que atividade intensa ocasional ou seções de vacinação.

Alex se dirigiu pelo vestíbulo a um ritmo marcado, rápido.



—Onde está Fran Littlejohn? Ela nunca suportaria semelhante frio estando aqui. — Murmurou Alex, quase ao mesmo em que Kade notava também a temperatura.

Como o frio do ártico.

Ela avançou apressadamente pelo vestíbulo em volta de um dos quartos. O único com a porta completamente fechada.

Alex pôs sua mão sobre o trinco. Mas não cedeu. —Que estranho. Está fechada com chave.

Os instintos de guerreiro que haviam em Kade se iluminaram como bombas.

—Se afaste.

Ele já estava parado na frente dela, movendo-se mais rápido que seus olhos podiam segui-lo. Agarrou o trinco da porta e o girou fortemente. A fechadura se rompeu, fazendo em pedaços os mecanismos da chapa em um instante.

Kade abriu a porta... e se encontrou olhando fixamente os olhos frios de um morto, de um Subordinado.

—Skeeter? — a voz de Alex soou um pouco alta pela surpresa, e muito desconfiada. — Que demônios está fazendo aqui?

O assunto do Subordinado estava completamente claro para Kade. No chão ao lado da cama de Big Dave estava estendida uma mulher – de meia idade – com o uniforme da clínica. Sem dúvida, inconsciente, mas ainda respirava, o que era mais que podia dizer em comparação ao seu paciente na cama.

—Fran! — gritou Alex, correndo para o lado da mulher.

A atenção de Kade se concentrou em outro lugar. O quarto transbordava com o predominante fedor de sangue humano. Se fosse fresco, a resposta fisiológica de Kade seria impossível de ocultar, mas o aroma estava rançoso, as células mortas. Não parecia Big Dave estendido na cama, visualmente quase irreconhecível pela gravidade de suas feridas. Tudo o que Kade precisava era um cheirinho de hemoglobina coagulada e derramada para saber que o homem já tinha vários minutos morto.

—Meu Amo achou desagradável escutar falar do ataque de hoje, — disse o Subordinado, seu rosto era magro, pálido e sem expressão. Atrás dele estava uma janela aberta, obviamente seu meio de entrada no quarto. E em sua mão tinha algumas tesouras de sutura ensanguentadas que tinham sido usadas para acabar com a vida de Big Dave, aprofundando suas feridas.

—Kade... do que está falando?

Skeeter sorriu em direção a Alex, um peculiar e estranho sorriso — Meu Amo tampouco se agradou ao escutar falar sobre você. Uma testemunha é um problema em geral, como entenderá.

—OH, Meu deus, — murmurou Alex. —Skeeter, o que está dizendo? O que fez?

—Seu... filho de uma cadela, — vaiou Kade, lançando-se ao Subordinado e mandando Skeeter ao chão em um impetuoso ataque. —Quem te mandou, hein? Responda-me!

Mas o escravo de mente humano só o olhou e logo sorriu com desprezo, apesar dos



insultos que Kade soltou.

—Quem demônios é seu Mestre?— demandou e golpeou Skeeter de novo. E uma vez mais. —Fala, maldito pedaço de merda.

As respostas que esperava não foram ouvidas. Alguma parte irracional lançava o nome de Seth à cabeça, mas isso não era muito provável. Embora Kade e seu gêmeo fossem da Raça, sua linhagem de sangue não era o bastante velha ou o bastante pura para criar um Subordinado. Só as primeiras gerações da raça de vampiros tinham o poder para esgotar um humano até levá-lo a beira da morte, e logo tomar o controle de sua mente.

—Quais eram suas ordens?— golpeou o Subordinado que sorria abertamente, com a cara ensanguentada, e uma expressão desalmada. —O que te disse seu Amo sobre Alex?

Atrás dele, ao contrário, uma voz se escutou através da violência e fúria borbulhando dele. —Kade, por favor... pare. Está me assustando. Pare agora e o deixe ir.

Mas ele não podia parar. Não podia deixar o humano que uma vez tinha sido Skeeter Arnold partir, não neste momento. Sem saber o que era. Sem saber o que poderiam ordenar que fizesse a Alex se estivesse solto para levar a cabo novamente os desejos de seu Amo.

—Kade, por favor...

Com um rugido animal, sujeitou a cabeça do Subordinado em suas mãos e deu um tombo selvagem. Destroçando os ossos e terminações nervosas, logo soou um golpe seco enquanto deixava cair o crânio sobre o chão.

Ouviu a respiração entrecortada de Alex às suas costas. Pensou que talvez ela gritasse, mas permaneceu absolutamente calada. Quando Kade deu a volta para olhá-la, não foi difícil ler a confusão - e o completo choque - que mostravam seus grandes olhos castanhos claros.

—Lamento que tivesse que ver isto,— disse tranquilamente. —Não podia fazer outra coisa, Alex.

—Você... o matou. Acaba... acaba de matá-lo... com suas próprias mãos.

—Ele já estava morto, Alex. Só era uma fachada. Realmente já não era humano.— Kade franziu o cenho, ao compreender que isso devia soar estranho para ela pela expressão confusa e desconcertada que mostrava seu rosto. Levantou-se lentamente e ela deu um passo atrás, fora de seu alcance.

—Não me toque.

—Ah, Maldição,— murmurou ele, passando seus dedos sobre o couro cabeludo. Ela tinha ultrapassado o limite de violência em sua vida; a última coisa que precisava era estar em uma festa mais por sua relação com ele. —Odeio que se encontre aqui neste momento, vendo isto. Mas posso explicar...

—Não.— Disse ela e sacudiu abruptamente sua cabeça. —Não, tenho que encontrar Zach. Tenho que trazer ajuda para Big Dave e tenho que...

—Alex.— Kade tomou seus braços em um ligeiro aperto sem muita pressão. —Não há nada que possa fazer agora por estes homens. E envolver Zach Tucker ou alguém mais nisto só vai fazer mais perigosas as coisas — não só para eles, mas para você também. Não correrei esse risco.



Ela o olhou fixamente, seus olhos procurando os seus.

No silêncio que pareceu se estender e encher o quarto, a enfermeira que Skeeter tinha golpeado e mandado ao chão começou a despertar e a recuperar a consciência. A mulher gemeu, e resmungou algo imperceptível.

— Fran,— disse Alex, girando para ajudar à outra mulher a erguer-se.

Kade bloqueou seu caminho. —Ela ficará bem.

Com Alex o olhando cautelosamente, ele foi para o lado da mulher e brandamente pôs sua mão sobre sua testa. —Durma agora, Fran. Quando despertar, não recordará nada disto.

—O que está fazendo?— exigiu Alex, sua voz subiu de tom enquanto a enfermeira relaxava sob seu toque.

—Será mais fácil para ela esquecer que Skeeter esteve aqui,— disse ele, se assegurando que a mente de Fran esquecesse o ataque e alguma lembrança que pudesse ter também de Kade e Alex aqui. —Será mais seguro para ela desta maneira.

—Do que está falando?

Kade girou sua cabeça para enfrentá-la. —Há mais coisas concernente aos seus medos do que imaginava, Alex. Muito mais.

Ela o olhou fixamente. —O que está dizendo, Kade?

—Hoje de manhã, na cabana, disse que confiava em mim, verdade?

Ela engoliu, e logo assentiu.

—Então confie em mim, Alex. Ah, maldição. Não confie em ninguém exceto em mim. — Deu uma olhada no corpo de Skeeter Arnold - o cadáver do Subordinado tinha que ir para algum outro lugar, e rápido. —Necessito que volte para fora. Não pode dizer nada a ninguém sobre Big Dave ou Skeeter ou o que aconteceu aqui há um momento. Não comente com ninguém o que viu aqui, Alex, com ninguém. Necessito que se afaste, vá para casa, e espere que eu vá encontrar com você. Prometa isso.

—Mas ele— Sua voz se apagou enquanto ela gesticulava para o corpo estirado no chão.

—Me ocuparei de tudo. Tudo o que preciso é que me diga que confia em mim. Que acredita quando digo que não há razão para que fique com medo. Muito menos de mim. — Ele estendeu a mão para acariciar sua bochecha, vendo que ela não retrocedia ou se separava dele. Estava pedindo endemoniadamente que ela não se afastasse mais dele. —Vá para casa e me espere, Alex. Estarei ali assim que possa.

Ela pestanejou algumas vezes, logo deu uns passos atrás. Seus olhos estavam vazios enquanto dava a volta e abria lentamente a porta, e por um momento se perguntou se seu medo se filtrava muito fácil dela.

—Está bem, — disse ele. —Confio em você, também, Alex.

Ele deu a volta e escutou quando ela saiu e o deixou para que limpasse sua desordem sozinho.



Capítulo 17

Em um instante seu mundo mudou completamente.

Alex se afastou de Kade, surpreendida que suas pernas funcionassem quando em sua mente apareciam as imagens de tudo tão ilógico que ela acabava de ver, não só referindo-se a Skeeter Arnold, também a Fran Littlejohn. Era algum tipo de hipnotismo o que ele usou sobre ela, ou era algo mais poderoso que fez que a mulher perdesse sua força de vontade tão facilmente?

E Skeeter...

Que significado tinham todas essas coisas estranhas que disse a Kade, falava como se estivesse cumprindo ordens de seu... Amo. Foi uma conversa louca, ainda para Skeeter ao qual já se considerava um pouco louco. Ele não parecia muito perigoso, era um perdedor, traficante de drogas, mas não o tinha considerado em uma categoria mais alta que isso. Mas agora, tudo tinha mudado terrivelmente. Um pouco quase desumano.

Ele já não está realmente vivo... só é uma casca.

Ele tinha matado Big Dave a sangue frio, e Kade tinha quebrado o pescoço de Skeeter com suas mãos.

OH, Deus. Nada tinha sentido para ela.

Há mais monstros dos que conhece, Alex.

A advertência de Kade se repetia em sua cabeça com frequência. Isto não podia acontecer. Como poderia ser real tudo isto? Mas ela sabia que era, estava tão segura que era real como sempre esteve a respeito do que tinha acontecido há muitos anos atrás na Flórida.

Não confie em ninguém além de mim.

Não tinha outra opção. O que Kade disse na clínica somente a tinha deixado com mais pergunta que antes.

Ela estava aterrorizada. Kade era perigoso; ela o tinha visto matar uma pessoa em menos de um minuto. Mas ainda assim ele era protetor, não só com ela, mas também com Fran Littlejohn, ele não conhecia a mulher, mas apesar de tudo o que ele havia dito e feito nesse momento, ela sabia que Kade não a machucaria.

Kade era uma âncora sólida em uma realidade que de repente ia à deriva.

Ela caminhou através da pequena multidão na clínica. As dúzias de caras que conhecia há muito tempo agora pareciam como forasteiros. Inclusive Zach, que nesse momento a estava olhando, agora ela desconfiava de todo mundo.

Zach continuava olhando, mas ela seguiu caminhando, estava desesperada para sair dali.

—Alex, — disse Zach e ela sentiu que uma flecha de pânico a atravessava. Zach era a última pessoa que queria ver nesse momento, andou um pouco mais rápido.

—Alex, pare. — Ele caminhou muito rápido para ela e a agarrou pela jaqueta. —Espera um maldito minuto.

Considerando que não tinha opção, ela parou. Isso foi uma luta para dissimular o que



realmente sentia.

Zach franziu o cenho e a olhou fixamente, — Está bem? Está pálida.

Ela sacudiu sua cabeça e deu de ombros. —Somente estou um pouco em choque por todo o ocorrido.

—Sim, foi uma merda. Escuta, sinto muito ter falado como fiz, mas ultimamente as coisas vão de mal a pior.

Alex engoliu, assentindo. Ele ainda não sabia nem a metade do que realmente acontecia.

Não confie em ninguém além de mim agora... Não diga a ninguém o que viu aqui, Alex. Prometa isso.

As palavras de Kade foram à deriva por seus pensamentos enquanto Zach a olhava fixamente. —E? Tem toda minha atenção, no momento pelo menos. Do que queria falar comigo?

—Hum... — Alex procurou uma resposta, sentindo-se estranhamente inquieta pela forma que Zach parecia olhá-la com especulação, inclusive suspeita. —Só... estava preocupada com Big Dave, é obvio. Como vai? Como, hum, acredita que aconteceu?

As perguntas pareciam torpes sobre sua língua, especialmente quando seu coração ainda golpeava com força depois do que tinha visto na clínica.

A expressão de Zach se tornou um pouco mais escrutinadora. —Mas você mesma o viu, não?

Ela sacudiu sua cabeça, não estava segura de que pudesse mentir.

—Não vi você entrar... você e, ah, seu novo amigo?— Ele fez o gesto de buscá-lo com a cabeça, — Onde está ele? Ainda está lá dentro?

—Não, — ela disse, —Não sei do que está falando. Kade e eu estivemos aqui fora todo o tempo. Ele já se foi.

Antes que Zach pudesse comprovar que Kade estivesse ali, foi interrompido por Fran Littlejohn que saiu gritando, — Onde está o Oficial Tucker! Onde está Zach? Alguém chame o Oficial!

Alex a olhou fixamente, aguentando um sentimento crescente de temor quando a cabeça de Fran balançou, procurando entre a multidão.

—Aqui estou, — Zach gritou, —O que aconteceu?

—OH, Zach!— a técnica clínica exalou um suspiro, seus grossos ombros decaídos. —Temo que o perdemos. Acabava de dar outra dose do sedativo, e dei a volta pelo que poderia ter sido um minuto no máximo. Quando voltei a olhá-lo, já tinha morrido. Big Dave está morto.

—Maldito seja, — resmungou Zach. Embora estivesse falando com Fran, deu uma olhada rápida em Alex. —Ninguém mais esteve com você ali, Fran?

—Somente eu. — disse ela. —Pobre Dave e pobre Lanny. Deus os abençoe.

Uma onda de murmúrios suaves e orações sussurradas se estenderam entre a multidão, Alex esclareceu sua garganta. —Tenho que ir, Zach. Foi um dia muito longo, e estou muito cansada. Portanto, a menos que tenha mais perguntas...

—Não, — disse Zach, mas seu olhar dizia outra coisa. —Vá para casa Alex. Se precisar te



perguntar algo, sei onde te encontrar.

Ela cabeceou, incapaz de se despedir, já que sentia que o comentário que fez Zach tinha um tom ameaçador, assim se afastou o mais rápido que pôde.

Aproximadamente a cinco milhas de Harmony, no mais profundo do páramo congelado, Kade levava em seus ombros o corpo sem vida de Skeeter Arnold. Deixou-o cair por uma ravina.

Kade ficou ali de pé durante um momento, até que o cadáver do Subordinado ficou fora de sua vista, deixando que o ar amargo e frio enchesse seus pulmões, enquanto olhava fixamente para o nada. O céu estava escuro, a terra estava coberta por neve. Ao longe escutou o grito de um lobo, que se dispunha a correr com sua matilha. Por um instante Kade se sentiu tentado a ir com eles.

Tentado a fugir de todo o caos que o esperava em Harmony, a verdade é que tinha um pouco de medo por ter que enfrentar Alex e contar toda a verdade.

O desprezaria pelo que tinha a dizer?

Ela se afastaria dele por medo a sua natureza?

Ele não a culparia se o fizesse. Sobretudo depois do que ela tinha vivido em menina e agora, havendo-o visto matar um homem diante de seus olhos. Como podia esperar que ela o olhasse como algo mais que um monstro?

—Ah, merda, — resmungou Kade, chutando a neve que estava sob seus pés perto da borda da ravina. —Merda!

—Problemas, irmão?

Era uma voz familiar, mas muito inesperada. Kade sentiu como uma corrente elétrica descendo por seu corpo. Kade girou para o lugar de onde provinha a voz, automaticamente segurou uma das facas que tinha sobre seu cinturão.

—Calma, — disse Seth, arrastando suas palavras lentamente, inclinando sua cabeça para indicar a borda da ravina diretamente atrás de Kade. —Melhor olhar onde pisa.

Kade olhou com fúria seu irmão gêmeo. —Poderia dizer o mesmo... irmão.

Ele guardou a faca em seu cinturão cautelosamente depois que Seth deu um olhar atentamente à ravina atrás dele. Seth grunhiu. —Não é o modo mais inteligente de esconder um cadáver, suponho que não levará muito tempo para encontrá-lo.

—Sim, você definitivamente tem que saber como esconder um cadáver, verdade?

Seth o olhou nos olhos, era como ver seus próprios olhos cor de prata, era como olhar seu próprio rosto em um espelho. Exceto que seu cabelo negro era mais curto que o de Seth, seu irmão tinha um aspecto descuidado, o cabelo estava um pouco comprido e embaraçado, suas bochechas e mandíbula estavam manchadas com areia e imundície. Seu rosto estava mais magro do que Kade recordava. Ele olhou o brilho selvagem em seu olhar.

—Onde, maldito seja, estava metido?— ele exigiu. —Quanto tempo esteve realizando suas matanças?

Seth riu silenciosamente, com um escuro entretenimento. —Não sou que estou jogando um humano na ravina.



—Era um Subordinado, — Kade o corrigiu.

—Realmente?— Seth arqueou uma sobrancelha — Um Subordinado aqui, no lugar mais frio do mundo... interessante.

—Sim, assim é, — disse Kade. —E você não respondeu minha pergunta.

A boca de Seth se curvou em um sorriso escuro. —Qual é o ponto de dizer algo que você já sabe?

—Talvez precise ouvir de seus próprios lábios. Diga-me como esteve espiando e matando os humanos desde que deixei o Alaska há mais de um ano—inferno, isto aconteceu durante muito mais tempo que isso, não?— Ele vaiou agudamente com desgosto. —Encontrei algo que poderia reconhecer. Aqui...

Tirou o dente de urso de seu bolso e o jogou em seu irmão gêmeo.

—Agora tem o jogo completo, — disse Kade. —Este, e o que tirou do homem nativo quando o matou no inverno passado.

Seth o pegou e deu uma olhada na palma de sua mão, enquanto tocava com seus dedos seu doentio prêmio. —Por isso vejo que esteve no Darkhaven— murmurou Seth. —E esteve rebuscando entre minhas coisas, que grosseiro de sua parte. Muito retorcido e desonesto, Kade. Esse foi sempre mais meu estilo que o seu.

—O que aconteceu, Seth? Matar uma só pessoa já não satisfazia, que agora mata muitas pessoas ao mesmo tempo?

Kade olhou como a expressão de seu irmão mudava de um sorriso macabro a uma expressão de confusão. —Não sei do que está falando.

—Agora vai ficar aí parado me dizendo que não sabe do que falo? É incrível,— zombou Kade. —Vi os corpos, ou o que deixou deles. Matou uma família inteira, foram seis vidas em uma só noite, está doente. E hoje acrescentou a sua lista dois corpos mais, quando atacou aqueles homens de Harmony.

—Não fui eu, — Seth negava com sua cabeça. Parecia, inclusive, insultado. —Está enganado, se houve matança como afirma, não são minhas.

—Não minta, maldito seja.

—Não estou mentindo. Sou um assassino Kade. Poder-se-ia dizer que tenho um... problema. Mas inclusive minha moral pervertida tem seus limites.

Kade o olhou fixamente para avaliá-lo. Inclusive após um ano sem vê-lo, conhecia seu gêmeo o bastante bem para saber que Seth dizia a verdade.

—Nunca matei uma família inteira, e tampouco sou responsável pelos dois homens que foram atacados hoje.

Kade sentiu que um frio percorria seu corpo, se seu irmão dizia a verdade sobre isto. E ele não tinha matado a família Toms, nem Lanny, nem Big Dave.

Se não foi Seth, então quem?

Kade tinha abandonado há muito tempo a ideia de que Renegados fossem responsáveis, sem informe de desaparecimento de machos da Raça da região de habitantes do Darkhaven ou



algum outro indicador de que houvesse vampiros na agonia do Vício de sangue soltos na área.

Então, que possibilidade restava?

Poderia ser o vampiro que havia feito Skeeter Arnold um Subordinado? E se fosse assim, por que um tipo poderoso da Raça preferiria caçar em lugar tão remoto, como o escassamente povoado Alaska, quando poderia escolher grandes cidades, com uma população muito maior? Definitivamente as coisas não encaixavam.

Mas nada disso desculpava os crimes de Seth ou suas ações sem arrependimento.

—O que te aconteceu? — perguntou Kade, olhando-o fixamente no rosto, que era como se estivesse olhando seu próprio rosto, o irmão que ainda amava, apesar de tudo que tinha feito. —Por que, Seth? Como foi que perdeu o controle?

—Perder o controle?— Seth sorriu, sacudindo sua cabeça. —Se quando caçamos é quando mais temos controle da situação. Somos membros da Raça, meu irmão. É o que somos, está em nosso sangue. Nascemos para caçar.

—Não. — Kade cuspiu uma negativa quando Seth começou a rondar lentamente ao seu redor.

—Não? — ele perguntou, inclinando sua cabeça em questão. —Não é por isso que pegou a oportunidade de se unir à Ordem? Diga-me que não desfruta de sua licença para matar em nome de Lucan e seus irmãos de armas em Boston. Diga, e serei o único de pé aqui que possa chamar de mentiroso.

Kade apertou seus molares, já que havia algo de verdade nas palavras de Seth. Ele se uniu à Ordem para fugir do Alaska, e para sentir a adrenalina da caça, embora em suas caças só intervissem Renegados. Mas agora havia um objetivo mais alto em seu trabalho na Ordem, e era encontrar Dragos. E ele não deixaria que Seth o envolvesse em seus jogos doentes.

—Você não pode continuar com tudo isto, Seth. Tem que parar.

—Pensa que não tentei?— Seus lábios se curvaram para cima mostrando parte de suas presas. —No princípio, quando éramos jovens, realmente tentei conter meus impulsos. Mas a selvageria insistiu em me chamar. Não chama a você mais?

—Cada minuto que estou acordado, — reconheceu Kade em voz baixa. —Às vezes, inclusive em meus sonhos.

Seth zombou. —Mas certamente, você, o único nobre, resiste.

Kade o olhou fixamente. —Quanto tempo leva me odiando, irmão? O que poderia ter feito de outra maneira para te fazer ver que nunca houve uma competição entre nós? Não tínhamos nada a nos demonstrar.

Seth não disse nada, simplesmente o olhou fixamente.

—Cometeu enganos, Seth. Todos o fazemos. Mas ainda há algo bom em você. Sei que há.

—Não. — Seth sacudiu sua cabeça energicamente, o tic nervoso de uma mente inflamada. —Sempre foi o forte, tudo de bom está em você, não em mim.

Kade zombou. —Como pode dizer isso? Como pode pensar? Você, o filho preferido, a esperança da família. Meu pai sempre o fez notório diante de todos.



—Pai. — Seth respondeu, exalando bruscamente. —Se ele sentir algo por mim, é compaixão. Eu sempre o necessitei, quando você não o fazia. É igual a ele, Kade. Nenhum de vocês pode ver da forma que eu o faço?

—Tolices, — disse Kade, determinado a rechaçar a ideia.

—E quando foi e se uniu à Ordem, — continuou Seth. —Partiu e me afundei mais em sua sombra. Quis te odiar por ir. Inferno, talvez o faça.

—Se precisa de uma desculpa para o que tem feito, então que assim seja, — Kade disse grosseiramente. —Me culpe, mas você e eu sabemos que só está procurando uma forma de justificar o que está fazendo.

A risada da resposta de Seth foi mais um grunhido, do mais profundo de sua garganta. — Realmente pensa que procuro uma justificativa? Ou algum tipo de absolvição? Mato porque posso. Não vou parar, porque isto é parte de mim agora. Desfruto fazendo-o.

—Se isso é verdade, então me compadeço de você. Está doente, Seth. Deveria pôr fim à sua miséria agora mesmo.

—Deveria, — respondeu Seth, —Mas não vai fazer, não pode porque sou seu irmão. Seus princípios nunca o deixariam me fazer dano e sabe. Isto é uma linha que você nunca cruzaria.

—Não esteja tão seguro.

Quando ele disse isso, um lobo uivou uma vez mais, de algum lugar perto dali. Kade deu uma olhada sobre seu ombro, para a escuridão do bosque, sentindo a selvageria passar por suas veias. Como também deve ter sentido Seth.

Apesar de que devia odiar seu irmão, não podia.

E embora sua ameaça fosse merecida, soube em seu coração que Seth tinha razão. Kade nunca poderia lhe fazer mal.

—Temos que resolver esta merda, Seth. Deixe-me te ajudar...

Quando ele girou sua cabeça para enfrentar seu gêmeo outra vez, tudo o que havia era a paisagem vazia do inverno e a compreensão amarga de que qualquer esperança que tivesse com Seth tinham desaparecido junto com ele.

Capítulo 18

Cada passo era uma agonia.

Cada centímetro de seu corpo nu estava empolado e em carne viva pela exposição ultravioleta, seu processo normalmente rápido de cura estava impedido pelos danos feitos pela explosão da escopeta que tinha destroçado sua coxa e abdômen. O sangue fresco poderia acelerar a regeneração necessária. Uma vez alimentado, suas malhas brandas e seus órgãos poderiam se reparar em poucas horas, igual sua pele, mas não podia se arriscar outro minuto mais sem procurar um lugar adequado para se proteger.



Tinha sobrevivido com muita dificuldade à luz do dia, sendo obrigado a fugir da cova depois que os humanos tropeçaram com ele ali. Correu, sangrando e dolorido, para os bosques circundantes, com os raios letais do sol fora da cova. Só teve tempo suficiente para cavar um buraco profundo em um montinho cheio de neve dura e se enterrar dentro diante da gravidade de suas múltiplas lesões, quando seu corpo caiu no chão e ficou inconsciente.

Agora, pouco tempo depois que tinha despertado para dar as boas-vindas à escuridão, só sabia que precisava procurar refúgio antes que o novo amanhecer chegasse. Precisava encontrar um lugar seguro para se recuperar ainda mais, assim seria o suficientemente forte para voltar a caçar e alimentar suas células danificadas.

Seus pés se arrastavam na neve iluminada pela lua, com um passo lento e vacilante. Desprezava sua debilidade física.

Odiando isto recordou as torturas que tinha sofrido durante seu cativeiro. Mas a animosidade o levou agora a obrigar os músculos de suas danificadas pernas a se mover.

Não sabia quanto tempo, nem até onde tinha andado. Facilmente quilômetros da cova até seu refúgio improvisado na neve.

Diante dele viu um brilho de cor laranja escuro através do véu das silhuetas das folhas de um tronco. Uma residência de humanos, aparentemente ocupada e afastada de qualquer outro sinal de civilização.

Sim, o faria.

Jogou o tronco para frente, ignorando a dor e centrando toda a sua atenção na pequena cabana e na presa despreparada dentro dela.

Ao se aproximar, aguçou o ouvido, escutou sons lúgubres de sofrimento humano. Era débil, amortecido pelos troncos e as janelas de vidro com persianas. Mas a angústia era evidente. Uma mulher estava chorando dentro da cabana. O predador deslizou até o lado da casa e apertou os olhos em uma fenda na persiana de madeira que cobria a janela protegendo-a do frio.

Ela estava sentada no chão diante de um fogo que se apagava, bebendo de uma garrafa - o líquido âmbar escuro consumido até a metade. Diante dela estava uma caixa de onde saíam imagens impressas em desordem ao seu redor. Uma pistola grande e preta jazia no chão junto ao seu joelho dobrado. Estava chorando, uma tristeza incrível saía dela.

Podia sentir o peso entristecedor de sua dor, e sabia que a arma não estava ao seu lado como um meio de amparo. Não esta noite.

A cena ficou em pausa, mas só por um momento.

Ela deve ter sentido os olhos dele nela. Sua cabeça subitamente girou de lado, seus olhos avermelhados cravados no mesmo lugar onde ele estava, ocultando-se com a persiana fechada e na escuridão da noite.

Mas ela sabia.

Levantou-se, agarrando a arma enquanto cambaleava.

Ele recuou, só para mover os pés em silêncio para a porta dianteira da cabana. Não estava fechada com chave, não que pudesse detê-lo se estivesse. Apertou o trinco com sua mente, abriu



a porta.

Estava dentro da cabana e tinha as mãos envoltas em torno da garganta da mulher antes que ela se desse conta que estava ali.

Antes que pudesse abrir a boca para gritar, antes que pudesse usar seus reflexos – embotoados pela bebida – para tirar a pistola e disparar em defesa do ataque repentino, inclinou a cabeça e afundou suas presas na carne branda de seu esbelto pescoço.

Alex sentou na mesa da cozinha com Luna repousando aos seus pés. Todas as luzes na casa estavam acesas, todas as portas e janelas fechadas com chave.

Fazia quase duas horas.

Ela não aguentava mais esperar. Enquanto Luna dormia tranquilamente, felizmente inconsciente, perto de seus dedos debaixo da mesa, a mente de Alex estava dando voltas. Batida por questões que apenas se atrevia a fazer, e preocupando-se por um homem que a tinha deixado se perguntando quem – ou o que – era na realidade.

Mas a pequena voz em seu interior que tantas vezes insistia em correr quando as coisas lhe davam medo ficou em silêncio enquanto pensava em Kade. Sim, ela não estava muito segura depois do que tinha visto hoje. Temia que a rota que tinha pela frente pudesse ser ainda mais instável que o passado que tinha deixado atrás de si. Mas correr era o último que pensava em fazer – agora não. Nunca mais.

Sem fazer nada, perguntou-se como estava resistindo Jenna. Não podia ser fácil para ela, ouvindo a respeito das mortes na cidade quando se aproximava do aniversário de sua dor pessoal. Alex procurou seu telefone celular, com vontade de escutar a voz de sua amiga. Estava a ponto de marcar o número de Jenna quando houve um golpe suave na porta detrás.

Kade.

Alex desligou o telefone e ficou de pé, movendo a morna pata de sua mascote, que gemeu em protesto antes de deixar cair a cabeça para trás para dormir um pouco mais. Desviou-se para a porta onde esperava Kade. Agora que estava ali, olhando tão sombrio e imenso e perigoso através da janela de cristal, parte de sua coragem cambaleou.

Ele não pediu ou forçou caminho no interior, embora soubesse, sem a menor dúvida, que pouco poderia fazer para impedi-lo de entrar se fosse isso que pensasse em fazer. Mas ele simplesmente ficou ali, deixando toda a decisão para ela. E porque não a forçou, ela pôde ver uma sombra de seu desconforto nas profundidades de seus olhos de prata penetrantes, que não estava ali antes, Alex abriu a porta e o deixou entrar.

Deu um passo dentro de sua pequena cozinha e deu a ela um forte, longo abraço. Seus fortes braços a rodearam, abraçou-a, como se nunca a quisesse deixar ir.

— Está bem?—, Perguntou, apertando os lábios em seu cabelo. —Odeio te deixar sozinha.

—Estou bem—, disse ela, recuando para olhá-lo quando finalmente a soltou. —Eu estava mais preocupada com você.

—Não—, disse. Franzindo o cenho, acariciou-lhe a bochecha, engoliu a saliva. — Ah, Jesus!



Não se preocupe por mim.

—Kade, que diabos está acontecendo? Preciso que seja sincero comigo.

—Sei. — Ele a puxou pela mão e a levou de novo à mesa. Ela se deixou cair na cadeira enquanto ele sentava junto dela. —Eu deveria ter explicado tudo, logo que me dei conta...

Seu coração se afundou um pouco quando suas palavras se apagaram. —Logo que se deu conta do que?

—Que você era parte disto, Alex. Uma parte do mundo que me pertence e aos de minha espécie. Deveria ter dito tudo isto antes que me visse matar esse Subordinado. E antes de fazer amor.

Ouviu o lamento em sua voz pela intimidade que tinham compartilhado, e sentiu mais que uma pequena pontada por causa disto. Mas por outro lado — a forma peculiar com que ele se referiu a si mesmo e aos de seu tipo, e o fato que de algum jeito estava incluída nessa equação — foi o que fez sua mente vacilar ao escutar. E também a palavra estranha que tinha usado para descrever Skeeter Arnold.

— Um 'Subordinado'? Não sei o que significa isso, Kade. Não sei o que significa nada disto.

—Sei que não entende— Ele passou a palma sobre sua mandíbula, logo exalou lançando uma maldição. —Alguém conseguiu Skeeter Arnold antes de mim. Alguém o fez sangrar quase até o ponto de matá-lo, antes de trazê-lo de volta para que pudesse servir. Ele não era um humano mais, Alex. Era algo menos que isso. Alguém o tinha convertido em um servo, com uma mente de escravo.

—Isso é uma loucura — murmurou, e tão mau que queria rechaçar o que estava ouvindo, mas não podia descartar a escuridão de Kade, sua conduta sóbria. —Também disse que sou parte disto. Parte disto, como? E o que quis dizer quando voltamos para a clínica sobre haver mais que não sabia sobre o ataque à minha família? Qual poderia ser a possibilidade de saber sobre os monstros que mataram minha mãe e Richie?

—O que fizeram foi monstruoso, —disse Kade, com tom ilegível e consolador —Mas há outro nome para eles, também.

—Vampiros. — Alex nunca tinha expresso em voz alta a palavra, não em relação aos assassinatos de sua mãe e seu irmão pequeno. Manteve sua língua como massa amarga, mesmo depois que ela o tinha cuspidido. — Realmente está tentando me dizer...? Meu Deus!, realmente devo acreditar que eram vampiros, Kade?

—Renegados—, disse. —Viciados em sangue e morte. Mas também eram parte de uma espécie separada dos seres humanos chamada Raça. Uma raça muito velha, não os não-mortos ou condenados, mas vivos, respirando na sociedade. Existindo junto à humanidade durante milhares de anos.

—Vampiros—, sussurrou, doente com a ideia de que nada disto podia ser real.

Mas era real. Uma parte dela sabia esta verdade todo o tempo, no instante em que sua família foi devastada pelo ataque há uns anos.

Os olhos de Kade se mantiveram fixos nela. —Em palavras mais simples, dizer que eram



vampiros é bastante justo.

Nada mais parecia simples. Não depois de tudo o que tinha visto. Não depois de tudo o que estava ouvindo agora. E definitivamente, não quando se tratava de Kade.

Ela se sentia partida, enquanto a observava havia uma certa quantidade de dor em seu olhar sombrio focado nela. —Disse-me uma vez que nada é simples. Nada em seu mundo é simplesmente bom ou mau, branco ou negro. Há tons cinza, você disse.

Ele não piscou, só tinha um olhar decidido.

—Sim.

— Isso é o que me quer dizer?— Ela engoliu a saliva e a voz se quebrou um pouco. —É este o mundo em que vive, Kade?

—Ambos vivemos—, respondeu ele com voz tão suave que a aterrorizava. —Você e eu, Alex. Nós dois somos parte dele. Eu sou porque meu pai é da Raça. E você é porque leva a mesma marca de nascimento que minha mãe e um pequeno número de raras mulheres o levam. Você é uma Companheira de Raça, Alex. Suas propriedades de sangue e sua incomum composição celular fazem que conecte com a Raça no nível mais primitivo.

—Isso é ridículo. —Ela sacudiu a cabeça, recordando a ternura com que havia tocado a estranha pequena marca vermelha de seu quadril quando estavam juntos na cabana hoje. Sem tentar, ainda podia sentir o calor de seus dedos nesse mesmo lugar. —Uma marca de nascimento não me faz nada. Isto não prova nada.

—Não —disse ele com cuidado. —Mas há outras coisas que fazem. Alguma vez esteve doente em sua vida? Sempre se sentiu um pouco perdida, um pouco separada, diferente de todas as outras pessoas ao seu redor? Uma parte de você sempre esteve procurando, procurando algo que não conseguia compreender. Nunca encontrou seu verdadeiro lugar no mundo. Tenho razão, não, Alex?

Ela não podia falar. Que Deus a ajudasse, mal podia respirar.

Kade continuou. —Também sente que tem algo que realmente não pode explicar—alguma habilidade inata que te separa do resto do mundo mortal.

Queria dizer que estava equivocado a respeito disso. Queria, mas não podia. Tudo o que dizia resumia sua experiência e seus sentimentos mais íntimos. Era como se a tivesse conhecido toda sua vida... Como se a entendesse a um nível que nem sequer ela mesma conseguia.

Até esse momento, isto parecia impossível.

—Desde que era menina, sempre tive um instinto para saber quando alguém está dizendo a verdade ou uma mentira. —Kade assentiu com a cabeça enquanto falava, surpreendida. —Sou capaz de ler os outros—, disse, —mas não você.

—É possível que seu talento só funcione nos seres humanos.

Os seres humanos. Não ele, porque ele era alguma... outra coisa.

Um frio a varreu inundando-se nela totalmente.

— Você é...?— Ihe quebrou a voz, quase não queria sair. — Está me dizendo que é como eles... os que mataram minha mãe e Richie? Os que mataram os Toms e Lanny e Big Dave?



— Não estou seguro de quem tem a culpa dos assassinatos recentes daqui, mas eu não sou nada disso. E só os mais doentes, os mais atroz de minha espécie fariam o que fizeram a sua família, Alex. —Se aproximou e tomou sua mão entre as suas, levou seus dedos à boca e os beijou com dolorosa ternura.

Seus olhos de prata sustentaram seu olhar com uma intensidade que a queimava no fundo. —Eu sou da Raça, Alex. Mas nunca te faria mal, ou a qualquer pessoa que ame. Nunca. Meu Deus, estou seguro que não te vi chegar — não vi nada do que chegou. Nunca esperei que terminasse me importando desta maneira.

—Kade —, sussurrou ela, sem saber o que dizer depois de tudo o que ele acabava de contar.

Ela estava cheia de perguntas e incertezas, afligida com uma quantidade de emoções, tudo isso concentrado em um homem — um da Raça — que tinha sua mão neste momento, e seu coração.

Como se entendesse a tortura que sentia, apoiou-se na pequena mesa e a tomou em seus braços. Alex se aproximou dele, deixando-o pô-la em seu colo.

—Não sei o que pensar de tudo isto—, murmurou. —Tenho muitas perguntas.

—Sei. —Ele se afastou dela e passou seus dedos por seu rosto e pela curva de seu pescoço. —Vou responder tudo que perguntar. Quando voltar, pode me perguntar tudo o que precise saber.

— Quando voltará?— A ideia de que saísse agora, quando sua cabeça - inferno, toda a sua vida estava do avesso, era impensável. Ficou de pé, ajudando-a a levantar-se. — Aonde vai?

—Algo esteve me incomodando sobre Skeeter Arnold. Vi-o com alguém na outra noite, nos subúrbios do bar do Pete's. Levaram-no a uma empresa mineiradora a várias milhas daqui.

— Como se chamava?

— Coldstream.

Alex franziu o cenho.

—Esse lugar está fechado há uns vinte anos, mas ouvi que uma nova administração se mudou recentemente. Eles estão mantendo tudo com muita privacidade. Puseram um punhado de equipes de vigilância e cercas de segurança ao redor do perímetro.

—Nova gerência, é?— A escura expressão de Kade disse muito.

— Não acredita que...?

—Sim, acredito. Mas tenho que estar certo.

—Então vou com você.

Suas sobranceiras escuras se chocaram entre si. —Absolutamente não. Pode ser perigoso.

—Exatamente por isso não vou ficar aqui esperando e preocupada. Vou com você. —Ela se aproximou e pegou sua jaqueta, fingindo que não escutava a maldição entre dentes atrás dela. — Bom, vem, ou o que?



Capítulo 19

Já que sua motoneve ainda estava estacionada na casa de Alex desde essa manhã, eles tomaram um trenó cada um e saíram juntos, dirigindo-se à Empresa Mineira Coldstream a várias milhas de distância da cidade. A maior parte do caminho foram de trenó, e a meia milha do lugar andaram a pé com seus sapatos para neve, para não chamar atenção com ruídos.

A exploração teria sido muito mais rápida se ele estivesse sozinho, mas Kade estava aliviado interiormente por ter Alex com ele. Pelo menos desta maneira ela estava perto dele e poderia protegê-la. Se a tivesse deixado sozinha na cidade estaria vulnerável, um conceito que fez seu coração espremer um pouco mais forte enquanto percorria a tundra escura e congelada ao seu lado.

Diante deles, a várias centenas de metros, focos se moviam sobre a neve, o complexo da empresa mineiradora estava cheio de atividade. Como quando Kade pela primeira vez vigiou o lugar, esta noite um punhado de trabalhadores uniformizados continuavam esvaziando um dos dois contêineres de carga estacionados fora da entrada da mina. Guardas com rifles automáticos patrulhavam a barricada em frente; as câmaras de segurança estavam enfocando todo o terreno que rodeava a alta cerca de arame perimetral.

Kade se deteve, pondo sua mão enluvada sobre o braço de Alex.

—Só nos aproximamos até aqui.

—Mas temos que nos aproximar mais para ver o que está acontecendo ali,— sussurrou, uma nuvem de seu fôlego penetrando a máscara de lã que protegia seu rosto.

—É muito perigoso para você nos aproximarmos mais. E tampouco vou te deixar aqui sem mim.

—Então vamos voltar para Harmony e viremos em meu avião, dessa maneira teremos um melhor panorama do que esta acontecendo aí.

—E correr o risco que alguém possa nos identificar do chão?— Kade deu uma sacudida brusca com sua cabeça. —Não, mesmo se em Harmony houvesse cem pilotos que tivessem pequenos aviões vermelhos. Não, há uma outra maneira.

Ele respirou profundamente, deixando que um sub-uivo se fortalecesse pouco a pouco em sua garganta. Logo o enviou ao céu em uma chamada longa e penetrante. No final de um momento uma resposta mais selvagem veio de um lugar não muito longe a oeste. Kade procurou a voz lupina com sua mente, então, com uma ordem sem palavras, ele convocou o lobo para sair da noite.

Alex se sobressaltou quando viu o animal de pelagem prateada sair à vista dos bosques e caminhar diretamente em sua direção.

—Está tudo bem, — disse Kade. Olhou-a, sua boca curvada com assombro. —Você tem seu talento, eu tenho o meu.

—O teu é muito melhor, — murmurou em voz baixa sem fôlego.



Ele sorriu, e logo fixou seu olhar nos brilhantes e inteligentes olhos do lobo. Ele escutou silenciosamente as instruções que lhe deu, então saiu correndo em sigilo para as executar.

Alex o olhou, — O que acaba de fazer? E, hum, como?

—Pedi ao lobo que nos ajude. Ele pode se aproximar do lugar mais do que nós e assim poderá compartilhar a informação que obtenha comigo, também me mostrará tudo o que veja.

Alex ficou em silêncio quando Kade se centrou na conexão temporária que o pôs dentro dos sentidos do lobo. Kade fechou seus olhos, sentindo a queda rítmica de suas patas sobre a neve, escutando o ofego suave em seus pulmões, o ritmo constante e rápido de seu coração. E através da aguda visão noturna viu a cerca e a alta segurança do edifício, os trabalhadores— todos Subordinados, deu-se conta agora — entrando e saindo da boca cavernosa da mina, equipamento embalado em grandes caixas de papelão sem marcas com sabe Deus que tipo de fornecimentos.

A nova administração estava à direita e pelo visto queriam malditamente assegurar-se que ninguém se aproximaria muito para ver o que faziam.

E falando da nova administração da empresa mineiradora...

As orelhas do lobo se ergueram com atenção, os instintos de sobrevivência o empurrando de cócoras quando um homem grande com cabelo loiro e num terno caro saiu da mina. Embora Kade nunca o tivesse visto antes, poderia reconhecer em seguida que o homem era um macho da Raça. Se seu tamanho e seu comportamento não o tivessem delatado, o teria a extensa rede de dermaglifos que tinha. Dava para ver as tatuagens em seus braços, bem no final da camisa que tinha arregaçado e em seu peito onde tinha a camisa branca desabotoada, que claramente o delatavam como um ancião da Raça.

Facilmente poderoso para converter um humano como Skeeter Arnold, em seu Subordinado.

E acompanhando-o como um cão obediente estava outro macho da Raça. Se o vestido como um banqueiro da Wall Street era formidável simplesmente pela pureza de sua linhagem, então o indivíduo parado junto dele ganhava por um quilometro e meio. Armado até os dentes e vestido da cabeça aos pés com uniforme de combate negro, com a cabeça raspada, coberta com densos glifos, tratava-se de um novo inimigo com quem Kade e o resto da Ordem se familiarizaram recentemente.

Pelos olhos do lobo, pôde ver um colar negro ao redor do pescoço do assassino, um aparelho eletrônico com um dispositivo explosivo que assegurava sua lealdade ao seu criador.

—Ah, merda!— resmungou Kade em voz alta, quando observou a cena através dos olhos lupinos de seu ajudante. —Dragos enviou um de seus assassinos aqui.

—Quem?— sussurrou Alex ao lado dele. —Assassinos? OH, Deus meu Kade, me diga o que está vendo.

Ele sacudiu sua cabeça, incapaz de explicar, já que o temor de suas suspeitas o estavam atormentando. Por que Dragos enviaria o comandante de suas operações e um recém-criado Gen Um de seu quadro pessoal para o meio do um nada no Alasca?

Que diabos estavam fazendo aqui?



Uma vez que os vampiros entraram em um dos edifícios, Kade ordenou ao lobo que mudasse sua posição, para poder ver o que havia dentro, ocultando-se para escapulir perímetro abaixo e avançar sigilosamente. Precisava ter uma melhor visão dos contêineres de carga, em particular do que os Subordinados pareciam tratar com tanto cuidado, no que agora podia notar os enormes amassados de seus lados e com danos nas dobradiças das portas duplas detrás.

Esperou, com o coração palpitando agitado, enquanto o lobo cavava na neve para poder se meter cautelosamente sob a cerca. Estirou-se, passou e balançou, sabendo instintivamente aguardar nas sombras. Enquanto o lobo se aproximava lentamente dos contêineres sem chamar atenção, os músculos de Kade se esticaram.

Tinha suposto que encontraria más notícias nesses contêineres, e estava muito convencido disso. Quando aquele valente lobo avançou sua cabeça pelas portas amassadas, observou o que tinha sido um espaço refrigerado, e instantaneamente Kade compreendeu os pequenos detalhes que se mostravam.

Viu uma caixa muito grande feita de aço e concreto em pedacinhos, sua tampa havia sido arrancada e reduzida a escombros. Viu as manchas de sangue seco, quase negro no chão e nas paredes de uma jaula que cheirava aos de sua própria espécie enquanto o lobo registrava o fedor por seus orifícios nasais. Viu grilhões de titânio que uma vez tinham servido para rodear pulsos grossos e tornozelos muito grandes de uma criatura que a maior parte da população da Raça acreditava extinta há séculos... uma criatura da qual a Ordem sabia muito bem que, de fato, ainda vivia.

Um Antigo.

Um de seus antepassados, os primeiros que chegaram ao planeta Terra há muitos milhões de anos.

Era a criatura que Dragos esteve usando para executar seus dementes objetivos.

Dragos e seus sócios o tinham movido para o norte depois do ataque que a Ordem realizou a seu laboratório secreto? Tinham pensado em transladar o Antigo tão longe como fosse possível do alcance da Ordem?

Ou tinha sido esse o plano, até que o Antigo escapou de seu cativeiro?

Kade recordou as recentes matanças perpetuadas no bosque e o brutal ataque de hoje a dois homens em Harmony.

Nem Seth nem Renegados tinham sido os responsáveis.

Agora sabia com toda certeza. Tinha sido algo muito pior que tudo que havia conseguido imaginar. —Jesus Cristo,— sussurrou Kade. —Escapou e está aqui fora em algum lugar.

Ordenou ao lobo que abandonasse o lugar imediatamente, e permaneceu em sua mente enquanto ele escapava rapidamente daquelas terras. Quando a sombra desapareceu no bosque, Kade rompeu sua conexão mental e agarrou a mão de Alex.

—Temos que sair daqui. Agora.

Ela assentiu pelo tom de urgência em sua voz e correu com ele, sem desperdiçar o precioso tempo que tinham em perguntas. Explicaria tudo, mas primeiro, tinha que informar à Ordem em



Boston, Lucan e os outros precisavam saber o que tinha descoberto aqui, e como sua missão havia tomado outro rumo.

**** Tiamat-World****

Zach Tucker bateu várias vezes na porta e esperou, sem muita paciência. No interior da casa se escutavam os passos de Skeeter Arnold percorrendo o apartamento.

Visto que o bastardo estava ignorando suas chamadas e mensagens de texto durante as últimas vinte e quatro horas, Zach não viu outra opção que ir pessoalmente à casa que Skeeter compartilhava com sua mãe. Estava parado há cinco minutos congelando as bolas, enquanto batia na porta sem que respondessem, mas não estava disposto a ir a nenhuma parte até que obtivesse algumas respostas daquele arrogante pedaço de merda.

Respostas e seus quinhentos dólares que lhe devia Skeeter pelo mais recente acordo.

E se Skeeter acreditava que partiria sem dar a Zach sua parte, estava muito enganado. E se acreditava de algum jeito que já não necessitava de Zach – que possivelmente encontraria outra pessoa com quem fazer melhores negócios – então Skeeter Arnold descobriria que estava putamente enganado.

Zach golpeou outra vez a porta, tão forte que foi um milagre que não rompesse pelos repetidos golpes de sua lanterna.

Finalmente escutou uma voz quase inaudível que vinha de dentro da casa - não era do Skeeter, mas sim a de Ida Arnold, sua inofensiva puta mãe. Zach desprezava à anciã, embora não tanto como Skeeter o fazia, despejando seus insultos e aquele veneno todos os dias.

—Maldito seja, já vou! Já vou!— gritou ela, arrastando seus pés até a porta, então abriu a porta.

—Boa tarde, Ida, — disse Zach em um tom agradável, enquanto ela franzia o cenho.

—O que quer?— disse ela enquanto cruzava os braços sobre seus peitos e acomodava as bordas de seu roupão. —Vem me dizer que se meteu de novo em problemas?

—Não, senhora.

Ela grunhiu. —Então está morto?

—Não, senhora, não é nada disso—inclinou a cabeça. —Por que pensa que algo assim aconteceu?

—Não me surpreenderia, é tudo. Ouvi o que aconteceu hoje a Big Dave e Lanny Ham,— Zach assentiu, ela suspirou e deu de ombros. —Para ser honesta, nunca me preocupei, nem me importo muito saber sobre a vida deles.

—Sim, Claro, imagino— Zach respondeu em um tom irônico. Zach esclareceu sua garganta, adotando um tom mais suave, parecido ao que usava Jenna quando queria conseguir respostas, segundo ele. —Bom, realmente vim porque preciso falar com Stanley.

O fato que tivesse usado o verdadeiro nome de seu filho, e não o apelido com o qual todo mundo em Harmony o chamava desde que era um menino, fez que ela franzisse mais o cenho.



—Ele está aqui? Senhora.

—Não, não está. Não o vi desde hoje cedo pela manhã.

—Não a chamou ou não lhe disse onde poderia estar, senhora?

Lançou-lhe uma risada cortante. —Ele nunca me diz nada, igual ao inútil de seu pai. Esse moço pensa que sou muda e cega— resmungou ela. —Entretanto, nos passos em que anda...

—Ah sim? E do que se trata, Ida?— perguntou Zach cuidadosamente, entrecerrando os olhos sob a intensa luz do telhado, quando percebeu a férrea expressão da anciã.

—Eu acredito que está traficando drogas de novo, com certeza. Assim suponho que também está vendendo álcool a alguns meninos nas montanhas (reserva de índios).

Zach sentiu que suas sobrancelhas se elevavam, e suas estranhas se comprimiam. —O que a faz pensar que Skeet... Stanley esteja envolto em algo assim?

Ela apontou com um dedo o centro de seu peito. —Eu o trouxe para o mundo, para o bem ou para o mau. Mas não necessito nenhuma prova para saber que está em maus passos. Embora não estou segura no que se colocou ultimamente, está começando a me assustar. Acredito que algum dia destes vai me provocar um ataque de coração. De fato, depois da maneira como me tratou da última vez que estive aqui, não duvido nem por um segundo. Nunca o tinha visto atuar dessa maneira tão repugnante e arrogante. Atuou como se de repente fosse perigoso.

Zach esclareceu sua garganta ao escutar semelhante coisa. —Isso foi o que aconteceu da última vez que o viu? É o que está dizendo?

Ela assentiu, —Chegou em casa de muito mau humor e quando eu disse algo sobre isso, me agarrou pelo pescoço. É como digo, pensei que ia me matar então. Mas me soltou depois de uns segundos e disse que tinha trabalho a fazer e que não o incomodasse, logo foi para seu quarto e fechou a porta. Essa foi a última vez que estive em casa, não o tornei a ver e se fosse por mim desejaria que não retornasse nunca mais, pela maneira como me trata. Desejaria que simplesmente partisse. Mesmo para a prisão, se for onde pertence.

Zach a olhou fixamente, compreendendo que o medo que ela sentia de seu próprio filho poderia ajudá-lo a tirar isto a limpo. —Quando estive pela última vez em sua casa, disse que tipo de trabalho estava fazendo?

—Ele não disse nada, mas esse moço nunca foi honesto nem um dia de sua vida. Quer dar uma olhada em seu quarto? É uma pocilga, mas pode ser que encontre algo...

—Não posso fazer isso —, disse Zach, embora fosse o que mais queria. — Do ponto de vista da lei, não posso entrar em sua casa, a não ser que tenha uma ordem.

Os ombros dela registraram um leve movimento de queda. —Mmmm... Entendo.

—Entretanto, — acrescentou Zach amavelmente, —já que a conheço há uma década ou desde que vivo em Harmony, suponho que se me pedir isso como um favor pessoal para entrar e dar uma olhada extraoficialmente, então não teria nenhuma objeção.

Ela o olhou atentamente durante um longo momento, logo se distanciou da porta e fez um gesto para que entrasse. —Por aqui, me siga. Certamente deixou a porta fechada com chave, mas eu guardo uma chave de reserva atrás do tapete.



Ida Arnold se agachou em frente da porta de seu filho e recolheu a chave de seu esconderijo, e logo abriu a porta de par em par para Zach.

—Serão somente uns minutos, — disse ele, despedindo-a, com um tom sério de voz e inquebrável olhar. —Obrigado, Ida.

Ela se retirou, e Zach entrou no quarto de Skeeter e começou uma busca rápida, mas cuidadosa, registrando o lugar. Havia envoltórios de mantimentos, garrafas e muito lixo no chão. E OH-que-surpresa sobre a mesa de noite havia um velho rádio policial e um cilindro de bilhetes envolto em uma borracha

Pareceu muito estranho que Skeeter deixasse seu dinheiro assim, e também que tivesse deixado seu telefone celular, mas ali estava, atirado sobre a andrajosa poltrona azul. Supôs que isso explicava por que não respondia as chamadas nem devolvia as mensagens, embora dificilmente perdoasse Skeeter por ser um bastardo e não o ter encontrado no Pete's esta manhã.

Zach pegou o dinheiro e contou; quinze dólares, não os quinhentos que se supunha que Skeeter lhe devia.

A merda, também levaria o telefone celular.

Então podia averiguar onde andava Skeeter, e quem era seus novos sócios. Então da próxima vez que quisessem contatá-lo, ele responderia, recolheria a mercadoria em Fairbanks e conheceria seus novos sócios na cidade. Skeeter Arnold lhe devia uma, e de uma ou outra maneira, Zach pensava em cobrar.

Capítulo 20

Alex sentou no sofá da sala, compartilhando uma torrada com manteiga com Luna, ambas observando Kade caminhar repetidamente da cozinha ao corredor enquanto falava em um telefone por satélite com Boston.

Desde que tinham voltado para sua casa, tinha contado pequenas coisas mais a respeito dele e do trabalho pelo qual tinha sido enviado ao Alaska. Sua mente continuava girando sobre o fato que ele não era precisamente humano. Agora entendia que ele também era parte de um grupo de machos de Raça comprometidos a manter a paz entre sua raça e a humanidade. Da maneira que descrevia, a Ordem soava quase militar, isso tinha muito sentido quando olhou Kade e observou sua escura combinação de força letal e uma afiada confiança.

E apesar das ondas de perigo que saíam dele, especialmente o que tinha presenciado hoje, Kade era gentil com ela, protetor. Mesmo tão agitada por tudo o que tinha visto e ouvido nas horas passadas —nos dias passados —ela se sentia segura com ele.

Inclusive quando tinha explicado a pior das ameaças a que ele e os guerreiros da Ordem enfrentavam.

Ele havia contado a respeito dos inimigos que a Ordem estava perseguindo obstinadamente,



comprometida em destruir o macho da Raça de segunda geração chamado Dragos. Alex tinha escutado em silêncio, mas com horrorizada compreensão do que Kade descrevia dos muitos males que Dragos tinha perpetrado, não sendo o menor o sequestro maciço e o abuso de um número desconhecido de mulheres como ela — Companheiras de Raça, localizadas e presas por décadas para serem utilizadas como contêineres do exercito pessoal que Dragos tinha criado.

O que verdadeiramente lhe deu o que pensar, e fez gelar seu sangue, foi a verdade final que Kade revelou essa noite. O fato que uma criatura que não era deste mundo — uma criatura pior que o Renegado viciado em sangue que tinha matado sua mãe e Richie — estava de algum modo solto no interior do Alaska.

Inclusive Kade era sinistro quando falava do Ancião aos seus amigos da Ordem no complexo de Boston, descrevendo um contêiner de mercadorias avariado e a presença de vampiros e trabalhadores Subordinados na locação da velha companhia mineira. Embora mantivesse sua voz baixa, era impossível para Alex perder o fato de que ele e seus irmãos estavam se preparando para a batalha contra a ameaça.

O pensamento de Kade caminhando entre o perigo fez que seu fôlego ficasse um pouco curto, seu coração pulsando e pulsando cada vez mais pesado. Ela não poderia suportar se algo acontecesse. Não depois do tempo que tinham compartilhado, um incrível e curto tempo, no qual ele de algum modo estava se convertendo em uma parte intrínseca de sua vida. Em só um par de dias, ele tinha se convertido em seu amigo e seu amante, seu confidente. De algum modo estava começando a se converter em algo mais que tudo isso.

Ela poderia estar se apaixonando por ele?

Apaixonando-se por um... um vampiro.

Não, não era isso.

Kade era da Raça, e isso era diferente. Ele era diferente.

Era difícil para ela conciliar que era feito do mesmo molde que os monstros que tinham atacado sua família. Difícil para ela acreditar que alguém em seu DNA levasse gens de algo completamente desumano, insondável e letal. Algo não desta terra. Era difícil para ela reconhecer que o forte, poderoso, devastadoramente sexy homem que rondava em sua pequena casa não era de fato um homem de tudo, mas alguém diferente. Muito diferente.

Alex o observou fascinada, principalmente pelo que tinha visto dele no sedimento da companhia mineira com o lobo. Em um momento, ele tinha se convertido em parte do formoso animal a algum nível tácito que tinha deixado Alex boquiaberta de assombro. Inclusive agora, ela se maravilhava, sentindo a corrente de ferocidade, de escuridão, de poder que se prolongava nele. Era intenso e misterioso, forte e sedutor. E sim, quente como o inferno.

Tudo a respeito de Kade a cativava.

Ela só tinha que olhá-lo para arder.

E ele sabia também. Ela viu a faísca de reconhecimento brilhando em seus olhos chapeados quando terminou a chamada e pôs o celular afinal na mesa próxima ao sofá.

—Como está?— Ele perguntou, sentando-se junto dela. —Deve estar exausta. Sei que isto é



muito para administrar.

Ela deu de ombros vagamente.

—Minha cabeça continua girando, mas pelo menos agora tenho respostas. As coisas que nunca tiveram sentido para mim agora estão claras. Não é exatamente uma razão para saltar e celebrar, mas é bom ter finalmente a verdade, tão terrível como possa ser. Assim obrigado por isso, Kade.

Ele tomou sua mão, suas palmas pressionadas juntas ligeiramente enquanto corria o polegar sobre a suave pele de seu pulso. Seu toque era quente, dolorosamente terno.

—Deus, odeio que tenha sido arrastada para isto. Há lugares a que pode ir, onde estará a salvo, Alex. A Raça tem numerosos Darkhavens aonde posso te levar, comunidades seguras onde será bem-vinda e protegida. Melhor do que posso fazer por você agora. Depois do que vimos na mina, isto se tornou muito real, muito perigoso.

—Não vou a lugar nenhum— Ela disse curvando seus dedos ao redor dos dele, sustentando seu olhar grave. —Não vou correr, não me peça que o faça, Kade.

Sua mandíbula se voltou rígida quando a olhou. Suas escuras sobrancelhas baixaram sobre seus olhos, sua boca formando uma linha quando sacudiu sua cabeça. —Esta é minha batalha, a batalha da Ordem. Amanhã alguns dos guerreiros chegam de Boston. Reunir-me-ei com eles ao chegar, e daí lançaremos a ofensiva contra as operações de Dragos na mina. Não sabemos o que vamos encontrar. Só te quero tão longe desta missão, ou qualquer consequência possível—como possível.— Ele estendeu a mão e passou os dedos brandamente sobre sua bochecha. Isso também significa me manter longe de você o máximo possível, antes de te expor a outro risco.

—Não, — Alex girou sua cabeça, pressionando sua boca no quente pulso de sua palma descansando contra ela. Ela beijou o pulso de sua larga mão. —Não posso me esconder mais Kade, não quero viver dessa maneira, sempre olhando sobre meu ombro, temerosa de coisas que não entendo, não pode me pedir isso, não quando o conhecer me deu a força para acreditar que posso enfrentar meus medos. Conhecer-te me deu a força para entender que devo enfrentá-los.

Ele amaldiçoou com dureza, mas sua carícia foi suave, seu olhar penetrante, o pálido prateado que anelava suas pupilas se obscureceu pelo desejo.

—Me dá muito crédito, é mais forte do que se dá conta, atravessou o que viveu quando menina e não deixou que te destruísse. Não há muitos que podem fazê-lo. Isso é coragem, Alex. Você não precisa de mim para isso. Você inclusive não precisa de mim.

Ela sorriu, estendendo-se para sustentar seu rosto em suas mãos e logo o beijou. —Sim, preciso. — Ela sussurrou contra sua boca —E mais, te desejo.

Sua respiração saiu raspando em um suspiro quando ela inclinou seus lábios sobre os dele e se moveu no sofá mais perto. Seus braços foram ao seu redor, sustentando-a em uma jaula quando ela subiu em seu colo e pressionou sua língua em sua boca.

Ele gemeu, capturando sua língua com os dentes... logo abruptamente rompeu o contato e girou sua cabeça longe dela.

—O que está mau? Por que se deteve?— Ela ofegava as palavras, os lábios e língua ardendo



com um delicioso calor. Ela provou sangue, só um pequeno risco; mas o instinto trouxe sua mão à sua boca e a ponta de seu dedo saiu molhada de uma mancha escarlate.

Levantou a vista ao rosto caído de Kade e sentiu sua tortura na maneira em que seu grande corpo vibrava descontrolado, enquanto ele estava travando uma guerra privada em seu interior.

—Me olhe— ela sussurrou. Quando ele não respondeu imediatamente, ela levantou seu obstinado queixo e psiquicamente trouxe seu olhar de volta a ela.

—Me olhe... me deixe te ver.

—Confie em mim, você não vai querer isso,— Ele murmurou, olhando para o outro lado rapidamente.

Mas não antes que ela visse a mudança em seus olhos. Ele não tinha sido capaz de girar o suficientemente rápido para ocultar que o normal pálido cinza agora disparava em um fogo cor âmbar. E suas pupilas... também havia algo diferente nelas.

—Kade, por favor,— ela disse gentilmente —me deixe te ver como realmente é.

Lentamente ele levantou o rosto, suas pestanas subiram. Alex foi aturdida por uma rajada de cor abrasadora—resplandecente, que brilhava como carvão aceso. E no centro de todo o fogo, suas pupilas se reduziam a frestas de gato.

Surpreendeu-a o estranho olhar, a forma em que se transformou seu rosto, afiando os ângulos de suas altas maçãs do rosto e sua mandíbula quadrada. Ela se surpreendeu, perdeu as palavras, perdeu a respiração.

—Não quero que tenha medo de mim, Alex.— Sua profunda voz pigarreou soando estranhamente grossa e ela entendeu porque, viu o brilho do fio de uns dentes brancos atrás de seus lábios enquanto falava. Suas presas. Sem escondê-las o suficiente, apesar de seu óbvio esforço para as ocultar de sua vista.

Quando ele a olhou agora, havia desespero em seus olhos cor âmbar. Desespero e desejo como nunca antes tinha visto.

—Não quero que me odeie, mas isto é quem sou Alex, quem realmente sou.

Apesar do pequeno tremor de cautela que tinha acelerado seu pulso em um frenético palpitar, Alex se aproximou e tomou seu rosto em suas mãos. Ela sustentou seu atormentado olhar, logo deixou que seus olhos baixassem aos seus lábios entreabertos e às brilhantes pontas de suas presas, que pareciam ter crescido ainda mais.

—Não estou sentindo nada próximo ao ódio,— Ela sussurrou inclinando sua cabeça molhando seus lábios, de repente secos. —Se me beijasse, saberia.

As faíscas brilharam, como relâmpagos em seus olhos no momento em que desceu sobre ela. Alex sentiu o poder desatado nele e sentiu sua resistência para manter esse poder sob controle, quando tomou sua boca em um quente, faminto e suplicante beijo.

Alex se entregou a ele, deleitando-se no calor, no úmido toque de seus lábios em sua boca, em seu queixo, em sua garganta. Deslizou as mãos sob a camisa negra de manga longa, correndo suas palmas pelo firme músculo acetinado de suas costas. Ela pôde sentir o contorno de suas tatuagens sob seus dedos, um complicado padrão de redemoinhos e arcos que ela riscou com suas



unhas, mas que realmente queria seguir com a língua.

—Me deixe ver seu corpo, quero ver tudo de você,— Ela murmurou, puxando sua camisa. Ela a tirou pela cabeça e só pôde olhá-lo com maravilha uma vez que o tinha despido. —Meu Deus,— ela ofegou —Essas não são tatuagens, certo?

—Dermoglifos, — Ele disse. Recostando-se para deixá-la ver os complicados desenhos que pulsavam através de seu torso, ombros e braços como se estivessem vivos. As marcas que tinham sido só uma sombra mais escura que sua pele agora estavam alagadas dos mais profundos tons multicoloridos vermelho, índigo e ouro.

—Nascemos com eles, da mesma maneira que as Companheiras de Raça nascem com sua marca.

—São formosos Kade,— Seus dermoglifos eram artísticos, laços entrelaçados, uma gloriosa teia com cores cambiantes. Alex se inclinou, seu dedo correndo em uma linha particularmente bela que seguia por todo o disco plano de seu mamilo direito. O profundo púrpura se ruborizou mais intensamente sob seu toque. Ela o olhou fascinada.

—Como fez isso?

—Você o fez— Sua boca se arqueou. —A cor do Glifo muda de acordo com o humor do macho.

—OH, — Ela disse esquentando-se ante seu escuro e significativo olhar. —Seu humor é?

Ele não respondeu, só balançou e a tomou em outro lento e longo beijo, que fundiu seu núcleo.

Pressionou-a no sofá sob ele e começou a despi-la. Incitando Luna a saltar ao outro extremo e escapulir na cozinha com um descontente bufado.

— Uh-OH acredito que acaba de perder pontos com ela, — Alex murmurou entre beijos.

Ele riu entredentes, um baixo e profundo murmúrio que vibrou contra sua boca.

—Desculpo-me mais tarde. Agora só há uma fêmea cuja opinião me importa.

Ele levou seu tempo despojando-a da dupla capa de pano grosso e suave, de suas camisas de algodão e de seus folgados jeans. Cobriu cada parte de seu corpo com sua boca, deixando uma quente esteira de beijos sob seu pescoço, peito e abdômen, acariciando suas pernas nuas enquanto seu ardente e febril olhar a consumia.

Quando ela ficou nua, Alex ofegou dolorida pelo desejo. Ele se ajoelhou no sofá por cima dela. Suas grossas coxas encaixadas na extensão das dela. Ele ainda estava de jeans, os quais baixaram a seus magros quadris, esforçando-se através do largo inchaço de sua virilha.

Ela se levantou e se aproximou dele, precisando sentir sua cálida carne sob suas mãos, por todo seu corpo.

Dentro dela.

Não disse nada enquanto ela desabotoava sua calça e baixava seu zíper, ele estava nu sob o jeans negro. Seu rígido membro transbordou, logo que ficou livre de seu confinamento, ele se levantou quando ela puxou suas calças jeans de seus quadris e a empurrou para baixo ao redor de seus joelhos, um movimento que trouxe sua magnífica longitude a uma polegada de sua boca.



Alex não pôde resistir a tentação, ela trouxe seu eixo e bolas para ela, envolvendo seus lábios ao redor de sua larga cabeça, deleitando-se no gemido estrangulado de Kade, enquanto deslizava a boca por todo o caminho até a base.

Ele era tão bom contra sua língua, quente e terrestre. Tão suave como veludo envolto ao redor de uma coluna de aço. Alex o guiou de novo profundamente, logo recuou para sugar sua ponta, todo o tempo vendo como seus glifos, em seu abdômen e coxas mudavam para tons mais profundos.

—Ah, Cristo, — Ele vaiou enquanto ela passava sua boca ao redor de sua cabeça, logo o levou até o final à parte posterior de sua garganta. Seus dedos se cravaram em seu cabelo, sustentando seu crânio, enquanto seu corpo se esticava como um cabo.

—Alex... ah, merda...

Tremiam-lhe as mãos enquanto se afastava dela. Seus olhos lançavam um intenso calor, seu rosto cheio de paixão, quando ele, a toda pressa, tirou a calça e a atirou no chão. Gloriosamente nu, moveu-se uma vez mais para ela e gentilmente envolveu sua mão ao redor de sua nuca. Seu toque era firme com posse, sem dúvida não era um simples toque, seu olhar era faminto, mas paciente. Seu beijo apaixonado, mas terno.

Não havia nada simples nele.

Nada simples a respeito de como a fazia se sentir.

Kade era simplesmente uma massa de contradições, cada uma mais fascinante que a anterior.

Ele a fazia sentir-se segura e protegida. Talvez a maior contradição de todas. Ele a fazia se sentir querida... inclusive amada.

E querido Deus ele a fazia arder.

Seu corpo se arqueou enquanto a acariciava. Cada centímetro de sua hipersensível pele estava ávida pelo seu toque. Ela não podia aproximá-lo o suficiente, não podia senti-lo apertado o suficiente, enquanto rondava em sua parte superior e estendia suas coxas se situando entre elas.

—Esta noite quero fazer isto lentamente— Ele disse, sua voz áspera e escura, apenas reconhecível, — Só quero te saborear... nos saborear.

Ele a observou, enquanto a penetrava, empurrando lentamente, enchendo-a com tanto cuidado apesar de que seus quadris resistiam e os tendões em seu pescoço pareciam tensos sob sua pele. Ele balançava com suavidade, avivando-a, construindo seu clímax com moderação enlouquecedora. Ela queria gritar que fosse mais rápido, que a tomasse tão duro como pudesse, que liberasse essa espiral de necessidade que tinha criado nela.

Mas fazer amor com ele era muito bom para apressá-lo. Ela não queria que o sentimento — ou a noite —terminasse; nem ele tampouco. Ela pôde ver em seu rosto. Ela podia sentir em cada medido impulso de seus quadris. Em cada quente carícia de sua boca enquanto a beijava sem fôlego.

As horas passavam muito rápido. Amanhã sua missão com a Ordem começaria de novo. Amanhã toda a morte e perigo que espreitava neste momento fora do refúgio, voltaria.



Muito logo, Alex pensou.

E então passou os braços por seu pescoço, suas pernas ao redor do lento, tortuoso e maravilhoso bombear de seus quadris, e se deixou levar em um abandono feliz. Acolheu com agrado cada entrada até o fundo. Suspirou com cada longa retirada. Desfrutava do peso e do calor do maravilhoso corpo de Kade esfregando-se contra ela.

Quando gozou, foi um desencadeamento maravilhoso de seus sentidos. Alex gritou, estremecendo quando o orgasmo a atravessou de um lugar profundo, que parecia detonar desde sua alma. Ela se aferrou a ele, capturando o volumoso músculo de seu ombro entre seus dentes.

—Kade, — ela ofegou entrecortadamente —OH, Deus...

Ele gemeu com força e levantou sua pélvis sobre as almofadas. Seus impulsos ganhando força, conduzindo-se mais fundo agora. Entretanto ainda refreado por seu rígido controle.

—Deixe ir, — Alex sussurrou —Só deixe ir. Quero tudo de você.

Ele grunhiu, um cru som animal de negação. Quando ele a agarrou em seus braços e escondeu seu rosto de sua vista, Alex o empurrou. Seu rosto era selvagem, cheio de tortura. Restringido entre o prazer e a dor. E suas presas... Querido Deus, as brilhantes pontas brancas enchiam sua boca enquanto a olhava, empurrou tão forte que ela não pôde conter seu guincho.

Seu próprio prazer estava crescendo uma vez mais trazendo consigo um faminto lamento que se retorcia e apertava em seu ventre iniciando um lento fervor em seu sangue.

—OH, Deus... Kade...

Ela ofegou com a sensação de necessidade. Toda ela centrada nele. Afundou as unhas em seus musculosos braços e o rosto na curva de seu forte pescoço e ombros enquanto ele batia nela com lentos movimentos intensos e castigadores.

A espiral de fome nela se contraiu mais, queimando-a em uma necessidade tão primitiva que a sacudiu. O aroma de sua pele, a suavidade, o suave calor em seus lábios e em sua língua a fez sentir-se enjoada com o desejo. Seu forte ritmo enquanto a montava. Mais duro e mais profundo. Grunhindo com cada urgente moer de sua pélvis.

Alex suspirou seu nome e gemeu se sentindo perdida no rápido inchaço de outro orgasmo. Ela gritou quando se apoderou dela, uma inundação de prazer e alívio que devia ter orvalhado a ardente sede que vivia nela agora, mas que só fez estalar em uma dilaceradora demanda.

Ela queria prová-lo.

Não de uma maneira que já tivesse feito, mas de uma maneira que a surpreendeu, de uma maneira que deveria tê-la aterrorizado, mas só fez mais quente a corrida de seu sangue, mais rápida, viva, com um poder escuro que mal pôde domar.

Debaixo de sua boca aberta, sentiu o som de seu rápido ritmo cardíaco golpeando a veia de seu pescoço. Ela pressionou sua língua contra esta, logo seus dentes. Fechando experimentalmente no cordão de tendões e o quente pulso parecia pulsar também no mesmo ritmo desesperado dela.

Kade grunhiu uma maldição escura, mas continuou bombeamento seus quadris com mais fúria.



Alex se deleitou com a sensação dele perdendo o controle. Passando a língua e os dentes sobre a suave pele. Então mordeu com força...

Kade se arqueou fortemente em cima dela, jogou a cabeça para trás e grunhiu.

Capítulo 21

Ele não podia conter-se outro segundo mais.

Sua liberação saiu disparada dele em um ímpeto fervente enquanto os contundentes pequenos dentes de Alex roçaram sua garganta em uma mordida zombadora e de prova, mas não de tudo—rompeu a superfície de sua pele. Ela não podia saber quanto ele malditamente o queria. Como era assombrosa a necessidade que tinha de que ela tomasse seu sangue em suas bodas, que bebesse dele. Com quanta intensidade queria reclamar Alex por sua conta e se unir a ela para sempre.

—Merda, — conseguiu murmurar quando suas acetinadas paredes ordenharam seu membro que bombeava e sua boca causava estragos sagrados em seus sentidos. —Alex... ah, Cristo!

Ele gozou mais forte do que nunca, perdido em seu desejo por ela. Perdido com o ensurdecedor tamborilar de seu pulso que demandava que ela já era dele, vinculados pelo sangue ou não.

Sua mulher.

A única fêmea que queria.

Sua companheira para sempre.

Kade se levantou um pouco para olhá-la, seu pênis ainda estava enterrado dentro dela e ainda sentia vontade de mais. Ele ardia ao sentir o doce sabor do sangue dela correndo por sua boca, ele bobamente a tinha ferido com suas presas nos lábios quando a beijou, aquele pequeno descuido o tinha condenado e talvez a ela também.

O desejo e a sede de beber mais dela o afundaram no prazer, agora se sentia muito mais excitado... Sua visão se aguçou e suas presas se alargaram com o desespero de enterrá-las nela. Ele a agarrou pelos quadris e empurrou para dentro dela, ela se arqueava de prazer, ela estava no orgasmo.

Ela gritou seu nome, enquanto se retorcia de prazer, estava agitada, seu rosto rosado, e Kade a olhava com adoração, ele nunca tinha visto algo mais formoso que Alex ardendo de prazer. Ele queria lhe dar mais, mais prazer, paixão e por que não dizer amor. O amor que só um macho vinculado pelo sangue podia dar.

Deus, como queria isso.

—Alexandra,— ele ofegou, Kade queria a advertir de como podia ser perigoso tudo isto, mas todo pensamento que tivesse se perdeu no prazer e na luxúria que sentia por essa mulher, todas



as palavras ficaram presas em sua garganta.

Ela devia tê-lo afastado, mas em troca fez justamente o contrário, ela o abraçou e o aproximou mais. Alex conduziu seus lábios até que se unissem em um beijo apaixonado.

Kade tentou lutar contra a necessidade de beber dela. Mas Alex o fazia cada vez mais difícil, nesse momento ele se deu conta de que não se alimentou desde que saiu de Boston, embora sabia que esse não era o principal motivo de sua fome, mas seu desejo por ela.

Ele queria a ela, só a ela.

Ele sabia o que aconteceria se bebesse dela, mas Alex não sabia e ele tinha que assegurar-se de que soubesse. Mas então ela o levou a um apaixonado beijo, o sugando e mordendo o lábio inferior, ela também o desejava além do físico e ele sabia. Seu corpo ardia de prazer e ele já não podia continuar lutando contra o desejo. Assim separou seus lábios bruscamente dos dela, e seguiu com sua língua a delicada linha da mandíbula, parando abaixo do ponto sensível de seu ouvido, já era muito tarde para recuar.

—OH, Deus... Alex,— ele sussurrou, logo respirou profundamente e cravou suas presas fazendo pressão na veia.

Ela ofegou quando ele penetrou sua pele, um repentino estremecimento a fez ficar rígida, cortando sua respiração. Kade fez uma pausa como se algo repentinamente o tivesse golpeado, ele estava horrorizado do que acabava de fazer e de que ela o odiasse pelo que tinha feito. Mas então as mãos relaxadas de Alex acariciaram seus ombros. Ela deu um suspiro de prazer e ele respondeu com um gemido áspero, Alex desenhrou um ligeiro sorriso em seus lábios.

Ela era tão doce.

O sangue de Alex enchia sua boca, sentia-se como mel e amêndoas, uma mescla maravilhosa, que o estava voltando louco. Ele estava atordoado por tudo o que sentia nesse momento, cada gole que ele tomava, cada gota do sangue de Alex enchia seu corpo de energia e prazer.

Ela era sua Companheira de Raça.

E embora para essa vinculação faltasse um intercâmbio mútuo de sangue entre os dois companheiros, seu vínculo com ela agora era inquebrável, só a morte o podia dissolver.

E ele era o responsável pelo que acabava de acontecer.

Seus pensamentos o atormentavam, mas era difícil sentir remorso quando Alex o envolvia em seus braços e se retorcia contra ele em outro orgasmo. Ela gemeu com força, estava sob o poder hipnótico de sua mordida, os quadris de Alex se afundaram uma vez mais contra seu corpo, ele ainda podia sentir o sabor doce do sangue dela em sua boca.

Se ela fosse um ser humano comum teria desfrutado do momento, mas ela era uma Companheira de Raça, e cada sensação era vivida com mais intensidade. Agora cada sensação, qualquer sentimento que ela sentisse era também parte dele.

Ele bebeu um pouco mais dela, podia sentir como crescia a necessidade por estar dentro dela outra vez. Sua sede não tinha diminuído, mas decidiu passar sua língua sobre as espetadas para selar a mordida.



—Vamos,— murmurou Kade, —Vou te levar para a cama agora.— Ela estava meio adormecida, deitou-a sobre a cama, para que descansasse, beijou-a e se recostou ao lado dela. Kade acariciou cada polegada do corpo dela, cada curva, cada músculo.

—Me olhe Alexandra,— ele disse quando ela fechou os olhos pelo prazer que começava a sentir. Sua voz era áspera e escura, quase irreconhecível aos seus próprios ouvidos. —Tenho que saber que está me vendo tal e como sou. Isto é o que sou.

Ela levantou o olhar e o viu. Ele esperava que ela o rechaçasse, já que ele se via mais selvagem que das outras vezes. Seus glifos mudavam de cor para um vermelho escuro, pela paixão e a intensidade do momento que acabava de viver essa noite com Alex. Ele sempre estaria unido a ela, mesmo que ela o rechaçasse. Ele sentia medo de que ela o odiasse pelo que tinha feito.

—Isto é o que sou.— Esses olhos marrons o olharam fixamente. Ela acariciou seus glifos sobre seu peito, depois desceu as mãos para acariciar suas coxas, até chegar ao seu pênis. Ele exalou um grunhido mudo de prazer quando os dedos dela o acariciaram. O sangue de Alex corria por suas veias, alimentando cada célula de seu corpo. Não havia medo ou incerteza nela.

Ela o olhou fixamente, e com sua mão agarrou a nuca de Kade, levando-o em direção aos seus lábios...

—Me faça amor outra vez,— sussurrou ela contra seus lábios.

Essa era uma ordem que ele estava mais que disposto a obedecer. Deu a volta com cuidado enquanto ela separava suas pernas para lhe dar a boas-vindas uma vez mais. Penetrou-a lenta e meigamente quando a trouxe para seus braços. Seu beijo foi longo, apaixonado, febril enquanto ela riscava com sua língua suas presas e seu sexo explodiu em seu interior. Kade gritou com sua liberação e ela o espremeu.

Deus o ajudasse, mas ele agora sabia o que os outros guerreiros unidos haviam dito do prazer—o êxtase humilhante—no laço de sangue.

Com Alex, com esta mulher que tinha despertado nele sentimentos que nunca antes quis arriscar-se a sentir, agora Kade sabia que sempre o faria. Ansiava-a, com uma ferocidade que o aturdiu.

Nesse momento, com Alex envolta ao redor dele tão morna tão contente tão aberta a ele, ele queria manter o sentimento de proximidade... inclusive se o selvagem dentro dele sussurrava insidiosamente que isto não podia durar.

O fogo foi se apagando lentamente com o passar das horas. Jenna Tucker-Darrow estava em posição fetal no piso da sala de sua cabana, tremendo à medida que saía das profundidades do sono pesado, anormal e sem sonhos, suas extremidades estavam lânguidas, pouco colaboradoras, seu pescoço muito fraco e sensível para deixá-la levantar sua cabeça.

Fazendo um grande esforço conseguiu abrir os olhos e olhar na escuridão de sua cabana. O temor se arrastou até sua coluna vertebral com garras de gelo.



O intruso ainda estava ali.

Ele estava sentado no chão, sua cabeça inclinada para baixo. Era uma presença maciça, ameaçadora, inclusive em repouso.

Ele não era humano.

Ainda lutava para estar consciente, perguntava-se se estava imaginando tudo devido ao uísque que tomou para tentar aguentar o aniversário da morte de seu marido Mitch e sua filha Libby.

Mas ela sabia que esse homem de uma altura impressionante não era criação de sua imaginação. Ele era real, de carne e osso. Estava nu apesar das baixas temperaturas que faziam no Alaska, em sua pele não havia cabelos em nenhum lugar, todo seu corpo da cabeça até os pés estava coberto por um enredo de marcas vermelhas e negras que eram muito extensas para ser o trabalho de um artista da tatuagem.

Era o homem, mas corpulento que tinha visto alguma vez em sua vida, mesmo desarmado, e se curando de pequenas feridas, este homem era o mais perigoso com quem cruzou alguma vez.

Jenna pôde observar umas pequenas feridas de bala no abdômen do intruso, à parte notou que tinha outras feridas, eram bolhas que cobriam grande parte de seu corpo, parecendo queimaduras por exposição intensa ao sol.

Jenna não podia imaginar de onde provinha esse ser. Ela pensou que tinha entrado em sua casa para assassiná-la, e para ser sincera seria um favor, por que estava farta de viver uma vida sem os seres que tanto amava. Mas não tinha entrado em sua casa para matá-la, pelo menos ainda continuava viva. Embora quase o tivesse feito, já que a tinha mordido no pescoço e sugado seu sangue, como um monstro, como um vampiro.

Isso era impossível, ela sabia. Sua lógica quis rechaçar a ideia, tal e como quis rechaçar o que estava vendo nesse momento. Jenna estremeceu ao recordar como essas enormes presas tinham atravessado seu pescoço, graças a Deus não podia recordar muito mais, já que devia ter desmaiado pela perda de sangue que sofreu.

Ela tentou novamente se mover, mas só conseguiu chamar sua atenção. Os olhos desse homem se fixaram nela, Jenna também o olhou fixamente, rechaçando a ideia de abaixar a cabeça diante dele, mesmo que custasse sua vida. Depois de tudo, ela não tinha nada a perder.

Ela notou que ele sustentava algo retangular e brilhante em suas enormes mãos, era um porta-retrato. Ela soube imediatamente que foto tinha nele, era a foto que ela tirou com seu marido e filha dias antes desse terrível acidente. Seus batimentos se aceleraram, ele não tinha nenhum direito de pegar algo tão prezado para ela.

Ele se levantou do chão e caminhou lentamente para ela. Jenna pôde notar que as feridas de bala que ficaram do disparo já não sangravam, era como se estivessem sarando sozinhas.

Ele fez uma pausa diante dela, Jenna não podia negar que estava morta de medo, mas fez tudo para evitar que ele se desse conta. Ele mostrou o porta-retrato, ela o olhou fixamente, insegura do que fazer.

Ele permaneceu ali parado, com sua mão empolada estendida sustentando a fotografia, a



estava entregando, quando ela não se moveu ou falou, ele optou por deixar o porta-retrato no chão ao lado dela.

O porta-retrato estava manchado com sangue. Jenna olhou os rostos felizes atrás do vidro arruinado pelo sangue e não pôde conter um grito afogado. A dor a envolveu, deixando cair suas lágrimas.

Seu captor se afastou enquanto observava como ela chorava, depois fixou seu olhar na janela, onde podia ver o céu iluminado pelas estrelas.

Capítulo 22

Resistindo a força da vigilância que a arrancaria de um profundo, sensual e muito agradável sonho, Alex suspirou languidamente e se virou na sua cama. Fora o sono de veludo preto que a acariciava agora, ela precisava de apenas mais uma coisa para fazer seu estado de quente e preguiçoso êxtase completo. Ela lançou seu braço em uma lenta varrida no colchão, procurando pelo calor de Kade.

Ele não estava ali.

Tinha ele partido sem dizer a ela?

Completamente acordada agora, ela se levantou em seus cotovelos e encarou a escuridão vazia de seu quarto. Ela ligou o abajur, soltando um suspiro desapontado por ele ter partido. Mas então, acima do corredor, ela ouviu o rangido da torneira quando o chuveiro foi desligado.

Um momento mais tarde, Kade veio caminhando, nu exceto pela sua toalha de banho rosa, que estava atada folgadoamente ao redor seus quadris em forma.

—Você está acordada,— ele disse, passando seus dedos pelas úmidas pontas ébano de seu cabelo.

—Você já está partindo?

Ele sentou na beirada da cama. Gotas de água brilhavam em seus ombros e peito, umas poucas deles deslizando para baixo de seu suave pele e glifos em finos riachos. Ele parecia e cheirava delicioso, e Alex teve o mais forte ímpeto de lambê-lo até secá-lo.

Ele sorriu como se sentisse a luxuriosa direção de seus pensamentos. —Eu tenho que ir. Meus irmãos de armas de Boston estarão voando para Fairbanks em poucas horas. Nós iremos nos encontrar em uma velha parada de caminhões a meio caminho entre lá e a companhia de mineração. Não podemos arriscar dar a Dragos ou seus homens a chance deles saberem que estamos focados neles, assim iremos atingir a mina sem atraso.

Ele falava tão casualmente sobre o perigo que esperava a ele e seus amigos. Tudo que Alex podia pensar era a muito real possibilidade que ele pudesse ser ferido. Ou pior, algo que ela nem mesmo queria imaginar. Apenas o pensamento de Kade entrando naquela mina -- potencialmente para as mãos de Dragos ou mal ainda maior, deviam cruzar caminhos com a criatura que eles suspeitavam ter sido transportada para a área -- fazia Alex tremer por dentro com um medo bruto



e profundo até a medula. —Eu não quero que você vá. Eu temo que se você for, eu nunca mais possa ver você de novo.

—Não se preocupe,— ele disse, e algo sombrio, algo irônico, viajou sobre sua bela face. —Você não vai conseguir se livrar de mim tão facilmente, Alex. Não agora.

Ele colocou sua palma junto a sua bochecha, então se inclinou e a beijou, sua boca tão terna na dela que abriu uma dor no centro de seu peito.

Ela doía em um bom número de lugares, todos os lugares certos.

Pelo tempo que seus lábios deixaram os dela, cada um de seus pontos de pulso estavam acesos como se tivessem sido tocados por um relâmpago. Ainda mais abaixo, um pesado palpitar em seu centro acumulava calor entre suas pernas. Depois das horas de paixão que eles aproveitaram, ela ainda queimava por ele como se tivesse tido a menor das provas.

Ela suspirou com a lembrança do prazer de tudo que eles fizeram juntos. —Ontem a noite foi...

—Sim. Foi.— Ele sorriu, mas havia uma hesitação em sua voz. Algo assombrado sobre seus olhos.

Ele acariciou o ombro nu dela, então deixou seus dedos viajarem ao longo do lado de seu pescoço, a única parte dela que parecia mais viva e aquecida que a úmida fenda de suas coxas. Alex aconchegou-se em suas carícias leves como pena, tremendo com uma crescente fome por ele enquanto ele corria seu dedão através da veia que se agitava mais freneticamente em resposta a seu toque.

—Morda-me,— ela suspirou, sentindo uma estranha excitação só de dizer as palavras.

Ele inclinou sua cabeça em um aceno severo. —Eu o fiz. Não devia ter feito. Eu não tinha o direito de tirar isto de você.

Ele queria dizer seu sangue? —Está tudo bem, Kade.

—Não,— ele disse gravemente. —Não está tudo bem. Você merece mais do que isto.

—Eu.. gostei,— ela contou a ele, querendo dizer isto com tanta sinceridade que chocou até ela. —O que você fez, foi bom. Ainda é. Todo lugar que você me tocou ontem a noite se sente muito bem.

Ele exalou lentamente, seu hálito quente quando soprou sua testa. Ele não tinha parado de afagar sua garganta, ela poderia aproveitar seu toque tranquilizador por horas mais.

—O que eu fiz ontem a noite mudou tudo, Alex. Eu bebi de você. Vinculei-me a você, e não posso voltar atrás. Nem mesmo se você me odiar por isto.

Ela inclinou sua cabeça para cima e beijou a firme linha da boca dele. —Por que eu odiaria você?

Ele a encarou pelo mais longo momento, como se pesando o impacto do que ele queria dizer a ela. —Eu bebi de você, Alex, sabendo muito bem que você era uma Companheira da Raça. Sabendo que uma vez que seu sangue estivesse em meu corpo, não haveria volta atrás. Eu estou conectado a você agora, é inquebrável. É para sempre. Eu sabia o que significava, mas eu... queria tanto você, eu não pude parar. Eu deveria, mas não o fiz.



Ela escutou, vendo o tormento em seus olhos. Ela podia ver o arrependimento, também, e isto torceu seu coração como um torno.

—Ontem à noite, você não pode parar,— ela disse, precisando entender, mesmo se a matasse ouvir. —Mas agora, você deseja que pudesse voltar atrás. Por que você se sente diferente... sobre mim?

Sua cabeça se levantou bruscamente, suas sobrançelas escuras baixaram em seus olhos. — Não. Jesus... não, Alex. O que eu sinto por você — As palavras se interromperam, parecendo presas em sua garganta. —O que eu sinto por você é mais forte do que qualquer coisa que eu já senti antes. É amor, Alex, e estava lá antes de ontem à noite. Estaria comigo mesmo se eu não tivesse tomado seu sangue.

Ela não tinha percebido que estava segurando sua respiração até que fluiu para fora dele em um suspiro. —Oh, Kade.

Ele soltou uma maldição seca enquanto a acariciava. —Eu não sei como eu deixei isto acontecer. Eu tenho certeza como o inferno que nunca esperei encontrar o que tenho com você. Não agora, quando todo o resto ao meu redor não podia estar mais bagunçado.

—Então nós iremos resolver,— ela disse, envolvendo seus braços ao redor do pescoço dele. —Nós podemos resolver tudo, juntos. Por que eu me apaixonei por você também.

Ele amaldiçoou de novo, mas desta vez foi com reverência, um juramento sussurrado enquanto ele a puxava mais perto e para um delirante beijo apaixonado. Alex sentiu os músculos dele flexionarem e contraírem sob a ponta de seus dedos. Ela sentiu o tremor de necessidade que o torturava enquanto ele a colocava de costas e se arrastava sobre ela. A toalha rosa perdeu-se e Alex bebeu a magnífica visão de seu corpo, a espessa saliência de sua excitação, todo aquele poder pronto para adentrá-la.

Seu olhar era ardente, prata pálido cintilando com fogo âmbar. —Oh, Deus... Alexandra. Eu preciso ouvir isto agora. Diga-me que você é minha.

—Sim,— ela disse, então gritou a palavra novamente quando ele impulsionou profundamente e a conduziu em direção a crista de uma rápida e quente onda de alívio.

Ele ficou na cama com Alex por aproximadamente outra hora, muito mais do que ele tinha pretendido, mas mesmo assim, tinha sido malditamente quase impossível encontrar a vontade para partir. O que significava que ele teria que se arrastar seriamente para alcançar o ponto de encontro a tempo de encontrar os guerreiros que chegavam. Ele conseguiu -- por pouco -- e tinha acabado de sair de sua motoneve para esperar por eles quando o ronco de seus motores veio rasgando a escuridão.

Os quatro vampiros estavam vestidos como ele em roupas de inverno preto e capacete de viseira preta. Como Raça, nenhum deles precisava da ajuda dos faróis de seus trenós para guiá-los. Suas enormes formas, cada um coberto de armas, saindo das sombras da noite enquanto corriam para a vazia e degradada parada de caminhões. O choro de suas motoneves encheu o ar, pesadas correntes de trator, jogando fora plumas cinza de escapamento e mastigando neve atrás deles.



A resposta da Ordem aos Cavaleiros do Apocalipse, Kade pensou com um sorriso torto enquanto assistia o grupo de guerreiros derraparem para uma parada a frente dele.

Brock foi o primeiro a sair de seu trenó. Ele cortou a força e suspendeu sua perna sobre o assento, varrendo o visor de seu capacete enquanto andava e cumprimentava Kade com um amplo sorriso e um duro soco direito no ombro. —Você não ficaria feliz até arrastar meu traseiro a este congelador miserável, é isto? Tenho que falar para você, eu estou sentindo odiando isto aqui, cara. Ou sentiria, se pudesse realmente sentir alguma coisa além do frio Ártico roendo meus órgãos vitais.

Kade sorriu ao guerreiro que tinha se tornado seu amigo mais próximo. —Bom ver você também.

Diretamente atrás de Brock estava outro dos mais novos recrutas da Ordem, o ex-Agente de Execução Sterling Chase -- ou Harvard, como ele também era conhecido, por conta de sua intelectual educação civil e o enfadonho comportamento que ele tinha praticado no começo de seu envolvimento com os guerreiros. Aquele frio ar de superioridade ainda estava lá, mas afiado a um frígido limite no ano que ele se juntou a Ordem.

Chase era mortal, e tirava algo de uma doentia satisfação em seu trabalho. De fato, Kade estava chocado como o inferno de ver o macho, considerando que fazia apenas um par de semanas desde que uma batalha de rua em Boston o tinha deixado no chão com uma desagradável ferida de tiro no peito. Olhando para ele agora, Kade não podia evitar ver um pouco da arrogância sem remorsos de Seth nos frios olhos azuis do macho quando ele tirou seu capacete expondo seu loiro cabelo curto aos elementos. Seu rosto esguio era quase sombrio e havia um lampejo de vazio nos olhos do guerreiro. Uma apatia que Kade sentiu como se estivesse apenas verdadeiramente notando pela primeira vez.

—Tenho imagens de satélite da localização da companhia de mineração.— Chase disse sem cumprimentar, puxando um pequeno laptop de seu equipamento e ligando-o enquanto os outros se reuniam ao redor deles. —São dados novos. Gideon conseguiu as imagens pouco ante de deixarmos o complexo.

—Bom,— Kade respondeu. —Você está se sentindo bem, Harvard?

Ele olhou para cima, sua expressão era ilegível, fria. —Nunca estive melhor.

Enquanto Kade considerava o guerreiro, os outros dois na unidade se aproximaram, ambos imensos, ambas as armas implacavelmente eficientes no arsenal mortal da Ordem. Eles eram ambos primeira geração da Raça, embora Tegan fosse séculos mais velhos que o macho chamado simplesmente Hunter. Onde Tegan tinha sido uma dos membros fundadores da Ordem junto de seu líder Gen Um, Lucan, Hunter tinha entrado a bordo apenas uns poucos meses atrás, um aliado improvável, dado que ele era um produto dos laboratórios de experimentos genéticos de Dragos.

Nascido do último Ancião sobrevivente -- a própria criatura potencialmente solta no Alasca agora mesmo -- e de uma das muitas desconhecidas Companheiras de Raça prisioneiras que Dragos esteve coletando por décadas como parte de sua tomada de poder, Hunter não tinha



provavelmente mais de quarenta ou cinquenta anos. Mas durante esse curto período de vida, ele conheceu apenas disciplina e propósito solitário.

Ele foi criado como assassino, um caçador sem emoção, não tendo outro nome que o de sua função -- seu único valor -- para Dragos, aquele que o fez.

Atrás do lustroso visor de seu capacete, Hunter se mantinha calado como de hábito e robótico enquanto ele e Tegan se aproximavam do restante do grupo. Quanto a Tegan, ele nunca tinha sido o Sr. Simpatia. Não foi há tanto tempo atrás, pouco mais que um ano, que o envolvimento de Tegan na Ordem parecia duvidoso na melhor das hipóteses. Mas ele se provou no final, e mereceu o amor de uma boa mulher além disso. Agora, como segundo no comando de Lucan, o guerreiro formidável colocava sua impiedosa e letal intensidade em cada missão para a Ordem.

Seu brilhante olhar verde era penetrante enquanto ele tirava seu capacete e dava a Kade um curto aceno de saudação. —Bom trabalho, conseguindo a pista na Mineradora Coldstream. Gideon a rastreou até um grupo que chamam de TerraGlobal Associados. É uma corporação falsa, uma frente com cerca de dez camadas de besteiras escondidas atrás dela.

—Deixe-me adivinhar,— Kade disse secamente. —Todas as estradas irão eventualmente levar a Dragos.

Tegan assentiu. —Dante, Rio e Niko estão administrando os dados, buscando cada migalha de pão que pudermos encontrar, não importando quão pequena ou espalhada. Enquanto isso, Lucan e Gideon estão mantendo o forte em Boston. Tive que praticamente amarrar Lucan para impedi-lo de vir conosco nessa, mas nós não podemos deixar o complexo desprotegido quando nós ainda não temos uma gota do próprio Dragos. Carga preciosa demais em casa.

Kade assentiu, ouvindo a severa preocupação na voz do outro macho quando ele falava sobre sua companheira da Raça, Elise, e as outras companheiras dos guerreiros que chamavam a sede da Ordem sua casa.

Kade entendia esse sentimento agora.

Quando ele pensava em Alex, e no fato que teve que deixá-la na sua casa em Harmony enquanto ele estava nessa missão.

Quando ele pensava que havia uma chance, se as coisas pudessem ir terrivelmente mal e ele não pudesse voltar para ela, que ela pudesse ser vítima do Ancião ou qualquer outro perigo, e ele não estaria lá para mantê-la segura...

Santo inferno.

Cada pensamento era pior que o outro, um terrível espiral que ele teve que sacudir mentalmente para acompanhar o que Tegan estava dizendo.

—Baseado no que nós já vimos de Dragos, temos que supor que a mina tem algum tipo de mecanismo de autodestruição no lugar. Se não pudermos encontrar o nervo central do covil, nós mesmos iremos detonar o lugar.



Brock grunhiu. —Que é por que eu empacotei C-4 suficiente para explodir uma cratera do tamanho de um meteoro no lado daquela montanha. Tenho que dizer a vocês, eu ficarei feliz de descarregar essa merda.

Tegan deu a ele um aceno de terno, então começou a dar instruções para o assalto da mina. Os guerreiros já tinham discutido o plano de ataque em Boston; agora era apenas uma questão de cumprir a missão.

—Pena que Andreas Reichen não está aqui para adicionar algum fogo a esta festa,— Chase adicionou, referindo-se a mais recente adição às fileiras da Ordem, o ex-líder de Darkhaven da Alemanha. —Um pouco de pirotécnia ajudaria muito essa noite.

—É, ajudaria,— Tegan respondeu. —Mas seu talento ainda está muito bruto. Até que ele consiga tê-lo sob controle, estaremos melhor mantendo-o trabalhando em relações diplomáticas para a Ordem.

—Relações diplomáticas.— Brock sorriu um profundo e satisfeito ronco em seu peito. — Deus sabe que nenhum de nós aqui agora é adequado para esse tipo de trabalho.

—Malditamente certo,— Tegan concordou, sorrindo com fria ameaça. —Assim, vamos parar a fofoca e ir chutar alguns traseiros.

Quando o grupo se separou e preparou para se mover, Brock ficou atrás dos outros e deu a Kade um olhar questionador. —O que está acontecendo com você? Eu estive em patrulhas demais com você para não notar quando tem algo forte pesando em sua mente, cara.

—Nah.— Kade balançou sua cabeça. —Não é nada. Eu estou bem. Vamos seguir.

Os olhos escuros de Brock se estreitaram. Ele deu um passo de lado e bloqueou o caminho de Kade, mantendo sua voz muito baixa para os outros ouvirem. —Agora, veja, este é o tipo de besteira que você diz a alguém que não vigiou suas costas tão frequentemente quanto você vigiou as deles. Deste modo, deixe-me perguntar de novo. Que porra aconteceu desde que você chegou aqui?

Kade encarou seu camarada e amigo -- o guerreiro que era tão próximo quanto um irmão para ele. Mais próximo, até que seu próprio gêmeo idêntico. O gêmeo que Kade não mais conhecia, e tinha perdido como sua família há muito tempo atrás.

Envergonhava-o pensar em Seth agora, quanto mais tentar explicar o que ele tinha descoberto sobre ele no tempo que esteve de volta no Alasca.

Ele teria que contar a Ordem tudo em algum momento -- ele sabia disto. Ele teria que contar a Alex sobre Seth eventualmente também. Mas havia outras coisas pesando sobre ele tão profundamente, não sendo a menor o fato que no meio de toda a loucura e conflito desde que ele deixou Boston, ele tinha de algum modo baixado sua guarda e se deixado apaixonar.

—A mulher,— ele disse ineptamente. —Alexandra Maguire ...

—Você quer dizer a Companheira da Raça,— Brock corrigiu, tendo sem dúvida ouvido algo sobre ela em uma das ligações de Kade ao complexo. —Algo aconteceu a fêmea?

—É, você poderia dizer isto.— Kade exalou um curto suspiro, torto e resguardado. —Alex se tornou importante para mim. Realmente importante.



Quando Brock o encarou, os outros guerreiros estavam montando seus trenós e alimentando seus motores. O rugir da maquinaria ressoou ao redor deles, todos esperando para se mover.

Brock esperou um minuto a mais, então soltou um grito de risadas. —Naah! Oh, inferno não. Não você, também?

Kade sorriu, deu a ele um perdido encolher de ombro. —Eu a amo, cara. E ela diz que me ama, acredite ou não.

—Fodidamente inacreditável,— Brock disse, ainda rindo e balançando sua cabeça. —Isto está se tornando uma maldita epidemia ultimamente.

—Então é melhor observar seu passo também.

—Merda,— ele respondeu, deixando a palavra sibilar numa lenta exalação. —Agora com quem eu vou sair depois das patrulhas -- Harvard? Muito obrigado, cara. Eu aposto que o Hunter ali seria um barril de risadas também.

Do outro lado do caminho, Tegan inclinou o visor de seu capacete para cima e lançou-lhes um olhar de convocação. —Vamos fazer isto.

Brock acenou seu reconhecimento, então voltou para Kade. —Deixando a destruição da masculinidade de lado, cara, eu estou ansioso para conhecer sua mulher. Mas primeiro, vamos chutar o traseiro de Dragos.

Kade sorriu enquanto caminhava para sua motoneve e preparou-se para dirigir com seu irmão, mas seu humor leve era em sua maioria um mascara para a realidade desagradável que estava se assentando cada vez mais pesada em seus ombros. Por que assumindo que ele sobrevivesse ao assalto a mina esta noite, ele teria a desagradável tarefa de lidar com Seth logo depois.

Ele queria começar uma vida junto com Alex, se ela quisesse, mas não podia fazer isso sem cuidar dos negócios que devia ter resolvido antes de ter deixado o Alasca em primeiro lugar.

Seth estava passando aos poucos em direção a luxúria de sangue, se já não estivesse lá. Sua loucura tinha que ser parada.

E Kade era o único que podia fazer isto.

Capítulo 23

Kade havia partido apenas há um par de horas, mas a espera estava deixando Alex louca.

Dormir estava fora de questão, mesmo que ela não tivesse muito disto ultimamente. Ela já tinha dado a Luna café da manhã e tomado um banho, e se ela andasse por sua pequena casa procurando por mais uma coisa para tirar o pó, limpar, ou endireitar iria gritar.

Talvez ela pudesse chamar Jenna.



Melhor ainda, ela podia ir a casa dela em vez disso. Deus sabia, ela podia usar a distração de alguma companhia enquanto seu coração estava preso em um torno, esperando uma palavra de Kade, deixando-a saber que ele estava bem.

Normalmente, ela podia apenas ter pulado em sua motoneve e dirigido sem avisar, mas esta era a única época do ano que Jenna apreciava sua privacidade -- a exigia até. Novembro, aniversário da morte de Mitch e Libby, sempre era uma luta para sua amiga, e feria Alex pensar que Jenna preferia sofrer sozinha a confiar em seu apoio durante o tempo difícil.

Também incomodava Alex que ela não tivesse ouvido uma palavra de Jenna desde que a viu pela última vez.

Passar mais de um dia ou dois sem ao menos um telefonema ou uma rápida visita era incomum para Jenna, não importava qual época do ano fosse.

Alex pegou seu celular e notou que o símbolo da mensagem estava acesso. Provavelmente Jenna, Alex pensou com uma aliviada risada sob sua respiração. Ela provavelmente tinha deixado uma mensagem de voz perguntando a Alex por que ela não tinha ligado ou aparecido. Alex apertou seu código de acesso e esperou a mensagem executar.

Não era Jenna. Um dos clientes em sua rota de fornecimento, um mãe recente com um bebê doente e um marido que partiu há seis meses para trabalhar no oleoduto, querendo saber se Alex podia possivelmente trazer mais remédios e combustível para o gerador do abrigo. Ela tinha acabado de ficar sem ambos, e estava preocupada que a tempestade de neve que se aproximava apenas pioraria as coisas. A chamada tinha vindo na manhã de ontem. Mais de vinte e quatro horas atrás.

—Maldição,— Alex sussurrou.

O abrigo da mulher estava apenas cerca de dez milhas fora da cidade, mas o pensamento de se aventurar fora de Harmony antes do amanhecer, especialmente sabendo da criatura selvagem que provavelmente se escondia nas sombras, deu a Alex mais que a pausa de um momento.

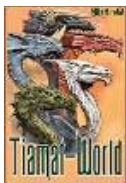
Então de novo, poderia ela realmente sentar em sua casa e deixar todos os outros a sua própria sorte simplesmente por que estava com medo? Não tinha acabado de dizer a Kade que estava cansada de se esconder e fugir, escolhendo-se no canto do mal que ela sempre soube que existia, mas que tinha sido covarde demais para encarar?

Ela quis dizer isso.

Kade tinha dado a ela a força para encarar seus medos.

E o fato que ele estava lá fora em algum lugar, agora mesmo, lutando por ela -- por toda a humanidade e a Raça igualmente -- deu a Alex um maior e renovado senso de poder. Nobre, corajoso, Kade era seu homem, seu companheiro. Ele a amava. Com esse conhecimento flutuando por ela, não havia mais nada que ela precisasse temer.

—Venha Luna,— Alex gesticulou para o cachorro segui-la enquanto ela seguia para a cozinha e pegava sua jaqueta no cabide. Ela entrou em suas botas, então pegou a chave de sua motoneve. — Vamos sair para um passeio, garota.



E no caminho de volta de sua entrega, ela faria uma breve visita à casa de Jenna apenas para garantir que tudo estava bem com ela também.

—Nós contamos sete Subordinados patrulhando as áreas ao sul e oeste do terreno,— Kade disse quando ele e Brock voltaram de um rápido reconhecimento da companhia de mineração. — Do que nós pudemos ver, todos estão armados com semi- automáticos rifles e equipados com dispositivos de comunicação. Sem sinal exterior do assassino Gen Um ou do homem de Dragos, então as possibilidades são que eles se esconderam em algum lugar do lado de dentro.

Enquanto Tegan dava um aceno com a cabeça em reconhecimento, Chase apareceu com seu relatório sobre o outro lado alvo de sua operação. —Quatro Subordinados guardam os portões da frente, e mais um par vigiam o trecho oriental da cerca do perímetro. Eu estou achando que está não é a dimensão deles. Nós vamos encontrar mais dos bastardos uma vez que entremos. A única questão é, quantos mais.

—Não importa,— A profunda voz de Hunter não tinha inflexão, apenas fria avaliação. — Subordinados tem reflexos humanos interiores. Independentemente de seus números ou seus armamentos, é duvidoso que eles possam incapacitar a todos nós. Eles se apresentam apenas como um obstáculo temporário a nossa missão.

—Certo,— Tegan concordou, um tanto secamente. —Uma vez que nós infiltremos o terreno e passemos os Subordinados em guarda, nosso objetivo é duplicado. Determinar se o Ancião está sendo mantido lá dentro, e se estiver, onde. Segundo, nós capturamos o vampiro no comando do terreno. Se está recebendo ordem de Dragos, então sabe onde Dragos está e o que está tramando. Desta forma, nós precisamos trazer o filho da puta e fazê-lo falar. O que significa que precisamos trazê-lo vivo.

—Não que dizer que precisamos trazê-lo feliz,— Chase falou arrastadamente, a ponta de suas presas já visíveis em antecipação pela batalha chegando. —Apenas precisamos garantir que sua boca funcione.

—Nós entramos com discrição,— Tegan continuou, voltando um breve, estreito olhar ao guerreiro antes de se dirigir ao grupo como um todo. —Nós iremos nos dividir em times e limpar o caminho tão amplamente quanto pudermos pelos detalhes de segurança da mina -- mas façam-no discretamente. Sem balas a menos que absolutamente necessário. O mais perto que nós pudermos chegar da entrada da mina sem alertar todo o maldito lugar de nossa presença do lado de dentro melhor.

O grupo de guerreiros respondeu com acenos de aceitação.

—Nós precisamos de um time linha de frente para se mover sobre os guardas no portão,— Tegan disse, olhando para Kade e Brock. Com o consentimento deles, ele inclinou um olhar para Chase. — Nós dois iremos procurar e proteger os anexos e o contêiner de carga, nós iremos precisar de todas as mãos a postos para entrar e violar a mina.

—Soa como um plano.— Brock disse.



Kade assentiu e encontrou a olhadela de seu amigo pela delicada neve que estava incomodando nos últimos minutos. —Vamos fazer isto.

—Tudo bem,— Tegan disse. —Todos sabem o que precisa ser feito. Preparem-se, e estamos partindo.

Os guerreiros dividiram-se nos times ordenados e saíram. A sobrenatural velocidade e agilidade deles beneficiaria sua missão, especialmente que, como Hunter disse, apesar dos números dos Subordinados, eles estavam em desvantagem nesta batalha simplesmente por que eram humanos. Seus olhos humanos não seriam capazes de seguir o rastro da velocidade dos movimentos dos guerreiros quando o grupo de machos da Raça invadissem as cercas do perímetro e pulassem sobre a barreira de quase três metros na graça de um fluido salto de calcanhar.

Kade foi o primeiro a limpar a cerca. Ele caiu sobre um Subordinado que estava em vigília na cabana da frente, derrubando o guarda no congelado solo e silenciando seus gritos de alarme com uma lâmina cortando instantaneamente sobre sua garganta. Enquanto arrastava o corpo para dentro da cabana, ele olhou por cima e viu que Brock também estava dentro, o alvo Subordinado do guerreiro negro eliminado com uma forte torção de seu pescoço.

Juntos os dois guerreiros se moveram para seu próximo ponto de ataque, Kade saltou para o telhado do anexo mais próximo enquanto Brock desaparecia no canto do outro. Kade localizou sua vítima no terreno abaixo. O Subordinado deu a volta na área entre a cerca do perímetro e um dos trailers de armazenamento de equipamentos corrugados, seus olhos atentos focaram na vazia escuridão além da cerca. Ele caiu com pouco mais que um grunhido de surpresa quando Kade se lançou do telhado e o colocou em uma rápida morte no solo.

Brock também tinha adicionado outro Subordinado a sua contagem. Ele descarregou o flácido corpo de seu segundo alvo Subordinado ao lado do de Kade.

À frente, parcialmente oculto pela agitação da neve que estava começando a ganhar intensidade, Tegan estava acabando de soltar o corpo débil e sem vida de um grande guarda Subordinado e o despindo de suas armas. Ainda mais, em direção ao caminho que levava a entrada da mina, Kade pode apenas entrever a imensa forma de Hunter quando o macho Gen Um passou por dois Subordinados recém-mortos que estavam afundados em uma pilha aos pés dele.

Kade lançou um olhar ao redor do terreno pelo membro remanescente do time e o encontrou perto do contêiner de carga. Chade tinha um Subordinado agarrado pela garganta, segurando o escravo da mente que se debatia em um lento e doloroso aperto mortal, suas botas a vários centímetros do chão. O Subordinado se agitou e convulsionou quando começou a estrangular.

—Termine,— Kade murmurou em um firme sussurro enquanto observava a expressão de Chase se contorcer com algum tipo de fúria selvagem. De seu lado, Kade ouviu Brock rosnar, um baixo profundo estrondo em sua garganta quando ele, também, compreendeu a visão do outro guerreiro brincando com sua presa.

Apenas então, Chase pegou sua faca e a levantou, equilibrando-se para desferir um ataque matador.



Foi quando Kade viu um brilho de movimento sombrio através do caminho -- outro Subordinado, saindo por uma escada exterior de um dos prédios vizinhos. O guarda Subordinado tinha um rifle apontado para Chase, prestes a apertar o gatilho.

—Maldito seja,— Kade rosou, trazendo sua própria arma e instruindo-a para a súbita ameaça à vida de Sterling Chase. O alerta de Tegan para segurarem todo o fogo a menos que absolutamente necessário soou por sua cabeça.

Foda-se.

Ele tinha que fazer isso. Se não o fizesse, em outra fração de segundos, a Ordem iria perder um dos seus.

Kade atirou.

O tiro estalou como um súbito estrondo de trovão. Acima no poço da escada, uma explosão de sangue e vísceras explodiram do lado da cabeça do Subordinado quando a bala de Kade encontrou exatamente seu alvo. O cadáver do Subordinado desabou sobre a borda, pousando com um duro baque no solo abaixo.

Ao mesmo tempo, um alarme disparou dentro dos edifícios. O vibrante ressoar das sirenes ecoou por todo o exterior do terreno, mergulhando a área em instantâneo caos.

Antes que Kade tivesse a chance de se arrepender do movimento que tinha poupado a vida de seu irmão, mas possivelmente colocou a missão deles em risco, um exército de Subordinados vieram derramando-se no lugar de todas as direções. Tiros irromperam em todo lugar. Kade e Brock mergulharam por abrigo atrás do anexo mais próximo, devolvendo o fogo ao grupo de guardas Subordinados que se aproximavam do outro lado do caminho.

Pela cortina de neve em queda se espessando, Kade notou uma companhia adicional de Subordinados mais perto do edifício de tijolos pequenos que protegiam a entrada da mina. Uma dúzia deles saíram para fortificar a frente do edifício, enquanto atrás deles, ainda mais apareciam nas estreitas janelas, que eram abertas e eriçadas com os longos canos pretos de semi automáticas de alto calibre.

Rajadas de balas iam por todas as direções enquanto Kade e os outros tentavam cortar a linha e limpar o caminho em direção a entrada da mina, o óbvio nervo central da operação de Dragos ali. Os guerreiros eliminaram vários alvos, mas não sem uns poucos golpes no lado deles. Embora sua genética da Raça desse a eles velocidade para antecipar e se esquivar de um tiro que se aproximava, no calor da batalha era fácil perder a direção -- e potencialmente perder a cabeça de alguém.

Kade tinha um arranhão desagradável em seu ombro quando atirou em um Subordinado. Ao seu lado, Brock esquivou-se de uma bala e mal evadiu outra. O restante dos guerreiros estava sob ataque similar e, como Kade e Brock, devolvendo tanto quanto estavam levando. Subordinados caíram de várias posições, até que tudo que sobrou foram uns poucos guardas obstinados mantendo a linha em frente à entrada da mina.

Então, como se para dar ao desafio um ponto ainda mais fino, a porta de aço do edifício se abriu e uma imensa forma vestida de preto emergiu.



—Assassino,— Kade sibilou para Brock quando o enorme macho Gen Um que ele tinha visto poucos dias atrás com o tenente Dragos saiu a passos largos para se juntar ao combate.

Mal tinha falado isto e um dos guerreiros partiu a formação e seguiu para frente, arma em chamas.

Santo inferno.

Hunter.

—Cubram-no!— Tegan gritou, mas Kade e os outros já estavam nisso, saltando de suas posições e caindo atrás do antigo assassino para explodir seus inimigos e atacar a entrada da mina com vigor.

Vários metros em frente agora, as passadas longas e determinadas de Hunter mastigavam o solo coberto de neve enquanto ele desviava para evadir de uma chuva de balas na direção dele adiante e à direita. Outra rajada respondeu, e o Gen Um levou um sólido golpe em sua coxa esquerda. Então outro em seu ombro direito.

Hunter mal hesitou quando sua carne foi arrancada com os impactos. Cabeça baixa, ele jogou suas armas e pulou para frente em uma faixa de velocidade que apenas os olhos da Raça podiam acompanhar. Toda a sua fúria -- todo a sua intenção letal -- estava focada no outro assassino Gen Um, o macho da Raça que tinha nascido e criado do mesmo modo que ele, e treinado para ser especialista em apenas uma coisa: negociar morte.

No mesmo momento em que Hunter se atirou para frente, o assassino soltou sua arma e se lançou no ar em um grande salto. O par de Gen Um colidiram em um choque de esmurrar de ossos e músculos. Quando foram ao solo, presos em um vicioso combate corpo a corpo que não cessaria até que um ou outro estivesse morto, o restante dos guerreiros se moveu rapidamente para derrubar os Subordinados remanescentes guardando a mina.

A batalha dual era furiosa, sangrenta, e parecia acontecer em um vácuo de tempo que estava tanto dolorosamente em câmera lenta quanto se prolongando à velocidade da luz.

Kade e os outros convergiram para a entrada da mina. Sangue, osso e balas pulverizavam a escuridão coberta de neve. Subordinados caíam em grande número agora, seus agudos e agonizantes gritos rasgando a noite enquanto o alarme da mina continuava a retumbar e rugir.

E no solo próximo, Hunter e o assassino Gen Um rolavam e se retorciam em uma indiscernível mancha de movimento, martelando um ao outro com seus punhos. Quando Kade derrubou outro Subordinado perto da entrada, ele viu o cintilar das presas do assassino na escuridão enquanto o Gen Um abria sua boca e baixava sua mordida fortemente no ombro de Hunter.

Kade teria aberto fogo ao bastardo, mas no meio de todo o caos ao redor deles, era uma chance miseravelmente escassa. Se errasse, poderia colocar uma bala na cabeça de Hunter em vez disso.

Ele soltou uma maldição e alinhou seu tiro -- bem quando Hunter puxou a coleira de polímero preto ao redor do pescoço do assassino e o lançou. Hunter atacou subitamente o peito do macho. Silenciosa e impiedosamente, ele agarrou a enorme e careca cabeça do vampiro com



ambas as mãos e a rachou forte no solo amontoado de neve. Kade sentiu o baque do crânio esmagado reverberar no solo debaixo de suas botas.

A luta do assassino diminuiu então, mas Hunter não tinha terminado. Mãos movendo-se com severa eficiência e implacável força, ele levantou a pesada massa do outro macho e mandou o desabilitado assassino em voo. O corpo chocou-se no terreno de um dos contêineres de carga, a coleira eletrônica do assassino disparando uma chuva de faíscas enquanto colidia com o aço corrugado.

—Oh, merda!— Kade gritou, tendo visto em primeira mão o que aquelas coleiras podiam fazer. —Explosão UV se aproximando – todo mundo no chão!

Seu comando mandou Hunter e o restante dos guerreiros diretamente para a cobertura. Mal eles atingiram o solo houve um súbito e ofuscante brilho de pura luz branca. O raio ultravioleta disparou debaixo da cabeça do assassino, cortando uma limpa linha pela pele, carne, tendões e osso. Quando extinguiu um momento mais tarde, o imenso assassino Gen Um estava deitado na neve em derretimento em um destruído monte, sua cabeça calva e coberta de glifos decepada de modo limpo do resto dele.

Sem perder uma batida, Hunter puxou uma pistola de seu cinto de arma e disparou mais balas ao punhado de Subordinados que estavam surpreendidos ao redor, temporariamente cegos pela explosão de luz um segundo atrás. Kade e o resto do grupo uniram-se, e, em instantes, nada ficou no caminho deles da entrada da mina exceto um campo de corpos caídos.

Tegan chutou a porta de aço e conduziu o impulso para dentro do edifício. A sala da frente estava desocupada, exceto por mais carnificina de Subordinados e um par de câmeras de segurança. Na parte detrás do espaço tinha outra porta, esta de aço, também, mas fortificada com um pesado trinco e catraca fechada, como a porta de cofre de banco.

—Brock,— Tegan disse. —Dê a isto um choque daquele C-4.

Brock avançou e girou a mochila de munição para fora de suas costas. Ele pegou uma das pálidas massas de material explosivo e cortou um pequeno pedaço. Quando ele o pressionou no lugar na porta de aço e fixou os explosivos, todos recuaram para o lado de fora e cobriram suas cabeças quanto ele apertava o detonador e explodia a porta.

—Estamos dentro,— ele disse, quando o redemoinho de fumaça e poeira começou a limpar.

Eles arrastaram a porta interior explodida e se arrastaram no corredor no outro lado. Quartos de beliches alinhados de um lado da passagem, presumivelmente para os guardas Subordinados que tripulavam o lugar. Mais abaixo estava uma despensa, uma modesta cozinha, e ainda mais distante, uma sala de comunicação que parecia recentemente desocupada de pessoal.

Os guerreiros continuaram sua busca, passando por um alojamento espartano que era nada mais que um quarto de prisão sem luz ou beliche para dormir, apenas um cobertor dobrado ordenadamente no chão. Em um pequeno tamborete no canto se acomodava uma caixa aberta de balas e uma bacia para uma grande lâmina.

Hunter olhou dentro do quarto com um olho impassível. —O assassino dormia aqui.



A fria cela estava em forte contraste com os alojamentos acolchoados que o grupo encontrou poucos metros abaixo no corredor. Através da porta parcialmente aberta, Kade percebeu muita madeira escura e polida e luxuosa mobília. Atrás de uma reluzente mesa cor de cereja, uma poltrona de encosto alto de couro ainda estava girando, em um movimento da recente apressada partida de seu ocupante.

Sem dúvida, essa suíte extravagante pertencia ao tenente de Dragos.

Kade gesticulou no caminho, em direção a última restante antes do corredor que se abria na própria escavação da mina. —Apenas uma direção que ele poderia correr.

—Sim,— O olhar verde de Tegan se deslocou para ele em acordo. —Direto para uma armadilha.

Ele gesticulou para os outros tomarem seus lugares na formação atrás dele, então liderou o caminho para as sombrias entranhas do corredor.

Capítulo 24

A tempestade de neve que tinha começado como uma importuna agitação tinha piorado para pesados e persistentes flocos enquanto Alex e Luna estavam voltando da entrega na floresta. Alex estava feliz por ter sido capaz de ajudar a jovem mãe que estava contando com ela, mas se preocupava por ainda não ter consigo falar com Jenna. Ela pegou seu celular e tentou ligar para o abrigo de Jenna mais uma vez.

Sem resposta.

A incômoda preocupação que ela vinha sentindo por sua amiga tinha apenas crescido no tempo que Alex esteve fora, transformando-se numa pontada totalmente coberta de inquietação. E se Jenna estivesse levando as coisas mais difíceis este ano do que antes? Alex sabia que ela lutava, que ainda se desesperava, sobre a perda de seu marido e filha. E se o desespero tivesse se aprofundando para algo pior desta vez?

E se tivesse se tornando algo perigoso e ela ferisse a si mesma?

—Oh, Deus... Jenna. Por favor deixe-me estar errada.

Com Luna correndo ao lado dela, Alex deu ao trenó mais velocidade enquanto desviava da trilha esportiva que iria eventualmente levar a Harmony. Ela seguiu para longe da cidade em vez disso, em direção ao abrigo de Jenna uma milha no exterior.

Ela ainda estava a uns quinze minutos de distância quando viu algo se movendo nas árvores na frente dela. Ela não podia realmente distinguir a forma no escuro, mas parecia ser... uma pessoa?

Sim, era. Alguém esmagando a vegetação rasteira coberta de neve da floresta. Incrivelmente, apesar do frio penetrante, ele estava completamente nu.

E não estava sozinho.



Várias outras formas se materializaram das sombras para correr ao lado dele, formas de quatro pernas e escuras... uma matilha de meia dúzia de lobos. A visão do homem e dos animais selvagens juntos não tanto a chocou quanto a confundiu.

Kade?

Alex cortou a gasolina e desacelerou seu trenó a um rastejo, Luna passou a uma pausa ao seu lado.

—Kade,— ela chamou, seu nome escapando de sua boca em um suspiro de puro instinto. Ela sentiu um breve momento de alegria ao vê-lo, mas então a lógica caiu sobre ela como um frio martelo. Kade tinha partido horas atrás para encontrar os outros guerreiros de Boston. O que estaria fazendo aqui fora, desse jeito?

Algo sobre ele não parecia totalmente certo...

Não podia ser Kade.

Mas... era.

O farol de sua motoneve o segurava em seu feixe de luz. Os lobos se espalharam pela floresta, mas ele estava parado ali agora, sozinho, um braço erguido para proteger seus brilhantes olhos de brilho âmbar da luz. Seus dermaglifos estavam tão escuros que pareciam pretos contra sua pele, e algo quase tão escuro -- algo que a mente dela se recusou a reconhecer a princípio -- que cobriam seu corpo nu dos pés a cabeça.

Sangue.

Oh, Jesus.

Ele estava ferido... muito ferido, pela horrível aparência dele.

O coração de Alex deu um doente solavanco em seu peito. Ele estava ferido. Sua missão com a Ordem deve ter ido terrivelmente errado.

—Kade!— ela gritou, e saltou de seu trenó para correr em direção a ele. Luna circulou na direção a frente dela, bloqueando seu caminho enquanto latia em um gemido agudo, um aviso para ela, ou talvez mesmo a cadela podia ver que algo estava muito errado com ele.

—Kade, o que aconteceu com você?

Ele levantou sua cabeça e a encarou como paralisado, seu cabelo preto selvagem sobre sua cabeça e liso pela umidade. Mesmo dos cem pés que os separavam, Alex podia ver o sangue esparramado por seu rosto, riscando seu queixo em sangrentas linhas.

Por que ele não respondia?

O que diabos estava errado com ele?

Alex parou, seus pés subitamente se recusando a mover. —Kade? Oh, meu Deus... por favor, fale comigo. Você está ferido. Diga-me o que aconteceu.

Mas não proferiu uma única palavra.

Como uma verdadeira criatura da floresta, ele fugiu para longe dela, desaparecendo nas sombrias matas.

Alex chamou por ele, mas não estava em lugar algum para ser visto. O farol de seu trenó cortava profundamente as árvores onde Kade e os lobos estiveram. Ela tomou um par de



hesitantes passos para frente, tentando ignorar o nó de medo em suas entranhas e o baixo e tentativo aviso do rosnado de Luna ao seu lado.

Ela tinha que encontrar Kade.

Ela tinha que saber o que tinha acontecido.

Os passos incertos de Alex se tornaram um caminhar, suas botas se arrastando na neve. Sua batida de coração estava acelerada, pulmões se comprimindo por causa dos suspiros enquanto ela corria pela frígida escuridão, seguindo o penetrante feixe de luz do farol de sua motoneve.

Ela aspirou sobressaltada quando viu as manchas de sangue na neve. Sangue demais. As pegadas de Kade levavam a todo lugar. Também o faziam as muitas patas da matilha.

—Oh, Deus,— Alex sussurrou, sentindo-se enjoada, preste a vomitar, enquanto se aventurava mais profundamente na floresta, seguindo o rastro de sangue.

A neve estava manchada, quase preta, quanto mais longe ela ia. Sangue como ela nunca viu. Demais para Kade ter perdido e ainda ser capaz de se manter em pé, quanto mais correr como quando percebeu que estava ali.

Alex caminhava entorpecida, todos os seus instintos clamando para ela retornar antes que visse algo que jamais fosse capaz de remover de sua mente.

Mas não podia se afastar.

Ela não podia correr.

Ela tinha que saber o que Kade esteve fazendo.

Os pés de Alex desaceleraram quando atingiu o lugar onde a carnificina tinha começado. Sentiu vertigens enquanto encarava a sanguenta consequência de um vicioso ataque. Um ataque de vampiro -- pior que qualquer selvageria que ela tenha testemunhado antes. Outro ser humano, outra pessoa inocente, brutalizada pelos monstruosos assassinos de seus pesadelos.

Por Kade, embora ela nunca acreditasse se não tivesse visto com seus próprios olhos.

Alex não podia se mover. Deus, ela mal podia sentir algo enquanto ficou parada ali, paralisada com choque e um horror tão profundo que nem podia convocar o fôlego para gritar.

Kade sentiu a sensação mais estranha em seu peito enquanto ele e os outros guerreiros se moviam para mais longe no corredor da escavação da mina. Ele rastejou para a frente no escuro, arma segura e pronta para usar, tentando dispersar a sensação de frio que estava se aglomerando apertada atrás de seu esterno.

Jesus, ele tinha tomado um golpe no peito na briga anterior?

Disfarçadamente, procurou por um ferimento ou a viscosidade de estar sangrando mais não achou coisa alguma. Nada além da dor fantasma que parecia querer sugar uma grande quantidade de ar de seus pulmões. Ele se livrou disso, lutando para manter sua atenção na caverna muito escura que se alongava diante dele e dos outros guerreiros.

As sirenes de alarme continuavam soando atrás deles; nada além da quietude esperavam nas profundidades da escavação da mina. Então -- o mais curto roçar de um passo veio de algum



lugar dentro das sombras. Kade ouviu, e estava certo que todo o restando dos guerreiros também tinham.

Tegan levantou sua mão para parar o progresso deles no corredor. —Parece que o maldito lugar está vazio,— ele disse, procurando pelo tenente de Dragos enquanto olhava o tenebroso abismo a frente. —Me passe um pouco daquele explosivo. Vamos explodir esse filho...—

—Espere.— A destacada voz era relutante e arrogante, um grunhido abafado de som no escuro. —Apenas... espere, por favor.

—Mostre-se,— Tegan ordenou. —Caminhe sutil e devagar, idiota. Se estiver armado, estará comendo chumbo antes de dar o primeiro passo.

—Eu não tenho uma arma,— a voz rosnou de volta em resposta. —Eu sou um civil.

Tegan zombou. —Não hoje. Mostre-se.

O associado de Dragos saiu da escuridão como instruído, mas apenas um pouco. Vestido em calças cinza feitas sob medida e um suéter preto de caxemira, ele parecia mais um estrategista de diretoria que um militar tático. Então novamente, do que a Ordem tinha visto no passado dos associados escolhidos a dedo por Dragos, ele parecia recrutar seus tenentes baseados em linhagem e aptidão para corrupção mais que qualquer outra coisa.

Mãos se levantaram em rendição, o homem de Dragos hesitou perto das sombras da escavação da mina. Ele se moveu com lenta deliberação, sua cuidadosamente culta expressão não totalmente capaz de mascarar seu medo enquanto seus olhos avaliavam os cinco guerreiros da Raça mantendo-o em suas visões assassinas.

—Quem é você? Tegan demandou. —Qual é o seu nome?

Ele não disse nada, mas seu olhar esgueirava quase imperceptivelmente para seu lado.

—Há mais alguém lá dentro?— Tegan perguntou. —Onde está o Ancião? Onde está Dragos?

O macho tomou um hesitante passo a frente. —Eu precisaria de algum tipo de garantia da Ordem,— ele se resguardou. E passou rapidamente a falar, lançando seus olhares novamente. —Eu exigiria abri...—

Um tiro explodiu da escuridão, encurtando suas palavras enquanto arrancava um pedaço considerável da cabeça do vampiro.

—Assassino,— Hunter rosnou no mesmo penetrante instante, mas seu alerta foi eclipsado por mais explosões saídas das sombras.

O tenente de Dragos -- o vampiro que poderia ter dado a Ordem suas melhores pistas sobre seus inimigos -- estava caído no chão em um amontoado flácido e sem energia. Kade e os outros quatro guerreiros abriram fogo ao escuro centro da escavação da mina, bombardeando a área com balas enquanto desviavam dos tiros voltando para eles.

—Abriguem-se!—Tegan gritou quando as balas que chegavam não mostraram sinal de parar.

Kade e Brock mergulharam na câmara mais próxima no corredor da escavação, Tegan logo atrás deles. Chade e Hunter tomaram postos mais acima no outro lado da passagem, retornando fogo a implacável chuva de balas que rasgavam a escuridão.



—Brock— Tegan disse, suas presas brilhando na escuridão. —Jogue um pouco dos explosivos no corredor. Nós atiraremos daqui e os explodiremos.

Brock soltou sua arma e pegou um pacote de C-4 de sua mochila. Trabalhando rapidamente, ele enfiou a cápsula explosiva e um pequeno detonador na pálida massa. Quando estava feito, ele deu a Tegan um aceno de cabeça. —Tem que atingir esta merda completamente. Se errarmos o detonador incrustado, nós não conseguimos faísca.

Kade compreendeu o olhar sombrio do guerreiro. —Sem faíscas, sem explosão.

—Certo.

—Jogue.— Tegan disse.

Brock moveu-se para a abertura da porta. Ele jogou o C-4 em um alto arco, e enquanto ele desaparecia nas sombras da escavação da mina, os três abriram fogo. Era difícil dizer se tinham atingido a massa, até que uma faísca estalou brilhantemente na escuridão. Então o material detonou com uma estremecida explosão.

Uma crescente nuvem de fumaça e destroços pulverizados empurravam para frente como uma tsunami, soprando pedaços de concreto e poeira sufocante dentro da sala onde Kade, Brock e Tegan se abrigaram.

E então, investindo contra a ofuscante onda de detritos, veio o Gen Um assassino.

Ele não era nada mais que uma mancha de movimento e energia, tudo isto colidindo como uma bola de canhão. Tegan saltou para interceptá-lo, e logo ambos os machos Gen Um estavam engolfados em uma luta mortal. A escuridão e a agitada nuvem de detritos os engoliu enquanto a luta se intensificava, armas ressoavam contra o chão de pedra, punhos esmagando contra carne e osso.

O súbito e pungente aroma de sangue levantou-se da confusão em movimento.

Um urro de fúria – o baixo rugido de raiva de Tegan... então silêncio.

Alguém encontrou um interruptor de luz e o acendeu. Tubos fluorescentes iluminaram o corredor em uma nebulosa névoa de luz branco azulada.

E lá estava Tegan, sua coxa ensanguentada por um profundo ferimento, a faca serrilhada de titânio deslizou entre o grosso pescoço do assassino e a coleira de polímero que o rodeava. — Levante-se lentamente, agora,— ele advertiu o assassino feito por Dragos. — Levante-se cuidadosamente.

O calvo Gen Um rosnou, seus olhos cintilando puro ódio. —Foda-se.

— Levante-se,— Tegan ordenou. —Cuidado. É realmente fácil perder sua cabeça em uma situação como esta.

A contra gosto, radiando ameaça, o assassino se levantou. Com Kade e os outros segurando suas armas no vampiro, Tegan lentamente o conduziu para a próxima câmara. A função da sala era familiar o suficiente para Kade desde que ele e a Ordem tinham encontrado uma similar quando invadiram a sede de Dragos em Connecticut apenas umas semanas atrás. Era uma célula de contenção, a jaula cilíndrica no centro, com suas barreiras eletrônicas e painel de controle computadorizado projetado para o confinamento de um prisioneiro em particular.



—Onde está o Anciã?— Tegan exigiu enquanto guiava o assassino sobre as pesadas barreiras que tinham sido construídas para conter o ser do outro mundo. Tegan olhou para Kade e Brock. —Prendam esse filho da puta.

Ambos tomaram uma mão e jogaram as algemas ao redor dos pulsos do Gen Um. Enquanto prendiam seus braços, Chase se aproximou e ajustou mais duas algemas ao redor de seus tornozelos.

—Onde está o Anciã?— Tegan perguntou uma vez mais, suas palavras firmemente seguras. —Tudo bem quanto a isto. Onde está Dragos? Ele obviamente está diversificando sua operação agora, se movendo em pedaços em vez de mantê-los todos juntos em um lugar. Então, ele move o Anciã para o frio depósito aqui, mas e quanto ao resto? Onde ele está escondido agora? Onde estão as companheiras da Raça que está mantendo prisioneiras?

—Ele não sabe.— A profunda voz de Hunter cortou pelo barulho de alarmes do lado de fora e a tensão na câmara de confinamento do Anciã.

Tegan rosnou, parecendo como se quisesse arrebentar o pescoço do assassino ali mesmo. Mantendo uma mão na lâmina que pressionava contra a coleira UV, ele colocou sua outra mão na testa do assassino e empurrou a grande cabeça para trás. —Fodido. Ele sabe alguma coisa.

A boca do assassino se curvou com confidencial divertimento.

—Comece a falar, seu pedaço de merda gerado em laboratório, ou você vai virar fumaça aqui mesmo e agora.

O olhar do assassino era glacial. —Nós todos estamos prestes virar fumaça,— ele sibilou por seus dentes e presas.

Kade lançou um olhar ao painel de controle na parede oposta, apenas naquele segundo percebendo que lá havia um cronômetro digital em contagem regressiva em um relógio de cinco minutos. Em cima do frio inquietante que ainda corria por seu peito, agora uma doente sensação de déjà-vu apoderou-se dele enquanto observava o que tinha que ser o mecanismo de autodestruição da mina passando os segundos. —Merda. Ele já soltou o interruptor. Todo este lugar vai explodir.

Tegan rugiu, baixo e mortalmente, quando retirou a faca debaixo do queixo do assassino e o deixou em pé na célula de contenção do Anciã. Kade e os outros deram um passo atrás enquanto ele caminhava até o painel de controle e socava o botão que operava as barras de luz ultravioleta. Os feixes verticais de luz ganharam vida, circundando o assassino Gen Um dentro e prendendo-o mais seguramente que qualquer quantidade de metal poderia.

—Vamos dar o fora daqui,— Tegan disse, saindo pela porta. O restante dos guerreiros seguiu atrás dele, Kade e Brock na retaguarda.

Brock parou para dar ao assassino prisioneiro um largo sorriso. —Não vá a lugar algum agora, ouviu?

Normalmente, Kade teria dado uma boa gargalhada do impiedoso humor de seu parceiro, mas era malditamente difícil apreciar algo quando seu coração estava martelando como se tivesse



acabado de correr umas cem milhas e suas veias queimavam com o mesmo estranho arrepio que se instalou em seu peito.

Ele correu com o restante do grupo, para fora do prédio da mina e para o pátio principal do terreno, que parecia uma zona de guerra. Os alarmes bramiam mais alto do lado de fora, gritando dentro da noite. A neve caía em um ritmo furioso agora, embranquecendo o campo de Subordinados mortos e derrubando a visibilidade para próximo de zero.

—Nós precisamos dar adeus a esses corpos, garantir que nada seja deixado para identificação uma vez que esse lugar exploda.— Tegan disse. —Venham, vamos arrastá-los para dentro do anexo e despachá-los com o resto do C-4.

—Trabalhando nisso,— Brock disse.

Kade se juntou ao restante dos guerreiros enquanto trabalhavam para limpar o pátio antes do relógio de autodestruição chegar a zero. Estava ficando difícil para ele respirar agora, seu sangue pulsando com sirenes de alarmes, a consciência passando através do banho de adrenalina e do foco de batalha que tinha inundado seus sentidos por grande parte do combate na mina.

Quando ele e seus irmãos arrastaram o último Subordinado morto para dentro do lugar, e o primeiro estrondo da esperada explosão começou a balançar o solo, a causa de sua angústia interna o atingiu violentamente.

Alex.

Santo inferno.

Algo tinha acontecido. Ela estava chateada, abalada. Algo tinha aterrorizado... horrorizado. E ela sentia seu trauma como seu próprio agora, por que tinha tomado o sangue dela em seu corpo, e era o vínculo de sangue que estava clamando em suas próprias veias.

O nome dela era um apelo -- uma oração -- quando o solo abaixo dele deu um poderoso tremor, e a companhia de mineração explodiu céu acima atrás dele.

Capítulo 25

Tudo bem, Alex. Agora, espere aqui. Acalme-se, certo?—Zach Tucker cuidadosamente fechou a porta da oficina na parte detrás de sua casa e olhou para Alex em chocada descrença. Ela não pode realmente culpá-lo. Ninguém em seu juízo perfeito iria acreditar no que ela acabava de contar a ele -- não a menos que vissem com seus próprios olhos. —Você está me dizendo que acabou de encontrar outro cadáver na floresta, e você acha que foi... um ataque de vampiro?

—Eu sei que foi, Zach.— Seu coração doía ao dizer as palavras, mas a imagem de Kade, a imagem do corpo do caçador atacado ferozmente que ele deixou para trás, a rasgava com garras de gelo. —Oh, Deus, Zach. Eu sei que você não acredita em mim, mas é verdade.

Ele franziu o cenho, encarando-a por um longo momento. —Por que você não entra? Está congelando aqui fora, e você está tremendo como uma folha.



Não pelo frio do lado de fora, mas pela confusão e horror ao descobrir que Kade a tinha traído. Ele jurou que era diferente dos monstros de seus pesadelos, e ela acreditou nele. Ela teria acreditado em tudo que ele dissesse, se não tivesse visto a prova encharcada de sangue do engano dele, por si mesma apenas há pouco tempo atrás.

—Venha,— Zach disse, envolvendo seu braço ao redor dos ombros dela e a guiando para longe da oficina, em direção a sua casa. Luna se levantou para seguir, mantendo o passo nos calcanhares de Alex, mas antes que o cachorro lobo pudesse entrar na casa, Zach fechou a porta em sua face. —Sente-se, Alex. Vamos levar isto lentamente agora, certo? Ajude-me a dar sentido ao que você acha que viu.

Obedecendo entorpecidamente, ela se afundou no sofá de sua sala de estar. Ele tomou um lugar ao lado dela. —Eu não acho que vi algo, Zach. Eu vi mesmo. É real, tudo que eu contei a você. Vampiros existem de fato.

‘Escute a si mesma. Isto não é você, Alex. Você está agindo estranhamente desde o ataque aos Toms. Desde que aquele cara -- Kade -- apareceu em Harmony.— Os olhos de Zach se estreitaram nela. —Ele tem dado drogas a você? Este é o negócio dele em Harmony? Por que se algum otário pensa que pode vir para minha cidade e começar a traficar...

—Não!— Alex balançou sua cabeça. —Deus, é isto que você pensa? Que eu estou contando tudo isso a você por que estou chapada ou algo assim?

—Eu tinha que perguntar,— ele disse, ainda observando-a com uma intensidade que a perturbava. —Eu sinto muito, Alex, mas tudo isso soa um pouco... bem, maluco.

Ela exalou um suspiro agudo. —Eu sei como isto soa. Eu não quero acreditar nem um pouco mais que você. Mas é verdade. Eu soube que era verdade desde que eu tinha nove anos de idade.

—O que você quer dizer?

—Vampiros, Zach. Eles são reais. Anos atrás, eles mataram minha mãe e meu irmãozinho.

—Você sempre disse que foi um motorista bêbado.

Ela lentamente balançou sua cabeça —Não foi. Eu vi o ataque com meus próprios olhos. Foi a pior coisa que já testemunhei. E eu não precisei ver o ataque a Pop Tom e sua família para saber que o mesmo mal os matou também. Eu deveria ter dito algo naquela ocasião. Talvez eu pudesse ter parado o que aconteceu com eles, ou com Lanny Ham e Big Dave.

O franzido de Zach se aprofundou a uma carranca questionadora. —Você está dizendo que foram vampiros que os atacaram naquela caverna?

—Um vampiro,— ela corrigiu. —O mesmo que provavelmente matou a família Toms. É mais forte que os outros vampiros, Zach. É um dos pais de toda a raça vampira. E não é... deste mundo.

Zach se inclinou para trás e soltou uma alta gargalhada. —Oh, Cristo, Alex! Em que porra você está agora mesmo? Você parece sóbria o suficiente, mas você deve estar completamente intoxicada para sentar aqui com uma cara séria e esperar que eu acredite nessa merda.

—Eu sei que é difícil imaginar que algo como isso possa existir, mas eu estou dizendo a você, existe. Vampiros existem, e eles se chamam de a Raça.— Ela parou bruscamente antes de



citar Kade em seu relato, não totalmente pronta para traí-lo, mesmo que ele parecesse não ter dificuldade quando era com ela.

Zach se levantou e a interrompeu com sua mão. —Vá para casa. Durma para se recuperar.

—Escute-me,— ela exclamou, desesperada porque ele a desconsiderou como sem valor ou maluca. Ela podia ver que estava perdendo esta batalha, ela temia que seu fracasso para convencê-lo agora pudesse custar outras vidas antes do tempo. —Zach, por favor! Nós precisamos alertar as pessoas. Você tem que acreditar em mim.

—Não, eu não tenho, Alex.— Ele girou para encará-la, algo brutal em sua expressão. —Eu nem mesmo tenho certeza que posso acreditar em algo que você disse hoje, incluindo sua alegação de outro cadáver na floresta. Eu não tenho tempo para este tipo de besteira agora, certo? Eu tenho meus próprios problemas com que lidar! Já tem pessoal analisando tudo o que tem acontecido por aqui ultimamente. Eu tenho policiais chegando amanhã, e a última coisa que preciso é você aumentando a minha dor de cabeça com um monte de conversa maluca sobre sede de sangue, assassinos aliens à solta na floresta!

Alex tirou os olhos dele, incapaz de manter a fúria aguda do olhar dele.

Ela nunca o viu tão nervoso. Tão.. desconexo. Ele parecia estar em um estado de quase pânico, mas não devido a nada que ela tinha dito a ele. Quando ela virou sua cabeça, ela notou um maço de dinheiro dobrado na mesa de café e um celular que parecia vagamente familiar. Ela encarou ambos os itens, uma peculiar vaga suspeita rastejando por sua espinha.

—Este não é o celular de Skeeter Arnold?

Zach pareceu ser pego de surpresa pela pergunta. —Huh? Oh. Sim, eu o confisquei do bastardinho esta manhã.

Ele pegou o rolo de notas de vinte dólares sem oferecer uma explicação e o enfiou em seu bolso, seus olhos nela o tempo todo. O sangue de Alex desacelerou em suas veias, estranhamente gelado. —Eu não vi Skeeter o dia todo. Quando você o viu?

Zach encolheu os ombros. —Eu acho que não muito antes que você chegou aqui. Eu imaginei que os policiais irão querer o telefone para a investigação deles, ver como ele o usou para gravar aquele vídeo da residência dos Toms.

A explicação fez sentido para ela.

E ainda...

—Quanto tempo atrás que você o viu?

—Cerca de uma hora atrás,— ele respondeu, sua resposta prendeu. —O que isso importa para você, Alex?

Ela sabia por que ele soava na defensiva, mesmo sem ter que alcançá-lo e confirmar com o dom de adivinhação de seu toque. Zach estava mentindo para ela. Skeeter estava morto há horas - - morto pelas mãos de Kade, depois de Skeeter ter acabado com Big Dave.

Porque Zach mentiria sobre vê-lo?

Enquanto a questão era examinada por sua mente, ela pensou sobre o dinheiro que Zach guardou, e o celular que ele não podia ter pegado quando disse que tinha... e o fato que embora a



maior parte de Harmony e as comunidades a cerca de cem milhas ao redor sabiam que Skeeter tinha conexões com contrabando e tráfico de drogas, Zach nunca encontrou evidência suficiente para prendê-lo. Talvez Zach não estivesse procurando o suficiente.

Ou talvez Zach não tinha desejo de remover Skeeter Arnorld de sua linha de trabalho.

—Oh, meu Deus,— Alex murmurou. —Você e Skeeter tinham algum tipo de acordo, Zach?

Aquele olhar defensivo se estreitou ainda mais agora. —De que diabos você está falando?

Alex se levantou, sentindo parte do horror de tudo que aconteceu hoje começando a derreter sobre o calor de seu ultraje. —Vocês tinham, não é? Todas as suas viagens para Anchorage e Fairbanks. Era onde você buscava fornecimentos para ele? Que tipo de comissão você tirava do tráfico de drogas dele, ou as custas das crianças nativas que jogaram suas vidas fora no álcool que ele vendia para elas por fora? Bons garotos, como Teddy Toms.

Os olhos de Zach arderam com raiva, mas ele ofereceu a ela um olhar simpático. —Isto é realmente o que você pensa de mim? Você me conhece há anos, Alex.

—Conheço?— Ela balançou sua cabeça. —Eu não estou tão certa, eu não tenho mais certeza de coisa alguma.

—Então me deixe cuidar de você,— ele disse, sua voz suave, mas ela estava pouco convencida. —Eu vou pegar meu casaco, e eu vou te levar para sua casa, assim você terá um pouco de descanso. Eu acho que você precisa, Alex.— Ele pressionou seus lábios juntos e deu a ela uma vago aceno com a cabeça. —Eu estarei de volta logo, tudo bem?

Enquanto ele caminhava para fora da sala, Alex ficou parada no lugar, esmagada pela incerteza.

Tudo em sua vida estava desabando. Ela não sabia em que podia confiar.

Não em Kade.

E aparentemente não em Zach também.

Ela não achava que seria sábio confiar nem um pouco nele agora.

Chamas e escombros se lançaram na escuridão enquanto a companhia de mineração explodia atrás dele.

Kade lançou um olhar para trás, sentindo o empurrar do calor em expansão em seu rosto, calor que transformou a tempestade de neve que rondava ele e os outros guerreiros a um breve e aquecido toque de chuva. O calor não durou. Um frígido frio rugiu de volta, se estabelecendo todo no peito de Kade.

—Alex,— ele sussurrou.

Ele tinha que alcançá-la.

Brock lançou-lhe um olhar preocupado. —O que está acontecendo?

Kade esfregou a gelada ferida debaixo de seu esterno. —Eu não tenho certeza. É Alex, e seja lá o que estou sentindo, não é bom.

Embora ele pudesse dizer pelo vínculo de sangue que ela não estava em perigo mortal, todos os instintos dentro dele gritavam para que fosse para ela. Mas ele tinha um dever com a



Ordem, e um dever com os guerreiros com quem ele ainda poderia falhar perdendo de vista o objetivo nesta missão. O posto avançado de Dragos no Alasca estava destruído, um pouco mais de seus ativos eliminados, mas o Ancião ainda estava em liberdade. A missão dos guerreiros aqui não estaria completa até que a mortal criatura do outro mundo fosse localizada e contida.

—Merda,— Kade sibilou.

Isto não era bom. Ele não podia passar outro segundo sem falar com Alex. Ele tinha que se assegurar que ela estava bem. E parte dele apenas precisava ouvir sua voz.

—Ligue para ela,— Brock disse. Quando Kade hesitou, se perguntando por que o gelo em seu peito estava rastejando para sua garganta com gosto medo, Brock lhe deu um olhar severo. — Ligue para sua fêmea.

Kade pegou seu celular e andou até estar a vários metros dos outros guerreiros. Ele discou o número de Alex. Tocou três vezes antes que ela respondesse.

—Alex?— ele disse para o silêncio na outra extremidade. As suas costas, o crepitar das chamas e o suave chover de estilhaços parecia ensurdecedor quando ela estava tão quieta. — Alex... você está aí? Pode me ouvir?

—O que você quer?— Ela soava um pouco sem fôlego, como se estivesse caminhando em algum lugar em um bom ritmo.

—O que eu quero,— ele ecoou. —Eu.. você está bem? Eu sei que você está chateada. Eu sinto. Eu estou preocupado que algo tenha acontecido...

Seu escárnio o deixou de joelhos. —Isto é engraçado. Quando eu o vi mais cedo, você não parecia se importar se eu estava chateada.

—O que?— Ele fez um balanço mental, tentando dar sentido ao que ela estava dizendo. — O que está acontecendo com você?

—Você queria que eu o visse daquele jeito? Era isto o que você queria dizer quando disse que temia que eu pudesse odiá-lo um dia? Por que agora mesmo eu não sei o que pensar.— Sua voz estava apertada com raiva e com mágoa. —Depois do que eu vi, eu não sei como me sinto. Não sobre você, nós ou qualquer coisa.

—Alex, eu não tenho ideia...

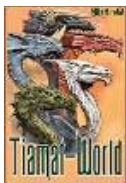
Mais fôlegos irritados, as botas dela moendo a neve. —O que foi toda aquela conversa sobre uma missão com a Ordem? Foi tudo besteira, Kade? Apenas um jogo para me fazer pensar que era algo melhor do que é?

—Alex...

Ela aspirou um soluço. —Meu Deus, tudo que aconteceu entre nós foi apenas um monte de besteira também?

Kade andou para mais longe da destruição assentada atrás dele e dos outros guerreiros que tomaram conhecimento de seu afastamento do grupo. —Alex, por favor. Diga-me o que diabos está acontecendo.

—Eu vi você!— ela explodiu bruscamente. —Eu vi você, Kade. Na floresta, coberto de sangue, correndo com aquela matilha de lobos. Eu vi o que você fez com aquele homem.



—Ah, Cristo,— ele balbuciou, a compreensão despontando em uma onda sufocante. — Alex...

—Eu vi você,— ela sussurrou agora, sua voz se partindo. —E eu sei que você me viu, por que olhou direto para mim.

—Alex, não era eu,— ele disse, seu coração afundando. —Era meu irmão. Meu gêmeo, Seth.

—Oh, por favor,— Ela zombou. —Que conveniente para você apenas se lembrar dele agora. Deixe-me adivinhar, você é o Dr. Jekyll e ele é o Sr. Hyde.

Kade entendia sua dúvida. Ele entendia sua raiva e seu desprezo por ele. A emoção dela aumentava em seu próprio peito, comprimindo seu coração como se estivesse em um torno. — Alex, você não entende. Eu não quis contar a você sobre Seth por que estava envergonhado. Dele, do que ele fez. De mim mesmo também, e o fato de que eu tinha que colocar um fim à loucura dele antes. Eu não contei a você sobre ele por que eu pensei que você acharia que eu sou exatamente como ele.— Ele exalou um suspiro severo. —Merda... talvez fosse apenas questão de tempo antes de você perceber que eu sou como ele.

Ela ficou em silêncio por um longo momento, seus passos pararam. Ao fundo, ele podia ouvir o suave gemido de Luna. —Eu estou desligando agora, Kade.

—Espere. Eu preciso ver você. Onde você está, Alex?

—Eu não...— Ela inalou um profundo suspiro, expirou rapidamente. —Eu não quero ver você. Não agora. Talvez nunca mais.

—Alex, eu não posso deixar você fazer isto. —Eu quero falar com você, pessoalmente, não desse jeito.— Ele fechou seus olhos, sentindo parte de sua esperança se dispersar. —Diga-me onde você está. Eu posso estar na sua casa em poucos minutos...

—Eu não estou em casa. Depois do que eu vi hoje, eu não sabia o que fazer, ou para onde ir. Então eu vim para a casa do Zach.

O oficial policial humano. Ah, merda.

Pânico perfurou o centro do ser de Kade. —Alex, Eu sei que você está chateada e confusa, mas não conte a ele nada disso...

—Tarde demais,— ela murmurou. —Eu tenho que ir agora, Kade. Fique longe de mim.

—Alex, espere. Alex!— O celular bipou quando a conexão terminou. Ela desligou na cara dele. —Maldita seja.

Ele tentou de novo, mas não houve resposta. Três toques, quatro... sua mensagem de voz atendeu e ele desligou.

Tentou de novo. Mesmo resultado.

—Merda!— Kade rugiu com raiva, frustração e ferido com auto-dirigida fúria pelo que Alex tinha passado. Trauma em que ele estava envolvido, e provavelmente tinha perdido a única mulher que ele esperava ter ao seu lado pelo resto de sua vida.

Quando ele girou em torno dele mesmo, Tegan estava parado lá. —Isto não soa bom.

Kade deu um vago balanço de cabeça.

—Um fêmea, obviamente,— Tegan disse. —A companheira da Raça de Harmony?



Kade manteve o severo olhar do guerreiro Gen Um. —Eu estou vinculado a ela. Eu a amo.

Tegan, também um macho da Raça comprometido, grunhiu. —Há coisas piores.

—É,— Kade concordou. —Há coisas piores. Ela pensa que eu a traí. Eu não o fiz, mas eu não fui honesto com ela, e eu a decepcionei. Ela disse que jamais quer me ver de novo.

—Continue,— Tegan disse.

—Alex sabe sobre a Raça,— Kade disse. —Ela sabe sobre o Ancião também. Merda, ela sabe tudo. E eu acho que ela pode ter contado tudo para o policial de Harmony.

Tegan não piscou. Seu olhar era frio, calculista. Implacável. —Isto seria uma infelicidade.

Kade assentiu, soltou uma maldição. —Eu acho que é tarde demais para pará-la. Ela me disse que foi a casa dele hoje. Ela está chateada e assustada. Eu acho que pode ter ido ao humano por ajuda.

—Eu entendo.— O resmungo de Tegan foi tão profundo que mal era audível. —Então parece que nós estamos indo para Harmony agora. Nós precisamos conter a situação. E se for preciso, nós teremos que conter sua fêmea também.

Capítulo 26

—Venha, Luna. Vamos embora.

Alex sentou em sua motoneve do lado de fora da casa de Zach e esperou Luna estar situada em seu trenó. Com seu celular desligado depois das repetidas ligações de Kade, Alex o colocou no bolso e pode apenas se sentar por um momento na escuridão agitada pela neve, se dispondo a simplesmente inspirar e expirar.

Ela não podia mais falar com ele. Não agora. Seu coração se sentia fraco, e mesmo com ela dizendo para se manter afastado, havia uma parte dela que queria deixá-lo voltar, mesmo que tudo ao redor dela estivesse em desordem. Talvez por causa deste fato, ela ainda queria o conforto da força de Kade ao seu redor.

Ela ainda queria o amor dele.

Mas ela não sabia se podia confiar em seus sentimentos agora. Nada parecia claro. Desde que conheceu Kade, seu confortável preto ou branco, bom ou mau mundo era passado. Ele mudou tudo. Ele abriu seus olhos, e ela jamais podia voltar a viver como antes.

Ela estava mudada para sempre, mais significativamente por que não importava o quanto ela quisesse temê-lo, odiá-lo pelo que era, seu coração se recusava a deixá-lo partir.

Alex deu partida em sua motoneve. Ela apenas precisava se afastar de todos assim teria algum espaço para pensar e clarear sua mente. Ela precisava de refúgio seguro, e podia pensar em apenas um lugar para isso agora — o abrigo de Jenna. Em toda a agitação das últimas poucas horas, seus planos de verificar sua amiga foram arruinados. Se havia uma pessoa que ela podia confiar agora, Alex sabia que era Jenna.



Atrás dela, a porta da casa de Zach bateu.

—Ei, onde você está indo? Ele a chamou, cruzando o jardim em um ritmo rápido. Eu disse que queria levá-la para casa, garantir que chegue segura. Eu não acho que você está em qualquer condição...

—Eu não quero sua ajuda, Zach.— Alex lançou um duro olhar para ele, repugnada por pensar que já o tinha considerado um amigo. Pior, que ela uma vez se permitiu estar intimamente com ele. Se Kade era perigoso por causa do sangue da Raça que corria em suas veias, então Zach era de longe muito mais uma ameaça traiçoeira pela maneira que estava disposto a usar pessoas inocentes – corrompê-las e arruinar vidas – pelo benefício de seu próprio ganho pessoal. — Quanto dinheiro você e Skeeter fizeram juntos ao longo dos anos? Que tão pouco valor você coloca nas pessoas que jurou proteger e servir, quando está disposto a traí-los como tem feito?

Zach a encarou. —Você não sabe o que está dizendo, Alex. Você está delirando.

—Estou?

—Sim, está.— Ele deu um passo para mais perto. —Eu estou preocupado que você seja um perigo para si mesma.

—Você quer dizer um perigo para seu sustento, não é?

Ele soltou um riso abafado, mas não havia humor nele. —Como um oficial da lei, eu não posso em boa consciência permitir você deixar minha custódia desse jeito, Alex. Agora, saia do trenó.

Ela balançou sua cabeça e deu ao motor um pouco gasolina. —Vá se foder.

Antes que ela pudesse partir, a mão de Zach foi para seu pulso. Ele sacudiu o braço dela apertado, quase a desequilibrando. Alex olhou para baixo em alerta para ver que ele tinha tirado sua pistola do coldre preso ao redor de sua cintura.

Ela ofegou em chocado terror, no mesmo instante que Luna girou sua grande cabeça e apertou suas mandíbulas no braço que segurava Alex.

Zach gritou um choro doloroso. Seu agarre contundente cedeu e Alex, envolvendo um braço ao redor de sua amada Luna para segurá-la firme a sua frente no trenó, deu à motoneve um impulso de energia que a enviou saltando a uma fuga rápida.

Ela acelerou através da rodopiante cortina de neve que caía, não ousando olhar para trás.

Nem mesmo quando ela ouviu Zach gritar seu nome, seguido pelo zumbido queixoso de outra motoneve quando foi atrás dela.

A mulher estava deitada de bruços no chão do abrigo, imóvel, exceto pelo relaxado subir e descer de sua respiração. Ela estava em transe, desconhecendo a pequena incisão que ele tinha feito em sua nuca há pouco tempo.

Da cuidadosa incisão agora escorria um fino fluxo de sangue enquanto ele se agachava ao lado dela e juntava os cantos de sua delicada pele humana. Ele se inclinou sobre ela e lambeu o riacho acobreado, então pressionou sua língua contra a ferida e selou a carne.



Seu próprio corpo estava reparado, também. As queimaduras dos raios ultravioleta foram esfriadas, não mais inflamavam com bolhas e amadureciam com dor. As feridas de tiro em sua coxa e abdômen estavam unidas firmemente com nova e regenerada carne. E a fome que tinha sido sua febril companheira desde a fuga do cativeiro tinha, enfim, cedido.

Agora que sua mente estava livre, ele tinha a oportunidade de refletir, de considerar o que estava à sua frente.

Mais fuga. Continuar a se esconder, lutando para ficar um passo a frente dos descendentes que procuravam capturá-lo ou destruí-lo. Mais da mesma existência que conhecia desde que ele e seus irmão deram seus primeiros passos neste inóspito mundo humano.

Ele sobreviveria.

Mas para que fim?

Enquanto seu instinto o assegurava que ele estava longe de ser derrotado, sua lógica calculava que não havia jamais uma maneira de vencer. Não havia fim, apenas mais do mesmo.

Ele e os outros sete conquistadores que pousaram aqui há tanto tempo atrás deveriam ser reis entre as menores vidas de forma humana que habitavam este planeta. Eles poderiam ter sido reis, não fosse pela rebelião de seus filhos meio humanos. Não fosse pela guerra que deixou apenas ele, e sua sobrevivência dependeu da traição de seu filho que o escondeu em uma caverna na montanha.

Ele não deveria estar surpreso da traição que o esperava uma vez que acordasse.

Depois de seu período de hibernação, ele esperava que o mundo estivesse diferente, a seu dispor como uma recompensa para festejar. Em vez disso, foi acorrentado e deixado para passar fome, enfraquecido por produtos químicos e tecnologia que imaginava estar muito fora do alcance da bruta humanidade que existia quando ele a viu da última vez.

A Terra tinha avançado. Não era nada remotamente perto do mundo que ele tinha deixado para trás, mas o suficiente para que a vida aqui para ele ser para sempre uma provação. Uma interminável monotonia de dias e noites, perseguição e recolhimento.

Ele não estava certo se tinha a força de vontade ou o desejo.

A mulher deitada diante dele foi pega em uma armadilha similar. Ele testemunhou seu desespero, e sentiu o gosto da derrota em cada pulsar de sua batida de coração enquanto ele se alimentava dela. Ele sentiu o gosto de sua solidão, sua desesperança e isto arrancou algo fundo dentro dele.

Ela também era uma guerreira. Ele viu isto nas poucas e espelhadas imagens em quadros dentro de sua casa. Esta mulher em uniforme de guerreiro humano, carregando armas e um olhar de determinação em seus olhos. Este olhar não estava perdido, mesmo quando foi enfraquecida pela perda de sangue e apavorada. Ela ainda era forte, ainda uma guerreira no coração, mas ela já não via isto em si mesma.

Ela também estava perdida... sozinha.

Mas onde ela estava preparada para desistir naqueles momentos antes dele se intrometer em seus planos, sua maquiagem geneticamente avançada não permitiria rendição. Ele nasceu um



conquistador, nascido para guerra. Era o predador definitivo. Se desejasse ou não, seu corpo resistiria a morte até seu suspiro final... não importando o quanto levaria para chegar lá.

E ele também era levado a ver a derrota de seus inimigos, por quaisquer meios necessários.

Era este caminho que o forçava a tomar a medida que tomou poucos momentos atrás com essa mulher deitada inconsciente, e totalmente ignorante, no chão do abrigo.

Agora ele se afastou dela em severa consideração. Indolentemente, ele levou seu antebraço esquerdo à sua boca e selou o pequeno corte que tinha feito. Sua língua varreu o fraco corte no músculo embaixo de sua pele enquanto a ferida se fechava e desaparecia, como se a incisão nunca estivesse lá.

Quando se levantou e andou para o outro lado da sala, ele ouviu o rugido de motores movidos a gasolina se aproximando não muito longe do abrigo.

Tinham o encontrado tão rápido?

Se seus perseguidores eram humanos ou da Raça, ele não podia ter certeza.

Mas enquanto ele testava o recentemente regenerado tendão e a pele de seus braços, ele sorriu severamente, satisfeito que estivesse preparado para encontrar qualquer ameaça que se aproximasse.

Capítulo 27

Alex fugiu tão rápido quanto ousou pela imensidão de neve no caminho do abrigo de Jenna. Ela ainda podia ouvir Zach atrás dela, se aproximando. Cortando um perigoso trecho para frente e para trás, rezando que pudesse perdê-lo na próxima tempestade ofuscante, ela esperava que a arma que tinha puxado para ela na cidade tivesse sido apenas um momentâneo lapso de bom senso da parte dele.

Mas tinha visto o perigoso brilho no olhar dele. Ele estava furioso e desesperado para proteger seu segredo. Provavelmente mais do que todos, de Jenna. Mas estaria desesperado o suficiente para matar Alex no processo?

O nó de pavor que estava preso em sua garganta disse que estaria.

O coração de Alex batia como se quisesse saltar da caixa torácica quando alcançou a propriedade de Jenna. Ela derrapou em uma parada abrupta e desligou o motor. Luna saltou com ela e o par começou a correr para a varanda da frente do abrigo.

—Jenna!—ela chamou. —Jenna, sou eu!

Quase nos degraus, Alex ouviu a motoneve de Zach ranger em uma parada atrás dela. —Não dê outro passo, Alex.

— Oh, Deus.

—Jenna!— ela gritou. —Você está aí?

Não houve resposta. Nenhum movimento de qualquer tipo veio do lado de dentro do abrigo.



Atrás dela, o suave clique do martelo da pistola.

—Maldita seja, Alex.— A voz de Zach soou tediosa, totalmente desprovida de emoção. —Por que está me fazendo fazer isto?

—Jenna,—ela chamou novamente, mais silenciosa agora, percebendo a inutilidade disso.

O abrigo estava silencioso. Jenna não iria ou não podia ouvi-la. E se seu pavor anterior pelo bem estar de Jenna estivesse correto? Alex mal ousava imaginar.

Ou ela jamais teria a chance, por que Zach estava aparentemente fora de controle e Alex estava provavelmente próxima de morrer aqui e agora.

Então, do interior do silêncio a frente dela, Alex ouviu o mais fraco som – um pequeno gemido, mal audível mesmo tão perto quanto estava da porta. O coração de Alex deu um balbuciar esperançoso.

—Jenna?— Ela desafiou o menor passo a frente, um pé no primeiro degrau da varanda. —Se pode me ouvir, por favor abra...

O tiro soou como uma explosão de canhão atrás dela. Alex sentiu o aquecido sussurro da bala enquanto ela zunia passando por sua cabeça e se alojava no batente de madeira nem mesmo a um metro na frente dela.

Oh, Jesus. Oh, santo Cristo.

Zach tinha atirado nela.

O corpo de Alex congelou em choque e medo tão profundo e frio que a deixou tremendo totalmente. Ela exalou uma respiração estremecida e lentamente girou sua cabeça, não a ponto de deixar Zach atirar em suas costas. Se ele iria fazer isto, então, por Deus, ele iria fazê-lo olhando em seus olhos.

Mas tão logo ela se virou, houve uma explosão de movimento atrás dela. Algo enorme saiu do abrigo de Jenna em um borrão de velocidade, despedaçando a porta direto de suas dobradiças. Zach gritou. Sua arma disparou de novo, a bala rompendo audivelmente pela densa e carregada cobertura de neve nos galhos de pinheiro acima.

Alex agarrou Luna e atingiu o chão, seu rosto enterrado na quente pele do pescoço do cachorro lobo. Ela não sabia o que tinha acabado de acontecer. Por um instante, sua mente lutou para processar o rosnado gutural e os doentes e molhados sons que o seguiram.

Então ela soube o que devia ser.

Lentamente levantou sua cabeça. O grito que se arrastou para seus lábios morreu quando seu olhar se fixou na mortal criatura que eclipsou qualquer coisa que já tivesse visto.

O Ancião.

Através da queda constante de flocos de neve na escuridão, seu olhar âmbar queimou como laser brilhante, insensivelmente selvagem, coberto dos pés a cabeça de dermaglifos tão densos e intricados que escondiam sua nudez. Suas enormes presas gotejando sangue -- o sangue de Zach, tomado da abertura do que uma vez foi sua garganta.

Um pensamento terrível se abateu sobre ela. Tinha este monstro também pego Jenna?



Alex fechou seus olhos, sussurrando uma oração para sua amiga e esperando desesperadamente por algum tipo de milagre que pudesse tê-la poupado da selvageria brutal que tinha acabado de acontecer a Zach.

Luna rosnou nos braços de Alex e a criatura inclinou sua cabeça em um ângulo exagerado, encarando o animal. Ele começou a se afastar do corpo sem vida de Zach, um baixo rosnado saindo da parte de trás de sua garganta alien.

Os pulmões de Alex se comprimiram, espremendo para fora o pouco de ar que havia neles. Ela pensou que com certeza o Ancião estava prestes a matá-la também, mas o olhar interrogatório dele se demorou agonizantes poucos segundos. Tempo durante o qual ouviu o distante zumbido de mais motoneves enfrentando o vento.

Alex lançou um olhar nervoso em direção ao som.

Quando ela olhou de volta, o Ancião tinha partido, nada além do balançar de baixos galhos pendurados no limite da floresta para dizer para em qual direção ele fugiu.

A compreensão do medo de Alex bateu Kade como uma bigorna dirigida às suas entranhas.

Ele e os outros guerreiros estavam se movendo extremamente rápido em suas motoneves, quase em Harmony quando o sentimento mostrou que estavam se movendo para longe de Alex, não mais perto. Ele rapidamente redirecionou o grupo, conduzindo o caminho ao longo de uma trilha de jogos que vagueava para o oeste da cidade.

Rastros novos de trenó diziam a ele que estava no caminho certo, mas além disso a força de voltar para a casa de seu vínculo de sangue com Alex, que pulsava mais poderosamente quando sua motoneve consumia a trilha, seguindo em direção ao pequeno abrigo a frente na escuridão à algumas centenas de metros.

O coração de Kade se alegrou quando a alcançou, apenas para partir um instante depois quando o cheiro cobre de sangue humano fez cócegas em suas narinas. Não era o dela -- ele conheceria o aroma de mel doce de seu sangue em qualquer lugar -- mas a ideia de que Alex estava perto de qualquer tipo de morte lançou medo perfurante por suas veias.

Kade apertou o acelerador de seu trenó, mas a maldita coisa ainda estava lenta demais para seu gosto. Ele se dirigiu para fora da trilha e o abandonou, arremessando-se em um fluído salto antes de atingir o solo correndo, usando cada grama de sua agilidade da Raça para alcançá-la.

—Alex!— ele gritou, passando rapidamente pela carnificina na frente do abrigo e olhando em volta apenas tempo suficiente para notar o corpo brutalizado de Zach Tucker e as ruínas estilhaçadas do que tinha sido a porta da frente do abrigo. —Ah, Deus... Alex!

Ele correu para dentro e a encontrou ajoelhada ao lado de sua amiga Jenna, que estava deitado no chão do abrigo escuro. Kade ligou uma lâmpada, não tanto para si mesmo quanto para as duas mulheres. Jenna parecia confusa, seus olhos sonolentos, sua voz grogue como se tivesse acabado de despertar depois de estar inconsciente.

—Alex,— Kade murmurou gentilmente, sua voz partindo com emoção.



Ela se virou para encará-lo então, e lentamente se levantou. Ela tomou um hesitante passo, e foi tudo que ele precisava. Kade foi até ela e a puxou contra ele, envolvendo-a em seus braços. Ele beijou o topo de sua cabeça, tão malditamente aliviado ao ver que ela estava ilesa.

—Alex, eu sinto tanto. Por tudo.

Ela recuou e afastou o olhar dele. Ele podia ler a emoção em seus olhos. A silenciosa incerteza que dizia que ela não estava certa se já podia confiar nele completamente. Esmagava-o ver esta dúvida em seus olhos. Ainda pior era saber que foi ele que a colocou ali.

Ela o afastou de Jenna, que ainda estava murmurando incoerentemente, entrando e saindo de sua vigília.

O olhar de Alex capturou o dele com desolada calma. —Foi o Ancião. Ele esteve aqui.

Ele praguejou, embora não estivesse surpreso, dado a condição do corpo do lado de fora. — Você o viu? Ele tocou em você? Ele... ah, Jesus... fez qualquer coisa que seja com você?

Ela balançou a cabeça. —Ele devia estar escondido no abrigo de Jenna quando Zach e eu chegamos há pouco minutos atrás. Ele explodiu pela porta da frente depois que Zach tentou atirar em mim...

—O que?— O sangue de Kade foi do gelado arrepio de medo para fervente calor da raiva. Se Tucker já não estivesse morto, Kade teria arrancado seus pulmões. —O que diabos aconteceu? Por que aquele filho da puta queria machucar você...

—Por que eu percebi o que ele estava fazendo. Zach e Skeeter estavam em negócios juntos, traficando drogas e vendendo álcool nos isolados assentamentos Nativos sujeitos a lei seca. Eu soube que algo estava errado quando vi o celular de Skeeter e muito dinheiro na casa de Zach hoje. Ele tentou mentir sobre isto, mas eu sabia.

—Ele escolheu a pessoa errado para isto, não é?

Seu sorriso era fraco e efêmero. —Eu não quero que Jenna veja...— Ela gesticulou em direção ao jardim da frente quando suas palavras saíram do caminho. —Ela terá que saber a verdade, claro, mas não desse jeito.

Kade assentiu. —Sim, claro.

Enquanto eles falavam, o restante dos guerreiros rugiram até o abrigo em seus trenós. Kade saiu para interceptá-los, informando-os que o Ancião esteve ali há pouco tempo e que a vítima do lado de fora era o irmão da amiga de Alex.

Ficou para Chase e Hunter realizar uma limpeza discreta, enquanto Tegan e Brock caminhavam com Kade de volta para dentro.

—Esta é Alex,— ele disse, fazendo rápidas introduções para os guerreiros. Era difícil não tocá-la enquanto explicava o que tinha ocorrido antes deles chegaram, apenas reassegurar a si mesmo que ela estava inteira e ilesa.

—Você e sua amiga estão bem?— Tegan perguntou, a voz profunda do Gen Um com respeito apesar do fato de ele ter vindo para avaliar uma situação que tinha ido de moderadamente complicada para fodida além de todo reconhecimento.



—Eu estou bem,— Alex respondeu. —Mas estou preocupada com Jenna. Não vejo nada errado com ela, mas não me parece muito bem, também.

Tegan lançou um olhar a Brock, mas o grande guerreiro já estava seguindo para dar uma olhada na mulher no outro lado da sala.

—O que ele vai fazer com ela?— Alex perguntou, a preocupação enrugando sua testa.

—Está tudo bem,— Kade disse, —Se algo está errado, ele pode ajudá-la.

Brock esticou suas mãos sobre as costas de Jenna, então gentilmente colocou seu cabelo de lado e colocou seus escuros dedos contra a doentia palidez de seu rosto. —Ela tem estado em transe,— ele disse. —Ela está saindo dele, contudo. Vai ficar bem.

Chase e Hunter entraram a passos largos no abrigo e olharam para Tegan. O jardim está limpo. Nós dois podemos começar a procurar na área pelo rastro do Ancião.

Tegan franziu os lábios, soltou um suspiro agudo. —Ele está a milhas de distância agora. Uma agulha num palheiro. Nós nunca o pegaremos nessa imensidão. Não é como se pudéssemos rastrear esse filho da puta sobre todo o maldito interior dessa nevasca.

Kade sentiu o olhar de Alex se iluminar sobre ele. —E quanto a Luna? Se você usasse seu talento com ela, ela seria capaz de nos ajudar a rastrear o Ancião?

Tegan olhou o cachorro lobo que se aproximou para encostar o nariz na mão de Kade. —Pode ser nossa melhor chance, homem.

—Sim, eu posso fazer isso,— ele disse, —mas e o resto de nós? Vamos todos correr com ela, totalmente carregados com armas em caso de pegarmos o bastardo?

—Eu posso pilotar o avião para vocês,— Alex sugeriu.

—Sem chance,— Kade balançou a cabeça. —Sem uma fodida chance. Eu não vou colocar você mais além em toda essa coisa do que já fiz. Este é um risco que eu não estou disposto a correr.

—Eu quero fazer isso. Eu não vou deixar Luna, e eu posso transportar todos em meu avião enquanto ela rastreia o Ancião no solo.

—Está escuro, Alex,— ele soltou bruscamente. —E está nevando pra caramba.

—Eu não estou vendo seu ponto,— ela contrariou. —E quanto mais nós ficarmos aqui discutindo sobre isso, mais aquela criatura pode correr. Este é um risco que eu não estou disposta a assumir.

Tegan nivelou um olhar interrogatório em Kade. —Ela está certa. Você sabe que ela está.

Kade inclinou seu olhar para Alex, vendo em seus olhos toda a coragem e determinação que o tinha feito se apaixonar por ela em primeiro lugar. O fato era, a Ordem precisava dela agora. Ele estava orgulhoso de Alex e petrificado ao mesmo tempo. Mas exalou baixo uma maldição e disse.

—Sim. Tudo bem, vamos fazer isto.

—E quanto à humana?— Chase perguntou, gesticulando em direção a Jenna. —É melhor limpá-la antes que veja algo mais do que já viu.



Quando o ex-Agente de imposição começou a andar em direção a ela, Brock girou sua cabeça, as presas brilhando atrás de seus lábios. —Para trás, Harvard. Você não toca nela. Entendeu?

Chase parou de vez. Deu uma negligente encolhida de ombros e se afastou enquanto Brock retornava sua atenção para a fêmea humana.

Quando a tensão no abrigo diminuiu, Alex ajoelhou ao lado de Luna e envolveu o cachorro lobo em um amoroso abraço, sussurrando algo para ela antes de olhar para Kade. —Tudo bem, ela está em suas mãos. Prometa-me que será cuidadoso com ela.

—Eu prometo,— ele disse, completamente sincero.

Quando Alex se afastou, Kade tomou o queixo de Luna em sua palma e encontrou seu inteligente olhar. Ele estabeleceu sua conexão com a mente canina, então deu a ela o silencioso comando para mostrar a ele para onde o Ancião fugiu.

Alex tinha seus braços cruzados sobre o peito, uma mão pressionando sua boca, quando Luna partiu correndo do abrigo para o redemoinho da tempestade de neve do lado de fora.

Capítulo 28

Não muito depois, Alex os estava levando sobre o panorama da sombria imensidão, com Kade no assento do copiloto e três de seus irmãos da Raça amontoados na área de carga atrás deles. Kade proferia direções para ela, navegando o curso deles através de sua ligação mental com Luna no solo.

Alex não podia vê-la. Eles estavam muito alto, a neve muito densa na escuridão, para ela distinguir qualquer coisa além do nariz do avião. Eram condições perigosas para voar -- potencialmente mortais -- mas Alex conhecia este terreno intimamente. Ela seguia as instruções de Kade, praticamente capaz de antecipar o caminho que Luna estava rastreando ao longo de Koyukuk, a rota mais lógica que o Ancião pegaria nas terras remotas.

—Continue seguindo o rio,— Kade disse a ela. —O rastro está ficando mais fresco agora. Nós estamos nos aproximando dele.

Alex assentiu, focando em sua pilotagem e nas pesadas rajadas de vento que sopravam das Brooks Range enquanto seguiam mais ao norte ao longo do congelado rio abaixo. Embora mal pudesse ver a congelada faixa de água, ela sabia que estavam chegando em um ponto onde o fugitivo Ancião seria forçado a fazer uma escolha: permanecer no solo e confiar na densa floresta para escondê-lo da perseguição, ou desviar-se para o oeste e tomar seu rumo para o terreno mais alto, até os íngremes cumes das montanhas. Nenhuma opção iria prover as melhores condições de pouso, mas neste tempo, havia pouca coisa mais traiçoeira do que tentar um pouso curto em uma alta e potencialmente instável rocha.

—O rastro está virando,— Kade anunciou. —Nós precisamos inclinar a esquerda.



—Tudo bem,— Alex respondeu, mandando uma silenciosa oração enquanto mudava o curso se afastando do rio e seguindo em direção a cordilheira de montanhas em vez disso. — Segurem-se, todos. Haverá alguns solavancos enquanto viramos contra a direção do vento.

—Como está indo aí em cima?— Tegan perguntou detrás dela. —Você certeza que pode lidar com isso?

—Moleza,— ela disse -- não totalmente verdade -- e sentiu uma mão deslizar e roçar sobre a dela.

Um boa sensação o contato de seu toque. Mesmo que ainda carregasse a arrepiante visão do que ela tinha visto na floresta, seu estômago ainda embrulhado com o gelo da experiência e mais ainda o terror de ter visto o Ancião no abrigo de Jenna, Alex não podia negar seus sentimentos por Kade. Ele era a pessoa que a conhecia, melhor que qualquer um agora. Apesar de tudo que ocorreu entre e ao redor deles, seu coração não podia se fechar completamente ao conforto que apenas ele podia dar a ela.

Parte da traição e da raiva que ela teve por Kade e o restante de sua raça tinha se dissolvido quando viu como ele e seu amigos da Ordem tinham lidado com a terrível situação no abrigo. Kade foi terno e amoroso com Alex, respeitoso e atencioso com Jenna. Os outros guerreiros tinham sido também. Especialmente aquele que se chamava Brock, que ficou para trás para cuidar de Jenna.

Era difícil conciliar uma raça de seres que podiam mostrar tanto humanidade e ainda pertencer a mesma linha cruel e de outro mundo que a criatura que matou Zach e tantos outros nos dias recentes. Ou os Renegados viciados em sangue que mataram sua mãe e o irmão menor. Ou o gêmeo que Kade estava envergonhado demais para admitir que possuía até Alex ver a selvageria de Seth por si mesma.

Mas Kade e os outros machos da Raça que ele apresentou a ela eram diferentes. Eles eram bons homens, independentemente dos genes que os faziam outra coisa -- algo mais -- que homens.

Eles tinham honra.

Kade tinha, também. E agora, enquanto ela transportava ele e seus irmãos da Ordem pelo caminho de ar tempestuoso, em direção ao recortado penhasco da montanha e a uma iminente batalha com uma criatura que não era deste mundo, ela apenas esperava que ela e Kade tivessem a chance de pôr em ordem a complicada bagunça de o que eles significavam um ao outro. Ela podia apenas rezar que houvesse algum tipo de futuro esperando por eles do outro lado do perigo que estava a frente agora.

—Luna está rastreando o odor do Ancião até a base da montanha,— Kade disse ao lado dela. —Ah, merda... é rocha áspera e malditamente íngreme. O filho da puta está escapando pelo cume. Nós vamos perdê-lo na montanha.

—Apenas me diga para onde Luna está seguindo,— Alex disse. —Eu vou me preocupar em nos levar lá.



Ela conduziu o avião ao longo dos escuros cumes, seguindo as direções de Kade, se esforçando para ver através do para-brisas enquanto os finos flocos de neve dançavam e giravam em sua linha de visão.

—Maldito seja,— ele rosnou um momento depois. —O odor se foi. Acabou de esfriar. Luna está circundando a orla abaixo de nós, mas não pode mais captar o odor do Ancião.

—Por que ele pulou daquele ponto,— Hunter observou calmamente. —O Ancião está agora acima do animal ou abaixo dela.

—Nós estamos perto o suficiente para persegui-lo a pé,— Tegan disse. —O Ancião não pode se afastar sem nos levar em sua cola. Mas nós precisamos pousar este avião agora.

—Tudo bem, aqui vamos nós,— Alex disse, espreitando por sua janela, vendo opções limitadas para nada mais que o mais curto dos pousos.

Ela mirou o pequeno avião em direção a um pequeno caminho de neve imaculada no quadro rochoso, e começou a descida.

Kade tinha visto Alex em ação atrás dos controles de seu avião antes, mas não diminuiu sua admiração por ela quando ela trouxe o pequeno avião para uma estreita e nívea orla na montanha. Não foi até que ela tinha pousado que Kade notou que ela os desceu com sucesso em um gentil voo sem motor que mal deixou uns poucos metros de espaço para erro de cada lado.

Nenhum dos guerreiros proferiu uma palavra quando o monomotor rosnou para inativação e o avião repousou delicadamente no cume.

Nem mesmo Hunter, que sentava preparado no compartimento de carga, seu rosto de uma imperturbável calma, mesmo que suas juntas pareciam um pouco brancas por seu agarre na rede acima de sua cabeça.

Finalmente, Chase murmurou uma maldição madura.

Tegan deu um riso abafado debaixo de seu fôlego. —Um inferno de pouso, Alex.

—Um inferno de mulher,— Kade disse, olhando para ela através da cabine do piloto e tomando nela um orgulho pessoal que ele provavelmente não tinha direito a sentir. Mas seu olhar era suave nele, embora breve, dando a ele uma onda de esperança de que talvez ele não a tivesse perdido completamente.

Talvez ainda houvesse uma chance para eles.

Enquanto o grupo saía do avião e se equipavam com armas e munição, Luna veio margeando o inclinado declive e direto para os braços abertos de Alex. Por um momento, egoisticamente manteve sua conexão telepática com o cachorro lobo, se permitindo saborear o calor do amor de Alex pelo animal.

Quando ele rompeu a ligação, Tegan estava parado próximo a ele, armado para a guerra. —Nós vamos nos dividir: Hunter irá tomar o declive, Chase e eu cobriremos o terreno abaixo.

Kade deu a ele um assentir severo. —Onde você me quer?

Tegan lançou um olhar a Alex, que estava falando em baixos e elogiosos tons com Luna. —Fique aqui e garanta que sua fêmea esteja a salvo. Isto é mais importante que qualquer outra coisa que você pode fazer, não é?



Kade considerou o comentário, sentindo o dever e estimulando a dizer que a missão era a coisa mais importante agora. Que nada importava mais que seu comprometimento com a Ordem, seus irmãos e suas metas. Parte dele acreditava nisso. Parte dele sabia sem sombra de dúvida que daria sua vida por qualquer um dos guerreiros, apenas como eles sacrificariam suas vidas por ele. Eles eram família, tão firme quanto qualquer vínculo que ele já viu.

Mas Alex era algo ainda mais.

Ela possuía seu coração agora. Ele nem mesmo tentaria negar isto. E ele sabia que quando Tegan falou sobre ela, o comprometido guerreiro Gen Um extraia de um ponto de experiência pessoal, também.

—Sim,— Kade admitiu a ele. —Sem Alex... ah, Cristo. Sem ela, nada mais importaria.

Tegan assentiu, a boca pressionada em uma fina linha. —Talvez devesse garantir que ela saiba disso.

Ele bateu no ombro de Kade, então gesticulou aos outros guerreiros para tomarem seus lugares e começar a próxima etapa de sua busca. Hunter saltou para a próxima elevação e Tegan e Chase desceram para a inferior, Kade caminhou em direção a Alex.

—Eu acho que nós três fazemos um time muito bom,— ele disse, se aproximando para coçar atrás das orelhas de Luna apenas por que distraia suas mãos de se aproximar de Alex em vez disso.

Ela envolveu seus braços ao redor de si mesma. —Você não vai com os outros?

—Tegan quis que eu ficasse para trás e cuidasse de você. Ele sabe o quanto você significa para mim, e sabe que me mataria se algo acontecesse com você.

Uma pequena linha se formou entre suas sobrancelhas quando ela olhou para ele. Por um longo tempo, houve apenas silêncio entre eles. A silenciosa neve em queda e o fraco choro de um lobo uivando abaixo na distância.

Quando Alex finalmente falou, sua voz mal estava acima de um sussurro. —Eu queria odiar você. Quando o vi na floresta, coberto de sangue...

—Não eu,— ele a lembrou. —Não era eu, Alex. Era Seth, não eu.

Ela assentiu. —Eu sei disso. Eu acredito em você. Mas foi você que eu vi naquele momento. Foi você Kade, parecendo tão monstruoso quanto os Renegados que mataram minha mãe e Richie. Eu queria odiá-lo naquele momento... mas eu não pude. Parte de mim recusava deixar você partir, mesmo ali, quando você não podia parecer mais medonho e perverso para mim. Eu ainda amava você.

Ele exalou um aliviado suspiro e a puxou para seus braços. —Alex... Eu sinto tanto pelo que você pensou. Pelo que você viu. Desculpe-me por tudo.

—Isto foi o que me assustou mais, Kade. Que eu pudesse amar você mesmo que fosse um assassino. Mesmo que fosse um monstro, como...

—Como meu irmão,— ele respondeu suavemente. —Eu não sou ele. Eu prometo isto a você. Você nunca deve ter medo de mim. Eu amo você, Alexandra. Eu sempre irei.



Delicadamente ele tomou o lindo rosto dela em suas mãos e a beijou. Ela parecia tão bem em seus braços, contra seus lábios, ele podia beijá-la para sempre.

Mas atrás deles, o rosnado gutural de Luna colocou os instintos de combate de Kade em alerta máximo.

Ele sentiu a mais leve mudança no ar enquanto se afastava de Alex e a movia para trás dele no reflexo.

Assim que uma grande e escura forma caiu do céu.

A vários metros de distância deles, o Ancião pousou com fluida graça em seus pés na neve. Descobrimo seus dentes e enormes presas, a criatura mortal fixou seu olhar âmbar em Kade e sibilou com intenção assassina.

Capítulo 29

Alex gritou.

Terror a dominou enquanto as pernas cobertas de dermaglifos do Ancião se contraíam em um baixo agachar, olhos âmbar banhando Kade em uma luz terrível.

—Alex, saia daqui.

Ela engoliu com a garganta totalmente seca. —O-o que?

—Vá!— Kade ordenou, seus olhos fixos na ameaça a frente deles. —Volte para o avião, decole. Vá para tão longe dessa rocha quanto possa. Vá agora!

Medo fluíu por suas veias, mas suas pernas se recusavam a mover. Ela não podia abandonar Kade desse jeito, não importando o que ele dissesse. Não importando o que ele encarasse. Eles encarariam juntos. —Eu não vou partir. Eu não...

—Maldita seja, Alex, vá!— ele falou ríspidamente, alcançando uma das grandes pistolas semi automáticas no coldre debaixo de sua parka.

Ele se moveu com uma velocidade que ela dificilmente podia acompanhar. Um segundo sua mão estava escorregando para o casaco fechado, no próximo ele estava segurando a arma na sua frente, disparando uma chuva de muitas balas.

Mas o Ancião era mais rápido, mesmo do que Kade.

Ele desviou dos tiros, e então suas poderosas pernas o empurraram do solo em uma investida que o teria mandando para colidir com Kade -- deveria ter mandado, não fosse pelo súbito borrão de movimento que era Hunter. O imenso guerreiro Gen Um derrubou o Ancião da elevação acima, derrubando ambos no solo nêvo em uma confusão de agitado e rolante caos.

Eles lutaram juntos, quase uma equilibrada luta em termos de força e poder, ambos lutando como se preparados para batalhar até a morte.

Kade entrou no combate assim que Hunter tomou uma grave pancada na base de seu pescoço e ombro. Sangue jorrou de sua ferida, o que apenas pareceu fazer o Ancião ficar mais



enlouquecido, seus olhos mais arregalados agora, prolongando ainda mais as presas. Ergueu sua grande cabeça para trás e abriu suas mandíbulas em um furioso rugido.

Kade disparou um tiro, e em vez do Ancião atingir Hunter novamente, ele teve que gastar precioso esforço desviando das balas de Kade.

Alex piscou, o que foi todo o tempo que levou para o Ancião ter suas mãos envolvidas ao redor da pistola de Kade. Metal se esmagou em seu punho, então, usando um poder que ela mal podia entender, o ser de outro mundo arremessou Kade completamente pelo ar. Ele pousou na borda inclinada do penhasco, sua cabeça se abriu na rocha, sangrando acima da têmpora.

—Kade!— Alex gritou, o coração congelando.

Ele tentou se levantar, mas foi uma desajeitada e desorientada tentativa. Ele se afundou de volta com um gemido.

Um passo em falso e estaria perdido.

—Kade! Oh, Deus-- não se mova!

Neve rodando tudo a volta, a tempestade tendo piorado a condições quase de nevasca desde que eles pousaram. Ela podia apenas distinguir o grande contorno de Hunter quando ele se levantou do solo para atacar o Ancião novamente. Em um perverso sibilar, a criatura girou e empurrou o grande Gen Um para longe dele.

Então o Ancião começou a espreitar em direção a Kade na borda da íngreme queda do penhasco.

O coração de Alex queria explodir de seu peito enquanto ela se movia lentamente para mais perto de seu avião. Ela não estava prestes a fugir, nem mesmo agora. Ela estava assustada como o inferno, mais do que jamais esteve em sua vida, mas tinha que fazer algo -- por Kade, e por seu irmão -- não importando o quanto insignificante suas ações poderiam se provar ser contra esta ameaça.

Ela pegou o rifle carregado que mantinha na parte de trás do avião.

Levantou-o enquanto o Ancião se aproximava de onde Kade estava tentando se levantar uma vez mais. Ela não podia deixar a criatura alcançá-lo.

Alex puxou o gatilho.

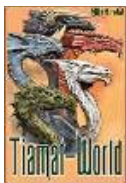
O tiro estalou como trovão na escuridão agitada pela neve.

O Ancião não estava esperando. Sua grande mão estava pressionada em seu peito, mas sangue vazava por seus dedos.

O ser de outro mundo curvou seus lábios e rosnou. Então começou a caminhar para diante novamente... não mais em direção a Kade, mas em direção a ela e Luna próximas do avião.

Alex ouviu o uivo de lobos de algum lugar perto. Tantas vozes. Ao menos meia dúzia ou mais. Ela os ouvia, e podia quase ouvir a batida de suas patas subindo pelo implacável frio da tempestade e o terror arrepiante da situação exaurindo-se na elevação.

Alex sabia que os lobos estavam perto, mas ela estava de maneira alguma preparada para a visão deles, subitamente apressando-se para o íngreme declive abaixo. A matilha investiu em



conjunto, saltando um atrás do outro no mesmo alvo: a criatura alien que rugia com indignação enquanto os oito predadores atacavam.

E enquanto os lobos mordiam, rasgavam e pulavam no Ancião, outro adversário surgiu sobre o cume abaixo.

Seth.

A respiração de Alex se prendeu enquanto o macho da Raça que se parecia tanto com Kade emergiu das sombras e do redemoinho de caos da tempestade. Ele não parecia tão idêntico a Kade — era mais como uma imagem de espelho -- reversa de alguma maneira, como se fosse mais selvagem, metade mais perigoso que o macho da Raça que ela amava.

As enormes presas de Seth brilharam tão brancas como ossos. Seus olhos lançavam uma selvagem luz âmbar que queimavam como lasers. Alex engoliu quando ele deu a ela um breve e oblíquo olhar. Ela pensou que viu uma desculpa escrita na decidida expressão em seu rosto. Talvez algum tipo de remorso.

Mas então, com um grito de batalha que fez seu sangue correr frio, ele se lançou em um poderoso salto e se jogou no Ancião.

Eles estavam perto demais da borda do penhasco.

O impulso para frente era poderoso demais para ser parado.

Os olhos de Alex se arregalaram quando ela percebeu o que estava prestes a acontecer. Ela os fechou apertados um instante mais tarde, enquanto Seth e o Ancião se inclinavam sobre a borda juntos.

—Seth!

Kade gritou o nome do irmão, a leveza em sua cabeça da pancada que tomou clareou instantaneamente quando viu Seth preso na batalha com o Ancião. Horror o sufocou um segundo depois, enquanto eles caíam passando pela borda do penhasco e mergulhando na escuridão.

Havia um grande tumulto que parecia vir de tudo ao redor dele, como a agitação de um trovão, só que ele a sentia no solo abaixo dele. Acima, também.

Então, o violento estrondo de gelo e neve rigidamente comprimida cedendo do rochoso penhasco acima.

A avalanche deixou o penhasco, toneladas de neve e gelo trituradas, varrendo como um maremoto passando pela cabeça de Kade e para baixo, para a íngreme fenda da montanha abaixo. Uma ofuscante e asfixiante nuvem de finos e poeirentos cristais levantaram em seu despertar, esfriando o rosto de Kade e o forçando a desviar o olhar da fenda coberta de neve onde o Ancião e seu irmão tinha caído. Nada podia sobreviver ao sufocante peso de tanta neve.

Kade sentiu mãos suaves chegando ao redor de seus ombros, o calor do corpo de Alex o capturando em abraço, o segurando perto. E atrás dele na orla, ele ouviu o baixo som de vozes. Hunter, Tegan e Chase, um silencioso murmurar de descrença por tudo que tinha acabado de acontecer.

—Kade,— Alex sussurrou, seu tom calmo e reconfortante. —Oh, Deus... Kade.



Tudo que ele queria era envolver seus braços ao redor dela e aceitar o amor que ela oferecia agora, mas seu coração gritava por seu gêmeo. O pensamento de perder seu irmão o perfurava; o sacrifício de Seth era muito difícil para processar. Terrível demais para ser real.

Kade saiu dos braços acolhedores de Alex e se arrastou para a borda inclinada do penhasco.

—Seth!— ele gritou para o vazio rochoso, esforçando-se para encontrar o mais leve fio de esperança de que seu irmão poderia não estar morto.

E então... uma escura e partida forma, deitada em um recortado afloramento a cerca de cem metros de profundidade. Se movendo apenas ligeiramente, mas vivo.

Esperança se elevou no peito de Kade.

—Jesus Cristo. É ele.— Ele se levantou. —Seth, aguenta firme!

Alex ofegou. —Kade o que você está fazendo? Kade, não...

Ele pulou da borda.

O gritou de Alex o seguiu enquanto ele caía em um salto calculado, para uma fissura de rocha. Suas botas repousaram ao lado de seu irmão. Kade se agachou e varreu o gelo e a neve do rosto e do corpo esgotado de Seth.

—Maldito seja você, Seth— Sua voz partiu com um misto de alívio e dor enquanto ele notava as extensas lesões que seu irmão tinha tanto da luta com o Ancião quanto da queda. Seth sangrava de múltiplas contusões em sua cabeça e membros, mas era o vicioso corte em seu torso que mais preocupava Kade.

Se regenerar desse tipo de dano seria um desafio para os machos da Raça em melhor forma, mas para um na condição esquelética e definhada de Seth? Merda. Não parecia bom para ele de maneira alguma.

Os olhos de Seth estavam fechados, seu corpo flácido e débil. Ele mal estava respirando, exceto pelo leve raspar de ar que ofegava de seus pulmões quando ele separou seus lábios e tentou falar com Kade.

—V-vá,— ele ralhava depois de um momento. —Você não pode... não pode me salvar, irmão.

Kade exalou uma maldição mordaz. —O inferno que eu não posso. Eu vou tirar você daqui.

—Não. Me deixe... Eu estou morrendo. Já estou morto. Ambos sabemos disso.

—Não desse jeito, irmão,— Kade hesitou. —Você irá se curar. Eu levarei você para casa. Para o Darkhaven do Pai, e você irá se recuperar de tudo isto.

—Não,— Seth murmurou silenciosamente. Seus olhos se abriram lentamente em seu sibilar dolorido. —Não, Kade. Eu não vou.

A visão do olhar de seu irmão gêmeo quase o fez desviar os olhos. As pupilas tinham a largura de agulhas, fendas verticais banhadas em âmbar brilhante. O olhar de Seth estava quente com angústia, um olhar selvagem. Suas presas ainda estavam estendidas. Os glifos que estavam visíveis pelos grandes rasgos em sua roupa estavam escuros e pulsando com cor, como se estivesse faminto por sangue.



Todos os sinais estavam ali, mas matava Kade reconhecê-los.

Do momento que o viu pela última vez, seu irmão tinha sucumbido a luxúria de sangue.

Seth era Renegado.

—Não há volta para mim agora,— Seth murmurou. —Você tentou me alertar...

—Ah, merda,— Kade sussurrou. —Ah, maldito seja, Seth. Não, não, não pode ser.

Seth aspirou um suspiro curto e uma violenta tosse o torturou. Seu corpo estremeceu. Sua pele parecia ficar mais pálida diante dos olhos de Kade. —Deixe-me ir, irmão. Por favor.

Kade balançou a cabeça. —Eu não posso. Você sabe disso. Eu não desistira de você, não antes... não agora. Você salvou minha vida lá em cima, Seth. Agora, maldito seja, eu vou salvar a sua.

Ele virou a cabeça e gritou para o alto do penhasco para Tegan e os outros acima. —Eu preciso de algumas cordas. Meu irmão está ferido. Ele não pode subir sozinho. Eu vou precisar de um arreio para levá-lo de volta para o topo.

Os guerreiros olharam para eles, então desapareceram para executar o pedido de Kade. Então o rosto de Alex apareceu em seus lugares, apenas a visão dela um paraíso para ele, dando a ele um sentimento de puro e honesto amor -- algo que ele precisava mais que qualquer coisa naquele momento.

Os rachados e ensanguentados lábios de Seth se partiram em um fraco sorriso. —Você está apaixonado,— ele disse, algo melancólico em sua voz ofegante.

—Sim,— Kade respondeu. —Seu nome é Alexandra. Eu vou fazê-la minha companheira, se ela me aceitar.

Seth fechou seus olhos, deu um fraco aceno com a cabeça. —Eu teria gostado de conhecê-la.

—Você vai.— Kade o encarou, vendo uma tranquilidade correndo sobre seu corpo enfraquecido. —Você tem que aguentar firme, Seth. Vamos... abre os seus olhos. Continue respirando, maldição!

Mas os olhos de Seth permaneceram fechados.

Ele respirou, mas apenas uma última vez. Seu peito se comprimiu com sua última expiração, e então ele se foi.

A dor de Seth estava terminada.

Kade agarrou o corpo devastado de seu irmão em seus braços. Ele sentou com ele na borda congelada e gentilmente o embalou, rezando para que Seth finalmente tivesse encontrado a paz.



Capítulo 30

Ninguém disse uma palavra enquanto os guerreiros ajudavam Kade a levantar Seth da borda. Eles trabalharam sobriamente, manuseando o corpo sem vida como uma preciosa carga mesmo que fosse óbvio, mesmo na morte, que o gêmeo de Kade era Renegado.

Os dermaglifos de Seth ainda estavam escuros com cor raivosa, suas presas ainda salientes atrás de seus lábios frouxos. Embora seus olhos estivessem fechados, abaixo das pálpebras, suas pupilas ainda estariam alongadas, suas íris ainda inundada com furioso âmbar.

Todas as marcas da luxúria de sangue que o tinha dominado e o declarado como um inimigo de todo membro da Raça cumpridor da lei. Quanto mais dos guerreiros da Ordem, que foram empossados para livrar a população de todos os assassinos em seu meio.

No entanto, apesar disso, Tegan e Chase deitaram Seth com cuidado reverente no solo coberto de neve diante de Kade, enquanto Hunter foi até a beira da fenda e examinou o profundo abismo muito abaixo. Ele voltou um olhar raso a Tegan e deu um moderado balanço de sua cabeça. —Eu não consigo achar sinal algum que seja o que for de vida lá em baixo. O Ancião certamente está morto.

—Tegan assentiu. —Bom. Mesmo que a queda não o matou, umas poucas milhares de toneladas de neve e gelo certamente irão terminar o trabalho.

Só então, Alex voltou do avião com um cobertor dobrado em suas mãos. Ela tinha lágrimas em seus olhos quando olhou para Kade, então começou a gentilmente balançar a mortalha para cobrir o ensanguentado e destruído corpo de Seth.

Kade levantou sua mão. —Espere. Eu preciso vê-lo assim. Eu preciso que todos o vejam, e saibam que poderia facilmente ter sido eu.— Ele lançou olhares para os rostos austeros de seus irmão da Ordem, dos olhos dourados impassíveis de Hunter para a tensa cara fechada de Chase, e então para a firme e ilegível atenção de Tegan. Finalmente, Kade olhou para Alex, a pessoa cuja opinião importava mais que qualquer outra. —Seth -- meu gêmeo -- era um assassino. Eu soube disso há muito tempo, mas não queria admitir. Nem para mim mesmo. O que eu realmente não queria admitir era que ele e eu não éramos tão diferentes.

—Ele era Renegado,— Tegan disse.— Há uma diferença.

—Sim,— Kade levantou seu ombro reconhecimento. —Mas levou muitos anos para ele cair. E durante esses anos, ele caçou como um animal. Ele matou a sangue frio. Seth estava doente com uma brutalidade que ele não podia restringir. Eu sei que ele estava, por que a brutalidade vive em mim também.

Kade viu Alex engolir dificilmente, viu ela segurar o cobertor para ela como se subitamente precisasse de seu calor. Ele sentiu o pequeno parar em seu pulso quando o encarou em cauteloso silêncio. Através de seu vínculo com ela, ele podia sentir seu medo como se fosse o seu próprio.



Ele odiava como o inferno saber que ele estava causando isto, e o desejo de acalmar as preocupações dela com uma mentira reconfortante era quase irresistível. Mas ele estava cansado de segredos. Ele não podia esconder mais, ou fingir que era mais forte do que era, mesmo com o risco de perder Alex aqui e agora.

Ela tinha que saber a verdade, e também o grupo de machos da Raça diante dele.

—Desde o tempo que Seth e eu éramos garotos, nós deixamos nosso talento nos governar. Era difícil resistir a liberdade que oferecia e o poder. Era uma coisa inebriante na época -- comandar outros predadores mortais, correr ao lado deles. Caçar com eles. As vezes, experimentar a precisão de uma morte como se visto pelos outros deles. E uma vez que a brutalidade nos chamou, só ficou mais difícil dominá-la. Às vezes, ainda é.

Embora Alex não fez muito mais que piscar, Kade sentiu a torção em seu estômago enquanto ela o ouvia. Ela sentia repulsão, não por Seth desta vez, ou por algum mal entendido que Kade pudesse afastar com charme ou promessas bem intencionadas. Ela estava vendo a verdade agora, e tão terrível quanto parecia saber que ele a estava afastando com sua honestidade, ele não podia parar até que ela soubesse tudo.

—Poder demais nunca é uma boa coisa,— Chase se lançou ao longo silêncio, a voz do ex-Agente de Execução profunda com reflexão. —Corrompe mesmo o mais forte.

—Sim, o faz,— Kade concordou. —Corrompeu Seth cedo. Eu não sei quando foi a primeira vez que ele começou a matar humanos. Não importa realmente agora. Eventualmente eu descobri, e deveria tê-lo parado ali e naquela hora, mas não o fiz. Em vez disso eu deixei o Alasca. Eu recebi a ligação de Niko que a Ordem estava procurando por novos recrutas, eu não podia dar o fora daqui rápido o suficiente. Para me salvar de virar o que Seth se tornou eu corri para Boston e o deixei para defender a si mesmo.

Tegan o olhava solenemente. —Isto foi apenas no ano passado. Seth não era criança então. Por quanto tempo você iria considerá-lo sua responsabilidade?

—Ele era meu irmão,— Kade disse, lançando um olhar dolorido ao corpo do Renegado que uma vez foi seu reflexo. —Seth era uma parte de mim, quase uma extensão do que eu era. Eu sabia que ele estava doente. Eu deveria ter ficado aqui para mantê-lo na linha. E se ele não abandonasse a matança, ou se no fim ele não pudesse, então eu deveria garantir que fosse parado de vez.

Os olhos verdes de Tegan se estreitaram. —Isto não é uma coisa fácil, matar um irmão, não importa o que ele fez. Pergunte a Lucan, ele vai dizer a você.

—É de algum modo mais fácil partir o coração de um pai?— Kade zombou, um som amargo que raspou em sua garganta. —Meu pai esperaria isto de mim, não Seth. Toda sua esperança e atenção sempre foram fixadas em Seth. Ele vai ficar devastado ao vê-lo assim. Tal como estaria se eu expusesse o segredo de Seth em vez de protegê-lo todo este tempo.

Tegan grunhiu. —A verdade só fica mais desagradável quanto mais você tenta contê-la.

—Sim, eu sei disso agora.— O olhar de Kade se desviou para Alex, mas ela se afastou dele. Entregando o cobertor para Chase, ela caminhou de volta para seu avião em silêncio com Luna



trotando em seus calcanhares. Kade limpou sua garganta. —Eu preciso levar meu irmão para sua família. —É lá que ele pertence. Mas antes quero garantir que Alex está bem. Sua amiga Jenna também.

—Também há o problema adicional de um policial morto na cidade,— Chase interrompeu.

Kade assentiu. —Sem mencionar muito mais pessoal no gelo depois dos ataques do Ancião, e uma unidade de policiais atualmente a caminho de Fairbanks para examinar esses recentes assassinatos na floresta.

—Merda,— Tegan disse. Ele gesticulou para Chase cobrir o corpo de Seth. —Você e Hunter o trazem para o avião. E sejam cuidadosos, sim? Renegado ou não, o irmão de Kade salvou a vida dele hoje. O que Seth fez, provavelmente salvou todos os nossos traseiros aqui em cima.

Os dois guerreiros assentiram em concordância enquanto levavam Seth. Quando Kade tomou um passo para segui-los, Tegan o segurou com um olhar significativo.

—Ei— ele disse, sua voz no tom apenas para as orelhas de Kade. —Eu sei alguma coisa sobre o que você está lidando, então não está sozinho. Há muito tempo atrás, eu cedi a uma brutalidade similar, apenas que a droga da escolha na época era raiva. Quase me matou. Teria, se Lucan não tivesse me tirado disso. Agora é Elise que me mantêm com os pés no chão. Mas sempre está aqui. A besta nunca desaparece completamente, mas eu estou aqui para dizer a você que ela pode ser controlada.

Kade ouviu, lembrando o que tinha ouvido das próprias lutas de Tegan, tanto nos primeiros dias da Ordem na Europa séculos atrás, e os mais recentes eventos que reuniram Tegan e sua Companheira de sangue Elise no ano passado.

—Eu não vou dizer que estou feliz de ouvir tudo isto hoje,— o Gen Um disse, —mas eu respeito que você confie em nós o suficiente para desabafar.

Kade deu a ele um breve aceno. —Eu devia isto a vocês.

—Malditamente certo que sim,— Tegan respondeu. —Você precisa lembrar uma coisa, meu caro. Você perdeu um irmão no Alasca hoje, mas você sempre terá família em Boston.

Kade prendeu o intenso olhar de gema verde. —Sim?

—Sim,— Tegan confirmou, sua ampla boca se abrindo em um breve sorriso. —Agora vamos dar o fora dessa rocha congelada e ir cuidar dos negócios.

Alex não podia fingir que ouvir a confissão de Kade não a tinha assustado. Vendo seu irmão -- o irmão que parecia tanto com ele -- transformado no mesmo tipo de monstro que tinha matado sua mãe e Richie apenas tornavam as coisas piores.

Poderia Kade um dia se transformar em um monstro, também? Ele certamente acreditava que podia, e a aflição colocou uma dor no peito de Alex, não tanto de medo por ela mesma, mas de preocupação por Kade.

Ela não queria vê-lo na dor. Ela não queria perdê-lo para a doença -- ou para a brutalidade viciante -- que reivindicava Seth.

Com exceção de Jenna, que ela podia apenas rezar para que estivesse bem, Alex já tinha perdido todos a quem amou. Agora Kade podia ser o próximo. Ele temia a sedutora natureza de



seu talento. Vendo o que tinha feito a Seth, Alex o temia, também. Ela não tinha certeza que podia lidar em deixar-se apaixonar mais profundamente por Kade, apenas para perdê-lo mais tarde para algo que jamais poderia competir e esperar ganhar.

Mas o problema era, ela o amava.

Era a profundidade desse amor que mais a aterrorizava enquanto levava no avião ele e os outros guerreiros de volta a Harmony. Ela não podia dispensar o conhecimento de que o irmão Renegado de Kade repousava morto e coberto no compartimento de carga, uma advertência sombria do futuro que poderia esperar Kade um dia.

Perder seus amados para Renegados tinha sido difícil o suficiente. Perder Kade para o mesmo inimigo perverso que a tinha roubado de sua família era uma expectativa terrível demais para considerar. Alex tirou seus pensamentos daquelas preocupações sombrias e procurou por um lugar para pousar próximo ao abrigo de Jenna do lado de fora da cidade. Eles tinham decidido no caminho evitar usar a pista de Harmony quando isto iria atrair mais indevida atração dos chateados residentes. Em vez disso, Alex baixou o avião em uma pequena clareira não muito longe da propriedade de Jenna.

—A trilha para o abrigo é logo através dessas árvores,— ela disse a Kade e aos outros quando os trouxe para uma parada e desligou o motor.

Kade se virou para olhá-la do assento do passageiro, a primeira vez que ele tinha feito desde que deixaram a montanha para seguir de volta para Harmony. Os olhos deles baixaram por um momento enquanto ele limpava sua garganta. —Depois que nós resolvermos as coisas aqui na cidade, eu gostaria de devolver Seth ao Darkheaven da minha família próximo a Fairbanks. Eu sei que isto é pedir muito a você. Demais, provavelmente, especialmente depois...

—Não é pedir muito,— Alex respondeu. —Claro, Kade. Eu o levarei lá quando você estiver pronto.

Sua expressão era sóbria, pesarosa. —Obrigado.

Ela assentiu, sentindo-se um pouco triste pela maneira como ele parecia estar se afastando dela com seu silêncio, e sua cautela quando de fato falava com ela. Ou talvez não fosse tanto que ela o sentia se afastando, mas, preferivelmente, repelindo-a.

Alex desceu do avião com ele e os outros três machos da Raça, deixando Luna para proteger o corpo de Seth enquanto o restante deles ia checar Jenna e Brock.

Tão logo o abrigo de sua amiga entrou em visão com a porta escancarada e o sangue de Zach ainda visível abaixo da neve recém caída, a realidade do que tinha ocorrido ali elevou-se em Alex em um onda de emoção.

—Oh, meu Deus,—ela suspirou, partindo subitamente em uma corrida enquanto se aproximavam. —Jenna!

Brock apareceu na porta aberta, seu enorme corpo da Raça bloqueando a entrada quando Alex atingiu os degraus da varanda. —Ela está indo bem. Confusa e não exatamente coerente ainda, mas ilesa. Ela vai ficar bem. Eu a coloquei no quarto assim ela podia repousar mais confortavelmente.



Alex não podia evitar jogar seu braços ao redor dos ombros do homem grande em um abraço agradecido. —Obrigado por cuidar dela, Brock.

Ele assentiu solenemente, seus olhos castanhos escuros aquecidos com uma bondade que parecia incongruente com a imensa e letal aparência do guerreiro. —O que aconteceu?—ele perguntou enquanto Alex passava por ele para dentro do abrigo e Kade e os outros guerreiros entravam atrás dela. —Vocês encontraram o Ancião?

—Longa história,—Tegan disse. —Nós vamos informá-lo mais tarde, mas basta dizer que o Ancião está morto. Infelizmente, não sem baixas do nosso lado. Kade perdeu seu irmão na batalha.

—O que?— A expressão de Brock abrandou enquanto colocava uma mão reconfortante no ombro de Kade. —Ah, Jesus. Seja o que aconteceu, eu sinto muito.

Alex estava movida pela verdadeira emoção -- o firme vínculo -- compartilhado entre Kade e Brock, entre todos os guerreiros reunidos no pequeno espaço do abrigo. Tornava-a mais humilde ver tais homens fortes -- homens que eram, em sua essência, algo muito mais extraordinário que isto, de fato -- cuidando uns dos outros como família.

Sentindo-se como uma intrusa naquele momento, Alex seguiu para o quarto onde Jenna estava encolhida na cama onde Brock a colocou.

Jenna se moveu quando Alex se sentou gentilmente na beira do colchão. —Ei,— ela murmurou, sua voz grogue, mal acima de um sussurro. Sua pálpebras levantaram a menor fração.

—Ei.— Alex sorriu e tirou um pouco do cabelo da bochecha pálida de Jenna. —Como está se sentindo, querida?

Jenna murmurou algo indecifrável enquanto seus olhos se fechavam em agitação uma vez mais.

—Ela tem entrado e saído de consciência desde que partiram.

Alex virou sua cabeça e encontrou Brock parado atrás dela. Kade e os outros guerreiros vieram para o quarto, também, todos olhando para Jenna com silenciosa preocupação.

—Ela ainda está fraca pela perda de sangue,—Brock disse. —O Ancião deve ter estado com ela tempo suficiente para se alimentar dela. Ela é mais sortuda que a maioria. Pelo menos ainda está viva.

Alex fechou seus olhos para isto, com remorsos pela dificuldade de Jenna em jogar parte do ar para fora de seus pulmões.

—Eu a coloquei em um leve transe para acalmá-la— Brock adicionou, —mas algo não está completamente certo. O transe não a está mantendo completamente apagada, o que é particularmente estranho, considerando que é humana.

—Não é uma Companheira da Raça? Tegan perguntou.

Brock sacudiu sua cabeça. —Apenas básica Homo sapiens pelo que eu posso ver.

Tegan grunhiu. —Eu acho que isso são boas notícias, pelo menos. O que está acontecendo com ela?



—Maldição se eu soubesse. Ela não está com dor alguma, mas continua se movimentando acordada, balbuciando um monte de coisas sem sentido. Nem mesmo palavras, apenas um estranho e incoerente falar desconexo.

Alex olhou para sua amiga e a acariciou suavemente. —Pobre Jenna. Ela tem passado por tanto. Ela não merecia isto depois de tudo que sofreu. Eu queria apenas poder estalar meus dedos e apagar tudo que aconteceu hoje.

—Isto pode ser providenciado, na verdade,—Tegan disse. Quando Alex girou um alarmado e questionador olhar em direção a ele, ele continuou. —Nós podemos limpar a memória dela de tudo isto. É indolor e rápido. Ela nem mesmo saberia que estivemos aqui. Nós podemos fazer isso, assim ela não se lembraria de nada do último dia, ou dois, uma semana... mais tempo que isto, se necessário.

—Você pode fazer isto?

Tegan encolheu os ombros. —Vem a calhar de tempos em tempos.

Alex olhou para Kade. —E quanto a mim? Você pode apagar minha memória de tudo isto também?

Kade manteve o olhar dela pelo que pareceu um momento interminável. —Isto é o que você quer?

Houve um tempo em que Alex pularia na chance de jogar fora todas as terríveis memórias que a tinham incomodado. Ser capaz de piscar seus olhos sem lembrar de nenhuma das perdas ou pesar, nenhum dos medos.

Houve um tempo, não a muito tempo atrás, de fato, quando teria dado qualquer coisa para esquecer tudo isto.

Não mais.

Seu passado era parte de quem era agora. As coisas que testemunhou, terríveis como tinham sido moldaram sua vida. Ela não podia voluntariamente descartar suas memórias de sua mãe e Richie, nem mesmo as memórias da noite que foram assassinados. Fazer isto seria apenas outra forma de fugir, de se esconder das coisas que não se sentia forte o suficiente para encarar.

Ela não queria mais ser esta pessoa.

Ela não podia voltar a viver dessa maneira, nunca mais.

Antes que pudesse dizer algo, Jenna começou a se sacudir na cama. Ela flexionou e contraiu seus membros, seu rosto se apertou em um franzido, respirando pesadamente por seus lábios entreabertos. Ela murmurou algo ininteligível, então seus movimentos se tornaram mais agitados.

Brock se moveu ao lado de Alex e colocou sua grande mão nas costas de Jenna com extrema delicadeza. Ele fechou seus olhos, concentrando-se enquanto a acariciava, e parte da aflição de Jenna pareceu se acalmar sobre seu toque.

—Brock,—Tegan disse, dando um fraco balanço de sua cabeça. —Não a coloque em transe ainda. Eu preciso ouvir o que ela está dizendo.



O guerreiro assentiu, mas manteve sua mão nas costas de Jenna, ainda a acariciando com um leve movimento. Ela relaxou na cama, mas seus lábios continuaram se movendo, sussurrando mais do peculiar falar desconexo enquanto passava para um estado mais calmo.

Tegan ouviu por um momento, seu rosto ficando mais grave com cada estranha sílaba que saía da boca de Jenna. —Santa merda. Nós não podemos limpar a mente dessa fêmea de nada. E nós não podemos mais arriscar colocá-la em transe, também...

—O que está acontecendo?—Alex perguntou, preocupada pelo chocado olhar no normalmente impassível rosto do guerreiro. —Há algo errado com Jenna afinal de contas?

—Nós não saberemos disso até a levarmos para Boston.

Alex se levantou, alarmada agora. —Do que está falando? Levar Jenna para Boston? Você não pode tomar decisões por ela. Ela tem um vida aqui em Harmony...

—Não mais,—Tegan disse, sua voz não permitindo argumentos. —Quando partirmos, a mulher virá conosco.

Kade se moveu para ficar ao lado de Alex. —O que é isto, Tegan?

O macho da Raça mais velho inclinou sua cabeça na direção de Jenna, enquanto ela continuava suave debaixo das carícias da mão de Brock. —A amiga humana de Alex não está incoerente. Ela está falando em outra língua. A língua antiga.

Capítulo 31

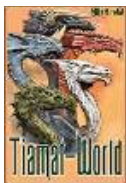
Levou um tempo para o abalo se enfraquecer, após a bomba que Tegan lançou sobre Jenna. Enquanto Kade e seus companheiros guerreiros tinham se conectado via telefone satélite com a sede da Ordem para informar Lucan dos vários desdobramentos e potenciais desastres no Alasca, Alex permaneceu no quarto de Jenna com sua amiga o tempo todo.

Ela estava preocupada com Jenna; Kade sabia disso.

Alex tentou discutir com ele e Tegan que não era justo arrancar Jenna de seu mundo em Harmony e levá-la para Boston como se Jenna não tivesse o que dizer sobre o assunto fosse qual fosse. Mas Tegan não ia vacilar, nem Lucan, uma vez que o líder da Ordem tinha sido informado da chocante revelação a respeito de Jenna Tucker-Darrow e o fato que a fêmea humana estava subitamente falando uma língua que não era originária desse planeta, nem era ouvida aqui há vários séculos.

Uma lingual que era reconhecível apenas aos poucos e muito antigos da Raça, e a Ordem esperava que pudesse, de alguma forma, ser útil em seus esforços contra seu inimigo, Dragos.

Alex estava relutante em deixar Jenna sozinha com os irmãos de Kade quando chegou a hora de ela e Kade partirem para o Darkhaven de sua família. Tegan deu sua palavra que Jenna estaria a salvo com eles, mas Kade notou que foi a garantia pessoal de Brock que finalmente apagou algumas das preocupações dos olhos de Alex.



—Ele cuidará bem dela até voltarmos,— Kade disse agora, sentando ao lado de Alex na cabine de seu avião enquanto passavam sobre as luzes de Fairbanks a uns poucos milhares de pés abaixo. Alex também confiou Luna ao guerreiro, tendo mandado o cão-lobo de volta ao abrigo de Jenna antes que ela e Kade partissem. —Você não precisa se preocupar, Alex. Eu lutei ao lado de Brock durante o ano passado, confiando nele para vigiar minhas costas enquanto eu vigiava as dele. Quando ele dá sua palavra, você pode contar com ele para mantê-la. Jenna não podia estar em melhores mãos.

O que era mais do que ele poderia dizer sobre Alex, Kade pensou severamente. Se não precisasse do avião para transportar o corpo de Seth para as terras de sua família, ele teria insistido que Alex ficasse para trás aos cuidados de Brock, também. A recepção que o esperava no Darkhaven de seu pai não seria agradável — ele sabia disso. A última coisa que queria era Alex testemunhando sua vergonha, ou ver a dor que seu retorno certamente causaria em seus parentes quando levasse o cadáver de Seth de volta para eles.

Este era um caminho que ele desejava que pudesse trilhar sozinho, mas havia uma pequena parte dele que estava agradecido pela companhia dela junto a ele. De forma egoísta, ele tomou um volume de conforto apenas em sua presença ao seu lado.

Alex lançou um olhar sobre ele em seu silêncio. —E quando ao resto das pessoas em Harmony? Eu ouvi Tegan dizer ao telefone que ele, Chase e Hunter iriam conter a situação enquanto cuidamos de Seth. O que exatamente ‘conter a situação’ significa? Eles não vão... ferir alguém na cidade, vão?

—Não. Ninguém será ferido,— Kade disse, tendo sido parte da discussão com Lucan e os outros quando definiram a estratégia dos passos finais da missão no Alasca. —Sabe quando disse que desejava que houvesse uma maneira de apagar as memórias de Jenna do Ancião e que ela pudesse não ter nada com ele?

Alex lançou-lhe um olhar incrédulo quando a compreensão tornou-se clara. —Você quer dizer toda cidade? Há quase cem pessoas em Harmony. O que Tegan e os outros vão fazer, caminhar por todas as ruas, batendo de porta em porta?

Kade sorriu apesar da gravidade da situação, incluindo a lacuna de questões não resolvidas que ainda estavam abertas entre Alex e ele. —Eu estou certo que irão encontrar uma maneira de ter o trabalho feito. Tegan não é nada senão eficiente.

Kade lançou um olhar para fora da janela enquanto a escura paisagem abaixo do avião mudava do terreno uniforme da cidade com suas ruas aradas e telhados cobertos de neve, para a acidentada e distante imensidão das terras remotas do Alasca. —Os dez mil acres do meu pai começam logo naquela serra adiante. Há uma clareira onde podemos pousar do outro lado daquelas altas píceas ao norte. O complexo do Darkhaven está ao alcance de uma caminhada fácil da clareira.

Alex deu um aceno de reconhecimento enquanto guiava o avião para o solo onde ele tinha indicado.



Uma vez que tinham pousado, Kade voltou ao compartimento de carga e recuperou o ensanguentado e coberto corpo de Seth. Ele carregou seu volume sem vida em um aperto cuidadoso, o peso de Seth um precioso fardo que nunca sentiria novamente. Tanto quanto pretendia trazer seu irmão para casa sozinho, como era seu dever, ele tinha que admitir que a presença de Alex enquanto fez a caminhada ao complexo do Darkhaven emprestou um conforto que ele não esperava que fosse precisar.

Ela caminhou ao lado dele em firme propósito, para o jardim branco de neve da residência principal. Deveria o fim da manhã agora, provavelmente apenas algumas horas antes da alvorada do meio dia. A maioria da população da Raça desta pequena comunidade deveria estar dentro de seus aposentos privados, dormindo talvez, alguns deles fazendo amor.

Kade parou em frente a uma ampla casa onde sua mãe e seu pai viviam, refletindo que em apenas poucos minutos, ele iria despedaçar suas vidas com pesar e dor. Exatamente as coisas que procurou protegê-los ao manter o segredo de Seth por tanto tempo.

—Você está bem?— Alex hesitou ao lado dele. Ela colocou suas mãos no ombro dele, um terno e caloroso toque que deu a ele mais força que ela podia possivelmente saber.

Ele precisava dessa força no momento que se seguiria

De dentro do Darkhaven veio o som de passos viajando rapidamente sobre o piso de madeira. A voz de sua mãe chamava de algum lugar no interior. —Kir? Kir, o que é? Onde você está indo?

O pai de Kade não respondeu.

As portas da residência principal irromperam com apenas a força das emoções do macho da Raça mais velho. Ele passou pela soleira como uma tempestade, claramente despertado de sua cama e tendo parado apenas o tempo suficiente para vestir um par de largas calças de pijama de flanela antes de se lançar para fora para encarar a notícia que nenhum pai queria ouvir.

Alex ofegou com sua visão, embora seu choque chegou sem surpresa ao filho sobrevivente de Kir.

Um metro e noventa e cinco de fúria musculosa, dermaglifos agitando-se com a escura tonalidade de raiva e temor, ficou paralisado na varada da larga residência. Olhos cinza queimados com âmbar, agitando-se interrogativamente sobre Alex antes de pousar em Kade em insensível julgamento

—Diga-me o que aconteceu com meu filho.

Kade nunca tinha ouvida a voz de seu pai tremer, nem mesmo no pior de Kir. O tremor naquele profundo barítono agora era como uma faca nas entranhas de Kade.

—Pai... Eu sinto muito.

Kir disparou degraus abaixo e para a neve. Ele parou em frente de Kade e Alex, levantou uma mão trêmula para levantar o cobertor que cobria o rosto de Seth.

—Ah, Cristo. Não— As palavras se estrangularam na parte de trás de sua garganta, bruta com angústia. Ele olhou uma vez mais, por mais tempo agora, como se forçando a si mesmo a



tomar a total medida do rosto do Renegado que estava escondido sob a mortalha. —Eu rezei para que isso não acontecesse de novo. Maldição, não a um de meus filhos.

—Kir!— Kade levantou os olhos enquanto sua mãe grávida vagueava pela varanda, sua camisola de seda engolida pela larga parca que ela aparentemente agarrou e vestiu rapidamente dentro de casa. Seus passos vacilaram enquanto ela via Kade em pé na neve, seus braços preenchidos com um volume inconfundível. —Oh, meu Deus. Oh, não. Oh, querido senhor, não! Por favor diga-me que esse não é...

—Fique atrás,— o pai de Kade ladrou. Então ele suavizou sua voz a uma ternura devastadora. —Victoria, eu imploro... não se aproxime. Por favor, meu amor, volte para dentro. Faça como eu digo. Você não precisa ver isto.

Com um soluço, ela se moveu lentamente em direção a porta, amparada por Maksim, que tinha acabado de sair naquele momento, também. Max pegou seu braço para firmá-la enquanto trazia a companheira de seu irmão de volta para dentro do Darkhaven.

—Entregue-o a mim,— o pai de Kade disse uma vez que as portas se fecharam e tanto Max quando Victoria estavam do lado de dentro. —Deixe-me ter meu filho morto.

Kade cedeu Seth a ele, e observou enquanto seu pai carregava o corpo, afundando na neve até a altura do tornozelo, em direção a Capela do Darkhaven que ficava próxima do centro do complexo. Lá, como de costume, o corpo de Seth seria preparado para os rituais funerários e exposto ao próximo nascer do sol.

Kade sentiu os braços de Alex chegando ao redor dele em um caloroso abraço, mas foi pouco para amenizar o frio arrependimento que o consumia como um abutre na carniça.

Em apenas algumas horas, nada além de uma pilha de cinzas queimadas pelo sol iriam restar de seu irmão — ou do lugar de Kade entre seus parentes.

De volta a Harmony, os guerreiros se moviam rapidamente para pôr em ordem a situação com os locais, o que tinha começado algum tempo atrás com a tarefa de desaparecer com vários corpos da câmara frigorífica na pista de pouso e na pequena clínica da cidade.

—Uma coisa boa sobre toda essa neve e imensidão aqui é que há um monte de maldita neve e imensidão aqui,—Tegan observou secamente enquanto Chase e Hunter se encontravam com ele em suas motoneves a espera em um pista de competição há muito milhas.

Eles saíram de Harmony com a família Tom, Big Dave e Lanny Ham a reboque, carregando todas as vítimas recentes do ancião para uma caverna na área das montanhas. Uns poucos tiros estrategicamente disparados tinham desmoronado o felo e as pedras na entrada da caverna, selando-a e assegurando que os mortos não seriam encontrados até algum tempo bem adiante na próxima era do gelo.

—Alguma palavra de Gideon sobre a Fase Dois desta operação? Tegan perguntou a Chase, que tinha sido encarregado de coordenar a parte dentro da cidade da lista de tarefas deles para o dia.



—Tudo está em seu lugar,— Chase disse. —Gideon conversou com um Sidney Charles, prefeito interino de Harmony, informando o Sr. Charles que a unidade enviada da divisão de Policiais do Estado do Alasca em Fairbank deve estar chegando dentro de horas para falar com o povo da cidade como um grupo e recolher declarações.

—E eu suponho que o bom prefeito estava disposto a isso?

Chase assentiu. —Ele disse a Gideon que iria pessoalmente cuidar que todo cidadão comparecesse. Eles estão se reunindo na igreja de Harmony esperando por nós enquanto falamos.

Tegan riu baixo sob sua respiração. —Então, onde isto deixa as coisas? Arrombar e entrar, adulterar evidências, comprometer uma cena de crime, representar o papel de oficiais de polícia, limpar grosseiramente cem mentes humanas de uma só vez e terminar antes das primeiras luzes...

Chase sorriu. —Tudo em um dia de trabalho.

Kade não tinha certeza se seria bem vindo na capela do Darkhaven onde todos os habitantes do complexo estavam reunidos para dar suas despedidas a Seth nos minutos restantes antes do amanhecer. Ele tinha a intenção de esperar pelo final do maldito ritual completamente, andando por seus aposentos em frente de Alex como um animal enjaulado enquanto as horas se arrastavam cada vez mais perto do meio dia, quando o sol do inferno finalmente faria sua breve aparição. Finalmente, ele não pode mais suportar.

—Eu tenho que estar lá,— ele exclamou, parando em frente a Alex onde ela estava sentada no sofá no abrigo de sua sala de estar. —Se acham que eu faço parte deles ou não, eu preciso estar lá. Pelo Seth. E por mim mesmo, também. Maldito seja, todos eles precisam ouvir o que eu tenho a dizer.

Ele deixou abruptamente o abrigo e seguiu pelos terrenos congelados. A neve levemente azulada, iluminada pelo nascer do sol que se aproximava, triturava sob suas botas com cada longa passada que o levava em direção a capela.

A janela do pequeno prédio de madeira já estava firmemente fechada em antecipação ao amanhecer. Quando Kade chegou mais perto, ele ouviu o suave murmúrio de vozes baixarem em orações privadas, misturados com os intermitentes sons internos de luto.

Mesmo antes de chegar ao trinco da porta, ele podia sentir o cheiro de parafina das oito velas que deviam estar queimando no altar, e o agradável aroma do óleo perfumado que ungiu o corpo de Seth em preparação para os infinitos ritos que estavam para se realizar.

Oito onças de óleo para abençoar e purificá-lo. Oito camadas de imaculada seda branca para protegê-lo até seu corpo ser entregue ao sol. Oito minutos de abrasadora exposição ultravioleta para aquele que fosse escolhido entre os vivos para atender Seth em particular para os momentos finais da cerimônia funerária.

—Droga,— Kade sussurrou, parou nas portas da capela enquanto a realidade de tudo assentia sobre ele.

Seu irmão estava morto.

Sua família estava em luto.



E Kade se sentia mais que parcialmente culpado por tudo isto.

Ele abriu a porta da capela e entrou. Quase todas as cabeças se viraram em sua direção, alguns olhando para ele com pena, outros o encarando como o estranho que ele tinha se tornando no ano que tinha passado com a Ordem.

Todos reunidos na capela estavam vestidos com vestes cerimoniais – fêmeas envolvidas em vestidos pretos de capuz, machos em longas túnicas pretas com cinto. Ele encontrou seus pais na primeira fila de bancos, em pé com Maksim e Patrice, todos vestidos de preto, suas expressões pálidas pelo choque, olhos rodeados em vermelho, úmidos pela tristeza. Tivesse Seth se unido a Patrice, e como sua viúva ela estaria com um vestido de capuz vermelho para significar o vínculo de sangue. O corpo dele, envolvido em seda branca no altar, carregaria um único beijo carmim onde sua Companheira da Raça iria marcar seus próprios lábios e então pressionar sua boca na dele em uma despedida final.

Enquanto Kade considerava as solenes tradições de sua raça, ele não pode evitar pensar em Alex. Ele não podia deixar de avançar a um futuro onde era ele quem estava deitado no altar funerário, seu rosto transformado como o de Seth agora, congelado pela sede de sangue sob a mortalha de seda branca. Alex o amaria então?

Poderia ele realmente pedir que ela o amasse agora, depois de tudo que sabia sobre ele? Depois de tudo que tinha visto e ouvido nas últimas horas, poderia ele jamais esperar ter sua confiança e afeição novamente?

Até onde interessava, e quanto a essas pessoas reunidas nesta capela? Iriam seus parentes neste Darkhaven ter algo além de desprezo por ele, uma vez que falasse sua parte?

Kade não sabia. No momento, não se importava nem um pouco. Ele caminhou para a nave central da capela, sabendo o quanto deslocado deveria parecer com seu uniforme militar gasto pelo combate e manchado de sangue, armas e espadas saindo de seu cinto ao redor de seus quadris enquanto suas botas soladas com borracha espessa ecoavam ocaamente sobre o polido caminho de madeira em direção ao altar.

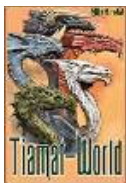
O olhar do pai de Kade se estreitou sombriamente quando Kade começou a andar em direção a frente da capela. Enquanto passava as fileiras de bancos cheios, ele ouvia os calmos murmúrios de orações e suaves sussurros de elogios para seu irmão.

—Sempre um garoto encantador, não era? Alguém refletiu uma voz quase inaudível. — Que trágico que algo como isto possa ter acontecido com ele.

—Seth era o estudioso e o responsável,— outro sussurro destacado lembrou. —Ele poderia ser sido um bom líder de Darkhaven um dia.

—Pobres Kir e Victoria, eles devem estar com o coração partido,— comentou outro habitante chocado pela tristeza, a voz tão baixa que Kade mal ouviu quando passou. —Poderia alguém ter imaginado que Seth iria virar Renegado? Que desperdício, e que decepção para sua...

—Kir tem se recusado a falar disso— veio uma resposta silenciosa. —Eu entendo que esteja tão envergonhado que não deixaria ninguém se aproximar do garoto depois que Kade trouxe Seth para casa.



—Está certo,— outra pessoa interrompeu em sigilo. —Foi apenas por que Victoria insistiu que Kir permitiu a reunião para os ritos funerários. É como se quisesse simplesmente varrer Seth como se nunca tivesse existido.

Kade ignorou a quieta onda de sussurros especulativos atrás dele e seguiu seu caminho para o altar na frente da capela. A vergonha e desaprovação de seu pai não o surpreendiam. O ferozmente disciplinado e rigidamente perfeito Kir nunca toleraria um Renegado em sua família, muito menos de boa vontade permitiria admitir que seu filho favorito tinha sucumbido à sede de sangue.

Kade estava envergonhado, também, não tanto pela fraqueza de seu irmão e imperdoáveis crimes, mas por seu próprio fracasso em ajudar Seth a mudar sua vida antes que fosse tarde demais.

—Este momento pertence ao meu irmão,— ele disse, dirigindo-se ao grupo reunido de seus parentes e outros residentes do Darkhaven. —Eu não tenho desejo de tirar mesmo um segundo desse tempo de Seth, mas há coisas que todos devem saber. Coisas que todos precisam entender antes de condená-lo pelo que ele se tornou no fim.

—Sente-se, Kade.— A voz de seu pai foi baixa e nivelada, mas seus olhos estalaram com comando. —Este não é a hora nem o lugar.

Kade assentiu. —Eu sei. Eu deveria ter vindo a frente um inferno de muito mais cedo. Talvez se eu tivesse feito algo mais cedo, meu irmão teria uma chance. Talvez ele não estivesse morto.

Seu pai se levantou, saindo de seu lugar no banco. —Nada que você diga aqui mudará uma maldita coisa. Então segure sua língua, garoto. Deixe estar.

—Eu não posso,— Kade disse. —Eu carreguei o segredo de Seth por tempo demais. Eu tenho carregado meus próprios segredos também. Já passou o tempo para eu deixá-los ir.

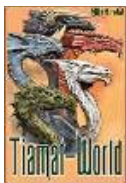
A mãe piscou para um novo fluxo de lágrimas, uma mão delicada embalando o volume de seu estômago, onde o outro par de gêmeos estava crescendo dentro dela. —Do que está falando? Que segredos, Kade? Por favor... Eu quero saber.

Ele olhou passando do olhar fixo de desaprovação de seu pai, para o apelo que flutuavam nos gentis olhos úmidos de sua mãe. Talvez o que ele dissesse no salão, diante de todas essas testemunhas, algum dia ajudasse o novo par de irmão que logo nasceriam com o mesmo talento — o mesmo sedutor e selvagem chamado — que ele e Seth possuíam. Por apenas esta razão, ele tinha que falar.

E nessa altura, havia Alex.

O olhar de Kade vagueou pela parte detrás da capela lotada, onde ela tinha adentrado em silêncio e estava em pé perto das portas fechadas, seu olhar firme tão terno quanto forte. Ela assentiu timidamente, a única aprovação que verdadeiramente importava nesse salão.

—Meu irmão não estava bem,— ele disse à silenciosa aglomeração. —Desde que éramos garotos, ambos lutamos com a habilidade que herdamos ao nascer. Talvez em outras pessoas, como você, Mãe,— ele disse, olhando para ela enquanto falava sobre o raro dom que ela também



possuía, —o talento poderia ter sido uma força. Para Seth e eu, se tornou uma maldição. Era poder demais para garotos estúpidos e arrogantes, mas inocentes demais para entender as consequências. Nós abusamos do talento que herdamos de você. No princípio era como um jogo, correndo com a matilha de lobos nas florestas, caçando com eles... matando com eles. Nós deixamos a selvageria nos dominar. Em algum ponto, eu percebi que Seth não podia parar.

—Oh, meus filhos,— ela ofegou. —Eu sinto também. Eu não tinha ideia...

—Eu sei disso,— ele disse, a interrompendo antes que pudesse assumir mais culpas que não fossem dela. —Ninguém tinha ideia. Era errado que Seth e eu escondêssemos a verdade. Eu piorei tudo quando deixei o Alasca no ano passado.

O franzir de Kir se aprofundou. —Piorou como?

—Seth tinha matado um humano.— Kade ignorou o suspiro horrorizado que viajou a congregação, seus olhos fixos em seu pai. —Ele matou, e eu sabia que ele o fez. Ele me jurou que foi um erro que nunca mais repetiria. Eu não acreditei nele. Eu queria, mas eu conhecia meu irmão bem demais. Eu deveria ter feito algo então. Eu deveria ter encontrado uma maneira de garantir que não fizesse de novo. Em vez disso, eu parti...

Silêncio caiu sobre o salão enquanto Kade falava. Ele se estendeu infinitamente, um frio e encharcado peso que pressionava seus ombros enquanto ele resistia ao olhar ilegível de seu pai. A mãe de Kade se apressou a preencher a terrível tranquilidade.

—Você teve que partir, Kade. A Ordem precisava de sua ajuda em Boston. Você tinha trabalho importante para fazer lá...

—Não,— Kade disse, balançando sua cabeça em lenta negação. —Eu estava feliz em me juntar a Ordem, mas não foi por isso que eu parti. Não realmente. Eu deixei o Alasca por que temia que se ficasse, eu me tornaria como Seth. Para me salvar, eu abandonei meu irmão -- abandonei todos vocês -- e eu corri para Boston por minhas próprias razões egoístas. Não há honra no que eu fiz.

Ele lançou um olhar para a parte de trás da capela enquanto dizia, encontrando o olhar de Alex. Ela estava escutando sem julgar, o único par de olhos no salão que não estavam fixos nele com desprezo ou chocada descrença.

—O que Seth fez foi errado,— Kade continuou.— Ele estava doente, talvez além da ajuda, mesmo antes que a fraqueza o tornasse Renegado. Mas apesar de tudo isso, ele morreu com honra. Por causa do sacrifício de Seth há algumas horas atrás, eu estou vivo. Mais importante, há uma linda e extraordinária mulher na parte de trás deste salão que também está viva por causa das ações de Seth nos momentos finais de sua vida.

Como um todo, o grupo se virou para observar Alex. Ela não recuou com a súbita atenção, nem com os sussurros de especulação e curiosidade que viajaram a capela com o anúncio de Kade.

—Seth não era perfeito,— Kade disse. —Deus sabe, eu nunca seria. Mas eu amava meu irmão. E eu devo tudo a ele pelo que fez hoje.



—Você o honra bem,— uma voz masculina murmurou de algum lugar a esquerda de Kade. Ele examinou apressadamente e encontrou Maksim em pé agora. Ele assentiu sobriamente. — Você honrou a todos nós aqui hoje, Kade.

O elogio de seu tio -- seu amigo -- era inesperado, e apertou a garganta de Kade. Então murmúros similares se elevaram de outros no salão.

Kir caminhou adiante e colocou sua mão no ombro de Kade. —É a hora. A aurora está chegando, eu devo levar Seth para o sol.

Kade o alcançou, envolvendo seus dedos ao redor da espessa força do pulso de seu pai. — Permita-me. Por favor... devo ser eu, Pai.

Ele esperava uma breve recusa. Um sombrio olhar que forçaria Kade a insistir a carregar seu fardo -- sua honra final -- de acompanhar o corpo de Seth para os oito minutos de exposição solar requeridos pela tradição funerária da Raça.

Mas Kir não discutiu. Ele deu um passo atrás, não dizendo nada enquanto Kade tirava sua suja camisa de combate e o cinto de armas, então os depositou no banco de madeira próximo.

Ninguém proferiu uma sílaba sequer quando ele foi ao altar e levantou o volume envolto numa mortalha de seu irmão em seus braços, então começou a andar pelo corredor que se esvaziou no nível jardim traseiro da capela, onde o sol do meio dia estava apenas começando a romper a melancolia do inverno acima.

Capítulo 32

Alex esperou nos aposentos de Kade com preocupação pelo que estava se submetendo no pátio atrás da capela do Darkhaven. Oito minutos inteiros de luz ultravioleta em sua pele exposta. Oito minutos de dor excruciante, antes que o dever permitisse que Kade deixasse o corpo de seu irmão aos raios consumidores do sol.

Alex não teria ideia sobre as tradições funerárias da Raça se não fosse pelo tio de Kade, Maksim, e da jovem Companheira da Raça, chamada Patrice, ambos que voltaram para se apresentar momentos depois que Kade tinha levado o corpo de Seth. O par tinha sido caloroso e acolhedor, esperando com Alex enquanto o resto partia pelos túneis subterrâneos que conectavam todos os edifícios no complexo do Darkhaven.

Max e Patrice tinham se oferecido para fazer companhia a Alex no alojamento de Kade para esperá-lo e ajudar a cuidar de suas queimaduras, mas Alex recusou tão educadamente quanto pode. Ela não achava que Kade iria querer agitação em cima dele. Ela nem mesmo tinha certeza que iria querê-la ali agora, uma preocupação que fez a espera por seu retorno se arrastar ainda mais.

Mas os pensamentos de si mesma foram espalhados como cinzas numa brisa quando ouviu os passos de Kade subindo a varanda da frente do quarto.



Alex correu para a porta e a abriu, afetada pela visão dele parado com a ardente luz do dia atrás dele. Inacreditavelmente, depois dos oito minutos que tinha dado ao seu irmão, Kade não pegou os túneis, mas, pelo contrário, aparentemente caminhou pelos terrenos da capela para seus aposentos.

—Oh, meu Deus,— Alex sussurrou enquanto seus pálidos olhos prateados a encaravam da avermelhada e empolada pele de seu rosto. A garganta dela se apertou como se apertada por um punho. —Venha para dentro agora.

Enquanto ele passava por ela, seus ombros, braços e torso nus radiavam um calor palpável que ela podia sentir a um pé de distância dele. Ele estava obviamente em agonia, mas não mostrava sinais disso além do visível dano UV de sua pele.

—Venha comigo,— Alex disse. —Eu tenho um banho gelado esperando por você.

Ele lançou-lhe um olhar questionador.

—Eu conheci Maksim e Patrice na capela. Eles me contaram o que você poderia precisar quando voltasse.— Sua boca dobrou-se ligeiramente a isto, mas quando ele tentou falar, sua voz era nada mais que um som de resmungo áspero. —Venha, Kade. Deixe-me cuidar de você.

Ele caminhou com ela para o banheiro no final do corredor. Ele não ofereceu resistência enquanto ela o ajudava a se despir, removendo suas botas e meias de uma vez só enquanto ele estava em pé no chão azulejado, sua ampla palma parecendo um ferro elétrico contra o ombro dela, enquanto ele se firmava nela por equilíbrio. Alex cuidadosamente o despiu de seu uniforme militar preto e cuecas. Ela não conseguiu conter seu suave suspiro, impressionada como sempre pela perfeição masculina de seu corpo e a complexa arte de seus glifos, mesmo que no momento estivesse preocupada demais em suavizar suas queimaduras para tirar muito prazer da visão de sua nudez.

Ela o ajudou a entrar na banheira, observando como lentamente afundava na água gelada em um assobio que se estendeu em um longo e profundo suspiro.

—Isto está bom?

Ele gemeu e deu um leve aceno, seus olhos foram se fechando enquanto o vapor de sua pele aquecida enrolava sobre a superfície da água. —Obrigado,— ele murmurou densamente, afundando mais no banho.

Alex pegou um tecido suave e o submergiu na banheira. —Apenas relaxe agora. Eu farei o resto.

Delicadamente ela gotejava a limpa água gelada sobre o empolado volume de seus ombros. Ela fez o mesmo com suas costas e peito queimados, então seus fortes braços nus. Tão cuidadosamente quanto podia, ela trouxe o tecido para o rosto dele e limpou a escorrida pele avermelhada de suas esguias bochechas e fortes e austeras linhas de seu queixo e testa.

Quando ele relaxou mais para o fundo, Alex gentilmente inclinou sua cabeça, assim podia molhar o cabelo ébano dele e escorrer água gelada por seu couro cabeludo. —As coisas que você disse na capela hoje sobre Seth, sobre você mesmo... Eu fiquei muito orgulhosa de você Kade. Tomou uma grande dose de coragem subir lá como fez.



Ele resmungou, um som de negação sem palavras.

—Você pode pensar que não, mas foi um bom irmão para o Seth. Eu acho que todos viram isso hoje. Você é um bom filho para seus pais, também.

Suas pálpebras se abriram mesmo quando suas sobrancelhas negras baixaram em um franzido. —Um poucos minutos de conversa,— ele raspou em uma voz seca. —Isto foi tudo. Não apaga o passado. Não significa uma maldita coisa.

Alex espremeu mais água em seu cabelo e cuidadosamente passou seus dedos pelas sedosas mechas. —Por que é tão duro consigo mesmo?

—Ver o que meu irmão era, deveria dar a você a resposta para isso,— ele disse, quase resmungando as palavras. —Eu estou certo que não tenho que lembrar a você do que ele era capaz. Você viu em primeira mão nas florestas no exterior de Harmony.

—Sim,— Alex concordou suavemente. —Eu vi. Mas este era Seth, não você. Ou eu tenho que lembrar a você que estas foram suas próprias palavras quando contei o que eu vi? Seth era um assassino, não você.

Ele exalou uma vivida maldição, mas Alex ignorou sua crescente raiva.

—Seth foi quem virou Renegado, Kade. Isto não significa que você irá, também.

Ele se virou na banheira, levantou sua cabeça assim poderia olhá-la justamente nos olhos. —Na maior parte da minha vida, Alex, eu estive me escondendo da verdade, vivendo em negação. Correndo de coisas que não podia controlar. Eu pensei que se eu colocasse distância suficiente entre eu mesmo e meus problemas, eles iriam apenas... ir embora. Bem, eles não foram.

Alex assentiu. Ele poderia muito bem estar falando de sua vida. —Eu sei agora que fugir não resolve coisa alguma,— ela sussurrou. —Você tem que se levantar e encarar as coisas que mais assustam você. Você me ensinou isto, Kade.

Sua expressão se fechou mais profundamente. —Isto é o que pretendo fazer. Mas eu preciso fazer isto sozinho, Alex.

—O que você quer dizer?

—As coisas sobre as quais falei na capela hoje, e naquela montanha quando trouxemos o corpo de Seth da borda. Eu não posso arriscar colocar você no meio de meus problemas.

—É um pouco tarde para isto, você não acha?— Ela acariciou seu tenso maxilar, apenas passando seus dedos nus sobre a pele macia. —Eu ouvi tudo que você disse. Eu vi o que aconteceu ao seu irmão. Eu entendo seu medo, Kade. Mas não vou fugir. Nem agora, nem nunca mais. E eu não vou deixar você me afastar, também. Eu amo você.

Ele expeliu um sopro áspero, e quando olhou para ela agora, faíscas de âmbar iluminaram as íris prata de seus olhos. Ela viu o reluzir de suas presas atrás de seus lábios, afiadas pontas brancas brilhando com poder mortal.

—Eu amo você, Kade,— ela insistiu, recusando-se a desistir. —E a menos que você me diga aqui e agora que não me ama também, então eu não posso pensar em uma razão de por que qualquer um de nós deva ficar sozinho.



Ele a encarou, seu maxilar permaneceu tenso. —Maldita seja, Alex. Você sabe que eu não posso falar isso. Eu amo você. E isto tem complicado tudo.

Ela sorriu com um humor que mal sentia. —Um pouco de cinza demais para você?— ela perguntou suavemente. —E aqui eu pensava que fosse aquela que gostava de manter as coisas simples, preto e branco.

Ele não respondeu. Estava perdido demais para isso. Quando Alex recuou, ela viu os olhos dele se moverem de seus lábios para a base de sua garganta.

Seu pulso estava se agitando ali, um rápido pulsar que estava se intensificando em uma palpação mais pesada enquanto via Kade olhar famintamente para aquele ponto. Ele a pegou olhando-o e abruptamente desviou o olhar. Tentou esconder sua consciência de seu sangue, batendo abaixo da superfície de sua pele. Tentou esconder dela sua sede.

Alex trouxe o olhar dele de volta para ela com um toque persuasivo. —Você não tem que negar o que é ou o que precisa, Kade. Não de mim. Não de qualquer um.— Silenciosamente ela baixou sua blusa e posicionou a si mesma contra a boca dele, afastando seu cabelo do pescoço.

Seu nome foi um sussurro reverente nos lábios dele enquanto aspirava, então o soltou em um aquecido fluxo contra a pele dela. Kade desceu sobre ela em um movimento rápido, sua afiada mordida cheia de necessidade e um desespero que ele não fez esforço para esconder.

Dentro da casa de Zach Tucker em Harmony, um par da Polícia Montada do Estado do Alasca recentemente chegados ao posto em Fairbanks mergulharam em silêncio, ambos os homens em transe no sofá da sala de estar.

Em uma poltrona reclinável próxima a eles, o prefeito Sidney Charles roncava suavemente, igualmente em transe. O nativo de idade tinha se provado imensamente cooperativo, ainda que inconscientemente aos objetivos da missão da Ordem na cidade. Não apenas tinha cumprido sua promessa de convocar cada cidadão de Harmony para a igreja poucas horas atrás, mas também teve as boas maneiras de escoltar os policiais recém chegados à casa de Zach Tucker quando o avião deles aterrissou em Fairbanks por volta da alvorada.

Com Brock ainda a postos no abrigo de Jenna, Tegan, Chase e Hunter tinham desde então realocado sua operação para a casa de Tucker. Eles esperaram as escassas poucas horas de luz do dia lá, usando o tempo inativo para examinar os registros do computador do policial morto e procurar por mais evidências de sua corrupção na casa. Eles não tiveram que procurar muito.

Zach Tucker podia ter sido um policial interiorano mas tinha um olho de contador para manter registros. Ele tinha registrado cada transação de drogas e garrafa de bebida contrabandeada que tinha passado por suas mãos para a distribuição de Skeeter Arnold pela área.

Quando os dois policiais acordassem iriam encontrar cada livro de contabilidade escrito a mão e planilhas armazenadas no computador na casa saqueada de Zach Tucker. Iriam encontrar o cofre onde Zack mantinha o considerável dinheiro que fazia de seu pequeno negócio paralelo um período que tinha que ter sido de vários anos.



Os policiais uniformizados iriam seguir uma intenção que nenhum deles poderia se livrar que os levaria a uma área remota da floresta onde encontrariam o único policial de Harmony brutalmente assassinado e revirado por animais. Perto do corpo, iriam encontrar o celular de Skeeter Arnold, mostrando um histórico de muitas ligações dele e o Policial Tucker. Com Skeeter em lugar nenhum para ser encontrado, ou ouvido, os policiais iriam concluir que Tucker, e possivelmente Skeeter, também, tinham aparentemente encontrado a si mesmos em um negócio que deu horrível e fatalmente errado.

O que os policiais da unidade de Fairbanks não iriam encontrar eram evidências de quaisquer outros estranhos acontecimentos em Harmony. Com ninguém da cidade lembrando da onda de recentes mortes, muito menos o nome das vítimas, e com um vírus estrategicamente introduzido de Boston que iria limpar metade dos envios de registros do AST da semana passada, não haveria razão para os policiais procurar por nada mais que um decepcionante caso de corrupção policial na pacífica cidade de Harmony.

—Isto vai servir,— Chase disse enquanto saía do escritório de Tucker. —A senha do computador está desabilitada e há uma planilha das transações deste ano de nosso garoto convenientemente deixada aberta no monitor. Estes policiais irão pensar que Tucker não era apenas um imbecil, mas um completo idiota além disso.

Tegan sorriu. —Eu vou terminar com os humanos. Diga a Hunter que vamos embora em cinco minutos.

Chase assentiu. Ele deu um passo, então parou. —Alguma palavra do Kade?

—Nada ainda.

—Que pena sobre o irmão dele,— Chase disse, sua voz estranhamente grosseira.

—É,— Tegan disse. —É uma pena.

Quando o ex-agente de execução girou para ir embora, Tegan limpou sua garganta. —Ei, Harvard. Eu tenho a intenção de falar com você sobre o que aconteceu na mina.

—Sobre o que?

—Apenas me perguntando que porra você estava pensando quando segurou aquele Subordinado pela garganta por um tempo em vez de ir por uma limpa e rápida morte.

O sorriso de Chase pareceu de alguma forma muito tenso para seu rosto. —Apenas tendo um pouco de diversão, é tudo.

Tegan o encarou, avaliando mais uma vez o rigoroso agente que tinha provado ser um valioso trunfo para Ordem, mas um pouco imprudente às vezes. —Diversão pode te matar, cara. Você faz bem em se lembrar disso.

A expressão de Chase estava indiferente, o levantar de seus ombros casual, despreocupado. —Claro Tegan. Obrigado pelo conselho. Eu vou manter isso em mente.

Tegan o observou andar para fora, então voltou sua atenção para instruir os homens em transe para acordar uma vez que ele e os outros vampiros tivessem tempo suficiente para estar a várias milhas fora da cidade.



Capítulo 33

Kade estava em pé do lado de fora de seus aposentos no complexo do Darkhaven em um robe de seda preta, encostado contra o poste de madeira na varanda de trás virada para os vastos acres da propriedade. Eram agora umas poucas horas depois que o sol tinha recuado, a escuridão cobria a região mais uma vez. Ele estava perdido em seus pensamentos, encarando o distante horizonte, onde o brilho esverdeado da aurora boreal riscava o céu estrelado.

Alex se moveu para fora para se juntar a ele. Ele a ouviu andando suavemente atrás dele, fechou seus olhos enquanto ela suavemente envolvia seus braços em volta de sua cintura. Ela fez um som suave na parte de trás de sua garganta, então suspirou quando ele roçou seus dedos ternamente embaixo da manga de cetim brando de seu roupão para acariciar seu braço nu.

Eles tinham passado a maior parte do dia na cama dele, repousando nos braços um do outro. Seu corpo ainda estava se curando do ritual funerário, embora muito melhor, graças ao sangue que Alex tinha dado a ele. Agora sua pele mal estava vermelha e delicada, não mais empolada e insensível pela dor. Sua libido o lembrou que estava bem o bastante para querer Alex. Deus sabia, não havia nada que iria impedi-lo de desejá-la.

—Eu não tive intenção de acordá-la,— ele murmurou quando ficaram em pé como um debaixo do céu estrelado e assistiam a aurora dançar a distância. —Você passou por muito nos últimos dias. Você devia descansar um pouco mais.

Alex se moveu para ficar de frente para ele e refugiar-se em seu calor. —Eu vim aqui fora para dizer a mesma coisa. Como se sente?

Ele resmungou, deu um breve aceno. —Melhor, graças a você. E tudo o mais assim quando eu a tiver em meus braços.

Ela levantou sua cabeça para encontrar seu beijo gentil. O roçar dos lábios dela era quente, convidativo. Cheio de ternura por tudo que tinham passado, e preparado para a esperança tentadora pelo que ainda podia estar a frente deles.

—Eu precisei de você hoje, Alexandra,— ele sussurrou contra sua boca. —Eu tentei convencer a mim mesmo que não, mas você é tudo que eu preciso. Obrigado por tudo que fez por mim hoje. Obrigado por apenas estar aqui.

Ela sorriu diretamente para ele, sua voz suave com emoção. —Você nunca precisa me agradecer por isto.

—Deus, eu amo você,— ele murmurou, seu peito se apertando enquanto olhava para ela. —Você me honra, Alex. Você me torna humilde. Eu não acho que você imagina o quanto. —Você podia ter qualquer macho que escolhesse...

Ela estendeu a mão para acariciar seu rosto com doçura. —Há apenas um macho que eu escolheria. Somente um macho que eu poderia amar.



As palavras dele pereceram em um gemido baixo enquanto ele inclinava sua cabeça para a dela e tomava sua boca em um profundo e apaixonado beijo. A necessidade cresceu dentro dele, quente e exigente. Ele queria Alex – a queria em sua cama, debaixo de suas presas. Ele a queria de todas as maneiras que pudesse tê-la.

Tão absoluto era seu desejo que mal ouviu a rápida batida contra a porta da frente de seus aposentos.

Ele teria ignorado completamente se Alex não tivesse recuado, sem fôlego. —Alguém está aqui.

—Eu não me importo.— Kade moveu-se para beijá-la novamente.

A batida veio novamente, mais alta agora. Insistente e exigente.

Kade praguejou com rispidez enquanto ele acariciava seu belo rosto, então se retirou para ir em direção a porta. Ele sabia quem encontraria do outro lado, mesmo antes de abrir.

—Pai,— ele disse, seu tom cortante dificilmente capaz de ser interpretado como uma saudação.

Kir o encarou, então lançou um olhar passando pelo ombro de Kade para onde Alex tinha se movido na varanda detrás. —Nós precisamos conversar.

Kade ficou em pé firme, bloqueando a soleira com seu corpo. —Eu disse tudo que precisava.

—Mas eu não.— Outro olhar foi na direção de Alex. —Ouça-me. Por favor, filho.

Kade nunca tinha ouvido seu pai pronunciar qualquer uma dessas palavras em uma conversa com ele antes. Talvez tenha sido isto que finalmente afrouxou seu aperto mortal sobre a maçaneta da porta e se afastou para permitir a entrada de seu pai.

Mas ele não estava disposto a ceder no que se referia a Alex. —Qualquer coisa que tiver para me dizer pode ser dito na frente de Alexandra. Ela é minha companheira. Eu não esconderei nada dela.

As sobrancelhas de Kir subiram muito ligeiramente em sua testa orgulhosa. — Naturalmente.— Ele inclinou sua cabeça em direção a Alex, um gesto de respeito que deu a ele uns poucos pequenos pontos com Kade. —Está tudo bem para você se sentarmos um pouco, filho?

Kade assentiu, então estendeu suas mãos para Alex em um movimento para que ela se juntasse a eles. Ela deslizou e sentou ao lado dele no sofá, Kir tomou a cadeira de couro na frente deles. Por um longo momento, o macho mais velho olhou para ambos, sua expressão ilegível, seus astutos olhos sem piscar enquanto silenciosamente os avaliava.

—Hoje foi um dia que eu rezei que nunca chegasse,— ele disse finalmente. Sua profunda voz soava vazia, ainda bruta pelo pesar. —Por muito tempo, desde que vocês eram apenas meninos, eu tenho vivido com o medo do pensamento de perder seu irmão.

Kade baixou seu olhar, vergonha petulante subia nele. —Eu sei que você está desapontando, Pai. Eu sei... ah, Cristo.— Alex deslizou suas mãos na dele, seus dedos envolvidos



nos dele. Kade engoliu as cinzas que pareciam ter se estabelecido em sua garganta. —Eu sei que você deve desejar que fosse eu, não o Seth.

—Você não sabe nada,— Kir repreendeu. A cabeça de Kade se levantou por isto, e a voz de seu pai suavizou. —Você não sabe o que eu desejo, ou o que eu sinto. Como você podia saber, quando eu nunca dei algo de mim mesmo a você? Eu despejei tudo em Seth em vez disso. Eu dei muito a ele.

Kade encolheu os ombros. —Ele era seu filho. Você o amava.

—Você também é meu filho,— ele respondeu. —E eu amo ambos, Kade. Mas era Seth quem precisava mais. Ele nunca teve sua independência. Ele não nasceu com sua coragem.

Kade franziu o cenho. —Você o adorava. Todos o faziam.

—Sim,— ele admitiu. —Por que você era mais forte que ele, Kade. Em todos os sentidos, você era superior. Seth sabia disso tão bem como eu. Eu tentei compensar por suas falhas dando a ele mais atenção que eu dei a você, mas isso o mimou ainda mais.

—Você o deixou cuidar dos negócios do Darkhaven para você,— Kade apontou. —Você parecia estar preparando-o para um Darkhaven próprio.

Kir lentamente balançou sua cabeça. —Esperanças vãs de um pai, nada mais. Eu tentei dar a ele a chance de fazer algo de si mesmo. Repetidamente eu tentei. Seth nunca seria um bom líder. Ele era muito fraco, muito inseguro.

—E eu?— Kade perguntou, a pergunta escapou dele antes que tivesse a chance de mordê-la de volta.

—Você— Kir disse, pensativo enquanto olhava para ele. —Você era indomável. Você era incomparável, desde o momento que saiu berrando e chutando fora do ventre de sua mãe

—Grigori,— Kade murmurou, assistindo a expressão de seu pai mudar de leve surpresa para lembrança arrependida.

—Grigori,— Kir repetiu silenciosamente. —Eu presumo que você ouviu algo sobre ele de meu outro irmão, Maksim.

Kade assentiu. —Max me contou um pouco. Eu sei que Grigori significou muito para você, e que ele se tornou um Renegado.

As sobrancelhas de Kir levantaram uma fração. —Sim, ele o fez.

—E você pensou que eu iria terminar como ele um dia.

—Você?— ele fechou a cara, então deu uma leve balançada de cabeça. —Eu nunca pensei isso de você. Era com Seth que eu me preocupava. Você me lembrava de Grigori, isto é verdade. Tudo vibrante, robusto e forte dele, eu via em você, Kade. Seth, no entanto, não tinha nenhuma dessas qualidades. Ele era apenas como meu irmão nas mesmas falhas e inseguranças que eventualmente o condenaram. Eu sabia, e vivia no temor do que Seth podia vir a se tornar. Quanto a você, eu pude apenas esperar que nunca fosse posto na posição em que eu estive com Grigori. Eu rezei que nunca enfrentasse este tipo de decisão.



Algo frio enrolou ao redor do coração de Kade pelas palavras de seu pai. Os dedos de Alex se apertaram em volta dos dele como se ela, também, sentisse o terror do que Kir podia dizer. — Diga-me o que aconteceu, Pai.

—Eu nunca quis que você tivesse que carregar nos ombros o fardo de destruir algo que amou.— Os olhos de Kir se escureceram com arrependimento. —Eu pensei que se mantivesse Seth perto o bastante, se desse a ele toda a oportunidade para provar a si mesmo, minha força podia ser suficiente para sustentá-lo. Se eu pudesse impedir Seth de se entregar a fraqueza que via nele desde que era uma criança, então talvez ele não terminasse como Grigori. Talvez você não fosse forçado a fazer o que eu tive que fazer.

—Max disse que Gregori nunca foi visto ou ouvido depois que sua família recebeu notícias que se tornou Renegado e matou alguém em sua sede de sangue. Max disse que você se recusou a falar de Grigori depois disso.

Kir assentiu severamente. —Não havia necessidade de falar dele novamente. Ele estava morto. Como seu irmão, eu senti que era meu dever garantir que nunca matasse de novo.

Alex exalou o menor suspiro ante a sóbria confissão. Kade estava espantado em descobrir como era similar o caminho de seu pai com o seu próprio, o quanto ele nunca soube do macho que o tinha gerado ou da vida que seu pai levou antes de Kade e Seth terem nascido.

Ele murmurou uma maldição, mas não havia veneno nela. Nunca haveria novamente, não depois desta noite. —E tenho ressentimento de você por quase toda minha vida,— ele admitiu. — Eu pensei que me desprezava.

Kir estalou sua língua em desaprovação, deu um balanço arrependido com a cabeça. — Nunca. Eu apenas quis o melhor para você. Para ambos os meus filhos. E agora, para os dois novos que vão nascer em poucas semanas, também.

—Nós temos desperdiçado muito tempo em segredos e medos corrompidos,— Kade disse a ele. Ele virou um olhar para Alex, inundado pelo amor da fêmea que possuía seu coração. —Eu não posso desperdiçar outro minuto assim.

Kir se levantou. —Nem eu deveria desperdiçar mais de seu tempo quando você e Alex podiam estar passando-o juntos. Eu quero que saiba que estou orgulhoso de você, Kade. E eu estou feliz de ver que encontrou a felicidade. Você encontrou o amor, e perto de todos os seus outros pontos fortes, este é aquele que irá assisti-lo através de todo desafio.

Kade engoliu, deu um aceno constrangido. —Obrigado, Pai.

—Quanto tempo você e Alex vão ficar aqui no Darkhaven?

—Não muito,— Kade respondeu. —Umas poucas horas mais no máximo. Alguns dos meus irmãos da Ordem estão esperando em uma cidade não muito longe daqui. Nós temos uma missão para terminar, e então vamos direto para casa.

—Você dois?— Kir perguntou, olhando de Kade para Alex.

—Eu acho que é melhor oficializar e perguntar,— Kase disse, sorrindo enquanto acariciava a bochecha de Alex. Ele atraiu seu olhar ao dele. —O que você acha, Alex? Alguma chance de eu convencer você a voltar comigo para Boston?



Seus suaves olhos castanhos brilharam. —Eu nunca estive na Nova Inglaterra. Eu acho que gostaria de vê-la.

O sorriso de Kade explodiu por seu rosto. —Eu mostraria a você todo o maldito mundo se deixasse.

Eles se beijaram, interrompidos um momento depois por Kir limpando sua garganta, ligeiramente constrangido. Alex estava corando furiosamente, mas Kade não sentia embaraço por seu sentimento, encontrando o olhar satisfeito de seu pai com gracejo sem remorsos de suas sobranceiras.

Kir sorriu, então seguiu para a porta, Kade e Alex andando ao seu lado. Quando pararam na soleira, Kade estendeu sua mão, mas seu pai não a aceitou. Em vez disso, ele puxou Kade em um firme abraço. —Eu sei que você construiu uma família em Boston com a Ordem,— ele disse quando se afastou para encontrar os olhos de Kade. —Eu estou feliz por você. Mas você tem uma família, também. Tanto você, quanto sua bela Alexandra tem família aqui.

—Posso abraçar você também?— Alex perguntou, voltando seu calor para o duro pai de Kade.

A boca de Kir dobrou-se em um raro sorriso. —Eu ficaria honrado se o fizesse.

Enquanto Alex o abraçava, o macho mais velho olhou para Kade, seu olhar cheio de emoções demais para Kade nomeá-las. Orgulho, perdão, arrependimento, esperança... anos de emoções não ditas entre pai e filho. Talvez agora tivessem a chance de reparar as coisas que foram enterradas sob tantos segredos, tantos medos inúteis.

E havia Alexandra.

Kade olhou para a fêmea que amava – sua fêmea, sua companheira. Seu coração se inundava com todas as coisas que queria dizer a ela, coisas que queria compartilhar com ela... promessas que pretendia dar a ela agora, na esperança que teria o resto da vida com ela para fazer boas coisas delas.

Kade envolveu seu braço ao redor do ombro de Alex enquanto ficavam parados juntos e assistiam seu pai voltar na neve à luz da lua em direção a casa principal. Quando ele se foi, Kade virou-se para Alex e a cobriu com seu braços.

Ela suspirou quando seus pés deixaram o chão, então sorriu enquanto ele girava e começava a andar com ela em direção ao seu quarto. —Ponha-me no chão! Você mal está recuperado de suas queimaduras, Kade. Você realmente não devia estar fazendo isto.

—Oh, sim, eu devia,— ele respondeu, olhando em seus olhos com uma fome que não teria sido capaz de mascarar mesmo que tivesse tentado.

Eles fizeram amor, a princípio tempestuoso, febrilmente unidos, ambos perdidos na expressão de suas emoções e nas urgentes exigências de seu desejo um pelo outro. Kade arrebatou o corpo dela, fazendo-a chegar ao clímax tantas vezes que ela finalmente desistiu de tentar continuar contando.

Os sentidos de Alex estavam cheios dele, seu corpo estremecendo enquanto ela descia do alto de outra onda de prazer, aconchegada no abrigo protetor dos braços de Kade.



Ela o amava tão profundamente que sofria com sua devoção. E no brilho após a paixão deles, ela soube que ele a amava também.

Seu toque era delicado enquanto acariciava a sensível pele do pescoço dela, seus dedos passeando como veludo embaixo de sua orelha. —Eu não agi certo com você,— ele murmurou silenciosamente. —Quando eu bebi de você naquela primeira noite na sua casa em Harmony deveria ter sido sua escolha, Alex. Eu tomei isto de você. Eu deveria ter contado o que significava antes de me ligar a você. Eu deveria ter tido honra o bastante para merecer o direito, não roubá-lo do jeito que eu fiz.

—Não importa para mim,— ela murmurou. —Tudo que importa é que estamos juntos agora. Eu o quero para sempre, Kade. Eu quero...— As palavras se perderam, não de medo ou incerteza, mas pela profundidade de seu desejo. Ela virou sua cabeça para olhá-lo. —Tudo que eu quero é você, estar ligada a você como sua companheira.

—E tudo que eu quero é fazer você feliz, e saber que está a salvo e protegida.

—Eu estou. Não há outro lugar que eu pudesse ser mais feliz — ou estar mais segura — que aqui em seus braços.— Ela acariciou seu belo rosto, vendo o tormento que ainda permanecia em sua expressão. A extensão do auto questionamento que não tinha desaparecido totalmente de seus olhos. —Juntos nós somos fortes, Kade. Mais fortes que a impetuosidade dentro de você. Você ouviu o que seu pai disse: Amor é a maior força. Nada é mais poderoso que isto.

—Você realmente acredita nisto?

—Mais que qualquer coisa,— ela respondeu. —Mas a questão é, você acredita?

Ele a encarou por um longo momento, seus olhos prateados a examinando. —Então enquanto você estiver ao meu lado, eu posso acreditar que qualquer coisa é possível. Eu amo você Alexandra. Você é tudo para mim.

Ele a trouxe mais perto e a beijou — o mais delicado, respeitoso beijo que jamais tinha conhecido. Alex derreteu-se nele, seu corpo respondendo em uma fluida corrente de calor que se reuniu em seu centro. Ela inclinou sua cabeça para trás enquanto a boca dele viajava pela linha de seu maxilar, para o lado de sua garganta.

Kade levantou sua cabeça para trás em um rosnado. Ele a encarou, seus olhos queimando com faíscas âmbar, suas presas brilhando brancas. Ele já estava ofegando com a necessidade, feroz pela fome por ela.

Ele franziu o cenho, emoções sombrias lançadas no fundo de seus olhos prateados. —Para sempre?

—Para sempre, Kade.— Ela deixou seus dedos se moverem sobre a sensual boca dele, onde as pontas de suas presas brilhavam por trás de seus lábios entreabertos. —Ligue-me a você agora. Eu quero sentir seu sabor. Eu quero ficar para sempre com você.

Em um profundo rugido, seu olhar se prendeu no dela, ele trouxe seu pulso para sua boca. Abriu os lábios, então afundou suas presas na carne e músculos. Sangue escorria das perfurações e abaixo de seu queixo. Como experiência, ele estendeu seu braço para ela.

Alex o tomou em suas mãos e trouxe seu pulso para seus lábios.



O primeiro gosto dele foi um choque. Ela não sabia o que esperar, mas nada em sua imaginação a tinha preparado para a realidade de beber de Kade. Seu sangue era uma doçura que deslizava sobre sua língua, uma surpreendente brutalidade que roubou sua respiração. Ela bebeu no aroma de sua pele e no terreno tempero de seu sangue enquanto ela extraia de sua veia aberta.

Poder explodia por ela como relâmpago.

Kade gemeu com prazer e ela bebeu mais, gananciosamente agora, desejo pulsando por cada terminação nervosa e fazendo todos os seus sentidos voltar vividamente a vida. Calor rugiu profundamente dentro dela, e ela gemeu quando a primeira onda de orgasmos surgiu nela e a levou para longe.

O rugido de Kade era puramente macho, puramente triunfante.

Alex ainda estava percorrendo o topo da excitação quando ele lambeu a ferida em seu pulso, então esticou o corpo dela, abrindo suas coxas para o calor escaldante de seu olhar faminto.

—Você é minha agora, Alex. Deus ajude, você é minha para sempre agora.

—Então me mostre,— ela sussurrou, sua voz áspera pelo prazer. Ela passou sua língua ao longo dos lábios, saboreando cada último sabor dele em sua boca. Ela inclinou sua cabeça para o lado, apresentando sua garganta a ele. —Mostre-me que eu sempre vou pertencer a você, Kade.

Ele afastou os lábios de suas presas, que brilharam tão penetrantes e primitivamente quanto diamantes na luz opaca da aurora dançando a distância do lado de fora dos aposentos. Alex assimilou a beleza selvagem de seu rosto, sentindo nada perto de medo quando ela olhou para ele agora.

Ele era seu coração, seu amante, seu companheiro.

Seu tudo.

—Me ame, Kade,— ela murmurou.

—Para sempre,— ele respondeu.

Então, com um gemido de prazer e entrega, ele baixou sua cabeça e afundou sua mordida profundamente na carne dela e mostrou como seria prazeroso para sempre.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>